

COELHO NETTO

FOGO FATUO



PORTO
Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.da
editores — Rua das Carmelitas, 144

—
1929

FOGO FATUO





COELHO NETTO

COELHO NETTO

FOGO FATUO

W. Gurgel



W. Gurgel
No. 128

PORTO
Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.da
editores — Rua das Carmelitas, 144

1929

Porto — Artes Graficas

À memoria

de

PAULA NEY,
o dissipador de genio

C. N.

Quem o conheceu reconhecê-lo-á.

I

Era na rua Senhor dos Passos, quasi a abocar ao Campo de Sant'Anna, velha casa atarracada, com o beiral de telhas invertidas pondo sombra a duas janellas de persianas verdes, entre as quaes espocava uma placa, em fórma de cuiã emborcada, com estes dizeres em letras brancas :

EMPREZA DE LAVAGEM E CASAS

Aquelle extremo de rua, de aspecto senzaleiro, quasi todo habitado por pretos minas, tresandava a dendê e a hervas seccas e as casas, repartidas interiormente a modo de colmêas, tendo as salas esquarteadas por divisões de panno, besoavam em falario de aringa, lufando para o exterior nuvens de fumo ralo, que impregnavam o ar dum cheiro adusto e acre de coivara.

A cidade, ainda mórna, como em rescaldo do soalheiro forte de Novembro, com o céu broslado a fogo e as montanhas ennevoadas de ouro, alliviava-se enervada espalhando tumultuosamente os seus operarios, como se distendesse, em espreguiçamento, os musculos cançados.

Taroucando tamancos, trambelhando marmitas, em chalrada ruidosa, o povareu, rompendo, aos grupos, de todas as ruas, espriaiava-se no Campo : uns, correndo para a Estrada de Ferro ; seguindo outros em rumo á Cidade Nova.

Os trens subiam repletos, exhalando o azedume do suor de todo aquelle mundo de mourejo, escoado dos arsenaes e das forjas, das fabricas e das officinas, deseido do cavouco das pedreiras ou dos andaimes das construcções, uns ainda tismados de ferrugem, mascarrados de tintas, besuntados d'oleo empoeirados de polilha de serragem, léstos, alegres, rindo esgargalhadamente, caminhando com espalhafato, ás gingas ; outros lerdos, amollengados, taciturnos, com as ferramentas embrulhadas em trapos ou com feixinhos de aparas, rolos de cavacos e accendalhas para o fogão domestico.

A rua Senhor dos Passos esfervilhava de negros : quitandeiras roliças, de anchos quadris reboleiros, em mangas de camisa de largos cabeções de crivo, collares e pulseiras de grossas contas ; carregadores de braços nús, biceps em polpa ; vendedoras de missangas e especiarias d' Africa.

Negras obesas, de trunfa, esparralhadas ás janellas, pareciam chocar as mamas flaccidas que transbordavam aboboradamente dos peitoris. Outras, no passeio, de chinellinhas arrebitadas, saias

de fólhos, muito rodadas, com a barra em bicos, o panno da Costa cruzando o busto, equilibravam alcófas á cabeça. E negralhões de alpercatas, amplas camisolas de madapolão soltas sobre as calças, á maneira de blusas, carapuça branca, toalha ao hombro, o cesto do ganho sustido á testa pela borda, tombando-lhes, de borco, ás costas, conversavam araviadamente em algazarra de disputa, cortada, a subitas rinchavelhadas estrondosas. Despediam-se em barbariso malungo, com apertos de mão e zumbaias genuflexas e dispersavam-se, desappareciam nas casas deixando a rua em silencio fatigado, como em hiato de grande esforço.

No vão de uma porta velha negra, engelhada como uma mumia, cochilava encolhida diante de um taboleiro, sacudindo mollemente um feixe de palha para enxotar as moscas. No meio da rua, entre as pedras mal assentadas e ao longo dos trilhos dos bondes estagnavam pôças e aguagaes e, pelos passeios, de lagedos irregulares, alguns fendidos, com os intersticios tufados de bel-droega, escorria uma agua turva, espumosa, inchando em bolhas nas sargetas, como derrame de barreias.

Havia lixo, pôias de estravo, podridões em estrumeira. A rua era a alfurja commum. Tinha-se impressão repugnante de abandono e sordicie naquelle quarteirão de predios lobregos, em ruinas, com pés de fumo nos telhados limosos, nas calhas amarrotadas e descachidas. Um realejo soltava languidamente na mollicie da tarde abochornada e, do lado do Campo, vinham abaladas de pombos em vôos estalados.

Escurecia em esvaecimento como se a vida fosse adormecendo.

A casa era aquella. Lá estava a placa. Anselmo entrou resolutivo.

Logo no começo do corredor sombrio, á direita, era o escriptorio, com o soalho coberto de arêa, mobilado summariamente: duas mesinhas envernizadas, um concavo sofá de vime, quatro cadeiras austriacas e um banco de pau, lustroso de uso. A um canto, duas vassouras de esfregar e um estropalho dentro de um balde de zinco.

Á parede, velho relógio americano remorava nas quatro horas e uma folhinha de desfolhar espannejava ao vento a data da vespera. De vestigio humano havia apenas sovado chapéu de feltro servindo como de tampo ao rombo espipado de uma cadeira.

Anselmo deteve-se á porta relanceando, em duvida, os olhos pela sala. Por fim bateu. As palmas estrondaram trépidas como em caverna. Sem resposta, insistiu. Então, lá do fundo obscuro do corredor, uma voz indagou irritada:

— Quem é ?

Reconhecendo-a, Anselmo respondeu:

— Eu, Neiva.

— Eu . . . Quem ?

— Anselmo.

— Oh ! Tu por aqui ! Entra.

O soalho do corredor, bambo, frouxo, cedendo ao piso, dava impressão de estiva. As taboas concavas afundavam com estalidos gluteos como se se despegassem de lôdo, e humido bafio de mofo subia dos cantos. O papel das paredes, tufado em empollas, esfiapando teias de aranhas, estava como abos-

tellado em apostemas das quaes se esfarripassem, esvoaçando, os fios das cataplasmas.

Neiva abriu ao amigo largamente os braços, estreitou-o ao peito, logo, porém, impondo-lhe as mãos aos hombros, afastou-o e, mirando-o, intrigado, exclamou :

— Mas tu aqui, a esta hora . . . ? ! Grande nova, hein ? Penhora ? Despejo ? Complicações eroticas . . . ?

— Nada disso. Venho apenas despedir-me. Embarco amanha para Pernambuco. Exames.

— Exames . . . Ah ! sim . . . Estamos no fim do anno. E sacudi a cabeça pensativamente. Nem me lembrava ! Vais ao canudo. Fazes bem. Sempre é um oculo de alcance para a gente olhar o futuro. Fazes bem, ponderou sisudo. Forma-te. Em um paiz de analphabetos, como este, quem tem um diploma é rei. Eu podia ser hoje medico de fama, receitando vomitorios para estomagos avariados, como tu os vais receitar para consciencias. No fim das contas estomagos e consciencias valem-se : são orgãos de digestão. Empaquei nos partos. Nem a ferros ! Desanimado, troquei o amphitheatro pela imprensa, o forceps pela penna ; mas os cadaveres acompanham-me. Não repares. Isto é uma catacumba. Mirou-se explicando :

— Estou em menores porque o calor neste antro é d'estourar thermometros. Ha aqui mais graus á sombra do que no Collegio Pedro 2.º em dia de formatura médica. Mas então . . . Pernambuco, hein ?

E andarilhava trefego, descalço. Estava de camisa de meia e ceroulas com os atilhos soltos.

Abriu uma das janellas da sala e a luz livida da tarde entrou pela vidraça de guilhotina, embaçada de poeira. Puxou cadeiras e abancaram á mesa de pinho escalavrada e denegrada.

— Aqui me tens, meu velho, nos dominios do Principe Obá, meu chefe.

— De quem é isto ? perguntou Anselmo, voltando vagarosamente o olhar em volta.

— De um primo, vereador e empreiteiro da limpeza domestica. Estás a vêr pelo esterquilinio que o homem faz jús á Ordem do Banho. É membro da Commissão de Hygiene. No fundo, bom typo : serviçal, pacato, letras gordas e influencia incontrastavel nesta zona do angú e do feitiço. Não móra aqui. Isto é apenas a séde da sua escarolada industria. Reside no Pedregulho — um casarão entre mangueiras, a cem kilometros da moral. Tem lá o harem com tres mulatas e uma francesa aposentada em megera, que lhe deu um filho traduzido em tupy, *doré sur tranche*, quero dizer : louro. O habitante desta espelunca (homo speleo) para todos os effeitos da prehistoria e mais o supplicio dos ratos, que aqui são do tamanho do urso das cavernas, sou eu. Eu e um cadaver, cadaver authenticico, na pura accepção do termo, o Assis, que está nas ultimas, ali dentro.

— Teu irmão ! ?

— Sim. Foi o primo que me communicou o desfecho da vida tragica desse coitado. Uma manhan entrou por aqui aos cambaleios, a tossir, golfando os pulmões embrulhados em lascas de mortadella e cerveja. Lá está, desde sexta-feira, e eu a seu lado, assistindo ao horroroso duello da Morte com um esqueleto.

Avançando sombrio, d'olhos duramente fitos, rosnou ferrenho :

— Macabro ! Se queres vê-lo, entra. Mas olha lá : É preciso animo ! Já não fala, olha apenas. Tudo que lhe resta de vida refugiou-se-lhe nos olhos, que ardem em fogueiras de febre. Queres vêr ?

E caminhou para o quarto.

Anselmo acompanhou-o em silencio.

Immovel, coberto por um lençol encardido, que lhe modelava a ossatura, o corpo do moribundo fazia um alto relevo na estreita cama de ferro. O rosto tábido, macilento, modelava a caveira, as temporas cavavam-se, os maxilares resahiam duros ; sentiam-se-lhe os dentes sob a pelle dos labios e a boca, entreaberta, exsiccada, era um buraco onde rascava um sarrido aspero, como de engasgue.

— Estás ouvindo ? sussurrou o Neiva. É assim sempre. Á noite, este ruido enche medonhamente o silencio. É como um ranger de corrente subindo e descendo a caçamba de um poço. É o despejo da vida.

Anselmo abeirou-se da cama inclinando-se sobre o infeliz que, ao reconhecê-lo, engelhou a face em rictus, abriu enormemente os olhos, ressaltados das orbitas e, arquejando, exhalou um halito putrido. Colleou em rebolco firmando-se na cabeça, com esforço, para soerguer-se, mas descahiu flaccido, afflando aos haustos, a boca retorcida, olhos em alvo e um visco humedecendo-lhe a fronte, empastando-lhe os cabellos negros. Cerraram-se-lhe os olhos e, á beira da cama, sob o lençol, seus dedos osseos esgaravatavam, remexiam aduncos, como patas de caranguejo.

Os olhos de Anselmo buscaram, com espanto, o Neiva. Elle fez um momo, deu d'hombros e disse em lugubre cochicho :

— Está assim ha seis dias, desde sexta-feira. É uma luta ! Agonisa quando a Morte investe, curva-se como o junco da fabula, mas passada a rajada abre os olhos, resfolga a sorvos, rouqueja afflicto e fita-me o olhar rancoroso. Já não tem força para tossir, mas quando lhe sobrem um arranque mais forte engróla gargalhos e é uma fedentina como se se abrisse um tumulo. Fujo, escancaro a janella para respirar. É horrivel ! Accendeu um cigarro e aconselhou : Fuma. O fumo desinfecta. E vamos lá para fóra. Estás espantado, hein ? Pois é assim.

Sahiram devagarinho, em pontas de pés.

— Só eu, meu amigo. Só eu ! Não imaginas o que tem sido ! Chego, ás vezes, a acreditar que a Morte tem medo d'elle. E, vamos e venhamos . . . não é para menos. Tu, que o conheces, bem sabes do que elle é capaz. Commigo, por exemplo . . . Nem os filhos do rei Édipo que, ainda no ventre materno, já se espesinhavam com odio. Nem elles ! Este rapaz tem sido a minha cruz e, todavia, não lhe quero mal. Tenho pena. Sahimos do mesmo amor, criamo-nos ao mesmo peito, dormimos no mesmo regaço, crescemos sob a mesma benção . . . e elle odeia-me, sempre me odiou. Por que ? Não sei. Nada lhe tem faltado desde que está commigo. Muita vez passei fome para que elle comesse, despi-me para vesti-lo e só me tenho rebaixado para levantá-lo. Chafurdei em muito atoleiro para arrancar do mundo esse desgraçado e o seu primeiro movimento,

surgindo á tona, era de odio contra mim . . . e mordia-me a mão. É um infeliz !

Foi até a janella, esteve a tamborilar na vidraça. De repente voltou-se e, d'olhos accesos, lançando chispas atravez das lentes do « pince-nez » de aço, pôz-se diante de Anselmo, encarando-o a fito. Subito, agadanhando-lhe o braço, rouquejou.

— Sabes ? Tem sido horrivel ! Peior que o duelo em Bethel, entre Jacob e o anjo. Ainda hontem á noite . . . talvez não creias, mas eu vi ! Vi ! V comi estes, e rebaixou as palpebras, escorchando os olhos. Seriam onze horas, eu estava na cadeira fumando, vendo-o dormir e recordava a nossa infancia : a casa, os velhos, quando ouvi um estalo secco. Voltei-me : a porta abria-se devagarinho. Não havia vento, a casa estava toda fechada. Crispou-se horrorisado e disse em voz cava, d'olhos arregalados : Era Ella, entendes ? Ella ! Entrou trazendo comsigo o frio eterno. A alma tremeu-me no coração. Encolhi-me, olhando, com pavor, o corpo, certo de que lhe chegára o fim. E vi ! O Assis estremeceu como em sobresalto, abriu assombradamente os olhos formidaveis que viam o invisivel, alcançando o Além. Abriu-os e conservou-os immoveis, fitos, pasmados, mas energicos. Depois foi lentamente levantando a cabeça, teve um gesto rapido de repulsa e descobriu-se, ficando nú, em osso, regougando não sei que, mas com tal esgar, com tão hedionda expressão de horror que . . . não sei ! Senti que o Invisivel recuava, desaparecia, e elle ficou sorrindo, victorioso da Morte, agarrado á Vida com aquellas mãos tenazes, duras, aduncas como raizes. Tu não as viste, as suas mãos

descarnadas. Estarrecem ! Às vezes todo elle range, estremeleja. Como já não tem carne ouve-se-lhe o estrépito da ossada secca. E ainda tem fome. Pede comida como os implumes : escancarando a boca.

— E come ?

— Toma leite. É a mesma réga dos berços que sustenta esse cadaver. Vampirismo, pois não é ? Um morto que mama. Bello assumpto para Holbein ou Goya. Pois não é ? Horroroso ! Mediu a sala a largos passos, resfolgando sofrego. Parou de repente, carrancudo ; avançou em pontas de pés, agarrou Anselmo pelos hombros e rugiu : Só eu ! Isto é a minha Divina Comedia.

Curvou-se com os olhos fincados no rosto do amigo e falou, em voz soturna e lenta :

— Quando elle partir por esses espaços fóra será como um « Dies iræ », estás ouvindo ? Um « Dies iræ ». Não rias. Falo sério. E, bracejando, como se pintasse, a pinceladas largas, as scenas imaginarias, descreveu, em voz rouca, aos arremessos :

— As nuvens fugirão aos rolos, atropelando-se como tocadas por vendaval ; as estrellas empallidecerão, mingando encolhidamente na treva, e a poeira da Via Lactea levantar-se-á em bulções como se sublevam as dunas do Sahara ao sopro do simum. Os anjos, lá em Cima, acudindo ao clangor das tubas, correrão ás armas com que pelejaram a rija batalha contra Lúcifer e os grandes kerubs, armados de raios, formarão á entrada do Paraíso em defesa de Deus e das onze mil virgens.

Calou-se um momento, respirando a offegos ; e arremetteu de novo :

— Temendo-o, as almas dos pequeninos vagirão

no Limbo ; o Purgatorio ficará em alvoroço e, no Inferno, o Grande Diabo, para não ser desthronado pelo que o excedeu em maldade, mobilizará as suas hostes. E o espirito tremendo, repellido de todas as mansões finaes, ficará vagamundeando no espaço e será a tormenta, e será o turbilhão, e será a Peste governando no intermundio todas as calamidades como um terceiro Poder. A terceira Potencia !

Accenderam-se-lhe fulgidamente os olhos e elle repetiu, em voz oracular, pondo-se em pontas de pés e falando a Anselmo tragicamente em rosto :

— A terceira Potencia !

Esteve um momento a olhar duro como se hypnotisasse o amigo e proseguiu :

— Essa demora em morrer é pirraça de avaro. Assim como não dará a alma ao céu nem ao inferno, tambem não dará pasto á terra : só ossos, sem carne, sem medulla, esburgados e seccos. Estou convencido de que o Assis só exhalará o ultimo suspiro quando ficar reduzido a esqueleto, sem fevera para o verme. Conheço-o bem. Oh ! se o conheço . . . ! Até no amor queria o soffrimento. Tinha o cio da hyena.

Certa vez, tendo eu trabalho na Camara, mandei-o ao Necroterio, vêr o cadaver de uma rapariga que fôra assassinada pelo amante. Durante toda a semana não me falou em outra coisa. Era uma obsessão. Uma manhan disse-me rindo, com aquelle riso afiado em sarcasmo, que tinia e cortava como ferro : « Que sonhara com a morta, que a tivera nos braços, núa, tal como a vira no Necroterio, com o ventre aberto e um

talho fundo no pescoço, estertorando, estrebuchando-lhe nos braços, ensanguentada e fria. »

Rangeu os dentes em frenesi.

— E dizer que isto sahiu do mesmo ventre em que fui gerado! Minha pobre mãe! Emfim... O parto dispensou o exorcismo. Quem a assistiu foi, certamente, um padre, com a caldeirinha e o hyssope.

Passou a mão pela cabeça, serenando, e continuou :

— Apezar de tudo, tenho pena do monstro. Vi-o pequenino, andei com elle ao collo, baptisei-o, porque é tambem meu afilhado, eduquei-o e... Que queres? vendo-o assim em agonia, ha uma semana e sabendo que o hei de levar ao cemiterio, que o hei de deixar na cova, para sempre, começo a sentir saudade. Sou assim. Dá cá um cigarro.

Sentou-se com o cigarro entre os dedos, e, ficando os cotovellos na mesa, entalou a cabeça entre as mãos. A subitas levantou-se escarapellando-se, tirou o « pince-nez » e, percorrendo a sala a passos miúdos, falava baixinho, meneando com a cabeça. Por fim, estacou de golpe, o olhar alto; sorveu largo folego e rosnou :

— É demais! Passou o braço de raspão pelos olhos, sentando-se, a sacudir a perna, e as lagrimas corriam-lhe em grossas bagas pela face crispada.

Anselmo accendeu um cigarro e deixou-se estar quieto, á espera do trovão, porque o Neiva costumava dizer :

« Quando me virem chorar não me lastimem, fujam de mim. Eu não rego as minhas dôres com

lagrimas miudinhas : arrasto-as em caudaes flagelladas e raios. »

Dessa vez, porém, não se desencadeiou a tempestade : o pranto correu triste, silencioso, por entre soluços brandos, como chuva fina, de inverno, rumorejada em murmúrio.

Cerrou-se longo e melancólico silencio. Anselmo rompeu-o levantando-se para despedir-se. Neiva ergueu a cabeça, olhou-o como estremunhado e, pondo-se de pé :

— Não ! Vou contigo até lá fóra. É um minuto, só o tempo de apanhar a folha de vinha. Entrou no quarto, esteve um momento e logo reapareceu de chinelas, enrolado em um roupão de banho : Prompto. Vamos.

Escurecia. Moleques, em fraldas de camisa, brincavam o « tempo será ! » na rua. Na casa contigua zaragalhava um bate-boca e na calçada fronteira um ebrio, arremangado e roto, cambaleava aos resmungos, atirando murros a esmo. Os bondes passavam cheios, com as plata-formas apinhadas, gente nos estribos. Pairava no ar ácido fortum de fermentados. Neiva envesgou o olhar por cima das lentes do « pince-nez » e commentou com asco :

— Parece uma viella de Madagascar. Viva-mente, porém, passando o braço pelo hombro de Anselmo, exclamou em tom alegre : Com que, vais rever o Norte. Pernambuco . . .

E rugiu sardo :

Pernambuco ! Um dia eu vi-te
Dormindo immerso ao luar . . .

O Leão do Norte...! Esteve um momento recolhido em si. Por fim perguntou :

— Que paquete ?

— Guadiana.

— Não é mau. Só lhe conheço um vicio — o jogo. Cerveja excellente ! E escrevo, homem. Manda-me noticias tuas. Eu cá fico na taba, purgando o peccado de saber ler. E, curvando-se, de mãos espalmadas nos hombros de Anselmo, roncou : — Isto é um paiz perdido ! Quanto mais se lê por cima, mais se fica por baixo. Emfim . . . vai, forma-te. Forma-te depressa, meu velho. Forma-te e volta. Olha, a proposito : se precisares de um solicitador de confiança aqui me tens ás tuas ordens. Conheço o nosso Foro como Cicero conhecia o de Roma, e tenho a bossa da chicana muito desenvolvida. Ouve — recuou um passo e, ferrenho, com o indicador a pino e fungando, falou como inflamado em colera :

— Não te cases ! Cuidado ! Foge das Circes do Capiberibe. O casamento é a peor das mortes. Um homem de espirito que se casa é como uma vela accesa que se inverte : arde sem alumiar e derrete-se depressa. Vai-te embora. Bons ventos e mar bonança. Eu regresso ao meu posto de escaravelho, á cabeceira da mumia. Coisa horrivel, a tuberculose ! É o nosso caruncho.

Um pequeno, com uma lata á cabeça, parou diante da porta pedindo licença. Neiva afastou-se dando-lhe passagem. E disse :

— É o meu jantar. Bóia de galé. Vem de um frége épico : « Restaurant Camões », a dois passos d'aqui, na Suburra, que é a rua de São Jorge. O

dono é um Borges, ou Borgia. Deve ser Borgia. Se queres envenenar-te . . .

— Não.

— Então vai com Deus. E obrigado pela visita. Olha, lembra-me lá fóra, principalmente ás mulheres. Dize-lhes que ardo em volupia suina. Tenho tido sonhos medonhos, éstos de satyro. Chego a trincar o travesseiro. Nem Santo Antão, meu velho. Sorriu tristemente e desmentiu-se: Histórias! Não creias. Pobre de mim! O meu erotismo é o que vês, erotismo de Hamleto: Palavras, palavras, palavras . . .

— Não fales da palavra . . . É a tua força, Neiva.

— Pobre força! É como a da lenha, que se vai toda na fumaça. Emfim . . . cada qual para o que nasceu, não é verdade? O Vieira veio ao mundo para ter caspa; eu, para falar. E tudo tenho conseguido com o Verbo, eu e Deus. Elle fez o mundo em seis dias; eu, em trinta e tres annos, ainda não consegui fazer uma casa. E essa gente, por ahi, admira-me, paga-me bebidas, jantares; as mulheres convidam-me para a alcova; mãis de familia atiram longe a meada de Penelope, propõem-me escandalos, tudo por que? porque falo. A Camara, entretanto, que é o lugar onde a palavra vale alguma coisa, essa fecha-me as portas. É assim, meu velho. Sou o bobo da cidade.

— Que tolice!

— É o que te digo: o bobo da cidade. A popularidade tem dois extremos: o sublime e o ridiculo: Victor Hugo e o Castro Urso. A minha popularidade é a de segunda classe, a do Castro Urso. Bem, bem, se começo a falar perdes o pa-

quite. Adeus ! sê feliz. Abraçaram-se. Elle, então, segredou : Se receberes por lá noticia do meu suicidio toma-o como participação do meu casamento.

Anselmo recuou assombrado :

— Que ! Tu ? !

Elle encolheu-se com resignação de martyr :

— Que queres ? Fatalidade. Ananké. A aranha e a mosca, como em Victor Hugo.

— Será, por acaso, com aquella virago que pretendeu raptar-te ?

Elle recuou num salto :

— Estás louco ! Não sou sabino. Com que cara me apresentaria eu em publico pelo braço de tal matrona ? Isso seria logo aproveitado pelo Arthur em uma revista e imagina o escandalo : eu, em scena, com musica, raptado pela Manarezzi ou por outra do mesmo peso.

— Então quem é ?

— Não conheces.

— Bonita ?

— Uma encarnação da Venus espumante.

— Que idade ?

— Trezentos contos. Riram. Elle ainda berrou :
Bôa viagem :

A um e a outro lado da rua escura começavam a pingar as luzes.

II

Num domingo, á tarde, á volta da visita que fizera a um engenho, Anselmo recebeu, no Caxangá, uma carta na qual o Neiva respondia os seus « delirios pagãos ».

« »

O que me dizes do hotel, á margem do Capi-beribe, dá-me impetos de abandonar a imprensa, atafulhar um pouco de roupa branca na canastra que acompanha a minha familia desde o grande e plumario avô Tupiniquim, e abalar por esses verdes mares até a Lingueta, voando do caes direito ao Caxangá, onde assistes.

Tens ahi, para delicia dos olhos, enfarados da cidade e de arrebiques mundanaes, a larga e pura paizagem arcádica e as duas filhas da « locandeira »:

A Adelia afigura-se-me enxundiosa e felpuda, toda enroscada em refegos e com mais bigodes do que eu. A outra, porém, a loira « Mocinha », essa imagino-a airosa, de olhos claros como certas turmalinas verdes que aqui ha, pelle alva, florida em rosas, na cabeça um brilho fulvo, mais intenso que o do fogo que cercava Brunhilda, mas . . . (a culpa é tua, que me falas da sua insaciavel sêde) com o estomago a estourar de cerveja, como o tonel de Heidelberg. Deve ser de appetite para um idyllio com tremoços ou pão de centeio e salchichas de Francfort.

Os banheiros, que descreves, de palha, á beira do rio, onde se ajuntam as naiades e as lavadeiras, fazem-me inveja, principalmente agora, neste secco verão, com agua á tamina, por empenho. A tua carta lembrou-me a do nix da lenda dinamarquesa, referida por de Saint-Victor que, aberta pelo camponio curioso, despejou torrentes nas quaes esteve a pique de afogar-se o violador pastrano.

Os periodos transbordam, dando até vontade á gente de os atravessar a nado. As virgulas retorcidas são como peixes rabeando e os pontos de exclamação aprumam-se á laia de caniços. *Estylo fluvial. Influencia do meio, segundo Taine.* Quando terminei a leitura da copiosa epistola pedi uma toalha e enxuguei-me. Banho excellentes !

E os varios direitos — elles são tantos, e todos tortos e inuteis ! — romano, natural, civil, criminal, das gentes (não sei se os ha tambem dos bichos) . . . como te arranjas com elles ?

Farta-te d'agua e de amores a Longus e põe-te

rijo bastante para resistir á vida dissolvente nesta adoravel abjecção, que é o Rio.

Continuo a fazer reportagem para os jornaes, um da manhan, outro da tarde, inimigos irreconciliaveis em politica, mas unha e carne em solecismos e outras barbaridades grammaticaes. Ambos pagam mal. Cavo noticias como os porcos do Perigord descobrem tubaras : fossando nos lameiros. Quando não as encontro, invento-as.

A vida nas letras, monótona e banzeira ; na politica, fervendo em boatos e arrelhiada de intrigas : no commercio, retrahimento do credito.

Deito-me sempre no dia seguinte, almóço á hora do jantar, por economia de dinheiro e tempo, ceio de madrugada á mesa opipara da amizade. Continuo no regimen antigo : á falta de nickel para o bonde, valho-me do tilbury do Peixoto, fiado ; quando não tenho dinheiro para envenenar-me no *Renaissance*, banqueteio-me opiparamente no *Louvre*, a credito. As ceias achampanhadas correm por conta dos amigos e dos admiradores. Leio os jornaes francezes para dar-me a illusão de viver em Paris. Paris ! Paris !

Estive para raptar uma virgem. Á hora do crime faltou-me dinheiro. Adiei o episodio para o fim do mez. Creio, porém, que a criatura abalará com outro antes do praso, porque está no paroxismo de formidavel crise romantica.

Dizem no Castellões e em outros centros intellectuaes que S. M. o Imperador (que Deus guarde em São Christovão) está traduzindo um poema de Zorrilla em versos brancos, porque os pretos são o diabo ! Adeus. Vou á Tijuca. Tenho entrevista

com certa dama honesta, que só se desvia do caminho da virtude para trilhar commigo e um cesto de matalotagem as veredas poeticas do *Excelsior*, da *Vista Chinesa* e outros sitios discretos citados na cartilha de Venus.

A tribu sempre galharda. Ás vezes escaramuças entre românticos e naturalistas nas differentes arenas que conheces: *Cailtau*, *Paschoal*, *Castellões*, *Deroche* e, á noite, a *Maison Moderne* e o *Coblentz*.

Em Cythera, pouca gente nova. As figuras mais cotadas são: uma espanhola, Dolores, que desertou de uma companhia de zarzuelas, (lembra a Carmen de Merimée, mas bebe como uma tromba e em transes de alcool é uma furia:) tres ou quatro francesas; uma lisboeta esculptural, Anna Gonçalves, encantadora a secco, mas com dois dedos de Clicquot torna-se insupportavel de «saudosismo»: reclama fadistas e guitarras, fala em suicidio e, levantando a saia, mostra um punhal na liga. Não ha punhal, não ha nada. O que ha é uma perna e tanto!

Na industria nacional ainda occupa o primeiro lugar a Placida. Praga de mulatas de varios matizes. A nota de escandalo é dada por uma tal Adelina, ex-mãe de familia em Catumby, com buço e um cachorrinho, que a acompanha a toda a parte. Cão de cego, porque a criatura não vê o terreno em que pisa. Ainda hontem, depois do espectáculo no Recreio, tropeçou á porta do «Caboclo» e cahiu de queixo em uma ceia de iscas com vinho verde, em roda de bilontras escovadissimos. Estás a vêr que uma senhora que deixa o feijão do lar pelo figado frito em baderna só pôde acabar na

Misericórdia, com escalas pela rua do Regente e immediações, se não regressar, em tempo, ao altar de Vesta e aos braços do marido que, segundo affirmam, é homem de coração largo.

Estamos ameaçados de um poema épico sobre o Duque de Caxias ou Cunhambebe. O poeta hesita entre os dois heróes. O Vieira, depois que partiste, tomou um banho e mudou o collarinho. Vale!

Ah! é verdade... o meu emprego. O governo lembrou-se de mim e deu-me, de mão beijada, um lugar de amanuense. Estou na Inspectoria de Immigrantes, com exercicio na Ilha das Flores. *Voilà!* E achas que «estou crescendo» É possível, meu amigo, mas como a cauda do cavallo: para baixo. Emfim... É verdade que as raizes tambem se aprofundam e dellas é que sahem as flores da primavera e os frutos do outono. Póde ser... Adeus! Não quero descahir em lamurias. Escrevo-te em linda manhan azul, com um raio de sol diante dos olhos e um côro de cigarras chamando-me para a «joie de vivre». Lá vou! Ainda uma vez, adeus!

Teu d'alma

P. NEIVA.

P. S. — Vê se descobres ahi o paradeiro de um tal Fernando Canedo ou Casquilho, caôlho, que me prometteu uma barrica de abacaxis e um xexéu. »

Todo o homem ali estava, naquella estouvada carta. Lendo-a parecia a Anselmo ouvi-lo, a elle proprio, como se o tivesse presente: ouvia-lhe a voz na complicada escala em que elle a fazia correr,

variando-lhe os tons, desde o mais grave e cavernoso, até a mais rispida, metallica estridencia. E via-o zarelhando trefego, electrico, com o « pince-nez » pinçado em dois dedos, ora aos arremessos e recuanços, ora encolhido, ar sinistro, curvado d'hombrós, em attitude de telamon, ou, então, a pino, impertigado nas pontas dos pés, atirando os braços em gestos estabanados, com a gola do casaco trepando-lhe pela nuca, o collete subido, a camisa espocando em hernia do cós das calças, ás quaes, de quando em quando, dava um sacalão, sungando-as.

Sentado na varanda do hotel, alongando perdidamente o olhar por aquelles suaves campos de tão variegados matizes, com a larga estrada ao meio, direita á ponte, sempre troteada pelos pangarés matutos, Anselmo recordava saudosamente a Côte, com as alegres noitadas que começavam nos theatros e findavam nas tascas, onde o grupo se reunia em ceiatas que tanto eram fartas em rhetorica e poetica quanto mesquinhas em prato e copo, presididas eloquentemente pelo improvisador extraordinario que a si mesmo se appellidava o « Orfeu indigena », domador lyrico de feras, desde a mulher até o credor.

Ouvi-lo era um deslumbramento ; sentir-lhe a alma, aprofundando-lhe o intimo atravez da exuberancia fantastica dos trópos e das imagens era seguir, como o principe da historia, as veredas da floresta tragica, para encontrar nos penetraes a formosa princeza adormecida.

Todo aquelle arreganho pantafaçado era como espuma superficial e ephemera.

« Meu caro, bradou elle certa vez, se eu me não defendesse, como me defendo, a canalha punha-me a pata em cima e era uma vez um homem. Finjo-me de dragão, d'aquelles dragões que vomitavam fogo e, quando me sinto ameaçado, escancaro as fauces e, então . . . não ha Corpo de Bombeiros, não ha nada : vai tudo raso ! O coração . . . ah ! isto é o « sancta sanctorum » dos eleitos. »

Uma criança dobrava-o, a dôr de um animal commovia-o até as lagrimas, uma planta murchando ao sol inspirava-lhe piedade :

Certa vez foi visto a atravessar lentamente a rua Direita com um cego pela mão. Ao dar com um amigo na calçada desatou a rir, dizendo com espalhafato :

— Aqui me tens no meu officio : guia de cegos. Não faço outra coisa neste paiz da luz : a uns, conduzo nos caminhos ; a outros, na grammatica. E assim ando.

Para conter todas as mulheres que o traziam enamorado seria pequeno o harem do Grão Turco. No *Coblentz*, uma noite, certo deputado, depois de ouvi-lo, commentou maravilhado :

— O que mais me surprehende nesse homem é a memoria. Sabe tudo ! Como e quando consegue ler, não sei. De dia, vejo-o sempre na rua do Ouvidor ; á noite, encontro-o nos theatros, nos hoteis, por ahi . . .

Neiva pôz-se vivamente de pé, firmou-se á mesa e, inclinando-se para o politico, exclamou emphático :

— Como consigo ler ? ! Não leio, faço mais : observo. O meu livro é a vida, obra sahida dos pre-

los do Creador. Para que hei de eu paulificar-me folheando « in-folios » e outros bacamartes se tenho os poemas no original : o dia e a noite, com os seus encantos eternos ? Ler, para que ? Arte, sciencia, philosophia, finanças, moral e toda a lenga-lenga das bibliothecas não valem o esplendor de uma das nossas manhans nem o sorriso de uma mulher formosa.

Além do caruncho, que é o unico ser que vive de livros, ha por ahi certos typos que não fazem outra coisa senão escavacar banalidades velhas em alfar-rabios. Conheço taes ermitões de incunabulos, da familia roaz dos lepismas. Conversando-os aproveito o melhor do que me elles dizem e nutro-me com isso.

Taes ledores de officio são os cozinheiros que preparam os meus banquetes platonicos servindo-me, em noitadas de orgia intellectual, os pratos de sabedoria já promptos e, o que mais é : analysados pela Critica que é a Junta de Hygiene da Litteratura.

Livros, além dos de cheques, só admitto os do dourador com os quaes, se pudesse, organisaria a minha bibliotheca. São os unicos verdadeiramente uteis, porque encerram folhetas de ouro. Os mais . . . palavras, farfalhices, conversa fiada, burla. Num sabbado, á porta do Castellões, aprendo mais do que se cursasse assiduamente um anno em uma de nossas Escolas superiores.

Ler, estudar queimando as pestanas ou consumindo azeite ás canadas, como dizia de outro, que tudo fazia á força de estudo, certo philosopho ou orador antigo, é abusar do cerebro. Para que tanta erudição ? Ninguem vive sempre ao sol. O

sol demais queima e esterilisa reseccadamente o terreno. Eu vivo á sombra da Arvore da Vida, como Adão no Paraiso.

Atravesso o tempo a vôo largo, olhando d'alto, sem deter-me neste ou naquelle ramo e, quando me recolho ao ninho, no silencio das quatro paredes, pasmo da abundancia de achegas que levo. Tinha razão o solitario que disse a alguém que lhe perguntou, com o mesmo espanto que manifestas a meu respeito, como podia elle viver sem livros : « O meu livro é a ordem das criaturas, o qual tenho sempre aberto diante dos meus olhos e me ensina as coisas de Deus que desejo saber. »

O ourives não vai á mina : recebe o ouro apurado e lavra-o em joia. É o que eu faço. Esses taes que por ahí andam alardeando sabença são, em geral, mystificadores de marca. Eu sou honesto : digo o que sei, o que valho sem procurar furtar no peso. Contento-me com o meu terra a terra, sem as velleidades ridiculas e perigosas do voador de Vieira.

O meu elemento é o jornal ; fico no jornal. Homero, Lucrecio, Virgilio, Dante, Shakspeare apparecem, a cada passo, no acarreto erudito. Eu, por mim, confesso que nunca os li : conheço-os de nome e gabo-os, assignando de cruz a opinião dos seculos.

E diga-me você : já lhe constou que alguém houvesse attingido o cimo do Himalaya ? Pois os genios são como as cumiadas que se perdem nas nuvens : a gente cita-os, mas de os citar a os ler é obra ! Ha muito bacurau por ahí com pretensão a aguia e não alça vôo á copa de uma laranjeira. Eu, não ; onde estou, fico, sem ambição de mais.

As montanhas são decorações da natureza, peitos uberrimos da terra, manando as bemditas aguas. Assim os genios: grandezas que fecundam. Para mim bastam-me o Corcovado, a Gavea, Santa Thereza, a Tijuca e os nossos poetas lyricos choramíngões. Os outros — montanhas e genios, contemplo-os de longe, na linha do horizonte . . . das bibliothecas.

O proprio Camões, quem o lê? Ninguem! Quando me falam nelle lembro-me do collegio. Ah! meu amigo, só aquelle Adamastor de má morte não sei quantas duzias de bolos me custou, o monstro. »

Tal era o homem em publico, sempre ourigado em replicas e revides, asseteando ironias. Na intimidade, outro: virava-se pelo avesso para arejar o coração: meigo, simples, por vezes melancolico, fechando-se em longos e taciturnos silencios.

Estranhando-lhe alguem, uma vez, as rapidas mutações do character versatil, elle sorriu explicando:

« Os rios mais serenos quando encontram pedras que lhes embaraçam o curso enfurecem-se e é então vê-los acachoarem-se tumultuando em fervedouros; logo, porém, que se lhes desimpede o leito, remansam e defluem tranquilllos, espelhando lisamente o arvoredado e o céu.

Eu aprendi a viver na escola simples da natureza, como Rousseau, e, entre os meus mestres mais amados occupam o primeiro lugar os rios.

Certo idiota perguntou-me, uma vez, se eu decorava os meus discursos. Decorar discursos, eu! Era o mesmo que encher um rio a regadores. Eu jorro! As palavras acodem-me á boca como a agua

ás fontes. A minha eloquencia é torrencial, por isso, ás vezes, os grammaticos accusam-me de barbarismos e solecismos e acham as minhas imagens extravagantes. Ah ! sim, não são figurinhas de cima de mesa, são colossos, como o de Rhodes.

Desculpava-se de não escrever dizendo :

« Sou vertiginoso. O cyclone não se presta a alentar pulmões — é o grande vento ethereo : sopra, revolve e passa. As maiores arvores não frutificam. Eu sou uma força inutil, ou antes — indisciplinada. Que fazer ? O livro, por exemplo, aborreço-o. Falta-me paciencia para ler e depois . . . mal o abro projecto-me adiante do autor, como a frecha se lança do arco. Logo nas primeiras linhas de um capitulo tiro as conclusões ou adivinho o desenlace, e vai-se-me, de todo, o interesse.

Sei, pois não, que o livro aberto é um par de azas que nos leva por ahi fóra. Como não as possuo valho-me da astucia da tartaruga com a aguia : agarro-me á cauda dos voadores e, assim, ascendo aos céus, sem trabalho. « Sic itur ad astra ».

Pudesse eu escrever ! Invejo os que escrevem, esses constroem em terreno firme : eu faço os meus castellos no ar. Mas isso de permanecer horas e horas sentado á mesa, diante de tiras de papel, molhando, a espaços, a penna no tinteiro, a garatujar imagens, empacando em regras de grammatica . . . Não, não é commigo. Adoro a liberdade, quero os movimentos livres, e a palavra vóa ou, como se diz em latim : « Verba volant » . . .

Prefiro a palestra á leitura. A palestra é um rio ligeiro nó qual se reflectem fugidamente aspectos e imagens. Que importa que o rio leve de bubuia

troncos, folhede e que o fundo nem sempre seja limpo, se tambem carrêa flores, ás vezes camalótes, ilhas de aningas e de victorias regias ? O livro é agua estagnada em lago ou recolhida em póte. O Larousse, por exemplo, é um açude. Se a palestra não agrada passa, não deixa echo ; o mau livro fica. Demais, já não é pouco saber a gente que ha de dar o corpo á fauna da morte para que ainda deixe a alma em um livro em que se regale o mais voraz dos vermes, que é a Critica. Amantes, tinha sempre duas, nó minimo, para variar. Nesse tempo eram ellas Louise Baronne (Louison) e Adelaide. A primeira, parisiense authentica, loura e alva, marmorea, com um par de olhos azues que eram dois pequeninos céus. A segunda, bahiana, côr de canella, cabellos annelados, olhos negros como jaboticabas (dois infernos) e um cheiro acre de matta virgem que fazia pensar em feras. Completavam-se.

Uma era o requinte, outra o trivial : *mayonnaise* e vatapá. Louison executava Chopin ao piano e recitava Musset e Hugo ; Adelaide cantava módinhas ao violão e ao samba era um caso serio. Bôa rapariga, mas sem syntaxe e tresandando horriavelmente a oleo de Oriza e Agua-Florida. Daria excelente dona de casa se não houvesse tido Venus por madrinha, porque entendia de tudo e era pau para toda obra : cozinhava, lavava, engommava e para serzir meias estava sósinha. O diabo era o ciume. Quando desconfiava de alguma traição ficava que nem a padeira de Aljubarrota. Um perigo !

Louison tinha receitas lesbicas de *hors-d'oeuvres* que eram verdadeiras delicias. Adelaide não

queria saber de coisas, não perdia tempo, ia direita ao assumpto. Se a francesa tinha a *coquetterie*, a bahiana oppunha-lhe os *quindins*. E o coração versatil do Neiva oscillava entre as duas, como um pendulo.

III

Regressando á Côrte, em Janeiro, Anselmo desembarcou no Pharoux sem alvoroço, como se chegasse de um passeio a Nictheroy. O dia, brusco e humido, abochornado, enervava em languor. Chuvisqueiro enfesante pulverisava ennevoadamente o ar tristonho, atroado a silvos hystericos de lanchas. Catraeiros disputavam em vozerio numa barafunda de bagagens retiradas dos botes e levadas atabalhoadamente pela escada que o mar alagava, chapejando em arfagem nos degraus limosos.

No cáes, espapaçado em lama e cascaria, rondavam madraços de aspecto doentio e sordido, com a golla do casaco levantada ou em mangas de camisa, braços cruzados, sorumbaticos como galés em presidio. Outros, estirados no chão, debaixo das arvores, preguiçavam fumando ou cochilando aos cabeceios.

Velho mina, sentado num tamborete, tendo ao lado uma pilha de chapéus cabanos, trançava des-tramente longa fita de palha que lhe serpenteava aos pés, e, adiante, tres garotos, de cocoras junto a caixa de engraxar, saltando aos pinchos, á maneira de sapos, araviavam jogando seixos. O céu sujo, baixo, acolchoado de nuvens, pesava abafadiço.

Atafulhando a mala em um tilbury, Anselmo mandou tocar para o bairro rustico em que residia, tão chegado á montanha que, da janella do seu quarto, que respirava o aroma dos bogarys e das magnolias do jardim, elle via-lhe as veredas sinuosas, gente, animaes e ranchinhos, muito encolhidos no matto, de onde, á tarde, com bucolico encanto, subiam vagarosamente para o céu pallido tenues espiraes de fumo.

Na manhan do terceiro dia da chegada, que foi um luminoso e concorrido sabbado, fez a sua entrada triumphal na rua do Ouvidor, encontrando-a tal como a deixara, tendo apenas, de novidade, um armazem de molhados em frente ao *Paschoal*, verdadeira adéga, escuro, tresandando humidamente a mofo, com a frente pintada a vermelho sanguineo e o titulo berrante, em negro : *Maison Rouge*.

No Watson, os mesmos politicos em corrilho ; em Notre-Dame e na Madame Guimarães as mesmas senhoras aristocraticas, galeando sêdas e plumas ; nos charuteiros, os mesmos bonifrates encalamistrados ; por entre os transeuntes, que se cruzavam céleres, os mesmos bufarinheiros iterativos apregoando bugigangas e panacéas e no ponto dos bondes, á esquina da rua Gonçalves Dias, em torvelim tumultuoso, o mesmo turbilhão de gente

atropelando-se como remoinho de enxurrada á boca de um ralo.

Os grupos litterarios mantinham firmes as suas posições : os naturalistas, no Cailtau ; os romanticos, no Castellões; os parnasianos, no Paschoal. No Deroche, já em decadencia, ás moscas, o phalantério dos symbolistas, mocinhos pallidos, mal enjorcados, feltro a Rubens, gravata borboleteante, flór ao peito, murchando, apesar do adubo sebento que lhes envernizava as lapellas : monoculo e botinas cambas, geralmente « sabidas ». Saudavam-se por signaes cabalisticos, á laia de iniciados e, abançando sedentamente á gazosa, derreavam-se sobre tiras de papel transbordantes de YY e com maiusculas em barda, declamando, com emphase soturna, periodos tropegos ou recitando, gemebundos, de olhos em alvo, versos inverosimeis, inçados de imagens truculentas.

O verão ardia asphyxiante com a febre amarella no auge. Tinha-se a impressão de que os telhados e as pedras do calçamento crepitavam.

Correndo as redacções, nas quaes tinha amigos, pôz-se ao corrente dos factos, reintegrando-se na vida litteraria, unica que lhe interessava.

Pouco se fizera durante a sua ausencia. Apparecera um romance carnal, verdadeira alcoceifa em duzentas paginas mal impressas, que escandalisara a critica e dera lucro ao editor.

Varios poetas lançaram brochuras lyricas ao vento ; revistas affluiram á tona, cheias de genio, sossobrando nos primeiros numeros, vendidos miseravelmente a peso.

Certa donzella de São Christovam, conhecida

na roda pela alcunha de Ererê, desfalcara o gregario dos symbolistas, desposando um dos seus próceres mais rebarbativos. Morte, uma só, sem importancia para a esthetica. E era tudo.

Foi ás livrarias : a Laemmert, sempre casmurra ; a Faro & Lino, atroando formidaveis discussões a propósito da collocação dos pronomes, com Valentim á frente, acaçapando, com exemplos classicos, o bando nacionalista dos sectarios de Alencar. Entrou na Garnier, casebre de aspecto ruinoso, achaparrado, poento, com o soalho frouxo, molle que nem palhada, o tecto ensanefado a teias de aranhas e tão escuro para o fundo que mal se distinguiam os vultos que por lá andavam em coseuvilhice bibliophila e, entre elles, a figura rabbinica do velho editor pigarrento, sempre de brim pardo, barrete seboso, afuroando pelos cantos em rebuscas de avaro, a sacudir brochuras, limpando-as á manga do paletó.

Algumas figuras conhecidas, medalhões impertigados na fama, socios das palestras imperiaes no Pedro II, cavaqueando com solemnidade e muita enxertia latina. Do grupo, nenhum.

Começava a aborrecer-se e já se dispunha a regressar ao silencio e ao frescor do seu canto florido, viveiro de bemtevis e de cigarras, quando um homemsinho ventruado, de belfas flaccidas, cahidas como abas de sellim, olhos empapuçados, reluzindo de suor, plantando-se diante d'elle a mirá-lo apalermado, com os beiços molles, pensos, humidos, como se se derretessem em baba, gasnitou em falsete :

— Você !

Era o Sallustio, egyptologo e 1.º official do Thesouro. Sobraçava um pacote e o guarda-chuva de alpaca. O pacote devia ser de papyros.

— Cá estou, Sallustio amigo.

Abraçaram-se.

— Quando chegaste ?

— Quinta-feira. Que é feito dessa gente, homem ?

— Por ahi, um pouco dispersa. Estás forte ! Eu é que tenho passado mal. Coração, caramunhou com desanimo. Depois uma trabalheira que não imaginas. Metti-me pela terceira dynastia e tenho-me visto abarbado.

— Sempre o Egypto ?

— Ah ! sempre ! Que queres ? Eu não vivo aqui. Móro, trabalho, cômo, durmo nesta cidade, mas onde verdadeiramente vivo é em Memphis.

— Em que rua ?

— Sei lá de rua . . . ! Amuou. Vocês caçôam, achincalham-me, mettem-me a ridiculo. Pois sim ! Espalmou a mão no pacote affirmando, d'olhos arregalados : Quando eu publicar o que está aqui vocês hão de vêr. O que me falta é um editor. O governo . . . esse . . . ! Encolheu os hombros com despreso agitando desengonçadamente a cabeça como em crise de meningite. Toda essa gente debocha-me, continuou, principalmente esse tal Neiva, que só me trata de Commendador Pentaür. Eu é porque não ligo, mas um dia perco a paciencia, azédo-me, esqueço familia, nome, conveniencias e dou ahi um estouro. Muito bom, muito bom, mas, que diabo ! um homem não tem sangue de barata. Se eu fosse como esses que andam por ahi rimando

baboseiras e aos bordos pelas ruas, haviam de tomar-me a serio. Como estudo, trabalho, sempre mettido commigo, troçam-me.

Voltou-se, de repente, sarapantado. O pacote escorregou-lhe do braço. Apanhou-o ás pressas, esgueirando-se escabriadamente para o fundo da casa a resmungar enfesado.

Sem estranhar o procedimento do honesto funcionario, que servia simultaneamente, e com zelo igual, a duas dynastias : a dos Braganças e a dos Thinitas, redigindo officios no Thesouro e fazendo pacientes escavações no Egypto . . . do alto do segundo andar de um predio da rua Formosa, Anselmo encaminhou-se para a porta. Foi então que atinou com o motivo da fuga atarantada do erudito investigador.

Lá estava o Neiva, de cenho enfarruscado, indicador a finco, dizendo verdades duras a um rapazelho rachitico, côr de castanha — figurinha ridicula que parecia falquejada em vinhatico — que o ouvia com um sorriso alvar no rosto macilento.

Chamou-o. O bohemio estacou vivo, cabeça a prumo, procurando-o com o olhar perscrutador. Reconhecendo-o arremessou-se de braços abertos, com estardalhaço alegre :

— Quê, homem ! Pois tu ! Quando chegaste ? Estás soberbo. Abraçaram-se. Que diabo faz essa reportagem lerda ? Nem uma noticia.

— Estavas feroz com aquelle magot. Quem é ? Neiva voltou-se para a entrada, aggressivo. O rapazelho havia desaparecido.

— Viste, não ? Lavagem mestra, hein ? É um dos taes carunchos litterarios. Chegou dos cafundós

não sei de onde e planta-se aqui todos os dias, como uma erudição de algibeira, a metter os quatro pés em toda a gente. Gonçalves Dias é uma besta; Castro Alves, um estapafurdio; Alencar, um piegas, com estylo de pasteleiro; Machado, um pernóstico; Aluizio, plagiario de Zola. Bolas! Irrita. Precisamos fazer respeitar os precursores, senão o genio, que lhes negam, ao menos o trabalho, que ali está no patrimonio da patria. Eu te digo com sinceridade. Admiro mais a expedição ousada do nosso Macedo, atravessando com «A Moreninha», «O moço louro» e «Rosa» o crasso analphabetismo indigena, do que todas as entradas dos bandeirantes aos nossos sertões bravios. Os antigos foram os desbravadores que abriram estradas e prepararam o terreno que esses pedantes reles de hoje cobrem de hortas e capinzaes. E surge um gajo desses, com quatro sonetos pifios e uns conceitos de Brunetière e Taine na cachola e bumba! guinda-se aos monumentos dos heroes e faz, lá em cima, com escandalo, o que as aves marinhas fazem discretamente nos rochedos das ilhas. Não admitto! Imaginam taes typos que, assim, usurpam a gloria dos antigos, impondo-se aos seus lugares. Pois sim! O que delles fica é o que elles podem dar: o guano que as chuvas lavam e que adubam os alegretes em volta dos monumentos. Sucia! Em parte sou eu o culpado da empafia de tal gente, porque vivo trepado na escada do reclamo a affixar cartazes, apregoando o talento dessa horda, que me paga a coices, como sabes. Mas deixemos o discolo, que foi bem esfregado. Vamos a saber: Onde estás? Ainda no Andarahy? Precisas descer, homem. Que horas são? Consultou, ás

pressas, o relógio. Oh ! diabo . . . Tres horas ! Tenho uma entrevista. Ouve cá. A Lola faz annos hoje e dá uma ceia. Vamos todos. Encontro ás onze, no Recreio. Não faltes.

— E a vida, Neiva ? Que ha por ahi ?

— Tudo na mesma. Muitas idéas no ar. O nosso genio está de accordo com a cidade que, com qualquer vento, fica como o Sahara quando sopra o simum : poeira, meu velho, boatos. Quando reentramos na realidade e o vento cahe achamo-nos no deserto. Agora as nuvens que toldam o ar são as da abolição e da republiça. Amanhan acordaremos na mesma senzala e com D. Pedro II em São Christovam, como sempre. Até logo.

E foi-se, apressado, desapparecendo na multidão.

A casa de Lola, na rua dos Invalidos, em frente á Travessa da Relação, era um centro de espirito e de espiritismo, famoso em toda a cidade. Ali criavam-se reputações, desfaziam-se glorias e sobre uma mesa de tres pés, como as tripodes sibyllinas, baixavam almas do outro mundo encarnando-se em um crioulo, medium.

Certa noite, invocado por um tal Galdino e a pedido de um galan dramatico, então no auge da celebridade, Dante rompeu das alturas com tal furia que foi um verdadeiro inferno na sala da transcendente actriz.

As reuniões litterarias, ainda que, ás vezes, degenerassem em rugas, com ameaças e desafios para a Travessa da Relação, nunca chegaram

aos paroxismos da escandalosa scena da qual foi protagonista posthumo o florentino.

Nessa noite da ceia, por proposta do Neiva, fôra expressamente prohibido o espiritismo.

— Nada de defuntos, que venham recordar os nossos cadaveres. Só vivos! Aquelle que falar em almas do outro mundo será atirado da sacada á rua. Espiritos . . . só os engarrafados. E assim foi.

Partindo do Recreio, depois da estrondosa representação do *Anjo da meia-noite*, o bando, em que havia de tudo: escriptores, pintores, musicos, actores de ambos os sexos e um photographo espanhol acompanhou a gloriosa artista á casa, ao som de hymnos.

A vizinhança despertou alarmada com a turbulencia dos manifestantes e das janellas, illuminadas a giorno, choveram flores sobre a actriz que foi levada em braços, escada acima.

O sustentaculo do lar, columna daquelle templo de arte, era um droguista que tresandava á mostarda como um sinapismo, homem sisudo, pacato, que, em noites de « intellectualidade », receiando complicações com a policia, lá não apparecia, fazendo-se representar, com fartura, por um serviço do *Paschoal* ou do *Castellões*.

O dessa noite foi verdadeiramente opiparo.

A Casa, ardendo em luzes, recendia como um jardim encantado, tantas eram as flores em cestas, em ramos, em palmas e espalhadas pelos moveis.

Na sala de jantar, apposta para o festim, estrugiram brados entusiasticos e um refegado e sanguineo « centro comico », vendo o aparador cheio de garrafas em ordem de marcha, ajoelhou-se, de

mãos postas, olhos em alvo, conservando-se, algum tempo, em extase beato. Por fim, voltando-se para os companheiros, indagou baboso:

— Digam-me vocês: Isto não está mesmo um altar com todos estes santinhos? Ora seja tudo pelo amor de Deus! E misturou vermouths.

Á uma hora serviu-se a canja, com rodellas de paio sobre duas gallinhas. Lola, que dava a vida para ouvir o Neiva, perguntou-lhe com interesse: «Se já havia tomado casa, porque não comprehendia que um homem de tanto talento, vivesse sempre ao leu, como cigano».

— Não! respondeu em tom secco o bohemio. Detesto o definitivo. Não tenho casa, como não tenho esposa nem livro, tudo transitorio: o hotel, a amante e o jornal. Vivo ao Deus dará e dia a dia. Essas preocupações do fim do mez: aluguer de casa, caderno de venda, conta de gaz, etc., não são para homem como eu. Installo-me em qualquer cubiculo de hotel, beijo a primeira boca que me sorri, cômoo onde me appetece, leio o jornal que acho mais á mão. Não tenho raizes nem preferencias: vagueio em tudo. *Errare humanum est*. O lar é para o burguez, o pai de familia, cujo destino é produzir humanidade, como o do lavrador é semear searas. A luz, os ventos, a agua e a imaginação não param. Eu sou desse grupo. Os sedentarios são uteis, não ha duvida: sem elles não haveria a familia, cellula mater da sociedade, segundo dizem. Mas a inercia é horrivel!

Lola serviu-lhe ostras. Elle protestou alarmado, repellindo o prato:

— Ó filha, pensas que sou rochedo ou casco

de navio ? Já estou até aqui de ostras. E logo o que, ostras ! tudo o que ha de mais estavel, de mais carraça. Não !

A ceia correu ruidosa e alegre, com brindes. Um poeta fez o elogio da artista no *Anjo da meia-noite*, comparando-a a Sarah Bernhardt na Phedra. E ria-se, contavam-se pilherias, algumas sussurradas maliciosamente, quando o « centro comico », papejando, de olhos tórpidos e voz mellosa, levantou-se desnalgado, cambaleando nas pernas frouxas. Lambeu salivosamente os beiços, pedindo que o acompanhassem em um brinde que ia fazer. Todos os olhares cravaram-se-lhe no carão lampinho, que reluzia untuoso, e o « centro », balanceando o busto ancho, em oscillação de boia em mareta, com a taça erguida á maneira de um lirio, pronunciou no silencio pasmado do sodalicio :

— Senhores, neste momento solemne em que os nossos corações, como thuribulos sacudidos pela amizade (e illustrou a imagem com arremessado gesto thuriferario, borrhifando o convivio a champagne) espalham . . . Estacou em hiato, pigarreou d'olhos esbogalhados, relanceando-os angustiosamente pela assistencia, como em crise apoplectica, e repetiu baixinho, descarçoando : espalham . . .

Subito, como se, com estampido, se lhe desarrolhasse a inspiração, bradou : o incenso do nosso affecto ! . . . é justo, senhores, que bebamos, com todas as véras d'alma, á mãi (o photographo bateu na mesa com os nós dos dedos, outros imitaram o esconjuro) esse symbolo do amor divinizado no Calvario, o anjo sublime do sacrificio, a nossa

Lola. No palco glorificando a Arte que João Caetano elevou ao pináculo e no lar, esse santuario de virtude, em que ella é summa sacerdotisa. Lola é sempre a mãe, a mãe exemplar, a mãe modelo, a mãe que todos nós conhecemos (e toda essa maternidade foi acompanhada de batedellas nódulas na mesa, lembrando o côro dos tanoeiros do *Boccario*) capaz de dar a ultima gota de sangue . . .

— Isso ! Pelicano ! exclamou Neiva.

O « centro » voltou-se d'impeto, engasgado, e, com a caraça a reluzir de surro, encarou-o fulo, com um revide á boca, mas enguliu-o por decencia e respeito ás damas. De repente, num berro, confirmou desabrido :

— Capaz de dar a ultima gota de sangue pelo filho . . . digo e repito e quem fôr homem que me desminta, aqui ou lá fóra, onde quizer ! e dardejava olhares furibundos.

Espocaram exclamações : « Oh ! oh ! ».

O « centro » estava côr de bringella, os olhos rolavam-lhe nas orbitas como feras em jaulas, a espuma fervia-lhe na boca. O photographo passou-lhe um braço pelos hombros largos, procurando acalmá-lo :

— Ó Souza . . . que diabo ! . . .

— Não admitto ! Pelicano . . . Pelicano é elle ! Lá porque é da imprensa, faz discursos e abre assignaturas (*) contra todo o mundo, não pense que me intimida. Não admitto deboche commigo. E deu

(*) Fazer campanha de ridiculo ou de diffamação contra alguém.

um repuxado sacalão ás calças. Não admitto ! Que diabo ! Tambem a vida não é só pagodeira. Precisamos pensar em coisas sérias : na familia, na virtude, no lar. É por estas e outras que chegamos ao que chegamos. Um homem procura levantar o nivel moral do meio em que vive e é isto !

Neiva encristou e, pondo-se arrebatadamente de pé, com um repellão á cadeira, que revirou no meio da sala, explodiu aggressivo :

— Bólas !

Foi um alvoroço de colmêa em cresta. Levantaram-se todos em barafunda, apinhando-se em cacho. As damas, de braços abertos, muito aforçuradas, interpunham-se aos contendores, como as sabinas na pendenga historica.

— Que é isto ? Vocês estão doidos, homens de Deus ! ?

Lola interveiu e, com ella, um pintor de melenas merovingias, lustrosas d'oleo, que se manifestou solidario com o « centro ».

— Elle tem razão. Pelicano não é coisa que se diga.

— E por que ? rouquejou Neiva, pondo-se a pino nas pontas dos pés. O pelicano é o symbolo ornithologico do amor materno. Lá está na Maçonaria. Vá vêr, é aqui perto, na rua do Lavradio. E, arremangado, gesticulando com o « pince-nez » entre os dedos, mediu-se com o outro : Quanto a você, fique sabendo que não tenho medo de arrebanhos. Está muito enganado ! Para a força bruta trago sempre um revolver de seis tiros e um apito. Marradas esperam-se com a garrocha e a choupa. Valentes ! . . . E bufou : Eu bato-me, mas como se

batiam os deuses, entende você ? a raios ! Para navalhas tenho aqui seis balas.

E esmurraçou o quadril.

— Navalhas ? ! Quem falou aqui em navalhas ? perguntou aparvalhadamente o « centro », relanceando um olhar airado em volta.

— Não faltava mais nada, continuou o Neiva, senadores e deputados ouvem os mais violentos apartes e o Sr. Souza, um typo que começou como « onda » na *Filha do mar* e foi perna de elephante no *Ali-Babá*, não admite que eu o interrompa. Ora tire o cavallo da chuva !

— Onda ! ? Perna de elephante ? ! E o « centro » colleou com um sorriso escarninho. Eu podia responder á altura do desaforo, mas não quero. Não vale a pena. E, superiormente, enxugou a caluga que porejava, repetindo : Não vale a pena.

Neiva serenou de subito, como arrependido da rebentina injuriosa e foi-se ao cabide, derrubando varios chapéus na precipitação com que procurava o seu feltro. Anselmo interpellou-o baixinho :

— Vais-te embora ?

— Vou. Não estou direito e não quero fazer aqui um estrupicio. Não é bebida, não ; é a tal coisa que me dá.

Foi um trabalho para contê-lo. Felizmente uma portuguesa, que vivêra em Coimbra, e conhecera intimamente todos os grandes nomes da Universidade, lembrou-se de cantar um fado á guitarra e, cruzando a perna rechonchuda, com o instrumento ao collo, esganiçou endechosamente o saudosismo com a lua no céu, rouxinóes em sineiraes lugentes defuntos vingando perjurios, uma

salgallhada funebre de arrasar o coração mais enriçado.

Mas o que o Neiva apreciava na tricana não era a veia lyrica, mas a perna, um fiambre de encher o olho, envolto em sêda.

Inaugurada, com exito, a parte musical, alguém lembrou-se de pedir ao guedelhudo pintor alguma coisa. O artista não se fez rogado e foi a um canto tornando, em passos solemnes, com o violão ensacado.

Despiu-o ritualmente. Era um primoroso instrumento incrustado de madreperola, com os tastos de prata e outras riquezas ornamentaes caprichosamente floridas. Fez-se attento silencio e o pintor, cuspindo a ponta do cigarro na escarradeira, sacudiu as melenas e annunciou com importancia :

— Para começar . . . uma valsa de Chopin.

Ouviu-se um rugido e o Neiva pulou na sala eriçado, d'olhos fagulhantes, os labios crispados em rictus :

— Quê ! Uma valsa de Chopin ao violão ? ! Ah ! não . . . Nunca ! E foi-se direito ao cabide, resmungando : Ah ! não . . . Isto não ! E, já de chapéu á cabeça, bradou : Olhe, meu amigo, por muito menos ha muita gente a ferros em Fernando de Noronha. Vamos, seu Anselmo.

E, surdo ao appello de toda a sala, que ria esgargalhadamente, atirou-se pelas escadas, como a fugir de incendio. Na rua desabafou :

— É um desaforo ! Chopin ao violão só em um paiz como este onde ha deputados que comem espargos com farofia. Escreva o que lhe digo, seu Anselmo : Isto é um paiz perdido. Não viste o

brinde daquelle animal ? Falar em mãi, em virtude diante das pernas daquella mulher ? E, agarrando agadanhadamente o braço a Anselmo, com os olhos scintillando como os dos felinos, disse : E sabes porque lhe sahiu das fauces aquelle enxurdo ? por uma conversa que tive ha dias, no seu camarim, no Recreio. Imagina que, depois de vêr a Lola no *Anjo da meia-noite*, (ella é bem feita, como sabes . . . Que pernas ! E não ha ali panturrilhas : é tudo carne authentica), tive um capricho e resolvi satisfazê-lo no dia seguinte. Fui. Sabes como a encontrei ? de camisola, cabellos soltos, ajoelhada no tapete, junto ao sofá, brincando com uma boneca. Commovi-me. Para essas coisas de sentimento sou uma besta. E desandei. Em vez de tratar do assumpto que ali me levava puz-me a prégar, encaminhando-a para a regeneração. Ficou combinado que ella escreveria ao marido, um pobre diabo que está disposto a recebê-la com todos nós, as dividas e o resto, que lhe ha de custar muito iodureto e mercurio, entregando-lhe o filho, que é uma criança encantadora. Deixei-a pura, reintegrada na familia e toquei-me para o antro da Chica Polka. Pois queres saber onde fui encontrar a arrependida ás duas horas da madrugada ? nos Democraticos, de odalisca, pelo braço do Simas, cantando esgueladamente a Marselheza. E é a uma criatura dessas que aquelle imbecil atreve-se a falar em virtude e amor materno. Só mesmo dando-lhe com um pelicano na cara, como eu fiz. Demais . . . estou nos meus dias.

Parou mergulhando o olhar na rua deserta e escura, onde, um a um, começavam a apagar-se os

lampiões. Luziam ainda as estrellas no céu e o ar, fino e fresco, era agradável como uma carícia.

Carroças rodavam lentamente na sombra, que se dissolvia aos poucos como se esgarça e dilue o fumo na aragem. Vultos passavam matraqueando tamancos, bocejando, conversando e o halito sabia-lhes em baforadas de nevoa, como o vapor das machinas.

Chegando ao campo e descobrindo um kiosque aberto, Neiva propoz uma bebida. Anselmo recusou.

— Pois eu vou a um paraty summario para castigar o corpo.

E foi.

Dois homens, em mangas de camisa, tomavam café com pão e um terceiro, velhuseo, estremunhava encostado ao gradil do parque, tossindo a espaços. O codorio foi rapido e, caramunhando, cuspilhando, Neiva pigarreou forte.

— Para onde vais ? perguntou Anselmo.

— Vou para casa. Espero o bonde aqui.

— Ah ! sim . . . Quedou um instante pensativo. Pois é . . . Fiz bem em sahir. Estou em um dos meus dias.

— Que tens ?

— Sei lá ! exclamou encolhendo os hombros. Crise . . . tédio. Ha occasiões em que me sinto feroz, odiando o homem, enojado da vida. Só desejo o silencio e encerro-me em mim como o caramujo na sua concha. Se me tiram dessa especie de hibernação, obrigando-me a falar, torno-me aggressivo, aspero, ferino.

Accendeu o cigarro e continuou soturno :

— A melancolia é um regresso á vida primitiva

de solidão e mudez, verdadeiro estado paradisiaco. Quando me virem macambusio deixem-me, não bulam commigo : reverti ao troglodyta. Estou convencido de que muitos dos crimes que ensanguentam o noticiario são commettidos pelo homem das cavernas, que vive de tocaia em nós, e, provocado, investe com furia igual á do tigre quando o desencovam. Oh ! se vive ! Tenho dias luminosos e dias lugubres, sinto-me, umas vezes, anjo, outras vezes demonio. Sei lá !

O bonde de Andarahy appareceu. Anselmo despediu-se ás pressas para tomá-lo.

Ia quasi vasio. Voltou-se no estribo acenando um adeus, mas o Neiva seguia cabisbaixo, sorumbatico, gesticulando como em soliloquio.

A manhan rompia em ouro com um alarido álaçre de passaros e de cigarras. Uma corneta soava docemente, longinqua.

IV

Carão moreno, falquejado em polyedro, com placas rôxas, como de mosto, o Rocha, por alcunha « Alasão » (*), secretario do Neiva, era um machacaz de dois metros de altura, seis arrobas de peso, firmado em anchos alicerces de sola dupla, numero quarenta e quatro.

Encolhido de hombros, num geito lerdo e adernado de carregador de pianos, com um bigode de cerdas hispidas, aparadas rente ao beiço e côr de mistura de caporal e turco, olhos miúdos, garços,

(*) Não foi um pedante que lhe deu tal alcunha trazendo-a do grego, aos hombros de Plauto, para o nosso portuguez, o titulo de uma comedia de Menandro « *Alazon* » que, em vernaculo, vale por fanfarrão. A synecdoche nasceu das taes placas rôxas que lhe besuntavam a cara, dando-lhe a côr do pello cavallar designado por tal nome.

com estrias de sangue, e tórpidos, tinha a voz presa, rascando nos rr e um eterno pigarro que lhe arranhava a garganta gosmenta, mais saturada d'alcool do que um torno de pipa.

A sua vida era um longo romance de aventuras que só esperava a penna de um Le Sage para passar á posteridade.

Filho de um medico illustre revelou-se prodigio ainda na carta do A B C. A sua vocação para cirurgia manifestou-se, a principio, no gallinheiro, em ablações de cristas e esporões de gallos e, mais tarde, na habilidade com que cortava orelhas e outros pingentes aos cães que lhe ficavam a geito do canivete eliminador.

Aos quinze annos, com seis preparatorios e uma tentativa de rapto, o pai mandou-o para a Europa e o rapaz, ardendo em curiosidade de vêr mundos, em vez de fixar-se em Coimbra, sahiu, como elle proprio dizia, com o bordão de Ahasverus, a correr terras, a estudar gentes e, desde as quintas do Douro, enfolhadas de vinha, até as locas da Siberia, em neve; desde as casas de cirados e mucharabiés da Argelia, até os fuliginosos palacios de Londres, tudo viu e experimentou, recolhendo-se a Paris com o amargor misogynno de que fala Salomão, depois de longa convalescença em Benâres, num templo, á margem do Ganges, onde os beijos de uma sacerdotisa virgem deixaram-lhe o resto mais recolhido do que pedra pomes.

Seis annos esteve o manguarão em Paris a pretexto de estudar medicina e as cartas que de lá mandava, arreesadas de tecnologia e com louvores dos lentes, todos celebidades, eram de tanta

promessa, que o pai, correndo a sua vasta clientella, annunciava, para dias proximos, a vinda do novo messias, que curaria todos os males e faria da cidade um jardim de hygiene, profusamente aberto em flores de saude. Mas uma carta do correspondente desfez as illusões do velho clinico, dizendo que « o rapaz não tinha, sequer, o primeiro anno : que não apparecia nas aulas e só era visto nos « bouges » do Quartier Latin e de Montmartre ».

Desesperado, o velho chamou-o sob ameaça de o deixar sem mesada e desherdado de fortuna e nome. E o Rocha, porejando iodureto, regressou ao lar, com uma historia como a de Gil Blas e muita pratica no tratamento da syphilis.

Não se podendo conformar com a vida pacata da familia, que ainda mantinha os habitos ordeiros do chá com torradas, do vispora a leite de pato e da reza, recolhendo-se virtuosamente ás dez para levantar-se ás cinco, galgou os muros do preconceito, desertando o ninho paterno com a canastra e um volume de Fournier.

Errou pelos suburbios, a principio com um baralho, deitando as cartas. Depois, arrançando uma torquez e inculcando-se dentista americano, arrancou arnellas, esvurmou parulidas, obturou molares a estanho e chumbo escumilha. Mais tarde annunciou-se como veterinario e fez mais destroços na fauna do que uma epizootia, até que, intitulado-se parteiro, foi, uma noite, chamado para attender ás dôres de uma primipara, mulher de um leiteiro, que atroava o estábulo, onde as vaccas, alarmadas, mugiam como em terror de catastrophe.

O Rocha arregaçou as mangas da camisa, embor-

cou dois tarros de leite, pediu uma bacia e, depois de lavar as mãos, ordenando á mulher que se puzesse de cocoras e assoprasse, a todo o folego, no gargalo de um garrafão, conseguiu o despejo do ventre tirando-lhe das entranhas um infante de tres kilos e trezentas grammas, fóra os miúdos.

A mulher não resistiu e, pela madrugada, quando os gallos amiudavam e as vaccas sabiam, tinindo cincerros, para amamentar o suburbio, foi-se da vida, como uma luz que se extingue á mingua de oleo, branca, como se levasse no corpo, de onde se esvahira o sangue, todo o leite dos animaes do presepe.

O Rocha, entralhado em uma denuncia, abalou a tempo, homisiando-se no interior de S. Paulo, onde conheceu todos os tormentos da vida, inclusive uma tal Feliciano, gorda e gaga, dona de um sitio de mandioca, celebre por seu polvilho e seus beijús de leite.

Mulher de fibra, cevada a lombo de porco e milho, Feliciano, que era uma furia de ciume, trazia o amante muito vigiado, fariscando-lhe a roupa, espreitando-lhe as rascoagens e, uma noite, encontrando-o junto ao forno da farinha grunhindo nos braços de uma italiana, desfez o idyllio á mão de pilão e com tal gana que a cumplice feminina ficou por morta, abandonada covardemente pelo sexo forte e lubrico, que fugiu a bom correr, com a cabeça a sangrar por duas brechas.

Receioso de que se cumprisse a ameaça de morte que Feliciano vociferara, empunhando a faca com que sangrava os porcos e praticava outras operações de esterilisação e engorda, abotoou-se com umas

moedas do mealheiro da virago e abalou para o Rio, ainda que temendo encontrar o leiteiro viuvo e outras victimas menores da sua varia sciencia, mergulhando no que elle chamava o « maelstrom », que era a rua do Ouvidor.

Não achou emprego, embora o buscasse com ansia, offerecendo-se aos jornaes como reporter e á Policia como agente de muito olho e faro. Por fim, já desanimado e com as botinas rôtas, procurou o Heller pedindo-lhe um lugar de corista no Sant'Anna e, para fazer valer-se, atroou o jardim do theatro com a voz gosmenta que, segundo elle affirmava, podia subir das notas mais soturnas de baixo profundo aos guinchos mais esfusiantes de tenor dramatico. Nem assim.

Andou na « disga », curtindo fomes tragicas até que, uma noite, ençôntrou a fortuna encarnada na pessôa de um poeta lyrico provinciano, que o convidou para uma ceia de iscas.

O brodio realisou-se em uma tasca da rua do Espirito Santo, onde havia uma mesa que era como o zodiaco litterario. O « Alazão » abancou, fartou-se de figado frito, « uma hypertrophia hepatica com batatas », encharcou-se de carrascão, contou o seu romance, chorou, etc. Acordou ás onze da manhan em uma cama estreita de hospedaria, ao lado de um homem nú e eriçado de pellos como uma gorilla. Sentou-se estremunhado, esfregou os olhos e pigarreou.

O outro, acordando, encarou-o estupefacto, cofiando a grenha encaracolada do peito bronzeo. Não se conheciam. Apresentaram-se. E foi assim que o Rocha fez amizade com o Neiva,

amizade firme, de pedra e cal, que lhe valeu, mais tarde, a nomeação de secretario.

Mas a nostalgia arrasava-o. Tinha crises de saudade, que o atiravam de borco nas mesas das confeitarias e de certas vendas, e, era visto, ás tantas, aos bordos pelas ruas adormecidas, resmungando, a arremessar punhadas de odio aos céus. Foi assim que o Neiva o encontrou uma noite.

— Que tens, Rocha ?

— Que hei de ter ? saudade. Saudade da neve, filho.

— Toma um sorvete.

— Qual sorvete ! O que me está fazendo falta é uma boa borrasca, como as de Janeiro, na Europa : neve nas ruas, o vento a esfrolar froços, o thermometro abaixo de zero, como eu, e um bom lume a arder no fogão. Pode-se lá viver a 36° á sombra, com o mesmo capote com que se atravessava o Neva em trenó ! ? Isto é um paiz horrendo ! Toda a minha indumentaria decente está inutilisada : pellica, gorros de astrakan, luvas forradas . . . Se eu arranjasse um emprêgo na fabrica de gêlo, ainda bem. Mas qual ! Hei de morrer assim.

E desabou sobre o hombro do amigo soluçando e suando a jorros, com um halito que tresandava á adega.

Ao certo ninguem sabia onde elle tinha o seu « sweet home » e a amante, a que constantemente se referia : uma inglesa de olhos claros, branca de neve e meiga como uma rôla, que tocava Mendelssohn em cithara e dormia núa, entre incensorios, sobre um leito raso, forrado de purpura, com uma estatueta de Éros entre os peitos a pino. O Neiva

affirmava que a inglesa era uma negra da Bahia chamada Carlota, que vendia cús-cús e bolos de tapioca na calçada do Carcelér.

Uma tarde, no *Castellões*, a proposito de Theophile Gautier e das suas extravagancias levantinas, alguém falou do Rocha, da vida que elle levava em Paris, dos seus amores, da sua intimidade com Mau-passant e Ceard, com os quaes andara em canoagem pelo Sena, e da inglesa que elle trouxera com o Éros e a cithara, quando um chronista, atirando longe a ponta do cigarro, affirmou peremptorio :

— Esse Rocha é uma besta carregada de pêtas.

Neiva pôz-se vivamente de pé, num impeto elastico, apoiou-se á mesa, inclinando o busto, de olhos afuziladamente fitos no que falara e ficou um momento a rugir, aperrando as mandibulas.

Todo o grupo transiu-se como rebanho que se acarra no campo ao flammejar da tormenta. Mas a physionomia do bohemio foi-se, aos poucos, abrindo e a palavra sahiu-lhe serena :

— És injusto, disse. E, carregando o sobr'olho, insistiu em voz soturna : Todos vocês são injustos. Sentou-se, sorveu um gole de Madeira, limpou os beiços e, cruzando a perna, affirmou : Vocês não conhecem o Rocha. Empinou-se sobreceño, brandinho o punho, e vociferou : O Rocha é uma mina de psychologia. Se aquella gente da « Revista Philosophica », com mestre Ribot á frente, se reunisse em sociedade anonyma, com capital solido, e tambem liquido ou, na fórma genuinamente portuguesa — seccos e molhados, e viesse explorar esse homem, garanto que levava d'aqui milhões de idéas geraes.

Mente, dizem vocês . . . Fez uma pausa impando

o ventre, e exclamou: E a Verdade existe? Que é ella? Platão não a definiu. Christo, interrogado sobre o assumpto, calou-se e, desde que o mundo cogita, os philosophos não têm feito mais do que encher volumes com palavras que passam, como a agua nos toneis sem fundo das danaides.

— Temos conferencia, annunciou um nanico picado de bexigas.

Neiva voltou-se de golpe e, mirando-o por sobre as lentes do « pince-nez », com o dedo apontado ao rosto do coteto, disse paulatinamente:

— Perdão, camarada, não me atalhe a palavra, que eu nunca interrompi o seu silencio. E proseguiu: Os gregos, sempre subtis, symbolisaram a Verdade na figura de uma mulher núa, sentada á borda de um poço, com um espelho na mão. Ahí têm vocês: poço, mulher e espelho — antro do echo, a volubilidade e o talisman do artificio. Tres coisas distinctas e uma só mentira... verdadeira. O Rocha imagina, quero dizer: é genio, dotado de potencia criadora.

O mundo physico não existe para elle, o seu mundo é Maya, a illusão, de onde sahiram as religiões, com os deuses, e esse rio lustral que chamamos Poesia.

Nós imaginamos por officio, somos mercenarios da Fantasia. Elle imagina como respira: para viver. É um producto dessa dynamica divina que deu á nossa Religião as Virtudes Theologaes: a Fé, a Esperança e a Caridade, que são as tres folhas do trevo da Illusão.

A Fé é uma virtude? não, é um movimento ascencional, um surto para a altura: é o côto da

aza do anjo que ficou nas espaldas do homem e que ainda bate em ansia de voltar ao céu. E onde estão as pennas d'essas azas truncadas ? na vida devota. Mentira.

A Esperança é um horizonte azul que esconde tempestades. É uma ilha no céu como a miragem. Mentira. A Caridade é uma defesa do egoismo. O homem livra-se da miseria com a esmola, como combate os terrores na treva fazendo luz. Tudo mentira.

A mentira estúa no cerebro do Rocha como o sangue lateja-lhe no coração. Nesse caso da amante, por exemplo. Elle diz que é uma inglesa, eu sei que é a Carlota. Isso que monta ? No fundo ha a mulher. A negra existe, a inglesa é um ente cerebrino. Mas como o Rocha só vive de sonhos não sente a realidade, como os morcegos não vêem o sol.

O nosso mundo é esta pocilga cheia de credores. O mundo do Rocha é todo espiritual. Nós andamos a tropeçar nos preconceitos de uma moral ridicula e tacanha, sempre embaraçados em leis e, se uma sombra nos chama para o seu aconchego não a podemos gosar, porque ha um artigo do codigo sobre a propriedade que no-la véda. Se uma flôr inclina-se do muro sobre a estrada não a podemos colher, porque pertence ao dono do muro. Se uma mulher nos sorri suspirando amor, havemos de deixar-lhe nas mãos febris a capa da covardia para que nos não desanque um cacete ou a Justiça não nos dê em cima com o peso de um processo escandaloso.

O Rocha, não ! O Rocha é senhor absoluto no seu mundo.

Acham os amigos probos, da Escola de Epami-

nondas, que o não devemos receber em nossa companhia porque mente. Que lhe atire a primeira pedra o mais veraz dos que aqui estão.

E desafiou a todos com um olhar fulmineo.

Em certos dias, quando o encontro, fico-me a ouvi-lo, enlevado, como deviam ficar os pastores arcádios quando viam sahir dos bosques ou descer do Ether um deus saudoso da terra e dos homens, principalmente das mulheres, que lhes falava do Olympo. O homem, se fosse livre, quero dizer: se vivesse dentro do seu destino, seria apenas instincto. E que somos nós? hypocrisia, desde o amor até a gravata. E assim como cortamos as unhas e os cabellos, o que não fazem os outros animaes, cerceamos os desejos, contemos os impulsos naturaes, isto é: mentimos á nossa genitura. Que me importa que a mulher venha para os meus braços pensando em outro? dê-me ella o seu beijo e ficarei contente.

Todo o cosmos é uma vasta patranha, um conto do vigario eterno: a côr do céu, a côr do mar, o paraíso, o inferno, as onze mil virgens, tudo mentira. A representação da Verdade seria perfeita se os gregos a fizessem surgir núa de todo, quero dizer: sem a roupagem da vida, que é a carne, com os seus enfeites: olhos, cabellos, labios, unhas, etc., mas simplesmente o esqueleto: a Morte. Essa, sim, meus amigos, essa é a Verdade, a unica, a inexoravel Verdade, sentada á beira de um pôço — o tumulo.

— Falaste como sempre: maravilhosamente, disse o chronista, mas eu continúo na minha, affirmando que o teu secretario não passa de um mentiroso reles e mordedor incorrigivel. É

um bufarinheiro, um « camelot » que anda a impingir bugigangas.

— E tu ? Que és tu ? chronista, almoceve de petas. Mentas no rodapé do jornal, como o Rocha á mesa das confeitarias. Tens nome e ordenado. E elle ? Todos vocês bradam contra a mentira e della vivem. A mentira é que enche de suggestões a Arte, como a resina do arómata impregna de olencia o fumo dos incensorios ; ella é que faz recender o nardo no Cantico ; ella é que nos dá em uma Venus de pedra a impressão voluptuosa da carne feminina. O homem só se iguala a Deus quando cria e cria quando imagina e Imaginação é a Mentira no altar.

Levantou-se á pressa, foi ao balcão, pediu um Madeira e, depois de virá-lo, despediu-se :

— Até logo ! E, da porta, voltando-se, disse esfregando os dedos em indicio de dinheiro : Vou á Verdade !

Offerecendo ao Rocha o trabalhoso cargo de secretario, vago com a morte do Lins, o lyrico syntomatico, disse-lhe o Neiva :

— O expediente é complicado e exige coragem para tratar com os credores, perfeito conhecimento dos homens e da situação de cada um, e tacto subtil para lidar com o coração feminino. Terás a teu cargo a secretaria, cuja séde será, durante o dia, a rua do Ouvidor e á noite o Largo do Rocio e immedições theatraes. Vamos agora ao capitulo : Deveres e obrigações.

Compete ao secretario :

1.º Levar a destino a correspondencia de valor,

trazendo a resposta intacta, com direito a 20 % sobre a importancia recebida ;

2.º Resolver as questões de gineceu, explicando ás taes senhoras as minhas difficuldades de momento e evitando scenas de ciume, faniquitos, quebras de leques e de relações, etc. ;

3.º Em dias de aperto levar o meu relógio ao prego ;

4.º Fazer pequenas reportagens de policia, acompanhar enterros, comparecer a missas de setimo dia, assignando, por mim, no livro de presença ;

5. Votar por mim nas eleições.

6.º Representar-me em saraus litterarios, leituras de peças e outras manifestações do genio indígena ;

7.º Auxiliar-me em raptos e outras aventuras de amor.

Agora os proventos :

1.º Terás almoço, jantar, ceia e bebidas á minha mesa, que será sempre a de algum amigo, ou admirador ;

2.º Poderás utilizar-te de toda a minha roupa branca, quero dizer : dos lenços, porque o resto não te vai no corpo, que excede da medida commum, o que é um erro de nascença.

3.º Ordenado não ha. Passarei algum, quando fôr possível, e poderás morder os meus amigos, que são pessoas de alta qualificação : politicos, gente da finança e do commercio, industriaes e funcionarios de categoria, clero e nobreza, etc.

O Rocha aceitou entrando logo em exercicio. Dias depois, em uma roda, o Neiva exclamava entusiasmado :

— É o proprio Hermes, com azas em todo o corpo : Vai do Castellões á rua da Alfandega emquanto bebo um grogue e, para resolver pendengas com o feminino, é um Salomão. Se Zeus o tivesse apanhado no Olympo muita calamidade teria sido evitada, a guerra de Troia por exemplo. Homem raro !

Mas o Rocha, cuja imaginação fecunda treinava-se em expedientes, tornou-se, em breve tempo, o terror da cidade. Não era um homem, era uma ratoeira. E que fertilidade de invenção, que habilitade na urdidura dos casos tristes com que sahia a commover corações : Era a mulher, a inglesa, que elle deixara em delirio declamando Shelley numa fogueira de 40° de febre, sem remedios, só com a cachorrinha a ganir pela casa em presagio de morte. Eram cautelas de penhores vencidos, joias de familia. Eram ameaças do senhorio por atraso nos alugueres ; eram soccorros á viuva de um bravo do Paraguay, que jazia num leito de dôres, cega e entrevada, com o filho na Correção, a filha numa rótula, a irman no Hospicio sacudindo, aos berros, espiritos obsidentes como se afugentasse enxames de maribondos. Abordava o conhecido cochichando-lhe a desgraça, seguia-o, entrava com elle no café, no alfaiate, no barbeiro, só o deixando depois de arrancar-lhe a nota, que liquidava em alcool no primeiro bar.

Muita gente deixou de passar na rua do Ouvidor, as confeitarias perderam freguezes, era uma debandada nos botequins quando elle surgia coçando a calúga, a suspirar lamentos.

O Neiva, dando pela deserção dos seus fornece-

dores, chamou o secretario á fala, reprehendendo-o severamente :

— Isto não pode continuar, seu Rocha. Que diabo ! Tu és o meu secretario e não o cobrador dos dizimos. Alastras como o fogo ou como as epidemias, açambarcando todas as bolsas. Não está direito, tem paciencia. Limitemos as zonas. Eu, como chefe, tomo a mim a rua do Ouvidor e dou-te o resto da cidade, com os suburbios de quebra, e ainda a tua patria, Nietheroy, se quizeres.

O Rocha pensou e, depois de longa cogitação, respondeu :

— Meu amigo, eu conheço os casos : Fóra da rua do Ouvidor não ha salvação. Dá-me, ao menos, o *Paschoal*, das cinco ás seis. É a hora da onça beber agua. Não peço mais.

Neiva accedeu generoso e, desde logo, a confeitaria celebre tornou-se famigeradamente temida como o antro da Esphyngé no caminho de Thebas.

Fez-se deserto no estabelecimento e o proprietario, alarmado, resolveu propor um *modus-vivendi* ao « Alazão », estabelecendo que, a 1.º de cada mez, ser-lhe-ia pontualmente paga uma mesada e, todas as noites, á hora de fechar-se a casa, elle receberia ao balcão uma duzia de empadas, uma lingua afiamburada, uma posta de peixe ou de rosbife, o que sobrasse, em summa, e ainda um chope duplo, sob a condição de não lhe pôr mais os pés na casa.

O Rocha aceitou e os freguezes regressaram á confeitaria.

Outras zonas soffreram com a funesta presença do « secretario » e, á noite, nos theatros, era um espavorido « Salve-se quem puder » quando elle appare-

cia lento, cabisbaixo, resmoneando como um trapista.

E foi esse vêzo, que fez do inoffensivo « Alazão » uma especie de monstro lendario, como a tarasca do Rhodano ou o Morhout da Irlanda.

O escriptorio do Neiva era a ultima mesa á esquerda, junto do lavabo, ao fundo da confeitaria *Castellões*. O bohemio considerava-se proprietario daquelle bem de raiz (porque o pé da mesa figurava um tronco) e, ao entrar de manhan, se a encontrava occupada por algum freguez adventicio (porque os assiduos respeitavam o direito costumeiro — jus consuetudinarius), estacava teso, firmado á bengala, de mandibulas aperradas, os olhos chispando ascuas e, esmoendo uma cólera céva, que lhe demudava as feições, crispando-lhe a face, mirava d'alto o usurpador. Subito, vibrando a bengala, rodava nos calcanhares, retirando-se encolhido, como animal acuado, e ia postar-se á porta, encostado a um dos alisares « contendo os figados » para não fazer um escandalo prejudicial á firma.

Certa vez surprehendido por Anselmo em taes

furores, agarrou-o por um braço e, de cabeça a finco, em attitudo de marrar, rugiu-lhe á face :

— Pensas, talvez, que estou aqui, como o corvo do poeta, á beira do rio humano, philosophando sobre a contigencia da vida ? Enganas-te ! Estou, mas é trincando, por hypothese, os bófes áquella besta anonyma que tomou de assalto a minha mesa. Espero que o discolo emborque a cachaga e saia, por ahi, aos bordos, até esbarrondar-se na primeira esquina. Lá está. Tresanda á provincia como um vestido amarello.

Tirou o chapéu com violencia e escarapellou-se frenetico.

— Isto é um paiz sem moral. O primeiro transeunte que passa á tua porta com as tripas em pancas, bate e, sem cerimonia, pede um pedaço de jornal e vai entrando. Chama-se a isto « a hospitalidade brasileira ». Falta de decóro, é que é. Isto é lá gente ! E é assim desde 1500, entende você ? desde 1500. Um povo que se deixa descobrir sem protesto não tem vergonha na cara. E que fizeram os taes guerreiros de Tupan quando Cabral pisou a terra de Vera Cruz ? bandearam-se com os soldados e ouviram missa de cocoras. Bolas !

Ás subitas o olhar, que chispava furia, aguçou-se em curiosidade verrumante. Travou do braço de Anselmo e, inclinando-se confidencialmente ao hombro, sussurrou-lhe maravilhado :

— Olha ali ! Quem é ? e acenou de queixo, indicando uma rapariga loura que se insinuava agil, colleando na multidão, como uma flôr que desce ao som das aguas volteando entre pedras. Conhecez ? Tem linha. Repara. E o andar é de parisiense.

E recitou com emphase :

Mimi Pinson est une blonde . . .

Vou-lhe nas aguas. Aparece á tarde.

E foi-se. Encalhou pouco adiante d'encontro á pança d'uma especie de Gargantua e, abrindo largamente os braços, exclamou :

— Bons olhos o vejam ! . . .

E assim, como se desfazem as espumas, resolviam-se as coleras do homem.

Todas as manhans, ás dez e meia, mais ou menos, elle entrava no *Castellões*, ainda estremunhado, com um maço de jornaes debaixo do braço e, enquanto um dos caixeiros, encarregado da « secretaria », dispunha na mesa o tinteiro, uma caixa de papel « *Diplômata* », outra de cartões de visita e um block commercial, elle tomava um Xerez ao balcão, em palestra com o gordo Carlos, socio gerente da casa, commentando escandalos da vespera : « Dias passados, fogueiras mortas . . . quem os recorda revolve cinzas. »

E, cabisbaixo, mazorro, dirigia-se para a mesa, o seu « mundus », pigarreando gosmas « porque tinha seculos de resacas, desde as das esbornias a caoĩ dos avoengos emplumados, até a da cervejada da vespera, com mulheres. »

Os caixeiros, que o estimavam, quando o viam inclinado sobre a papelada, forravam os pés de silencio. Elle começava pela leitura da correspondencia, separando as cartas pelos assumptos : as

de interesse pecuniario, á direita; as de amor, á esquerda, as « subsidiarias » debaixo do tinteiro. Se encontrava alguma anonyma, com injurias, esbravejava.

Uma vez, ferido fundo, saltou para o meio da sala com uma de taes torpezas.

— Que lama! Leiam esta miseria! e segurando o papel em dois dedos, com asco, mostrava-o. E ainda falam contra o analphabetismo. A ignorancia é honesta. Se o autor desta ignominia não houvesse frequentado escolas seria, com certeza, um pai de familia exemplar, eleitor e guarda nacional brioso. Aprendeu a ler e a garranchar, e aqui o temos do tocaia no anonymato, enlameando a honra alheia com as letras do alphabeto.

Rasgou raivosamente a carta e, chamando um dos caixeiros, entregou-lhe os pedaços, exigindo que os lançasse no « water-closet ». Isto é pús, estás ouvindo? pús de character. Cuidado!

Ensaboou as mãos e pediu outro Xerez para purificar a alma. Então, arregaçando as mangas do casaco, sentou-se á mesa e pôz-se a escrever.

A sua correspondencia era methodica.

Primeiro o expediente: cartas a banqueiros, a industriaes, a politicos influentes para o movimento da caixa; depois o erotikon, que era a correspondencia amorosa; bilhetes a medicos, recommendando enfermos pobres, na maioria crianças, ou a autoridades policiaes intercedendo por presos. Por fim, o trabalho honrado para o jornal da tarde.

Succedia, ás vezes, apparecerem importunos, cuja presenca o irritava até o desespero.

Em uma de taes scenas figurou um typo escani-

frado, de melenas romanticas, trajado de modo que parecia um vivo annuncio de tinturaria: borzequins amarellos, calças pretas esvahindo em matizes de ferrugem, collete côr de vinho e veston havana, muito rapado, com a gola enfarinhada a caspa.

Entrou desconfiado e, pisando surdo, aproximou-se da mesa, tímido, torcendo as mãos. Parando á distancia, pôz-se a olhar as prateleiras da casa, á espera de oportunidade para apresentar-se.

O Neiva, lobrigando-o d'esguelha, remexeu-se na cadeira, rugindo como um leão interrompido na céva. Subito, atirando a penna, aprumou a cabeça, mirando o typo atravez do « pince-nez » applicado como um « face à main ». E inquiriu hostil:

— Que ha ? e, antes de qualquer resposta, exclamou, arremessando o busto: Quer falar-me ? Não estou em casa. Audiencia publica só das quatro ás cinco. E, levantando-se indignado, pôz-se a andar como um felino em jaula: É demais ! E trabalhe-se ! Parando, então, encarado no intruso, irrompeu: Diga-me: o cavalheiro é capaz de barafustar por uma officina a dentro para atalhar o sapateiro que remonta um calçado, o carpinteiro que acepilha uma taboa ou o ferreiro que bate uma ferradura ? É capaz ? Duvido ! E por que ? porque qualquer de taes homens o poria pela portá fóra a pontapés. Entretanto planta-se aqui diante de mim, magnetizando-me estupidamente quando irradio genio e trato dos meus interesses. Por que ? porque imagina que sou o deus ex-machina da calaçaria. Está muito enganado ! Eu cávo ! Cávo com as garras de leão que Deus me deu. Sou funcionario publico, com séde na Ilha das Flores, e faço a reportagem politica

para dois jornaes. Trabalho como uma zebra! E você. Que é? de onde vem? que papel representa na Comedia Humana? É politico? litterato? apostolo? tem um partido? um livro? um dogma? Que diabo é?

O outro explicou humildemente:

« Que estava desempregado, curtindo fome, dormindo ao tempo, quasi descalço, com as roupas em frangalhos. »

Neiva examinou-o dos pés á cabeça e, com severidade:

— E por que não se suicida? Quem não tem energia é trambolho. Mate-se. Tem fome? E eu?!

— Ah! o senhor, suspirou o typo, sacudindo a cabeça melancolicamente. O senhor sabe lá o que é fome...

— Tem razão. Não sei. E é justamente por isso que me considéro o mais desgraçado dos animaes. Tenho uma dyspepsia que me arrasa. Sabe você quantos vernuths internacionaes já tomei hoje para abrir o appetite? Seis! Pois estou em estado de graça, apto para commungar: nem café ainda me entrou na bocca. E você queixa-se. Levante as mãos para o céu. Remexeu nos bolsos do collete e; tirando uns nickeis, deu-os ao homem. Tome lá. E suma-se. Vá a um frege e empanturre-se. Mas olhe — e agarrou-o por um braço: Nunca mais me interrompa em horas de trabalho, está ouvindo? Vá com Deus!

E tornou á mesa. Subito, levantando a cabeça perguntou:

— Ó Carlos! O Rocha ainda não appareceu?

— Ainda não.

— Miseravel ! Está cosendo a mona por ahi. Não ha remedio senão demitti-lo.

Retomou a penna e pôz-se a escrever, resmungando. Carlos interrompeu-o :

— Ó Neiva, que historia é essa de enterro com o Conde de Herzberg ?

O bohemio levantou vivamente a cabeça, enganchando o « pince-nez », e fitando o medio gerente, que lhe sorria do alto do pulpito de onde fiscalisava a casa, exclamou de rosto enrugado :

— Enterro ! Que enterro ? !

— Contaram-me, ha dias, que o Conde te fez presente de um enterro de primeira classe. Achei a coisa exquisita. É verdade ?

— Ah ! sim . . . É verdade. Mas . . . exquisita, por que ? Cada um dá o que tem. Tu não me dás, de vez em quando, uma ou duas doses de Madeira ou cognac ? O Conde, gerente da Empresa Funeraria, dá enterros. Tem dado alguns de festas. Já até deu um de dote a uma afillhada. Vive disso. É o « Urubú-rei », como sabes, papa carniça. Sustenta-se de cada-
veres, como eu. O diabo é que os meus cobram-me e os d'elle rendem-lhe.

— Mas como foi a historia ?

— Homem, se queres que te fale com franqueza, não sei bem como começou. Comprehendes . . . a coisa passou-se ahi por volta da hora de São Pedro — os gallos começavam a amiudar. A proposito não sei de que eu disse que me considerava o mais desgraçado dos homens, porque não tinha sequer onde cahir morto. O Conde já andava pelas alturas da sexta ou decima garrafa de champanhe, estava em crise de ternura, de charuto á boca e com uma

italiana escarranchada na perna. Ouvindo-me chamou-me e disse, engrolando a lingua saburrosa, que podia servir de taboleta á Torre de Babel :

« Que eu não me incommodasse, porque elle se responsabilisava por meu enterro e o mais. Que eu podia contar com os sete palmos de terra. » E, com um murro á mesa, affirmou « que os taes sete palmos estavam ali, de pedra e cal ». Tomei-lhe a palavra por thema de um discurso pathetico. Disse coisas tremendas e com tanta eloquencia que, quando dei por mim, no auge do enthusiasmo, estava em cima da mesa, entre copos e garrafas, lavado em lagrimas. Foi uma choradeira geral, regada a champagne. O Conde commoveu-se e, respondendo ao meu discurso, sempre de charuto á boca, comprometteu-se, sob palavra de honra, tomando a todos os presentes por testemunhas, a fazer-me funeraes pomposas : enterro de primeira classe com coche solemne, cavallos negros, de raça, manteados, cocheiro de tricorne, palafreiros, gatos pingados, um inferno ! e ainda o carneiro perpetuo, encomendação e missa de setimo dia, com orgão. Coisa ahi para uns dois ou tres contos, fóra gorgetas.

— Parabens ! felicitou o Carlos, já agora estás com os ossos garantidos.

— Qual nada ! Estou como dantes, ou em peiores condições.

— O que ! O Conde roeu-te a corda ?

— Não ! Não roeu corda alguma. É homem serio. Eu é que não nasci para proprietario, Carlos. Nem depois de morto. É sina. Que hei de fazer ?

Chamou o caixeiro, repetiu o vermuth e explicou :

— Comi e bebi tudo, até a ultima pá de cal, com o « Requiescat in pace » por cima. Sabes que o Conde enterra, á noite, com mulheres, tudo que faz, de dia, na Empreza Funeraria. Os cemiterios são os melhores freguezes do *Louvre*, do *Provençaux*, do *Coblentz*, da *Maison* e do *Daury*. É por isto que quanto mais gente morre mais se bebe nesta cidade. São os defuntos que marcham. Pois bem . . . eis o meu caso. O Conde não passa uma noite sem ceia e muafa. Eu tambem não deixo de comparecer ao bife nocturno com Spaten ou champanhe, conforme as posses. Encontramo-nos sempre, ahi por volta da madrugada e taes encontros foram a minha perdição. Uma noite a Oudin entendeu de fazer o « menu » da ceia e pediu um rôr do coisas complicadas : salada de lagosta, *foie gras*, caviar, ostras, com vinho do Rheno, fiambre, Perú, *omelette soufflée*, *bavaroise*, quasi todo o indice de Brillat-Savarin e champanhe á discrição. Eu, como sempre, a nenhum. O credito periclitante, a casa cheia e, tu comprehendes, figura triste diante da mulher amada é horrivel ! Vi o Conde a uma mesa e occorreu-me uma idéa macabra. Fui-me ao homem e propuz-lhe rebater, com desconto, o meu enterro de primeira classe, baixando-o á segunda. Elle aceitou o negocio, correu com os cobres, exigindo recibo. Foi o começo da decadencia. Outra noite, no Daury, reduzi a segunda classe á terceira, depois á quarta. Ha dias bebi o carneiro perpetuo com a Elvira e um senador e aqui onde me vês estou rebaixado á valla commum, que é o albergue nocturno da Eternidade.

— Falas serio, rapaz ?

— Se falo serio ? ! Seriissimo !

— E agora ?

— Agora será o que Deus quizer. E que importa ? Vivi sempre no tumulto e isso de morar só, num carneiro perpetuo . . . uhm ! Na valla terei compañeros e continuarei a ser na morte o que fui na vida : o homem das multidões. Aprunou-se e, fechando a carranca, indagou indignado : Mas quem te contou essa historia ?

— Ora . . . Quem ! Não se fala por ahi em outra coisa.

— Isto é uma aldeia reles ! esbravejou. Nem a morte aqui se respeita. Mas que diabo tem essa sucia com a minha vida, não me dirás ? Vendi o que era meu. Vendi os meus funeraes, o carneiro, as exequias como venderia casa e moveis, se os tivesse. Não é da conta de ninguem ! E quanto enterro arranje quanto passo a cobres, ali no duro ! E pipocou com a lingua no céu da boca. O carpinteiro da rua Sete não vendeu o proprio esqueleto á Escola de Medicina para casar a filha ? Pois então ? É assim.

— Mas em vez de vender podias ter empenhado, Neiva.

— Empenhar ! Pôr no prego o meu enterro . . . Isso nunca ! Eu, em negocios, vou logo ás do cabo. Vendi, acabou-se. Não penso mais nisso. Vou tratar de outra coisa. Que horas são ? Oh ! diabo . . . quasi onze ! Tenho hoje vapor do Norte. Já deve ter entrado e eu aqui a falar de pandegas. Porque a verdade é que isso foi uma pandega, que me rendeu uns quinhentos e tantos mil réis.

— Só ? !

— É verdade ! Franziu a cara em esgar de nojo :

Fui miseravelmente, covardemente roubado, não ha duvida. O « Urubú-rei », aproveitando-se dos meus apertos, comeu-me por uma perna. Peior que Shylock ! Já me lembrei de mover-lhe um processo por perdas e damnos . . . Mas Deus é grande !

Embrulhou a papelada, sobraçou os jornaes, tomou a bengala e despediu-se :

— Bem. Mandas alguma coisa ?

Deu uns passos ; voltando-se, porém, de repente, recommendou :

— Olha, não passes adiante essa historia. Com a morte não se brinca, meu amigo ; é a unica coisa séria da vida. E até logo. É verdade : Se o Rocha apparecer, dize-lhe que se considere demittido por abandono de emprego.

Á porta deu de rosto com um galalau, verdadeiro espantalho de horta. Esguío, mettido em roupas moxinifadas — fraque cinzento, collete ancho, todo em refegos, com botões dispaes, calças côr de castanha, caminhava ás largas pernadas, com arremessos de pescoço todo em perigalhos, como se engulhasse. Sardento, d'olhos miudos, comidos de sapi-ranga, cabeça achatada, afunilada no apice de um louro amanteigado, sorria exhibindo arnellas e cachiches barrados de lôdo. As unhas tinham terra para uma lavoura. Impondo a mão ossuda ao hombro do bohemio, olhou-o d'alto, perguntando :

— Tens muito que fazer ?

Neiva recuou espavorido :

— O que ! Leitura ? Ah ! não . . . Edita-te, meu velho. Edita-te. Ouvir-te . . . isso nunca ! Tem paciencia. Tornou para o fundo e, plantando-se diante do pulpito em que escrevia o Carlos, desabafou furi-

bundo: É isto! Anda esse mangrulho com uma versalhada reles para impingi-la, como esses typos que nos perseguem com os seus alcaides: — meias, lenços, capas e outras traparias de contrabando. Não pode um homem tomar em paz o seu apperitivo, porque no melhor da dose cahe-lhe em cima esse mascate lyrico com sonetos e madrigaes. Irra! Tu não deves permittir taes typos em tua casa. Espantam a freguezia.

E, resmungando, escafedeu-se desapparecendo na multidão.

VI

Deixando os Tenentes onde, com a furia energúmena de Tannhauser em Wartburgo, Anselmo se empenhara em renhida luta poetica exaltando, não uma Venus, mas quantas ali se achavam, mais numerosas do que as da mythologia ; confortando-se, em seguida, com a canja opipara dos Democraticos, partiu tímulo, enviezadamente para os Fenianos, a rematar a noitada pagan á luz duns olhos dengosos e pestanudos pelos quaes, então, se orientava. Eram duas horas da madrugada quando chegou á rua do Theatro, rompendo densas nuvens de poeira que os garys levantavam a vassouradas largas.

A projecção de um fóco reverberante, installado na sacada do Clube, rastreava a rua, lambia pallidamente os telhados circumvisinhos, enluarava os muros ou, vibrando no ar, a talhos, acutilava a treva a esmo.

Fogos de bengala, rebolcando fumarada de coivara, relumbravam em rubro e a frontaria do predio, profusamente illuminada, com as sacadas atupidas de gente, que se agitava aos pinchos, fulgurava como se o edificio ardesse e todo aquelle povareu, fugindo á catastrophe, ali se arrincoasse, espavorido. E com o scintillar dos cadilhos, das franjas e das lentejoulas nas côres variegadas das « fantasias » dir-se-ia que o fogo já se havia communicado ás pessoas, fagulhando, chammejando-lhes nas vestes.

A uma das janellas um grupo de pierrots brancos, como enfarinhados, zabumbava furiosamente o Zé Pereira, por entre clangores percucientes de clarins, apitos, tintinábulo de sinetas e ronqueiras em porta-vozes, enquanto um frade, com o capucho arriado á caluga, arremangando-se desabridamente, sermoneava, aos berros, para a multidão basbaque, que rinchavelhava apinhada na rua.

O vozeio da orgia resoava sem descontinuar e o estrupido incessante do tripudio atroava soturno como o rolar de caminhões em ponte.

Sentia-se, desde a entrada, o ar denso e morno tresandando lascivamente a suor e sandalo. O enorme salão, com as paredes empavesadas a escudos allusivos, regorgitava tumultuosamente de uma turba mirabolante na qual, em rodopio chromatico, cruzavam-se matizes faiscando brilhos.

Mascaras baralhavam-se em torvelins : chicards, alguns com lanternas ou cataventos á cabeça : princezes efeminados, de cabelleira branca, em bucces, gorro de pluma, manto de velludo, espadim, requestando tricanas repolhudas, de collo ancho, adereçado a contas e bimbalhos de arrecadas que

lhes chegavam aos hombros ; soldados bravateando heroismos, ar fanfarrão de mata-mouros, bigodeira revolta, em ancora, espadagões de rastos ; fadas de tunicas golpeadas ostentando pernaças gordas ; vegetes de cabeçorra enorme, nariz atomatado, bel-fas rúbidas, queixo arrebitado em ariete ; arlequins chocarreiros, piérrots melancolicos ; criações em fraldas gaitando em cornetins de lata, aos pinotes e upas em cavallos de pau ; labregos de jaqueta, largo chapéu braguez, agallegando a voz em fados e peraltices ; chulos de navalhões á cinta ; toureiros com a monha muita ennastrada ; zingaros bizarros ; doges de simarras, solemnes ; mollengos matutos de alpercatas e surrão ás costas, guaiando queixas contra a politica sertaneja ; chins de rabicho e cabaias chammarreadas ; rajás de turbantes encristados de garçotas ; dançarinas de saiotes de escumilha, afflantes e uma « morte » lugubre, de braço com um escanifrado Mephisto, badalando furiosamente uma campana de agouro. Clowns, de cara caleada, trambolhavam ás cabriolas ou gasnitavam desengonçando o cogóte aos arremessos de cabeça como em angustia de engasgue.

Fulcite petrina, imbricada de malhas, offuscava como um reflector ; saiotes franjados de ouro espadanavam flammejos. Um capacete grego com enorme cocar, que se dobrava em cauda, reluzia e, entre tão varia frandulagem, em contraste com as côres álacres, um par de dominós escuros, sorumbaticos, deambulava vagarosamente, de braço dado, retrahindo-se dos foliões. E na zanguizarra alegre, em fremito gazil, perennemente tilintavam guizos.

A banda dos marinheiros rebojava um maxixe languido. Um dos pares, mais influido, engalfinhado como em luta, arremettia d'arranque a guinadas e recuanços, abalroando-se ás umbigadas, desconjuntando-se desnalgadamente. Subito, a mulher alçou-se como em vôo, com o saio em alcachofra, agitando as pernas entre os folhos, sustida nos braços do homem, que a recebeu ao peito, cingindo-a pelos hombros a apertá-la rosto a rosto. Voltearam aos bambeios, empernados, reboando-se em requêbros obscenos, foram, porém, serenando, peneirando em extase, muito unidos, crescendo em pontas de pés, tremulos, d'olhos em alvo, remordendo os beiços. De repente, collando brutalmente as bocas, esmagaram-nas com frenesi em um beijo longo, gemendo surdamente de goso. Logo, porém, desprenderam-se respirando sofregos, deram-se as mãos com um sorriso fatigado e, subito, atracando-se de novo, partiram ás gingas, torcicollosamente, bambaleando ao ritmo da musica.

Um arlequim espernegava, trepado numa cadeira, de taco em punho, engrolando graçolas. Vozes grasinavam em falsete; explodiam cachinadas, esfusiavam guinchos e o Zé Pereira, cada vez mais estrondoso, estrupidava tonitruosamente aos rufos e ás zabumbadas.

Repentinamente a turba agitou-se em alvoroço, refluio com estardalhaço, atropellando-se. Era a farandula que irrompia em cadeia, colubreando meandrosa, cascavellando pandeiros, aos fanhidos de cornetins, aos estalidos de cri-cris, ao zaranzar de chocalhos, em grita bacchica, acepilhando o salão em passos de rastejo, revoluteando fantasma-

goricamente com rebrilhos de franjas, piscas de sequins, broslados e canutilhos, retraçada scintilantemente em bétas e sigmas num enredamento de côres vivas.

E a enorme bicha colleiava aos corcoveios, ora lenta, distendendo-se elastica, ora arremettendo aos empuxões, precipitando-se vertiginosamente, como se a dianteira se houvesse despenhado arrastando na quêda o corpo monstruoso. E o vozerio aturdia.

Anselmo encostou-se á balaustrada para deixar passar a corda estroina. Um homem gordo, de terno claro, papada em roscas sobre o collarinho, olhava com enternecimento a bambochata. O sangue reçumava-lhe nas bochechas balofas, que luziam envernizadas a suor ; a boca sensual abria-se-lhe humida, com a beiçola molle esbelfada em langor baboso ; o papo arfava-lhe como o do cameleão ao sol e, de instante a instante, inclinando-se para um dominó pequenino e rechonchudo, que lhe ficava á ilharga, roncava um segredo e, por traz da mascara de sêda, papeiava em resposta um chilreio, como de passaro. Esguio fradalhão parou diante do gordalhufo e, meneando com a cabeça, disse em tom brejeiro :

— No chôco, hein, marreco ? !

O dominó casquinou um risinho e o gordo replicou, como em arrote :

— Vai prégar a outra freguezia, sabes ?

O frade inclinou-se e, ameaçando-o com o cordão:

— A que freguezia queres tu que eu vá prégar, commendador Chorume ? á dos porcos, talvez, que te engorda com toucinho, não ?

Riu-lhe á cara e escafedeu-se abençoando, a gestos largos, a entralhada farandula.

Uma espanhola passou ás rabanadas, em esfusio de colera, raivando obscenidades. Seguia-a um magricella vestido de bahiana, com o collo ripado coberto de missangas, barangandans á cinta e argolas nos braços abaquetados. Os dois pararam pouco adiante, discutindo : ella, aggressiva, pimpona ; elle, humilhado, sussurrando timido, com ademanes acariantes em que as argolas chocalhavam.

— Commigo, não ! Commigo está enganado, berrou a espanhola traçando estabonadamente a mantilha. Parto-lhe a cara ! Não pense você que tenho medo de escandalo. Aconteça o que acontecer. Parto-lhe a cara ! Biraia ! Commigo . . . não vê ! Você me conhece. Não sou mulher de levar desaforo p'ra casa. Parto-lhe a cara !

— Mas ouve . . . implorou baixinho o enxovêdo.

— Ah ! quê . . . ! Mediu-o d'alto, com asco, arrebitando o beijo. Você não tem vergonha na cara. Uma suja ! Mulher de rotula, colchão de soldado ! Falava aos arrancos, esbaforida. Vai ! Vai com ella, porco !

Deu d'ancas e embarafustou na turba, com o magriço a segui-la sabujamente.

Sentindo-se agarrado Anselmo voltou-se rapido e deu de rosto com o Virgilio, que ria alvarmente, cambaleando, de olhos tórpidos, os cabellos empastados na testa.

— Ahn . . . ! vieste pelo cheiro.

Espalmou-lhe de chapa as mãos nos hombros e ficou oscillando molle, a rir, desdentado, falando frouxo, com gosma. Isto tem estado supimpa ! Tenho dado um sortão ! A Chiquinha . . . Sabes ? Ora . . . ! a Chiquinha Periquito, homem . . . foi ás

fuças da Margot, por causa do marchante, o Mendes. O Mendes caólho, homem. Tambem você . . . que diabo ! E, depois de cuspir, babando, explicou arregalando os olhos assonorentados : A Margot avançou de leque, mas a mulata, que é onça, esperou-a de geito, fez uma letra e eu só vi a francesa virar de catrambias, ganindo. E a Chiquinha ali no duro ! Foi um trabalho ! Bichinha boa ! Qual ! com o nosso pessoal é escusado.

Vacillou, faltaram-lhe as pernas, desabou sobre Anselmo lambusando-lhe o rosto com babugem alcoolica.

— Já viste o Castro ? Está enorme ! Anda com um dominó. Os manos dizem que é uma mulher casada, e chic !

Enfeixou os dedos e, revirando os olhos languidos, cuspiu um beijo. E foi-se, aos bordos, trocando as pernas.

Alguem disse :

— Vamos ter agua. O tempo está mudando.

Atravez da janella via-se, de instante a instante, a faixa da projecção, depois ficava o negrume que, ao rastilhar dos relampagos, descortinava o céu tumido de nuvens. Ventava. Os gallardetes trapejavam nos cordeis. Sentia-se o abafamento da tempestade imminente.

A banda atacou uma habanera, ao mesmo tempo, porém, estouros seguidos papoucaram no fundo do salão. Era o Neiva que bracejava, trefego, a marcar compasso estalando a lingua d'encontro ao céu da boca.

Curvou-se em attitude aggressiva, de hombros encolhidos e, relampagueando em volta olhares

afuzilados, rugia cavo. Subito, num corcoveio, plantou-se no centro do iriado circulo que, instantaneamente, se fizera para ouvi-lo, e, aos pinchos simiescos, de um a outro, caramunhando, bracejando aos arremessos, sustendo, ás vezes, o « pince-nez » que lhe escorregava do nariz suado, exclamou :

— É como lhes digo. Tomem nota ! Conheço a terra e a gente. Isto é o paiz do « Você me conhece ? » e do « Anda hoje ! » Carnaval e tavolagem. Os dois polos da vida nacional são o zabumba do Zé Pereira e a machina Fichet. Os parallelos, num hemispherio, são : tambores, pratos, chocalhos, guizos, cornetins, bisnagas, estalos e o copo . . . tudo que anda por aqui ; no outro : a roleta, o dado, o baralho e outras manigancias. No meio, como equador ardente, a Luxuria. Supprimam o Carnaval e o jogo, e este paiz irá á garra, desmantelado, como uma pipa a que retirem as aduellas.

Qual é o primeiro pregão que nos entra no quarto antes, ás vezes, de nascer o sol ? o do bilheteiro ambulante. « Anda hoje, tantos contos de réis ». Em que pensa a eidade na quarta-feira de Cinzas, ainda besuntada de pomadas e retinta de carmin e com os molambos da fantasia réles com que se recolheu da esbornia de terça-feira gorda ? Pensa no baile do sabbado de Alleluia e, ao acordar no domingo de Pasehoa, esbodegada e na resaca, trata immediatamente de verificar em que data cahirá o carnaval no anno seguinte. Paiz de bacchanal e de jogo ; de carraspanas e tribofes. E tudo aqui oscilla entre a mascara e a lista da loteria.

Estrondaram palmas e gargalhadas, e elle proseguiu, mais azoritado :

— As eleições, por exemplo. Querem vocês carnavalesco mais abandalhado do que esse do tal suffragio popular ? Os candidatos mascaram-se com circulares e sahem por ahi em badernas, attrahindo eleitores, ou, mais summariamente, desmancham differenças a páu, revólver, navalha e faca, quebrando urnas, falsificando actas, chamando almas do outro mundo ao voto e, assim, entram para a Camara. Ao tirarem a mascara é que o paiz vê a espiga que apañhou. É cada um ! . . . Eu que o diga ! Fez uma viravolta : O casamento ? . . . Vai um pobre diabo a um salão. Vê uma menina. É linda. Cheia de graça. Tira-a para uma valsa, férra o namoro, passando por cima dos solecismos e, ás duas por tres, pede-lhe a mão. Igreja, banquete, discursos epithalamicos, baile . . . No dia seguinte, em vez do anjo de candura, dá de rosto com um postiço, da cabeça aos pés, e sabidissimo ! O funcionalismo ? . . . O proprio imperador . . . e tufou as bochechas, atirando ao ar os braços arremangados. Vão vê-lo na abertura das Camaras, coberto de pennas de tucano e com as panturrilhas á mostra. É o carnaval da Constituição. A gente tem até vontade de cantar e, saracoteando em remelexos castanholados, trauteou :

Ó raio ! Ó sol !
 Suspende a lua.
 Bravos ao velho
 Qu'está na rua !

Riram-se esgargalhadamente. Anselmo rompeu o circulo dentro do qual cirandava o bohemio e chamou-o. Elle estacou de golpe, empinando-se, cabeça a prumo, relanceando o olhar agudo em volta

e, descobrindo o amigo, explodiu um « oh ! » de surpresa, arremettendo ao circulo, com uma « cigana » a reboque :

— De onde vens, homem ?

E como Anselmo reparasse na rapariga, que o encarava risonha, fez-lhe uma festinha no rosto, perguntando ao amigo :

— Conheces ?

— De vista.

Era uma morena baixinha, delgada, cabellos luzidios, olhos negros, enormes e ternos, com um signal na face em fórmula de pevide.

— É a buena-dicha. Lê o destino nas cartas e nas mãos. Tambem é a unica leitura que faz, graças á instrucção publica sertaneja. Chama-se Ophelia. Ophelia, hein ! Já é topete ! Eu, quando a acompanho, chrismo-me em Hamleto, para ficar de accordo com a tragedia. Bonitinha, não é ? Dezoito annos, bons dentes, analphabeta e com um marchante resignado. Eu, já sabes, tenho passe. Encho-lhe as noites, que o marchante deixa vasia, porque, homem casado e de bons costumes, só a frequenta em *matinéés*. Mas olha esta boca, repara — é um escritorio, ainda que sem syntaxe. A « cigana » sorriu desvanecida. E tu ? Vieste no rastro da Eugenia, aposto ? Foi-se, meu velho. É um caso perdido. Arranjou um fazendeiro, que a installou no *Louvre*, com *coupé* á porta e champanhe á vontade. Reza-lhe por alma, ou antes : pelo corpo. O que te convem é uma « ciganinha » como esta, e abraçou a morena, que se encolheu, dengosa. Isto sim ! Isto é que é nosso ! Tem sol no sangue e sabiás na voz. Não é, cabocla ? A « cigana » deu d'hombros, com indiffe-

rença. É isto que vês. Não se preoccupa com os pronomes e, com tres sujeitos, mantem, por economia, o verbo no singular. Os tres sujeitos somos: o marchante, um tenente de cavallaria e eu. O verbo é ella, verbo irregularissimo e de todas as conjugações.

A « cigana » baixou os olhos, murmurando em amúo :

— É . . . Fosse o senhor para mim o que eu sou para o senhor . . . O senhor fala de boca cheia. Tenente . . . e espocou um muchôcho.

Neiva desatou a rir :

— Assim, caboela.

Logo, porém, com um safanão ao collete, imperptigou-se, perguntando a Anselmo :

— Ficas ?

— Não.

— Então vamos. Isto começa a degenerar em choldra. Onde deixaste a capa, filhota ?

— Lá dentro, respondeu Ophelia.

— Vai buscá-la. Eu espero aqui. A « cigana » hesitou desconfiada. Ó filha . . . sou lá capaz de abandonar-te a esta hora ! ? Espero-te aqui, já disse. Fico conversando. Vai, anda.

E, vendo-a seguir, muito reboleira, mettendo-se por entre os pares, que se embalavam na languida habanera, exclamou enlevado :

— É adoravel ! Não imaginas o que ali ha de ternura. Tem uns quindins só della, certos arrulhos que me fazem pensar no *Cantico dos canticos*. A sunamita devia ser assim : simples e estonteante. Quando me pergunta, em resmungo, roçando-me a boca com os labios, de leve, em beijos pequeninos

e saltitantes « Você me gosta, nêgo ? » Não sei . . . ! Não tem grammatica, concórdo, é asneira crassa, mas concentra mais volupia do que todos os poemas eroticos da Grecia e de Roma. Eu só queria que um philologo, dos que por ahí andam a impingir regras sobre baboseiras syntaticas, a ouvisse em certos momentos sussurrar taes barbaridades. Ahn ! meu amigo . . . É de pôr um homem doido ! Deu uma volta, passando a mão pela frente. Mas não imaginas como é ingenua. Tenho, ás vezes, escrupulo de lhe tocar no corpo, como se fosse o de uma criança. A imagem do lirio no pantano, apesar de muito surrada, é a unica que define a alma impermeavel dessa criatura. E como me admira ! Tem fanatismo por mim. Quando falo — chega a ser ridiculo — fica em arroubo, sorrindo, com os olhos marejados d'agua.

Uma vez, no S. Pedro, em uma festa abolicionista, retirou-se, ás pressas, do camarote para não ter um ataque. Desde então, confessou-me, começou a sentir por mim uma coisa que não sabia explicar e, onde soubesse que eu falava, lá ia e, ouvindo-me, tinha sempre vontade de chorar.

— A Magdalena e Christo.

— Hein ? Sim . . . Magdalena e Christo. Salvo seja ! emendou promptamente, persignando-se. Uma noite, na *Maison Moderne*, achava-se ella a uma mesa, com um sujeito que conheço de vista : um gordo, vermelhaço, muito abrilhantado, que costuma apparecer nos theatros, sempre com mulheres (creio que é fazendeiro) quando entrei com o José.

Ao dar commigo a rapariga suspendeu o talher, cravou-me os olhos no rosto fitando-me com tal

insistencia que o homem percebeu e encarou-me. Sentamo-nos. Pois, não te conto nada . . . Foi um escandalo ! O diabinho sorria, falava, remexia-se na cadeira, sempre a olhar-me provocadoramente. Tu sabes, essas coisas acabam sempre mal e eu não sou homem para violencias. Já me dispunha a sair, por causa das dúvidas, quando ella se levantou e veio direita á nossa mesa. Falou ao José, que a conhecia, e, batendo-me com o leque no hombro, disse-me baixinho :

— Vá lá em casa. E, como eu lançasse um olhar reccioso ao gorducho, que devorava a omelette, ella disse, com um beicinho de desprezo : Ora ! Aquillo . . . ? Vá hoje, sim ? Eu espéro. Tenho uma coisa p'ra lhe dizer.

E estendeu-me a mão, que apertei com a força de uma promessa.

Tornando para a mesa sentou-se alegre, trincou umas uvas, sempre d'olhos em mim. De repente, levantou-se. Pela cara aparvalhada do homem comprehendí o que se passava. Elle teve um gesto resignado, estendeu-lhe a mão e ella sahio ligeira, piscando-me o olho risonho.

O homem pôz-se a tamborilar na mesa com os dedos grossos, scintillantes de aneis e, recostado á cadeira, passeava os olhos pela sala, como á procura de alguém. Por fim chamou o caixeiro, pagou, accendeu um charuto e, espichando mollemente as pernas, deixou-se ficar fumando, em grande pachorra. Ás vezes olhava-me, mas sem rancor, antes com sympathia, bonanchão. Tive remorso, palavra !

Levantei-me e, queres que te diga ? muito disposto a pregar uma peça á typa. Mas o Peixoto

estava á porta e, ao vêr-me, offereceu-me o tilbury. Entrei e lá fui para o Cattete.

Ella esperava-me á janella. Ah ! meu amigo . . . Sacudiu a mão diante dos olhos. Mas o melhor da aventura vais tu ouvir. Eram cinco da manhan e eu já não podia commigo quando a mulherzinha, sentando-se na cama, agarrou-me a cabeça a mãos ambas e, beijando-me allucinadamente, pediu-me, em voz em que havia tremuras de choro. Recuou e, com o indicador a fito, intimou : Dou-te um dôce se advinhares !

Anselmo encarou-o. O Neiva, porém, comprehendendo-lhe o pensamento malicioso, protestou severo :

— Não ! Estás enganado. E explodiu, atirando os braços : Um discurso, homem ! Pediu-me um discurso, como o do theatro.

— O que ! E tu ?

— Ora ! A palavra é a minha moeda sonante. Ella atravessou-se na cama, com os cabellos soltos, o collo nú, os cotovellos fincados nas almofadas, o rosto nas mãos, immovel, attenta, d'olhos muito abertos, como uma onça contemplando a lua.

— E falaste ?

— Se falei ? ! Ora essa ! Falei da humanidade, de Aspasia, de Cesar, de Napoleão, de Guttenberg, das onze mil virgens, da cachoeira de Paulo Affonso, o diabo ! E ella ouvia-me fascinada, quieta como a serpente diante do psylo.

— Curioso . . . !

— Curioso e grande ! Só então comprehendí certos passos da historia : a influencia de Orpheu, de Buddha, de Moysés, de Pedro o eremita, do nosso

José, de todos os iniciados e conductores de homens e expliquei a origem dos cultos pelo fanatismo esthetico. As religiões nasceram assim, meu velho : da admiração dos simples e da paixão mystica das mulheres. Olha, ahí vem ella.

Lésta, enrolada em uma capa côr de morango, a morena insinuava-se por entre os pares que dançavam e, plantando-se diante dos dois, desculpou-se :

— Demorei muito, não ? Foi uma campanha para achar a capa naquella montoeira de coisas. Vamos ?

O Neiva abrochou-lhe a gola carinhosamente e offereceu-lhe o braço.

O baile esmorecia como fogueira que se extingue. Derreados pelas cadeiras, de pernas abertas, a cabeça tombada, os braços descahidos, foliões dormiam ; outros bocejavam perlongando o salão com ar de enfado. A um canto, encolhido em trouxa, jazia um dominó azul. A tempos, num e noutro ponto, ainda vibravam gritos bacchicos, como crepitações de derradeiras brasas. O salão parecia maior, as luzes amarelleciam como flores fanadas e a banda, estafada, amolentava-se indolente, arrastando sons sobre os quaes lerdos pares volteavam esmorecidamente, arriando, um a um, de braços em cruz, no respaldo das cadeiras, pernas estiradas em abandono, bufando, bocejando de calor e fadiga. A escada, atupida de gente, rangia, estalejava com o escoamento tumultuario.

— Vamos ! commandou Neiva com decisão, e entraram na turba.

Em baixo, no saguão, despediram-se. Ophelia offereceu a casa a Anselmo, e Neiva, inclinan-

do-se ao hombro do amigo, segredou com malícia :

— Se queres, cedo-te a palavra. A tribuna não é de todo má, ao menos para um discurso.

— Não, meu velho. Obrigado. Estou sem inspiração e . . . sem voz.

— Tambem eu, mas por honra da firma faço das tripas coração.

E, a falar, martellava a leves pontapés um dos alisares da porta. Intrigado, Anselmo perguntou :

— Que é isso ?

— Que ha de ser . . . caramunhou o bohemio, calos. E nos dois pés. Imagina uma calamidade destas no Sallustio, que tem quatro. Bom. Até amanha. Corrigiu-se de prompto. Até amanha, não. Até hoje ! Olhou d'alto, com um aceno largo, mostrando os grupos que se dispersavam em chalrada e cantaróla, uns a carro aberto, outros a pé, saracoteando, e commentou com lastima. Perdularios de vidas ! E dizer que tudo isso vai lançar seres por agua abaixo, como os chins rejeitam os filhos no Rio Amarello. Emfim . . . É do mundo. Malthus tem razão. Bom. Até logo, por ahi, onde Deus quizer.

Anselmo deixou-se estar á porta, olhando distrahidamente o céu que se abria nos primeiros albores da madrugada. Accendia um cigarro quando um *pierrot* se lhe plantou á frente, bambaleando, ás ginguas, e, em falsete brejeiro, perguntou :

— Sósinho ? Tomando fresco ? Se está esperando alguem perde o seu tempo. Não ha viv'alma lá em cima.

Encararam-se : Anselmo intrigado, o *pierrot* sorrindo :

— Sim, esperava-te, a ti.

— A mim?! Curvou-se em mesura comica: Gracias! E logo: Se o senhor não me conhece... E pondo-se em pontas de pés, rosto a rosto, dengosa: Quem sou eu? Diga, se é capaz. Diga!

— És o amor.

— Ah! o senhor fala assim porque a francesa está longe. Impôz-lhe as mãos aos hombros e, toda meiguice. Gosta muito d'ella? Gosta? Diga.

Anselmo tomou-lhe o braço sem responder. Era rechonchuda, pés pequenos, mãos delicadas; aavez da mascara, viam-se-lhe os olhos negros, humidos e luminosos.

— Móra longe?

— Não, pertinho: na rua do Lavradio.

— Então, podemos ir a pé.

— Pois de certo. E a manhan está tão bonita. E ameaçou tanta chuva, não é verdade?

Elle sentia-lhe a pressão do braço e um aroma suave de violeta. A voz era languida, cantante. Quem seria? Fosse lá quem fosse... era uma mulher.

VII

O « Hotel Ravot », immenso caravansará, em sobrado, tomava quasi a metade do ultimo quarteirão da rua do Ouvidor, á direita de quem entrava pelo Largo de São Francisco, com o seu telhado sujo, limoso, de beiral em pála, fazendo sombra a um renque de janellas de sacada, em cuja padieira trapejavam, em falripas, frangalhos de sanefas e onde, desde cedo, debruçava-se ás escancaras um meretricio avelhantado e lasso.

Por entre as fasquias das venezianas descidas, em adufas, sobre o peitoril dos balcões, partiam cicios. Eram appellos aos transeuntes e se algum, mais frascario, levantava os olhos ao chamariz, via enxundiosos bustos de megeras, muito esbagaxados, com os peitos bojando despejadamente ; caras esborcinadas, franzidas em sorrisos molles, requebrando olhares relamborios, a remordiscarem os beiços com esgares espasmodicos.

Mãos acenavam soffregas, indieavam a porta estreita do hotel e na ansia cúpida de conquista as zabanciras atreviam-se ás mais cynicas impudencias, valendo-se de ademanes e tregeitos para attrahir a presa. Chamavam-na por diminutivos mellifluos, chuchurreando beijos, apalpando comprimidamente a polpa dos braços como para lhes fazerem sentir a rijeza e a fartura carnosa em excitações aphrodisiacas.

De longe aquillo attrahia como florída e accetosa Cythera, mas quem entrava logo se sentia affrontado no esguio corredor em tunnel, abrindo-se em luz ao fundo, sobre um pateo de ladrilho vermelho, atravancado pelo chalet dos banhos, especie de pombal, cercado de tinas e latas de kerozene onde mirravam crotons e palmeirinhas tolhiças, cinzadas de poeira, feneciam tristemente, nostalgicas do sol.

Subindo a escada lobrega, que ringia, a desillusão era completa. O lugubre prostibulo, ferrenho como presidio, tresandava a bolor e ranço. Era tanta a espurcicia no soalho que, ás vezes, a um raspão dos sapatos, descollavam-se das taboas crostas de lôdo, duras como solas.

Os corredores pareciam galerias subterraneas. Não havia ar e, em certos pontos, tão densa era a caligem que, volta e meia, uma chamma explodia : era algum hospede que accendia o bico de gaz fronteiro á escada que levava a certo desvão de urgencia.

No salão de jantar, amplo, mas sempre em penumbra de inverno, do soalho escuro ao tecto escalavrado, tudo era desmazelo e desordem. As mesas,

de pinho, como nas tascas, oscillavam nos pés desconjuntados, cobertas de toalhas curtas, sarapintadas de nodoas, com guardanapos em cartucho nos copos ou em rolo, esfiapados em franjas, mettidos em argolas de madeira; um galheteiro, uma moringa bojuda, palitos em calices. Em algumas, via-se uma garrafa de vinho com um cartão na rolha, ou vidro de remedio.

Ao centro do salão a mesa commum, beirada de pratos amarellados de tisne e grossos copos de vidro em gommos, cercada de cadeiras bambas, espipadas, com um vaso ao meio em fórmula de talha, tufado de folhagens, ostentava opulencia.

Um armario, adossado á parede, expunha amstras da adéga e da despensa em garrafas lacradas, latas e potes de conservas.

No baleão, mais gorduroso que um cêpo de açougue, ao lado da frasqueira de nickel com a bateria dos appetitivos, exhibiam-se os « frios » em longas travessas de pó de pedra: salada de batatas com ovo migado, lascas de salame e fiambre, uma mayonnaise dourada empelotada de azeitonas; queijos, compoteiras de doces, corbelhas de louça acoguladas de laranjas, bananas, tudo sob enxames zoantes de moscas.

No labyrintho dos corredores succediam-se os aposentos numerados: uns, pobres, ascéticos, verdadeiros cubiculos penitenciaes, exhalando bafios de mansarda: outros, espaçosos, com o tecto de estuque apainelado, muito alfaiados de cretones ramalhudos e de reps poidos, com o chão forrado de cordoalha que, em tempo, fôra tapete.

O mobiliario era de belchior, tendo, desde a

sumptuosa poltrona Luiz XV, tremós com espelhos embaçados, de moldura de ouro, floreada, até o réles « mancebo » de vinhatico, com os galhos desconjuntados, escorrendo anagoas encardidas.

Nas paredes suggestivos quadros em que figuravam esgargalados bustos de mulheres, odaliscas muito engranzadas em collares, com os braços enroscados em armillas, inclinadas, com indolencia vulgivaga, entre fofos coxins de côres álaeres.

Tal pocilga, que fôra o lupanar maximo da cidade, começava a decahir em bordél de refugo. Ainda assim, pela tradição que a prestigiava, era a hospedaria preferida dos que vinham do interior com a bolsa atochada e saldo nos commissarios, dispostos a refocilar em regalado regabofe durante uma quinzena.

O hotel era commodo porque, além de achar-se no coração da cidade, tinha tudo de muros a dentro, desde o banho até a mesa, desde o callista até a michela, e a rua do Ouvidor á porta. A sua fama, porém, degenerava em descredito com o que se dizia da immundicia da cozinha e da copa, da madraçaria sórna e surripiadora dos criados, das sevandijas que esfervilhavam nos leitos e sob o papel das paredes e ainda dos escandalos com que, ás vezes, noite alta, o casarão alvoroçava-se atroando gritos, estrepito de correrias, babareu de disputas, com gente em menores trambolhando aos murros pelos corredores. Durante o dia o hotel, amorriñado e languido, repousava da devassidão nocturna. As mulheres appareciam para as refeições de « peignoir » e sandalias, muito graves. Affectavam á mesa attitudes sérias, de muita compostura,

falando baixinho aos criados, relanceando aos comensaes olhares modestos, mordicando côdeas, sorrindo disfarçadamente.

Á noite o antro desmascarava-se em saturnal. Eram espôcos de champanhe, falario, cachinadas estridentes, palavrões tabernarios e os quartos, entreabertos, deixavam vêr scenas bordelengas nas quaes figuravam velhotes delambidos aminando mulheres que lhes cavalgavam as pernas, muito cynicas, com charutos empinados nos beiços.

A subitas abria-se uma porta e um casal: o homem, de camisa de meia e ceroulas, a mulher em fraldas — passava de um para outro quarto, a rir rinchavelhadamente. Ou era uma que não fizera para a diaria, que passeiava, á cantarola, pelo corredor ou em aposento escancarado, descompostamente estirada em uma ottomana bem á mostra, á luz, fumando de cabeça para traz, ainda á espera de retardatarios.

Era nesse esterquilinio, nessa estalagem de vicios que o Neiva, porque tinha credito, costumava pernoitar quando os afazeres o prendiam á cidade ou uma taça a mais o desnorteava. Foi ahi que elle e Anselmo recolheram-se ás seis da manhan de 14 de Maio, estrompados e roucos, de volta da Praia do Peixe, onde se haviam empanturrado de ostras e vinho branco.

Haviam vivido gloriosamente o grande dia! Desde que se votara o projecto no Senado até a hora da assignatura do decreto, nesse domingo fulgurante do descaço de uma raça, não tiveram um instante de repouso, comendo ás pressas, de pé, ao balcão das confeitarias, como os israelitas comiam

o anho da Paschoa, nos tabernaculos ; bebendo sem dobrar os joelhos, como os homens fortes de Gedeão e jorrando eloquencia em todas as esquinas, de todas as janellas, do alto dos monumentos, a todas as mesas de botequins, das plataformas dos bondes, até de dentro de um tilbury, como fizera Moraes no Largo da Carioca.

No *Ravot*, depois de um banho reparador, Anselmo espichou-se na cama. Neiva despiu-se, atirando a roupa sobre o sofá, e nú, coçando-se com frenesi e refranzindo a cara, fariscava aos fungos :

— Sempre este cheiro de essencia de humanidade ! Não sentes ? Este curral está impregnado de germens como uma anthéra monstro. Tresanda á vida que enjôa. Com o que aqui ha reduzido á poeira povoava-se todo o Brasil. Até parece uma roda de enfeitados, mal comparando.

Anselmo encolheu-se somnolento. Reboava-lhe na cabeça um resôo de acusma, como o echo atroante d'esse dia immenso, o maior da nossa historia, por haver sido o primeiro em que se sentira vibrar a alma indolente da Patria.

Apezar da hora matutina a rua do Ouvidor estuava tumultuosa, com vozeio contínuo.

— Bem, meu caro, durmamos, disse o Neiva, mergulhando sob os lençóes. Preciso, pelo menos, de 72 horas de somno para refazer-me. Ando no turbilhão desde quinta-feira. Até depois d'amanhan!

E virou de borceo, cobrindo a cabeça. Anselmo sentia-se como embalado ; os olhoas ardiam-lhe ; sensação languida de esvaecimento percorria-lhe o corpo, como se elle se fosse fundindo docemente em volupia:

Quanto tempo dormiu ? Despertou com um berro. Sentou-se na cama atarantado, com o coração aos baques e viu o Neiva, de pé na marquezia em que se deitara, agitando-se dentro do cortinado como mariposa em alparluz, nú, escarapellado e rugindo.

— Que tens, homem ?

— Que tenho . . . ! ? Não posso dormir. Estou como uma pilha. Preciso expandir, se não rebento.

Abriu o cortinado, saltou no tapete e, plantando-se no meio da sala, hirto, com os punhos fechados, exclamou :

— Grande negro ! Vale a raça ! Irra ! Pôz-se a andar, agitado. Quantos discursos terá elle feito hontem, hein ? e todos admiraveis ! E que imagens ! Que imagens ! Nem a Candelaria . . . !

Percorreu a sala a passos miudos, de cabeça baixa, murmurando. De repente, envolvendo-se no cobertor, como em clamyde, affirmou com orgulho :

— É isto ! Nós não somos um povo como os outros que marcham a pequenas jornadas, conquistando o progresso palmo a palmo ; nós investimos a impetos, com as trombetas de Jericó soando á nossa frente. Deu uma volta e commentou : Quem diria que isto se havia de resolver assim . . . ! Falava-se em revolução, em sangue e as ruas ahi estão cobertas de rosas. Foi a uma das janellas e, mettendo a cabeça entre os reposteiros, arrepanhados ao busto, esteve a olhar a rua. Parece incrível !

Tornou, preocupado e, estacando diante da cama de Anselmo, encarou-o com uma interrogação nos olhos afuzilados :

— Hein ? Quem sabe se não sonhamos ? Ainda

hontem, a esta hora, todo o paiz era uma vasta senzala e hoje . . . ! ? Deixa lá, meu velho . . . não ha como o talento ! Arregalou os olhos e, curvado, com o rosto encrespado em rugas, rugiu : E esse negro . . . hein ? Esse negro ! . . .

Fechou os punhos, sacudiu-os nervosamente, e pôz-se a caminhar pensativo, com o cobertor de rastos, rosnando. Sentou-se no sofá, cabisbaixo, com as mãos enclavinadas entre os joelhos. De repente murmurou em soliloquio soturno :

— Devia morrer . . . Oh ! sim . . . devia morrer e seria uma apothecose.

Pôz-se de pé, de salto, o olhar fúlguro, o braço erguido em attitude hirta de estatua e declamou cavernosamente :

— A Noite, mãe da Luz, morre esvahida na aurora. Adiantou um passo affirmando : O negro devia morrer hoje e toda a Humanidade acompanharia, em espirito, o seu transito glorioso. Devia morrer ! Está com o destino encerrado, fechou o circulo de ouro do seu tempo. Saia !

E fincou o braço em gesto energico de repulsa, mantendo-se algum tempo immovel, como estatelado.

Aprumando a cabeça e fitando no companheiro o olhar leonino, que faiscava nas lentes do « pincez », indagou :

— Não achas ? Devia morrer, elle e nós, que somos as suas constellações. É manhan nova, outro dia ahi vem. Já se respira ar livre. Nós passamos, somos como a poeira que se levantou e cahiu. Que luza o sol novo e a Noite que se recolha com os seus astros.

Inflamou-se, a imaginação ardia-lhe nos olhos muito abertos, chispando como o sol em vidraças e parecia cercado de luz. Era a transfiguração. E falou inspirado.

— A Noite persiste durante o dia, mas em farrapos de sombras que rastejam na claridade, encolhendo-se junto das arvores, á beira dos edificios, como os mendigos, e acompanham a gente com a humildade dos cães. São destroços como as gotas das chuvas que ficam nas corollas, que lentejam dos ramos e do beiral dos telhados espapando-se em lama.

E concluiu com entono :

— Não ! Devia morrer ! A Noite é grande, olympica, veneravel, augusta ! É a mãe do amor, a abençoadora das sementes, a hora da inspiração, que é a genese de tudo. O negro é como a Noite : uma escuridão heroica, recamada de astros — o arcano, entendes ? o grande arcano ! E que vai elle fazer agora ? o mesmo que faz a sombra ao sol : ser trapo de uma grandeza. Achas que, depois do Thabor, ficava bem ao Christo reaparecer nas ruas de Jerusalém, subir á Bethania, onde as mulheres, metter-se na barca de Pedro, partir o pão com os discipulos ? Não ! depois do Thabor, o céu, só o céu ! E elle ? vai regressar á imprensa, fazer do jornal, que foi o seu glorioso pendão na campanha santa, um estropalho para limpar os vicios sociaes. Que dirias tu se visses Achilles romper por entre os troyanos vencidos fardado de coronel da Guarda Nacional ?

— Que idéa !

— Ris ? Não rias. Falo serio. Com o José vai ser assim. O povo é ingrato. Ainda has de vêr o

José mordendo em cinco a commendadores enriquecidos na carne secca. Isto é um paiz de fogo de artificio, o imperio das girandolas e dos balões : muita bomba, muita faisca, pyrotechnia, meu amigo, que se resolve em fumo. Não ! insistiu com vehemencia : Devia morrer ! E nós tambem. Iriamos todos para o Pantheon . . . e seria grande ! Olha, eu te digo : sinto que não tenho forças para mais nada, nem para um brinde á sobremesa. Dei tudo !

— Pois eu não.

— Como não ? Tu ? ! E tens coragem de viver depois desta victoria ? Para que ?

— Sei lá ! Para viver . . . A vida é boa.

— Sim, com um ideal por norte, saúde, muito dinheiro e mulheres. Sem isso não vale a pena. É besta. Caramunhou passando a mão espalmada pelo peito. Isto cá por dentro não anda bem e o dia de hontem escangalhou-me. Preciso de um mez de estaleiro com muita digitalis, mercurio, dieta de cama e mesa.

Sentou-se raspando a unhas a canella magra. Subito, levantando a cabeça, encarou o amigo um momento, carrancudo, dizendo, por fim, com firmeza augural :

— Seu Anselmo . . . isto não fica assim, não póde ficar. Os fazendeiros não engolem essa bucha a secco. Has de vêr. E, deixem lá ! têm razão. É uma espiga dos diabos !

Levantou-se de golpe em attitude hostile :

— Só um louco retira os trastes de uma casa sem ter outra para installar-se. Ninguem vive ao tempo e isso — aqui entre nós — não foi mudança, foi despejo. O gesto é bello, não ha duvida, mas

esperemos pela volta. A terra ali fica abandonada a toda essa aristocracia do eito, esse farrancho de fazendeiros, de senhores moços, de sinhás mimosas, de nãnhans madraças que se criaram em molleza, com direito de vida e de morte sobre o negro ; gente lerda, sem iniciativa, ignorante e lassa, incapaz de mover uma palha, habituada a gastar á tripa forra, que vai ser della sem o pagem e sem a mucama ? Ah ! meu amigo, agora é que vamos conhecer a fauna do tremedal porque, com o deseccamento, toda a sevan-dijada, que vivia no lameiro das senzalas, chuchando o sangue negro, vai papejar ao sol, deslumbrada e tonta. Havemos de vêr muita coisa : horrendas tragedias, dramas sinistros, comedias e farças : a penuria dos negligentes, a agonia dos incapazes e os crimes dos que se afizeram á libidinagem, ás crueldades impunes, ao dinheiro facil, a todos os desmandos de uma era obscura de irresponsabilidade. E os proprios negros, que pensas ? O Mar Vermelho abriu-lhes passagem, mas que avistam elles além ? o deserto árido, sem agua, sem manná, sem codornizes e os preconceitos perseguindo-os como as hordas kenanitas perseguiram os hebreus. E muitos delles hão de murmurar com saudade das cebolas do Egypto. E onde o Moysés que os guie ? O Zé ? Pois sim ! O Zé ficará no monte alongando o olhar no além, e nós com elle. Escreve o que te estou dizendo. Eu, felizmente, tenho a minha Repartição, a minha ilha : sou funcionario publico, amanuense honrado. Tenho o pão garantido. É isto !

Foi, de novo, á sacada enrolando-se nos repositores e, olhando em frente as janellas fechadas de *Notre-Dame*, lamentou :

— Fazem-me falta as costureiras. Estou tão habituado a vê-las de manhan. Tenho uma de olho : pequenitota, loura como um canario. Já pensei em raptá-la. O diabo é o codigo. Vendo-as, ouvindo-as d'aqui imagino-me em Paris. Ah ! Anselmo, Paris ...! Exaltou-se : Paris, hein ? ! Um dia como o de hontem em Paris !

Cortou o enlevo com uma exclamação de revolta.

— Que é ?

— Que ha de ser ? os coretos, as bambinellas, as bandeirolas, os escudos de papelão. Já ahi vão os sarrafos e ós pannos sarapintados. O eterno carnaval. É uma vergonha ! Esta cidade, em dias de festa, lembra-me a casa do Vieira em noites de vispora, com a lampada belga, a caixa de musica e aquelles infamerrimos biscoitos de padaria que tresandam á barata. A Municipalidade não devia consentir em taes ultrajes á nossa civilisação.

Uma badalada lenta e cheia resoou longamente. Neiva pasmou boquiaberto :

— Hein ! Meio dia ! Levanta-te, homem ! Devem andar á nossa procura lá fóra.

Accendeu, ás pressas, um cigarro, mirou-se rapidamente ao espelho, e, deixando escorrer o cobertor, núcego, foi ao sofá, pôz-se a rebuscar nos bolsos das roupas que ali deixara, tirando papeis amarfanhados, cigarros, cartas e tornou lesto, sacolejando nickeis na palma da mão.

— Tens dinheiro ?

— Eu ? Nem vintem.

— Pois, meu amigo, o que ha é isto : novecentos réis. Como ha de ser para almoçarmos ?

— Durmamos até a hora do jantar.

— Ah ! espera . . . Tenho cem mil réis prométidos para as tres horas.

Franziu a fronte, inclinou a cabeça, á escuta.

— Que é ?

— O hymno ! murmurou em tom solemne, de olhos arregalados. Não ouves ?

— Sim, estou ouvindo, em realejo.

Elle voltou-se rapido e, encarando o amigo como affrontado, exclamou :

— Que importa ! É o hymno ! A missa, com o Evangelho num socalco de rocha, não vale menos do que a das onze, com orgão, na cathedral. Mas deixa lá ! É bello o nosso hymno, hein ? É o primeiro do mundo, depois da Marselheza, que é o hymno da Humanidade, e rouquejou rascante :

Allons enfants de la Patrie
Le jour de gloire est arrivé . . .

O nosso tem mais impeto, um quê de barbaro :
Ta ra chim . . . Ta ra chim . . . ta ra chim, bum !
Mas levanta-te, homem.

Olhou em volta, como á procura de alguma coisa e, cruzando os braços, exclamou surpreso :

— E eu que ainda não li os jornaes !

VIII

Neiva, que redigia a sua reportagem, abancado a uma das mesas da salinha do café, apunhalando nervosamente o bloco de papel com o lapis e arrebellando-se, bufou aturdido e irritado com a estri-dencia das campainhas, que retiniam desabrida-mente em todos os angulos da Camara.

O soido alarmante rastilhava pelas paredes su-jas e escalavradas da Cadeia Velha crebro, estrepit-oso, frenetico, communicando-se contagiosamente a todo o edificio, desde a bibliotheca, na mansarda, até o archivo, nas profundezas do rés-do-chão, ver-dadeira catacumba de bacamartes e cartapacios legislativos, mofando na mesma jazida em que o Tiradentes velara a sua ultima noite de oratorio, entre o choro humilde de um companheiro pusil-lanime e as chocarrices avinhadas da soldadesca.

O estridulo continuava em grillada enfesante e era um alvoroço, um atropello açodado nos corre-

dores ; e os que barafustavam gesticulando, vozeirando pareciam mordidos da tarantula.

A algazarra azoïnava ; acceleravam-se os movimentos como em contradança hysterica. Cahiam cadeiras, batiam portas, tiniam louças, resoavam estrillos telephonicos ; papeis esvoaçavam como se o mesmo fluido que vibrava nos tympanos, chamando a votos a soberania parrana, agitasse furiosamente as proprias coisas.

Neiva encaramujou-se na cadeira, estendendo mollemente as pernas, como em deliquio de victima diante do patibulo. Subito, ficando os cotovellos na mesa, entalando o rosto entre as mãos, de olhar fito, rangendo os dentes, pôz-se a esmoer, feroz.

Alguns deputados levantaram-se estremunhados, espreguiçando-se com bocejos cavos e foram-se mollangueiros ; a maioria, porém, dos que enchiam o antro fescennino do biscato, (o « borrarho », no dizer do Neiva, onde cahiam as cinzas das discussões do recinto, que era a « fornalha »), deixou-se estar tasquinando biscoitos, a grasinar rabularias politicas e casos sarrafações de conventilhos, indifferente á cascavelante serrazina dos tympanos.

Em tão estabanada balburdia tinha-se a impressão atordoante de apinhado convés de navio na barafunda da chegada a um porto. Os continuos iam e vinham em azáfama, aos encontrões ; alguns pareciam esgueirar-se assustadamente como criminosos. Por vezes coalhavam-se grupos interrompendo o transito e eram trancos ás portas, atabalhão nos corredores ; os mais aforçurados investiam d'esguelha, rompendo passagem a hombro. E es-

trondavam cachinadas muito abertas, como em regabofe relamborio de tasca maruja. O fumo ondulava espesso, golfando pela janella aberta ou refluindo ao interior, em nuvens, no rebojo de uma lufada mais cheia.

Neiva levantou a cabeça como em angustia a todos — a uns, de theatros, de alcouces e tavolagens; a outros, atravez das chronicas de jornaes provincianos que lhes destrinçavam a vida enleuada de tranquiernas, arrastada em subserviencias sa- bujas ou tumultuaria, á frente de cangaceiros, em eleições vencidas pelo terror e com sangue.

Entre os mais impantes e autoritarios, que discutiam alto, rastejavam, sumidos em timidez, typos lorpas, gêbos, mal enjorcados em andainas sertanejas, com o cabello crescido, ensebando-lhes a gola do casaco, a barba apontada em cerda, o olhar baço, de langor ovino, mascando cigarros estripados, a recordarem, em ruminação, balorda ou lasciva, scenas de engenho: manhans claras á beirado curral, vendo mungir as vaccas, a freima tumultosa na bagaceira ou séstas na varanda, quando as mucamas, suando com o calor, cirandam alegres reboleando dengosamente os quadris anchos.

Um gordo, de papeira suina, enfardelado num fraque cinzento, pandeando um collete ramalhudo, no qual trangalhava uma penca de pendurucalhos, gosmava, com volupia, contando africanas de uma noite picaresca, no Louvre, com muito champanhe e actrizes. E esbogalhava os olhos estriados de sangue, arredondando gestos lentos, macios, que debuxavam curvas e proeminencias; e, em volta,

velhotes sornas ouviam-no embebidos, invejando-lhe a energia mascula, resfolgando, fungando haustos libidinosos.

Um magriço, amarello e mais engelhado do que uma sanfona, chuchurreava sorvos, remordicava-se em espasmos, retorcendo as mãos em frenesi de goso, aos tremeliques sobre os gambitos.

Neiva accendeu um cigarro e, soprando a baforada, sorriu daquillo que ali estava, daquella anthropologia, que era a Patria, a sua Patria !

Mas um homemsinho de oculos escuros, amarfanhado como um embrulho mal feito, com um rôlo de papeis debaixo do braço, veio do recinto rebolando á frente de um bando hilare de deputados e de reporteres.

Esbravejava arremangado, suando ás camarinhas, a corvejar desgraças sobre o destino do Brasil, que apodrecia bichado por uma corja.

— É o que lhes digo. Conheço o interior. Sei o que por lá vai. Esperem o dia de amanhan. Esperem ! repetiu esganicadamente, espalmando, em ameaça, a mão tábida.

De repente, rodopiando como uma piorra, arremetteu, com o dedo em linca, rôxo e turgido de colera, saraivando perdigotos :

— Escravocrata, mas patriota. Bati-me pelo negro, porque vim para aqui defender o interesse dos que me elegeram, as idéas do meu partido, a fortuna da nação. Não sou homem de esbórnias. Voto com o meu chefe. Cumpro o meu dever. Os jornaes troçam-me, acham que falo cassange, que não tomo banho, que sou forreta. Pois... bambaleou a canhóta, bufando um desaforo, e foi uma

gargalhada em volta. É isto! Deu um sacalão á manga do casaco fazendo surgir um punho ourelado de negro, e pôz-se a resmungar, sungando os hombros sarapintados de caspa. E insistiu : Não sou de pandegas. Á noite, é ali no meu quarto, na pensão, estudando, escrevendo, emquanto outros andam pelos bordeis, pelos theatros á rabisca das taes. Corcoveou-se em attitude de desafio. Querem que lhes diga ? não conheço a Suzanna, nem de vista. A Suzanna! estão ouvindo ? Não sei se é gorda ou magra. É aqui, no tóco ! Sou um homem serio. Esponjou o toutiço, resmungando : Abolição . . . abolição . . . ! Esperem o dia de amanha. Hão de vêr o bom e o bonito.

E foi-se, rosnando vaticinios.

Um crioulo, que se arrastava madraçamente, servindo o café, chegou-se, com intimidade, ao Neiva, com uma chicara enconchada na mão e, sorrindo sobre um dente só físgado na gengiva devastada e rasa, commentou :

— Esse . . . vasmicê pódi jurá qu'ê fazendêro. Cauíla tá hi ! P'ra cumê é onça ! Chega aqui, bébi café, tira biscoito, imbúti qui nem giboia . . . i nem cumu coisa. Ninguem ainda si benzeu cum tustão delli. É ansim ! e fechou apertadamente a mão em figa. Depois, inclinando-se, segredou com mysterio : Zêri anda ispaiando pur ahi qu'u imperadô não s'aguenta, qui vão botá zêri imbaixo. Vasmicê acridita, sô dotô ?

— Acredito em que ? indagou Neiva carrancudo — na estupidez ? Sim, acredito, como acredito em Deus, e persignou-se, proseguindo d'olhos afuziladamente fitos no negro : A sociedade, sem a

estupidez, seria o mesmo que terra sem estrume. Tu já viste canteiro algum produzir sem esterco ?

O crioulo arregalou escancelladamente os olhos, pasmado e, meneando com a cabeça, concordou em assentimento alvar :

— É mêmu. E, arrugando a caraça em sorriso pamonha, exhibiu a caqueirada sordida. Quantu mai esterco, mió : vasmicê tem razão.

— Pois é assim. Olha, dá-me café e cognac, ou antes : cognac só. O café é um pretexto hypocrita. A proposito : Quanto devo eu ahi ?

— Tem tempo, seu dotô.

— Sim, tens razão. Tem tempo, e tempo é dinheiro. *Time is money.*

O negro confirmou, passivo.

— É sim, sinhô.

— Vai ajuntando. Quem ajunta enriquece, disse e desatafulhou do bolso uma papelada achaparrando-a na mesa.

Mas as campainhas tarameleram de novo. Levantou-se de golpe, aprumado, attento, com o « pince-nez » entre os dedos. O negro serviu-lhe o cognac, que elle virou d'um trago, pigarreando grosso.

— Seu Barão tá chamando á tôa. Hoje mêmu . . . quá ! duvidu ! Votá hoje ? ! Pois sim. Tudu mundu tá cançado. Uma sumana intêra di pagódi não é graça ! Só si vê genti abrindu a bôca pur ahi.

— Sim . . . sim . . . Foi bello ! Foi grande !

— Vasmicê mêmu é qui pódi falá praquê viu tudu.

— Vi ? ! Metti-me em tudo desde a assignatura do Decreto, no Paço, até a passeiata da imprensa.

Estive em tudo : na missa campal, na parada, nas corridas, nas touradas ; corri os theatros fiscalizando os espectaculos. E regatas, e bailes populares. O diabo foi a chuva de terça-feira — apanhei-a toda e, encharcado como um pinto, fui obrigado a fazer não sei quantos discursos por ahi. Mas foi grande ! Elevou o olhar ao céu e ficou, um momento, em extase, dizendo, por fim, com a physionomia em transfiguração radiosa : Do alto, bem do alto é que eu quizera vêr toda a minha Patria livre !

O negro cerrou os olhos e acenou de cabeça, affirmativamente :

— É mêmu . . . Eu o que fiz foi comprá um biête co nembro da Lei.

— Sahe branco, idiota. Não vês que um bilhete com o numero da Liberdade, não pôde sahir preto ?

O negro descorçoou :

— É mêmu. Não pôdi. Vasmicê tem razão. Tem razão . . .

E foi-se arrastando os passos, aos resmungos melancolicos.

Subito, com uma palmada á frente, fixando uma idéa, Neiva levantou-se de impeto e, dirigindo-se á porta da sala do correio, levou diante de si os dois batentes de vai-vem, caminhando direito ao telephonio. Sentindo-se, porém, empolgado, voltou-se aggressivo e deu de rosto com um homemzarrão bexigoso, d'olhos empapuçados.

— Oh ! chefe ! Como vamos ? O colosso franziu os beiços enfasiado. Onde te metteste depois do espectaculo ? Corri tudo.

O gigante, arrufando as belfas, esfuracadas como queijo suiso, espalmou a mão á ilharga,

queixando-se do figado ; e, com uma caramunha de nausea, exclamou :

— Tenho-me visto bambo ! Estou assim, queres vêr ? e descavernou da bocarra um tassalho de lingua côr de açafão.

O bohemio encarou-c muito serio, declarando com gravidade :

— É. Não está direito. Isto já não é saburra, é lôdo. Estás com uma lingua de calumniador. Tambem, que diabo ! tu abusaste. Com a historia da abolição entraste a fundo na cerveja como gente grande. E, depois, as misturas. Porque não fazes como eu, que só bebo duas especies de bebidas : as nacionaes e as estrangeiras ?

Mas o gigante contestou :

— Qual mistura ! O que me atacou o figado foi o maldito champanhe. Não vou com essa droga, é escusado !

— Pois, meu amigo, purga-te ; lava-te com agua de Janos. Um figado sujo é amarella pela certa. O figado é a City Improvements do organismo. Eu, porque é que não temo epidemias e tópo a tudo, sempre rijo ? porque, uma vez por semana. lavo os encanamentos. Tu abusaste, tem paciencia. Foste com muita sêde ao cópo. E, ainda por cima, com aquella mulher ! Recuou encolhido, perguntando : Mas onde descobriste aquella górgona ? Quem é ? De onde veiu ?

O outro sorriu, sungando os hombros com indiferença e, travando do braço do bohemio, levou-o para o sofá.

— A coisa está-se aproximando, sabes ? Já recebi outro telegramma com um mundo de assigna-

turas. E baixou a cabeça escavando-a furiosamente com as unhas. Suspirou: É o diabo! E tem de sahir mesmo, nem que eu saiba rebentar ahi dentro. Tem de sahir!

— E ha de sahir! Por que não? Salvo se preten-des embasbacar a Camara e o paiz com uma oração puxada á sustancia, no grande estylo de Silveira Martins e de Nabuco. Taes arrojados, meu amigo, pedem azas largas, remigias poderosas e não ha de ser com as nossas penninhas de bacurau que os havemos de realisar. Tu o que queres é dizer o teu recado, não?

— É. Mas não sei . . . Já me levantei tres vezes para pedir a palavra e embucei, com um nó na garganta. Sei lá! Outro dia, só porque dei um « não apoiado! » a um de S. Paulo, fiquei tão não sei como que fui para o hotel com uma enxaqueca damnada. E, meneando com a cabeça desanimadamente, concluiu: Qual! Quem não nasceu para falar não se deve metter em funduras. Isso é dom. Tenho um caboclo lá em casa (nem sabe ler, o diabo) que fala que só visto. Até préga sermão! Olha que para fazer um discurso, com todo o mundo olhando para a gente, é preciso ter cara.

— Historia, homem! Sabes que é isso? falta de pratica. Precisavas de um ou dois annos de opposição. A opposição é a escola primaria do parlamentarismo. Estás impressionado com a palavra do Nabuco. Mas tu não és orador, homem de Deus! Deixa lá o Nabuco com a sua grande voz sublime e a sua phrase olympica.

Achegou-se-lhe muito, peito a peito, e agarrando-lhe as lapellas do casaco, disse-lhe, encarando-o:

— Mas queres saber? Não são esses discursos

ribombantes os que mais aproveitam. Ás vezes entra-se aqui e dá-se com um homemzinho a sussurrar, a zumbir, mastigando as palavras, com uns papeluchos nas mãos tremulas, e o recinto quasi vasio : quatro ou cinco figuras resignadas cabeceando nas bancadas e os tachygraphos. Na mesa, o presidente e os secretarios conversando e nas galerias uns pobres diabos pensando na vida ou dormindo. Pois, meu caro, o tal homemzinho, com a sua oração soporifera, está a fecundar ; é uma força criadora em acção. A sua palavra branda, surda, timida é como essa chuvinha aborrecida que o céu peneira dias a fio e que se infiltra na terra abeberando as raizes sem as escorchar, chegando ás mais fundas camadas do solo como uma seiva rica que faz germinar a semente, dá viço á planta intanguida, ensangra os troncos. Os grandes discursos que fazem vibrar a galeria e estrondam lá fóra no enthusiasmo do povo, são como essas tempestades de verão, com aguaceiros torrencias, relampagos e raios que esbarrondam as terras e levam lavouras nas enxurradas.

— Isso é, concordou o gigante ; mas, sempre preocupado, insistiu : Depois, logo uma coisa de que não entendo nada.

— O discurso^o parlamentar, meu velho, explicou, com autoridade, o Neiva, impondo-lhe a mão ao hombro, é um prato que só depende do tempero. Qual é a carne ?

— Que carne ?

— O assumpto ?

— Ah ! o assumpto . . . O assumpto é o sal.

— Oh ! filho ! exclamou o bohemio radiante, o

sal não é um assumpto, é uma mina ! Tens materia prima para dez volumes dos « Annaes ». E enumerou : Começas pela origem do sal, e tens todo o mar. Depois a analyse chimica, as applicações do sal — desde a pia do baptismo até as salgadeiras das conservas. Tomas um bocado no Evangelho, outro bocado em Vieira, uma pitada na Attica ; ajuntas as palavras : Patria, Liberdade, Justiça, Direito, refogas tudo ao calor do enthusiasmo e fazes um prato supimpa para a mesa do eleitorado.

O gigante acenou de cabeça, espichando os beiços :

— Pois sim ! Salineiro é positivo . . . quer lá saber dessas coisas ! O que elle quer é o frete em conta e redução de impostos. Pensas que aquella gente é como a que ceia no *Coblentz* e na *Maison Moderne* ? Pois sim ! Se começo com essas historias dão-me logo diploma de burro e estou arranjado.

— Olha cá, disse de improviso o Neiva, tens bôa memoria ?

— Assim, assim. Por que ?

— Se tens boa memoria eu ditò-te o discurso, tu decóra-lo e prompto.

— Pois sim ! Para um diabo ali atropelar-me com apartes e eu embatucar no meio. Não !

— Qual embatucar, qual nada !

— Não ! Macaco velho não mette a mão em combuca. Tenho visto muita gente bôa nas embiras, quanto mais eu ! Sei lá !

Deu uma volta pela sala, cabisbaixo, esfregando as mãos. Parou pensativo e, a subitas, voltando-se vivamente :

— Queres saber ? . . . Isso é como quem toma

um purgante de óleo, que é a coisa peor deste mundo : é fechar os olhos, botar na boca e virar. Eu, um dia, entro aqui disposto, peço a palavra, engrólo umas coisas e está acabado. Depois . . . e fitando o olhar bovino no bohemio, concluiu com um sorriso pascacio : publico o outro no Jornal.

— O outro ? Que outro ?

— Ora essa ! Pois você não disse que faz ?

— Ah ! sim . . . faço. Faço uma coisa d'arromba.

— Pois é. Dizer de cór . . . nessa não caio eu, nem que me rachem. Você, palavra . . . Eu fico admirado como você fala de improviso. Eu ! . . . nem lendo ! Mas você começou lendo, não ?

— Lendo ! Lendo discursos ? ! eu ! ? Nunca ! Discursos lidos são passaros de gaiola. O improviso é o passaro livre, de vôo largo, cantando no espaço, ao sol. Ler discursos . . . Não, meu amigo. Eu sou como a terra : produzo, não decóro. Isso de decorar é para a memoria, que é de pedra e conserva. A imaginação, que é a minha força, é como a terra viva e fecunda. E eu sou um terreno virgem : qualquer impressão que receba logo desabrocha em flores de rhetorica, como a semente em terra fertil.

— Pois eu, não. Eu sou um areal, disse lastimosamente o deputado. Memoria . . . Memoria é como burro — quando empaca acabou-se. Tenho medo de palavriado que me pélló. Assim como você disse a coisa vai. Faço aqui a minha farofada e afinfo o outro nas folhas. Aqui, você sabe, ninguem presta atenção. A gente póde dizer o que quizer. Mas, olha lá ! não ponhas muita palavra difficil, coisa que todo o mundo entenda. Deu uma volta pela sala, cabiscabido : Ficar assim é que não posso.

Não cômoo direito, não durmo, não faço nada que preste com o diabo do sal na cabeça. Eu te digo — se não fosse o medo de fiasco eu largava de mão esta joça e ia cuidar das minhas terras, lá em casa. Não nasci para isto! afirmou com um esgar de nojo, movendo diante dos olhos o grosso indicador como pendulo de metronomo. Emfim . . . já agora ha de ser o que Deus quizer.

— Sabes que é isso? Medo! exclamou Neiva sacudindo-o pelos hombros. Demosthenes era gago e, fazendo exercicios diante do mar, com a bôca cheia de pedras, tornou-se o primeiro orador do seu tempo e passa por ser o genio maximo da tribuna.

— Demosthenes . . . ! Era deputado ?

— Não : advogado.

— Ah ! bem . . . o caso muda de figura. Falar no jury não é o mesmo que falar na Camara. No jury tambem eu falo, aqui é que é. Aqui é que eu queria vêr o tal, com as pedras na bôca.

Escancarou-se impetuosamente a porta e appareceu um petimetre pachóla, de monóculo, gardenia ao peito, pastinhas e bigodinho encalamistrado e, descobrindo o bohemio, chamou-o. Neiva voltou-se rapido rodopiando nos calcanhares. Em dois tempos pôz-se diante do advindo e, cruzando os braços, empinado com entono comico, interpellou-o :

— Sim, senhor, seu Pina ! Eu aqui á sua espera desde o Expediente e o amigo, com certeza, a esgrimir com a Espada núa . . .

— Espada núa . . . ? ! estranhou o elegante.

— Pois então ? A Clara. Clarinha . . . ?

— Ah ! o deputado sorriu ufano, alisando enfatuadamente as felpas do bigodinho. Passando, en-

tão, o braço pelos hombros do bohemio, levou-o para uma das mesas. Sentou-se, cruzou a perna, arregaçando as calças para exhibir a meia de sêda muito esticada, esfregou as mãos e, depois de pedir chá, bocejou displicente, derreando-se sobre o respaldar da cadeira. Tu, com aquelle typo . . . ?

— É . . . Patriotismo, que queres ? Estava a dar-lhe uns conselhos e a provar-lhe que um verbo no singular não póde com dois sujeitos. E sabes que me respondeu elle ? que o burro vale mais do que a grammatica, porque qualquer bestinha, no sertão, carrega duas cangalhas . . . e é verdade. Esse está ahí, está ministro e reformando a instrucção publica. Mas vamos ao que nos interessa : Que tal a Clara ?

— Homem, queres que te diga ? é uma rapariga com quem se póde conversar : intelligente, lida. Falamos de Hugo, de Musset, de Heredia, de Ohnet.

Neiva escancellava a bôca, arregalava pasmadamente os olhos ; ao ouvir, porém, o nome do Ohnet, serenou, dizendo :

— Bem, esse sim ! está regulando. Mas subito, pondo-se vivamente de pé, como se houvesse sido injuriado, rugiu : Hugo ! Musset ! Heredia ! . . . a Clarinha ? ! Estás doido ! Deu alguns passos pela sala e declarou com firmeza : Essa litteratura veiu depois do champanhe, aposto !

— Por que ?

— Por que ? Porque eu conheço a mulher e o vinho. Ha ahí uma typa que, depois de umas dósas de Bourgogne, desata a lingua numa aravía que dizem ser grego e um dos nossos hellenistas, cavalheiro respeitavel, a pretexto de estudar a prosodia

attica na fonte original, passou uma noite com ella e só te digo que está, ha tres mezes, a mercurio. Da Grecia de Pericles foi o que elle trouxe : a religião de um deus cujo sacerdote, entre nós, é o Gabizo. Toma cuidado com esse Hugo e com esse Musset da « Espada nua », são contrabandos que degeneram em pápulas e outras manifestações terciarias. Musset e Hugo . . . ! e riu ás cachinadas espalmando, d'estalo, as mãos nas côxas.

Logo, porém, passou a falar da festiva semana.

— Estivemos á altura do acontecimento, hein ? Bellas festas e muita ordem. Nem uma prisão. E bebeu-se ! Eu é que me vi em pancas : multipliquei-me, tornei-me ubiquo para attender a tudo e a todos. Estive na missa campal, nas passeiadas, nos espectaculos, nas corridas, nas regatas, nos bailes publicos, até nas touradas, sempre com um discurso engatilhado. Admiravel e commovedor, hein ! Chorei como uma zebra e estou aqui que não posso commigo. Se não fosse a necessidade de cavar a vida mettia-me este resto da semana em casa a caldos, sem ler um jornal, para repouso do corpo e do espirito. Foi uma esbornia digna !

O Pina concordou colleando, a chuchurrear o seu chá.

— E o Patrocínio, hein ? !

— Adeus, Neiva ! disseram.

Era o gigante que se despedia de longe, atravessando a sala em direcção ao recinto.

— Adeus ! Olha . . . Amanhan. Podes contar ! e tallhou o ar com a dextra em lamina.

O gigante sorriu acenando-lhe um adeus.

— Alguma troça ? indagou o petimetre, accendendo o cigarro turco.

— Não : caso sério. Coisas . . . Mas voltando ao que eu dizia : O Patrocínio é que esteve estupendo ! Homem, você bem podia apresentar um projecto propondo que se levantasse um monumento commemorativo do 13 de maio, com o José lá em cima mostrando ao Futuro os grilhões que rebentara, libertando a raça.

— A proposito, atalhou o deputado, ouvi dizer que elle será candidato nas proximas eleições.

— Quem ? o José ? ! Qual ! É grande de mais para a urna. Só se o aclamarem, se o fizerem deputado á revelia dos corrilhos eleitoraes, ao ar livre. Nas urnas será batido pelo primeiro cafagêste analphabeto que se apresentar.

Um typo moreno, escanhoado como uma cuia, hirtó, impando importancia, sentou-se a uma das mesas e, abrindo uma carteira atochada de papeis, pôz-se a examiná-los lentamente, com attenção que lhe vincava a testa luzidia e escampada.

O negro aproximou-se da mesa respeitoso e o parlamentar gravibundo fez um gesto breve, definitivo, dizendo seccamente sem levantar a cabeça, que rebrilhava oleosa :

— Matte !

E continuou a folhear os papeis com inflexibilidade automatica, duro em tudo : no collarinho, nos gestos, no olhar, até no pigarro.

Neiva interrogou com os olhos o companheiro, que sussurrou :

— É o Epiphanio. Tem fama de jurista. Dizem

que sabe o Digesto de cór e que está commentando o Corpus Juris em latim.

— E esse animal anda solto ! explodiu o Neiva. Um homem que commenta o Corpus Juris em latim é capaz dos maiores attentados contra a moral social.

— História ! contestou o Pina, com desprezo : Elle commenta tanto o Corpus Juris como eu. Um refinadissimo pedante é o que elle é ! Quando pede a palavra, depois de espalhar o olhar solemne pelo recinto, apruma-se no collarinho, alisa a sobreca-saca, bebe um gole d'agua e pontifica com apostillas da Academia. Quanto á eloquencia . . . uma jáca. Os seus discursos são só caroços. E tu não sabes o melhor — é que elle só almôça miolos, para ter talento . . . e na tribuna é o que se vê : mugidos. O que elle sabe é viver, isso sim ! Com toda essa austeridade de inquisidor-mór já foi expulso de uma pensão por haver attentado contra o pudor de uma criada.

— Espéra . . . Conheço o caso. A victima era uma negrinha caôlha, com dois kilos de beiços. E como espirito, que tal ?

— Tem lenda. Uns admiram-no, dizem-no um pôço de sciencia : que sabe o grego e fala e escreve o latim como Cicero ; outros desancam-no de besta para baixo. O Guedes, por exemplo, affirma que é um réles plagiario de Emerson e está prompto a desmascará-lo da tribuna. Eu não o ligo. Acho-o rebarbativo.

A sala encheu-se instantaneamente.

— Não ha numero. Estão fazendo a chamada, disse um escanifrado, de olhos.

— Conheces esse typo ? perguntou Neiva ao Pina.

— De vista. Foi deputado, não ?

— Foi. E vem todos os dias á Camara, com assiduidade digna de uma reeleição. Encosta-se á grade e ahi fica acompanhando os trabalhos. Apartêa baixinho os oradores, irrita-se, enthusiasma-se, conta os votos e fala a todos os deputados, cabála, suggere idéas, cita o regimento. É um caso. Não conheces esses sujeitos que, nas batotas, depois de limpos, rondam o panno verde dando palpites aos pontos e pedindo fichas emprestadas para uma fésinha, os perús, como lhes chamam ? Pois esse é um perú politico.

— Curioso, disse o Pina e, levantando-se, convidou : Vamos ?

Passaram ao recinto. O secretario fazia a chamada em voz dormente. Os deputados respondiam e esgueiravam-se. Os dois seguiam quando um sujeito de cabelleira grisalha, com um topete levantado em crista, adiantou-se de mãos estendidas, risonho. Neiva mal teve tempo de soprar ao companheiro :

— Pôe-te em guarda ! e arredou-se encostando-se á balaustrada, a palestrar com um tachygrapho. O typo encravou o Pina em uma sacada e, com esgares de angustia, tramando gestos de difficuldades com os dedos, que se desconjuntavam em esperneios aranhigos, fungava, escarapellava-se narrando um caso que, pelos ademanes e caramunhas com que era illustrado, devia ser tragico. Para tirar o amigo das tralhas Neiva adiantou-se :

— Vens ou ficas ?

— Não. Vamos.

E o deputado despediu-se do carraça que, sem lhe deixar a mão, seguiu-o inclinando-se-lhe, com intimidade, ao hombro para dizer-lhe toda a desgraça que o forçava a andar por ali incommodando os amigos. Não houve escapar ao tributo. E o typo, recebendo sorrateiramente uma cedula, despediu-se muito agradecido e foi-se, de cabeça alta, nariz ao vento, farejando outra victima.

Pina, cruzando os braços, exclamou revoltado :

— Já viste cynismo igual ? ! Pois ha de um homem estar aqui a dar, todos os dias, dinheiro a bilotras ? Quem é esse sujeito ?

E Neiva, muito sério :

— É um dos cobradores do imposto sobre o subsidio.

IX

— Onde vais ?

— Às barraquinhas.

— Que idéa !

— Que idéa, hein ? Achas extraordinario ? exclamou Neiva em tom ironico, desmontando o « pince-nez » e fitando Anselmo com os olhos apertados em figas. Estou farto de artificialismo. Tenho futilidades até aqui ! e empalmou a gorja, em esgana.

De repente, pondo-se em pontas de pés, derreouse-lhe ao hombro e, pondo-lhe a bôca ao ouvido, como para segredar, bradou :

— Preciso de um vasto banho hygienico no oceano do povo, entende você ? Recuou em salto esquivo de felino e, enganchando o « pince-nez », floreado com a bengala rapidos zig-zagues no ar, disse : Os taes lagos de rocalha, que o Gregorio

chama os « nossos Rambouillets », com os seus repuchos de vaidade muito esguichada, são perigosos como paúes, não porque afoguem, isso não ! que a agua é pouca, mas porque o fundo é de lôdo, e atola. Se um homem o revolve vem tudo á tona e é aquella desgraça. No oceano, não ! O fundo é de arêa branca e se, por vezes, nas borrascas, uma onda nos atira de catrambias d'encontro a rochas nunca, nos envenena, isso nunca ! E a gente sahe delle lépida, refeita e ensaboada com a espuma que encarnou a deusa. Será violento ; perfido, não ! O pantano, esse é insidioso, rosnou, rebuça pestilencia em flores. Conheço-o ! affirmou arregalando os olhos.

E, atafulhando a mão no bolso interno do casaco, desentranhou uma papelada, amassando-a d'estalo com a mão em chapa :

— Tenho aqui dois convites, tudo que ha de mais elegante : um, para o Casino ; outro, para um casamento em Botafogo : proxenetismo em familia, com o visto da « Conveniencia », vulgarmente chamada — um bom partido. Trata-se de um adiposo « carne secca », com cincoenta annos, mantidos a iodureto e mercurio, varias commendas, predios e apolices da insolvavel divida publica, que esposa uma menina sahida das Irmans, linda como os amores. Achas que devo endossar com a minha presença tão monstruoso contubernio ? Nunca ! Vou ás barraquinhas. Ha ali, desde o jogo até o amor barato, offerecido pela Venus Pórne, senhora de muito prestigio, que foi dama de companhia da princesa de Monaco, até um circo supimpa, com um palhaço preto, « cabra » turuna ao violão.

Avançou uns passos e disse para seduzir :

— Hontem tirei um porco authentico na baraca do Zé do Telhado. Como não tenho chiqueiro passei o bicho a cobres : trinta bagarótes ! que deram para uma ceia com champanhe, no *Lowre*. Vou hoje feito a um Perú que lá vi, mais tufado do que um contínuo de Ministerio. Até parecia que já estava recheiado. Se o tiro, temos ceia. Que diabo ficas fazendo aqui no *Castellões*, com toda essa gente de fóra de portas, que se emborracha estupidamente ? Anda !

Arrancou Anselmo pelo casaco forcejando com elle, a rir.

Subiram a rua do Ouvidor para tomar o bonde no largo de S. Francisco.

Era um sabbado. Os cafés regorgitavam, e atravez do tinir precipite da louça e dos metaes em serviço, ouvia-se um som picado de harpa, rascar de rabeças asperas e uma voz infantil esguelando esganadamente uma canção napolitana.

No *Paschoal* e no *Caillau* o beberonio era ruidoso e alegre. Passavam grupos chalros de caixeiros aos empurrões uns aos outros, dizendo graçolas, ás rinchavelhadas.

No largo de S. Francisco as lojas resplandeciam com os mostradores illuminados e gente a admirar em contemplação pacovia. Na confeitaria da esquina da rua dos Andradas e no armazem fronteiro zoava a freguezia no serviço atabalhoado em que se afanavam os caixeiros.

Moleques assaltavam os bondes equilibrando na palma da mão bandejas de balas. Um kiosque, que vendera a « sorte grande », embandeirado e illuminado a giorno, com o bilhete feliz estampado

na vidraça, celebrava estrondosamente a victoria. Curiosos formavam circulo.

Grupos cruzavam-se em barafunda, e entre os cocheiros dos tilburys estacionados em volta do jardinete, no meio do qual avultava a estatua do « Patriarcha », era uma algazarra de feira. Foguetes estouravam na altura estrellada.

Era o regabofe do povo, a dissipação da féria da semana, a valvula do prazer jorrando em furia estroina. Era a bebida, era a comesaina, era o theatro, o enxurro erotico para as alcoceifas, a batida, a carro aberto, em esbornia, para o Campestre, no Jardim Botânico ou para o Daury.

Tomaram um bonde. Ia cheio, com pingentes aos balaustres, a plataforma apinhada. O relógio de S. Francisco soou lentamente, grave. Os burros arrancaram com morosidade fatigada.

Logo ao entrarem na rua Senhor dos Passos sentiram o bafio lubrico. Á janella de casas baixas, de rotula, alumizadas a kerozene, estadeava derramadamente o bagaxeiro agafanhando os transeuntes ou em arreganhos de mangalaxa com a malandragem : gente de navalha e faca, capoeiras de calças largas, chapéu á banda, e marinheiros, soldados que paravam com escandalo de palavrões e gestos obscenos.

Á passagem do bonde vagaroso entrevia-se o interior dos alcouces réles, com a mobilia coberta de pannos de crochet e, ao fundo, o quarto de portas escancaradas, com a larga cama exposta como um mostruario de negocio, alva, com almofadas altas, o cortinado arrepanhado em ogiva.

Neiva revoltou-se contra aquelle ultraje :

— Pouca vergonha ! Eu, chefe de Policia, acabava com isto e com todas essas charuteiras que emporcalham a cidade. O Largo do Rocio, por exemplo. Nem Babylonia ! Suburra era uma claustura comparada áquillo. Revólta, palavra ! E dizer-se que isto é a capital de um imperio !

Um velho acaboclado voltou-se de repente e encarou-o severo. Neiva interrogou-o :

— Não acha, compadre ?

O interpellado deu d'hombros, resmungou casmurro e, fechando a carranca, encostou-se á platafórma aconchegando ao ventre os embrulhos que levava.

O bonde era de gente simples, gente pacata de trabalho, que não entendia o phraseado bombastico do bohemio. Estranhando o « pouco caso », elle perguntou alto, em tom aggressivo :

— Para onde vai isto ? !

— Pedregulho, disse o conductor.

— Ah ! logo vi ! Bem me estava parecendo. Onde nos viemos metter, seu compadre ! sussurrou a Anselmo.

Mas o bonde fez rangentemente a volta, rilhando os trilhos. Largo trecho do espaço appareceu toldado como por ondulante velario de ouro : era o reflexo das luzes do acampamento alegre fulgurando em nuvens de fumarada e poeira. Neiva respirou desafogado :

— Cá estamos ! Felizmente ! Transfigurou-se. Não imaginas como gosto d'isto ! Lembra-me a provincia, as festas da minha infancia. É uma devassidão ingenua, como a prostituição religiosa da antiguidade, não achas ?

Saltaram e elle, trefego, brandindo a bengala, aligeirava os passos, com ansia de chegar, de metter-se no turbilhão alegre.

As barraquinhas arruavam-se no terreno do Campo de Sant' Anna fronteiro ao Quartel. De longe ouvia-se o rumor tímido, o besôo do povo, o estrondo roufenho das chirinolas e avistava-se o vertice da pyramide, clara como uma duna, formada pelo toldo do circo.

O arraial formigava. As barracas, construidas em quarteirões, variavam no tamanho e no feitio, ornamentadas bizarramente. Aqui, era um simples balcão enquadrado em sarrafos forrados a metim ou chita ; adiante, uma ramada com ares de presepe.

Enorme pavilhão pannejando colgaduras sara-pintadas de carantulas, engranzado de balões venezianos e exóticas lanternas japonesas, com um piano mechanico a zaragalhar contínuo, era um verdadeiro emporio de brinquedos, expostos em escaleira ao fundo : bonecas de choro e manipanços grotescos, carros, tambores, frautas, pandeiros, cornetins de lata, cartões com uniformes militares, arcas de Nuremberg atochadas de bicharia e, pendentes do tecto, vira-volteando á maneira de cata-ventos, polichinellos gibosos, arlequins, para-sóes japoneses, bolas de côres, caixas de rufo, guisos e bufarinhas varias que se chocavam tinindo eoleamente.

A criançada assediava o pavilhão seduzida pelos pregoeiros que vozeiravam : este, fazendo chorar uma boneca ; outro chocalhando maracás, enquanto um terceiro, muito falastrão, sacudia a cesta onde os papelinhos da rifa, dobrados em

gancho, promettiam as maravilhas que os olhos, muito abertos e accesos, namoravam.

Num palhiço, de ornamentação campestre, vendiam-se bebidas e caldo de canna, que uma moenda maneira esmagava filtrando em um balde de zinco o sumo espumoso e grosso.

O baleão, sempre afreguezado, reluzia e, volta e meia, um mulato pernóstico, em mangas de camisa, gaforinha em poupa, raspava-o com um estropalho sordido enxugando-o da espuma da cerveja e do transbordo da gazosa que, de quando em quando, espocava férvida.

Havia garitos onde se jogava o monte, baiucas esquivas de pacau, vermelhinha e dado, casas escancelladas de batota franca, com o jaburú rodeado de cédulas, mesas enormes de cavallinhos ou com o elephante de bronze, que se despenhava do alto de uma engrenagem em fôrma de montanha russa, galgando d'impeto o acclive do viso do qual, topando em um pino, fazia desprender-se uma bola, que vinha de escantilhão, saltando trepida sobre baias até encravar-se em uma dellas, cujo numero era logo apregoado com o premio em dinheiro :

— 44 ! Permanentes a cavallo ! Chegue-se á fala o felizardo, que o maço está á espera. São vinte pellêgas !

O povareu moveu-se aos empurrões abrindo passagem ao sorteado, um espicho escanifrado, de cara ossuda, mascarrada á barba, grenha a espocar-lhe á testa sob a aba frouxa do chapéu de palha.

Esguelhava-se de cigarro espipado aos beijos, com um riso escarninho, murmurando, como a justificar a sorte que o contemplara : « Pois sim !

Muito mais tem-no elle lá, que não faço outra coisa, desde que aqui venho, senão perder ».

Olhavam-no com inveja cúpida, assestavam-no de pilherias.

Chegou-se ao balcão e o barraqueiro, entregando-lhe o bolo, aproveitou o momento para annunciar outra « quéda », empurrando o elephante para as alturas e engatando-o na móla.

Um formigueiro de moleques maltrapilhos assobiando, berrando, empurrando-se uns aos outros, atravancava atropeladamente o transito. Um delles, perseguido por um companheiro, esbarrou em Anselmo, que o repelliu irritado :

— Sucia ! E a policia não vê isso.

— Que ha de fazer a policia ? Moleques são como as moscas que sempre enxameam onde ha podridão ou assucar. Onde haja crime, escandalo, tumulto ou festa sempre haverá moleques. São as moscas da sociedade. Deixa-os. Não os assanhes que é peor.

A poeira suffocava, toldando o espaço zurzido pelos foguetes ; suava-se ás camarinhas. Por vezes incendiavam-se clarões fumarentos de fogos de bengala. E o rumor crescia na turba que engrossava, movendo-se em lufa-lufa. E além do falario, das cachinadas estridentes, do incessante realejear nas barracas, do zabumba no circo, eram guinchos de gaitas, estrillos de apitos, rufos de tambores, chocalhado soalhar de pandeiros.

Muitos dos que haviam tirado brinquedos nas rifas divertiam-se com elles em travessuras mineiras. Rapazes, por troça, imitavam animaes ladrando, miando, mugindo, cocoricando.

Por vezes rompiam protestos, troca de insultos e eram empurrões, ameaças. Subito, como um pè-gão de vento remoinha e espalha folhas seccas, a multidão refluio em desbarato, dispersando-se espavorida ante o arremesso de dois valentes que, negaceando, atacavam-se, ora aos pulos, ora aos rastejos, injuriando-se raivosamente, ás surdas.

Ás vezes luziam, fuzilavam navalhas. Trillavam apitos, urbanos e permanentes surgiam na barafunda desembainhando os chanfalhos. De prompto restabelecia-se a ordem. E, mais fortes, soavam, então, as vozes dos pregoeiros, attrahindo os tras-malhados que tornavam aos poucos, agrupando-se de novo.

Neiva, avesso ao jogo, passou enfesado, resmungando de má sombra.

— Coisa besta! Vamos á zoologia que, pelo menos, diverte. Isto de roletas, jaburús, cavallinhos não é commigo. Detesto! Se te disser que nunca peguei em uma carta...! Vamos á bicharada e depois a um gole para aquecer a fibra.

A barraca dos bichos ou « arca de Noé », como lhe chamava o Neiva, uma das maiores, atravancada de gaiolas, cestos, jacás e caixotes, tresandava sorridamente a poleiro e pocilga. Dentro era um furundum de mercado.

Os animaes, como que entendidos com os do negocio, annunciavam-se, cada qual a seu modo: eram grunhidos soturnos de cevados, coinchos lancinantes de leitões, grulhos soluçados de perús, grasnar estridulo de gansos, arrulhos, cocoricós. Ás vezes reboiço cacarejado de gallinhas, um pato que batia as azas desesperadamente, o espernêgo

guinchado de um bacorinho e, surdo, como abafado, de quando em quando o triste, lento balar de uma ovelha que se não via.

E os homens, caminhando de um para outro lado ao longo do balcão, arengavam preconizando as vantagens do sorteio que se ali fazia.

— Aqui é o positivo, não ha tribofe. É o que é. Porco é porco ; perú é perú . . . e de roda. Não se engana o freguez. Com cinco tostões arrisca-se um pai de familia a tirar um cevado com mais toucinho do que toda a provincia de Minas. O diabo é carregá-lo. São seis arrobas ! d'ahi p'ra fóra ! Ou « mestre » porco ou trinta mil réis, á vontade do freguez. É só pedir por bôca.

— Não tenho palpite, disse o Neiva, afastando-se. De porcos estou inteirado. Reservo-me para o perú. Queres vir á « Cabeça que fala » ? Tem graça. Eu vou lá só para ouvir desaforos. Insulto-a e espero o chorrilho. É todo o setimo volume de Bocage. No sabbado passado a « Cabeça » queimou-se com o Lins e jurou partir-lhe a cara cá fóra. Que pensas ? É uma féra, com varias entradas no xadrez. Se queres vamos injuriá-la um bocado. Eu conheço-lhe os podres e por duzentos reis vale a pena.

Anselmo recusou-se.

Atravessaram a mó de gente que se apinhava diante do circo rindo das graças chulas do palhaço preto, que saracoteava simiescamente no palanque.

Viam-se, em volta do toldo, as sombras dos espectadores ; ouvia-se, de quando em quando, estalar o chicote e a charanga estrugia frenetica e reboleira, chapejando pratos e zabumbando atroadoramente.

Picada de lanternas estanceava em frente a

feira das guloseimas : taboleiros de doces, caixas de empadinhas, latas de pasteis, catimploras de sorvetes, caldo de canna quente, caldeirões enormes de cangica e de mingau e uma negra mina, sentada num tamborete, á beira de um fogareiro, grelhava roletes de tapioca e côco. Pequenos apregoavam canna, amendoim e pipocas. No zum-zum cortado a risos eram frequentes os palavrões e o rapozinho tonteava.

Neiva fungou esternutativo, levando o lenço ao nariz. E fluctuou sobre o fortum azedo um leve e acariciador aroma de violeta, como um sopro de aragem em soalheira de verão.

— Ah ! meu amigo, confessou fanhoso, a democracia seria ideal se não tivesse sovaco. Tudo ! tudo menos o tal cheiro do suor honrado. Estou tonto ! Prefiro o outro com todas as drogas das pharmacias e as penas do inferno por cima : o cheiro do vicio filtrado em espuna de sabonetes e perfumado a sandalo. Isto desvaira. Tenho medo de enlouquecer pelo nariz.

E fugia, esgueirava-se. Mas estacou de golpe, exclamando surpreso :

— Olha quem está ali !

Era Ruy Vaz.

Vestido de linho claro, feltro cinzento, camisa esgollada, gravata de pontas soltas, cachimbo á bôca, mãos enfiadas nos bolsos das calças, pernas abertas em compasso, na attitude escarranchada do colosso de Rhodes, o romancista observava com serenidade. Neiva bateu-lhe no hombro.

— Que é isto ! Tu por aqui . . . ? !

— Peis então ?

— Observando ?

— Um pouco. E tu ? Reportagem ?

— Qual reportagem ! Repouso moral, hygiene, desafogo. Enquanto houver barracas cá estou, rente ! Nada de jardins elegantes nem quintalejos burguezes — a floresta, o povo, a turba criadora, isto ! e circulou com o braço um gesto largo.

Foram caminhando vagarosamente e deram em um nucleo de rameiras, desabrida colonia de reiunas — mulatas e crioulas de chinelinhas reviradas, cabellos refoufinhados, ou de trunfa, em mangas de camisa, cabeções de crivo ; outras de mantelete ou chale ; poucas de vestidos afogados e botinas.

Ás vezes, no arremango dum gesto mais vivo, via-se-lhes o collo esbagaxado sob a camisa encardida, que escorria descobrindo máculas e tatuagens.

Algumas fumavam d'olhos piscos, cabeça á banda, em attitudes relamborias, cuspilhando d'esguicho por entre arnellas ; e rebo-liam-se, regateavam, muito conchas, ás escarcalhadas cynicas, impregnando o ar de um cheiro mixto de palha queimada e arruda, catinga e nidor de sarro e alcool.

Uma d'ellas, negra, galreando um palavriado canalha, firmando o pé sobre um caixote, curvou-se, levantando a saia até a côxa magra para esticar a meia que se lhe engelhára no gambito. Neiva rugiu :

— Desaforo ! Que parece aquillo ? uma negra de meia branca.

— Preta seria pleonasmO, commentou Ruy Vaz.

— Nem preta, nem branca. Nada ! Negra não cobre as extremidades : nem meias, nem luvas, nem chapéu. Ao natural, como se diz, nos hoteis, do bife sem batatas. Isso é ridiculo !

E, cruzando os braços, depois de um momento contemplativo, commentou compungido :

— E vejam vocês a nossa mulata . . . Tenho pena, palavra de honra.

— Pena de que, homem ?

— Ora, de que . . . Tenho pena de vê-la assim depreciada, ou melhor : degradada. A mulata não sabe o que vale, não se impõe e quando se desequilibra é logo na lama : atola-se, reduz-se a essa miséria que ahi está. Olhem aquella ali, reparem. Bonitinha, não ? Lindos olhos ! Garanto que não tem ainda dezoito annos. Está ali no farrancho como um rebutalho, e coberta de pápulas com certeza. Mais uns mezes de calaçaria e será carne de amphitheatro, rez anatomica. A nossa mulata ! suspirou enlevado. Não tem geito para isso, coitada ! E quando se diz que somos um povo sem iniciativa, zangamos. Infelizmente é verdade. Olhem a Placida. A Placida, se fosse francesa, tomava conta deste paiz. Ha lá estrangeira que a valha ! Só a côr, aquella côr de jambo, e o dengue, e a quebreira dos olhos languidos e aquelles quindins na voz e o aroma de flôr agreste. A sulamita tinha razão em dizer : « Nigra sum, sed formosa. » Depois, nada de artificios. O « Ego sum, qui sum » ! É ali ! A francesa o que tem é escola, lá isso tem, não ha duvida. A nossa mulata é analphabeta em tudo, até no vicio : é só espontaneidade, coraçãõ só. Enrabicha-se logo e acabou-se. Está perdida. Tenho pena !

— Patriotismo.

— Patriotismo, sim. E por que não ? O patriotismo não se manifesta apenas no tarachim, tarachim, tarachim, bum ! mas em tudo. Vivem vocês

litteratos a celebrar umas Mimis, umas Musettes, umas Manons e não sei que mais. E as nossas ? Onde querem vocês achar mais encantos, maior dedicação do que na mulata ? Olhem aquella celebre, uma que está na historia . . . Como é ?

— A do caroço no pescoço ?

• — Perdão, falo serio. Aquella que foi para o Paraguay como vivandeira e pintou o diabo. Rosita . . . Jovita. Jovita, sim . . . ! Joanna d'Arc não foi maior, nem Joanna d'Arc nem a Padeira de Aljubarrota. Mas é prata de casa. É assim.

— E pensas que a mulata — aquella que ali está, por exemplo, — se encontrasse um paio que a puzesse no *Provençaux* ou sob as azas da Bethly manteria a nota durante muito tempo ? Pois sim ! Era só ouvir um chôro de violão e mandava toda a frandulagem á tabúa para metter-se de gorra, em qualquer espelunca da Cidade Nova ou da Saúde, com um capoeira que lhe fosse ás ventas e ainda lhe explorasse o corpo. Conheço o gado ! concluiu sentenciosamente o romancista, batendo com o cachimbo no tronco de uma arvore.

— Pois é o que eu digo ! confirmou o Neiva. A franceza chega na terceira classe de um paquete, quando não vem á prôa, na chusma dos immigrants, desembarca sem vintem, mette-se numa pensão chic, arranja uns molambos com uma patricia, acompanha-a, á noite, ao theatro e é logo champanhe e carro. No dia seguinte está de alto bordo : casa montada, joias, coupé, um deputado á dextra ou ministro pelo freio. É assim. *Savoir vivre*, meu amigo. A Eugenie, por exemplo.

A Eugenie desembarcou de chinelas de esparto, sem meias. E está ahí dando as cartas.

Ruy Vaz despediu-se. Neiva encarou-o de pé atraz, carrancudo :

— Quê ! Não senhor ! Vamos ao Quincas.

— Tenho trabalho, objectou o romancista. Sahi para fazer o chylo e espairecer um pouco.

— Qual trabalho ! O dia do sabbado é do Senhor e a noite é da troça. É dos livros. Deixa essa litteratura em paz. Passou-lhe o braço pelo hombro, dizendo-lhe em tom grave : Não te illudas. Isto é ainda a mesmissima taba de 1500, com uma differença apenas — é que agora a tanga e mais adereços plumarios vêm de Paris. Deteve-se olhando o romancista em rosto : Que juizo farias tu do escrivão Caminha se elle houvesse impingido aos tapuyos a leitura da sua famosa carta ? Pois, meu caro, o que andas a fazer com os teus romances, dando-os ao povo, é, pouco mais ou menos, essa pilheria. Não percas tempo, meu velho, ou, então, muda-te de lingua : escreve em francês.

Deu uns passos, atirou uma bengalada a uma arvore e tornou :

— Eu ando por ahí, vejo as coisas com olhos de Asmodeu. Os que mais trabalham acabam sempre na enxerga e á mingua, sabes por que ? por que não tiveram tempo de fazer fortuna. Deixa-te de fantasias. Vamos ao Quincas.

— Mas quem é esse Quincas ?

— Hom'essa ! Quem é o Quincas ! O Quincas é o Quincas, como o sol é o sol. É o dono do « Caboclo », o restaurante nocturno do Largo do Rocio, casa de Misericordia dos nossos estomagos, e tem aqui uma

succursal *sub tegmine fagi*. Não avistas ali em baixo, no escuro, um mattagal ? é o bosque sagrado. A distancia é tudo que ha de mais agreste, mas lá dentro, meu caro . . . não te digo nada . . . ! Come-se ali uma omelette que vale por uma indulgencia do Papa, bebe-se Spaten gelada, joga-se, ama-se, faz-se tudo e a credito, ainda por cima. A freguezia é que não é lá das melhores, mas é curiosa.

— Homem, parece que tens interesse na firma.

— Não, não tenho ; mas fui padrinho da barraca. Baptisei-a a champanhe. Chamei-lhe Ogygia, explicando ao Quincas, com Homero, a razão do titulo e descrevendo a ilha deliciosa onde Ulysses passou annos madraços em regabofe mythologico. Quincas, que é besta, refugou, achando o nome rebarbativo e cabuloso, por que sôa quasi como ogerisa e estampou num panno reles a ignominia que lá está : « A gruta de Euterpe ».

— De Euterpe ? ! Por que ? perguntou Ruy Vaz intrigado.

— Ora, porque . . . Por causa dos « Tenentes dos diabos ». Que fazer ? Lá está. Mas come-se que é um regalo e bebe-se do melhor. E vamos, que estou a tinir de fome. Ainda não jantei.

Encaminharam-se vagarosamente para a refohada mouta que, de longe, na penumbra, parecia espesso arvoredado e que não passava de um arranjo de bambús em arco e plantas ornamentaes em tinas e latas de kerozene.

O caminho de areia fôfa, amortecendo mollemente os passos, levava á clareira onde se ostentava

a celebre popína. Era um pavilhão em tres corpos, com a parte central em triangulo, rendada a lambrequins e illuminada a giorno, tendo ao meio, em painel, o titulo « A gruta de Euterpe » em letras a vermelho entremeiadas de monstros obesos, que eram nymphas.

Á entrada, corria o balcão guarnecido de garrafas em volta de um ancorote de vidro, a meio de paraty e copos de varios tamanhos e feitos agaloados de tisne vinhoso. Ladeando um frasco cheio de pimentões, pepinos, vagens e outros legumes em conserva, emparelhavam-se duas enormes travessas, uma acogulada de pasteis de carne, outra com um montanhoso rosbife.

A sala commum, ali á vista, atravancada de mesas e cadeiras de pau, com prateleiras toscas apinhoadas de garrafas e uma pipa ao fundo, caleada, com aduellas azues, servindo apparatusamente de pedestal a uma bacchante de gesso, refervia de gente, malandragem arruaceira, typos esbodegados de capangas e biraias.

A um e a outro lado da sala reposteiros escuros velavam portas. A da esquerda tinha, acima da galeria, em fólhos, uma taboleta com a indicação : « Sala reservada para familias ». Mas a concorrência affluia toda para a porta fronteira, sem distico, mysteriosa. Dentro besoava um soturno vozeio. Ás vezes estrugiam brados, tumultuavam reboliços como de luta, mas tudo cessava de prompto, como por encanto, ficando apenas contínuo, ondulante, o resôo do falario surdo.

Dois caixeiros trefegos serviam, ás gingas e regamboleios, muito intimos da freguezia, chala-

ceando em giria, e rebatendo golpes de mão ou evitando rasteiras — coisa só p'ra vêr — com agilidade de mestres no jogo.

Neiva chamava aquella sala — a « ante-camara do Jury ». Insinuando-se d'esguelha por entre as mesas cerimoniosamente guiou para o « Reservado ás familias », sussurrando em segredo, com um geito d'hombros a indicar a porta da direita :

« Ali é o dado. Está fervendo ! Se vocês quizerem vêr uma amostra dos candidatos a Fernando Noronha, espiem á porta. É horrivel ! São féras ! »

Das mesas berravam pelos caixeiros e cantavam, assobiavam, batiam nos copos e garrafas. Neiva relanceou o olhar pelá sala á procura do Quincas.

— Ó seu funcionario ! bradou um capadocio altanado, batendo no balcão com a mão em chapa. Era um cabra de má cara, geito impicante de rolista, chapéu á banda e o violão em punho. Dois fufios ladeavam-no : um crioulo, empunhando uma frauta á maneira de cacete e um mulataço esgruviado, de cavaquinho debaixo do braço. Era uma serésta, com o seu cortejo de michellas e vagabundos.

Um dos caixeiros correu ao balcão a attender á freguezia. E por entre as mesas correu um fremito de alegria : « Eh ! gente . . . temos um chôro . . . » E estrondaram palmas.

— Mau ! rosnou o Neiva, isso é o diabo. Vamos entrando !

E mergulhou no reposteiro. E os dois seguiram-no a uma sala rustica, forrada a papel amarello, com episodios de caça. Sanefas de metim ornavam-na ao alto, em apanhados ondulantes e dois festões

de folhagens, partindo dos angulos, cruzavam-se em diagonal no tecto, de onde pendia uma lampada belga, com alparluz, servindo de pista a besouros e mariposas que esvoaçavam estonteadamente em volta.

Quincas gordalhufu, com as bochechas molles em badanas, a papeira flaccida transbordando do collarinho, escrevinhava debruçado á mesa, ao centro da sala. Á entrada do grupo levantou a cabeça surpreso, mas reconhecendo os rapazes sorriu prazenteiro e mais se lhe illuminou o rosto em alegria quando descobriu Ruy Vaz, que se plantara de mãos á cinta, olhando as paredes como interessado nas illustrações venatorias do papel.

Levantou-se com todo o peso da pança em odre e foi ao encontro do romancista estendendo-lhe, com intimidade, a mão papuda :

— Ora, até que emfim chegou o dia do senhor cá vir. Seja muito bem apparecido.

Neiva, que já dispunha cadeiras em volta da mesa, declarou :

— E não te conhecia, Quincas. Parece incrível, mas é verdade : não te conhecia. Era o unico homem de espirito do paiz que ignorava a tua existencia e a tua gloria.

E, com uma palmada ao hombro do tavolageiro, proclamou emphatico, encarado no romancista :

— Isto é um homem, meu caro Ruy ! e para tudo : amigo direito, carnavalesco até a medulla e valente como uma barra. E faz versos, accrescentou.

Quincas desatou a rir :

— Ora essa . . . ! Este Neiva . . . Versos . . . !
Quem sou eu . . . !

E para fugir ao assumpto, que o enleiaua :

— É a primeira vez que entras aqui no « Reservado ». Então . . . Que tal ?

— Sou franco : não gosto, caramunhou o Neiva. Acho banal, banalissimo. Mantenho a primeira idéa. Puzeram-se todos a examinar a sala. Que dizes, hein, Ruy ? Eu lembrei ao Quincas fazer d'isto um canto bucolico, um interior de cabana, para idyllio : tudo palha.

Pensou remirando o tecto e contraverteu :

— Homem, foi melhor assim. Se fosse de palha corria o risco de ser comido pela freguezia.

Quincas esgargalhou com o carão largo reluzindo como um reflector. De repente, occorrendo-lhe uma lembrança, encarou o Neiva d'olhos muito abertos, a beizorra pensa e segredou-lhe, acenando com o pollegar por cima do hombro :

— Elle está ahi ! Jantou commigo.

— Elle ! Quem ?

— Ora . . . quem ! O Rocha.

Neiva deu um salto elastico, e, corcoveado, d'olhos esbrasidos, exclamou em voz surda :

— O Rocha está aqui ! ?

— Está.

— Aqui ! e, agachado, batia com a bengala no chão.

— Está peruando o jogo. Gosta d'isso.

— Miseravel ! rugiu o bohemio. Ha uma semana que o procuro, já estive para pôr annuncios nos jornaes. E o biltre aqui !

— Queres que o chame ?

— Não, deixa-o com a sua sina.

Gorgeios de frauta, accordes de violão, tremeli-

ques de cavaquinho soaram endeixosos. Era a se-
resta que começava e logo uma voz grossa, alon-
gando arrastadamente as syllabas, desferiu :

Uma noite . . . Meu Deus, que noite aquella ! . . .
Por entre as galas no fervor da dança,
Vi passar, qual num sonho vaporoso,
O rosto virginal d'uma criança

O canto, ora enlanguecia, ora rolava engrolado
entre requiebros de bordões, trillos de frauta e tre-
mulos de cavaquinho.

— Mas então, o Rocha . . . ?

— É. Desde que abri isto tenho-o sempre aqui
commigo. Vai pouco ao Rocio e lá na outra casa só
aparece de dia. É pena o demonio do vicio. Ás
vezes fica que não póde dar um passo. Mas o engra-
çado é que não perde a cabeça. Até parece que se
lhe abrem mais as faculdades. Está que não se
aguenta e fala que é um gosto.

— E que faz elle ? perguntou Ruy Vaz.

— Anda com uma historia de santos de ouro,
sei cá ! Encolheu os hombros e, atirando despejada-
mente as mãos em gesto de quem se rende, disse :
Se der, estamos todos ricos, riquissimos ! Se não der,
paciencia !

— Santos de ouro ! ? murmurou com descon-
fiança o Neiva.

— Elle é que diz.

Os do grupo entreolharam-se. Neiva saltou im-
provisamente do assumpto :

— Bem, Quincas, vamos ao que serve. Tens ahi
peixe frito que se coma ?

O homem desabou os braços, desolado :

— Peixe, meu amigo . . . Peixe mesmo, a falar verdade, não tenho.

— E podes arranjar-nos uma omelette d'aquellas . . . ! e castanholou de braço a prumo.

— Lá a omelette arranjava-se, isso era o menos, tenho ahi tudo . . . mas faltam-me os ovos. Não sei que diabo tem havido por ahi que não apparecem ovos no mercado.

Neiva recuou escandalisado e, cruzando os braços, encarou severamente o bordegão :

— Quincas ! tu estás desmoralizando o negocio. Pois eu trago as letras á tua casa, o romance e o conto e tu, Quincas . . . nem ovos ? ! Mas isto é a fallencia.

O homem arregaçou os supercilios, com a testa toda em refegos, concordando resignadamente.

— Mas que tens afinal nesta espelunca ?

— Tenho o que está lá fóra ao balcão. Aquillo e bebidas. E dirigindo-se a Ruy Vaz, desmanchado em gestos, desculpou-se. Eu, se soubesse que o senhor cá vinha, mas . . . que fazer ? Espichou o beijo, colleando desgostosamente em aceno negativo. Olhe, senhor Ruy Vaz, isto de comedorias . . . já foi tempo ! Hoje o povo só quer bebidas. Dêm-lhe de beber, o mais . . . Tentei tudo : desde as iscas até a mão de vacca ; desde as papas até a feijoada completa. Nada ! Se não fosse o outro negocio, palavra de honra . . . nem sei ! Com as taes comedorias não faço para a bôca, acredite. É uma desgraça ! Eu mesmo não sei como essa gente vive por ahi. Não sei.

— E isto já foi um paiz de appetite, meu amigo,

disse Ruy Vaz com gravidade : comia-se tudo, até bispos. O que estragou o estomago do nosso povo foi a civilização.

O bodegueiro arregalava os olhos, bestificado. Mas o Neiva interveiu :

— Tens razão, Quincas — o povo tem mais sede que fome. Tens razão.

Pensou um momento e, voltando-se, de repente, consultou :

— Que dizem vocês ? Come-se aquillo mesmo, não ? Já agora . . .

— Está bem feito, isso está, affirmou Quincas ; e fresco. É tudo de hoje. Os pasteis sahiram ha pouco do fogo, ainda estão quentes.

— Pois venham ! Venham ! E pimentões, Quincas ; muitos pimentões. O pimentão á comida é como o adjectivo no estylo : suppre a falta do solido. E olha : Spaten bem gelada. E concluiu solemne : Isto é um homem ! Para gelar uma cerveja não ha outro.

Quincas foi providenciar para o brodio. Abancaram.

A seresta continuava plangente no marulho da sala apinhada. Um dos caixeiros, muito arremangado e pernostico, correu a servir desengonçando-se em reboleios. Haviam arrasado a ração farta e bebiam saboreadamente quando o reposteiro arrufou-se e o Rocha appareceu esguedelhado e d'olhos delambidos, o carão lustroso tressuando graxa. Abriu os braços entre os alisares da porta e, bambeando nas pernas longas, pôz-se a piscar o olho sórna, cabeceando. Esborrachou-se-lhe a caraça em sorriso molle e, babujadamente, exclamou em voz balófa :

— Ahi, pessoal . . . !

Cambaleou, vergando sobre os joelhos, como desconjuntado, aprumou-se a custo, abrindo as pernas em compasso e, como a violento empurrão, arremessou-se de trambolho á mesa, amparando-se-lhe á borda. Quincas entrou a tempo de pôr-lhe a geito uma cadeira, fê-lo sentar-se e elle, esparramando-se de bruços sobre a mesa, com os braços estendidos entre pratos, copos e garrafas, resmungou num riso alvar e cuspinhado : « Está regulando . . . »

— Olhem como está isto ! exclamou Neiva com esgar de nojo. A cahir, o estúpido.

— Cahir . . . cahir. Quer você dizer que estou bebido. Muita gente tem cahido sem beber, até imperios, sabe ? Roma cahiu. Napoleão tambem, quanto mais um pobre diabo como eu.

— Pobre diabo, hein ? Pobre diabo . . . !

— O que eu disse e repito é que está regulando. Olhem só o que aqui vai de bebestiveis.

Neiva rangia os dentes e, pondo-se vivamente de pé, bengala em punho, encarou-o minaz, prorompendo em voz surda :

— O que está regulando é a cachaça, grandissimo não sei que diga !

— Ahi vem a historia. Quem sabe se estou bebido ? Não me faltava mais nada. Trabalho como um animal, estafo-me a rebentar e no fim é isto. Bolas ! e cuspiu gosmento, raspando os beiços com a manga do casaco. É assim. Eu estou vendo. As garrafas vasiaas estão ahi, eu estava lá dentro e o bebido sou eu. Está direito. Abriu o casaco, mostrou o bolso interno atochado de papeis e rosnou engroladamente : Bebedeira é isto.

— Isto quê, seu chuva ?

— Isto quê ? ! Atirou o braço bambo em direcção ao Quincas e, desequilibrando-se, com o busto em arco, agarrou-se ao bodegueiro, olhando-o de baixo para cima, a rir á chirriada, baboso : Hein, compadre ? Nós é que sabemos. Elles que falem. *Rira bien qui rira le dernier.* É o caso. Está conforme, não ha duvdia.

Desabou num bofeu. Quincas susteve-o e elle pôz-se a esmurrar o peito, dizendo :

— Dinheiro muito ! Vocês hão de vêr. Hein, Quincas ?

Ruy Vaz accendeu o cachimbo e, baforando com pachorra, recalhido sobre a cadeira equilibrada em dois pés, perguntou :

— Mas afinal, que historia é essa ?

E o Rocha explicou balbuciente :

— É uma mina ! Vocês não dizem que ando sempre na muafa ? Pois é. Bebedo, mas é ali no duro ! e esmurraçou a mesa. Hão de vér. Eu não digo nada.

E, com um aceno ao Quincas, que se retrahira, resmungou : Elle que fale.

Quincas espirrou um risinho brejeiro sacudindo os largos hombros.

— Que é ? perguntou o Neiva.

— Ora ... que é ... ? e, d'olhos em alvo, tamborilava com os grossos dedos no ventre impanzinado. É o negocio.

— Mas que negocio ? bradou o bohemio impaciente. Que diabo ! Andam vocês com maçonarias. Desembuchem d'uma vez ! Que ha ?

— Pois é a tal historia do morro.

— Que morro ?

— Ora que morro ha de ser ? O do Castello.

— Está aqui ! rugiu o Rocha com punhadadas cavalas ao peito. Tenho o roteiro, o mappa, o inventario das riquezas, tudo ! Só não possuo a carta autentica de Martins Gonçalves, porque este Quincas é um forreta. Tive-a na mão, tirei uma copia.

— E que diabo vão vocês fazer com essa carta ?

— Que vamos fazer ? Hom'essa ! Vamos explorar o morro, desentranhar a ourama, eu e o Quincas.

Foi subrepticamente com a mão a uma garrafa, mas o Neiva acudiu a tempo.

— Não, meu velho, tem paciencia. Isto é que não ! Estás no ponto. Chega !

— Nem um gole, ao menos, para molhar a palavra ? Estou zarro ! a estalar.

— Não.

Ficou um momento como abstrahido e, como o Quincas tornasse á sala, ónde o falatorio irritava-se, o Rocha, inclinando-se, sussurrou confidencialmente :

— A carta . . . ! Que maravilha ! Vale muito mais do que a Lampada Maravilhosa.

Como se a embriaguez se lhe houvesse instantaneamente dissipado, firmando os cotovellos na mesa, pôz-se a dizer, frenetico :

— Eu sou uma zebra ! Se, em vez de metter esse animal no negocio, eu houvesse procurado um homem de iniciativa e dinheiro, um americano, por exemplo, em vez de achar-me aqui, neste antro, estaria no meu palacio com vocês e muito champanhe e mulheres. Cahi na esparrella de alliar-me a esse imbecil e é isto. O estúpido não comprehende que

um caso destes não se vence assim de gagosa. Dinheiro é semente de riqueza e quem quer fazer fortuna semeia. Pois não é ? Tudo é assim. Feijão nasce de feijão ; dinheiro nasce de dinheiro. Uma besta ! Descubro documentos preciosos, peças autênticas, definitivas e o idiota . . . nem isto ! e mostrou a unha do dedo minimo. Vocês não imaginam o que me tem custado essa brincadeira. Reviro bibliothecas, revolvo archivos, consulto, copio. Um inferno ! Passei toda uma semana no Mosteiro de S. Bento com os frades. Homens admiraveis ! Fez uma pausa, maravilhado, e exclamou : Aquillo é que é comer bem ! E que vinhos ! E proseguiu : É pelos sebos, pelos leilões. Ando assim coberto de pó, e atirou piparotes ao casaco. O Carvalho Bexiga, por exemplo . . . Todas as quintas-feiras lá estou com elle. E essa cavalgadura é aos tostões, ás migalhas, sempre a chorar vinagre. Quiz ir, ha dias, á Quinta (o Raposo é o bibliothecario, vocês sabem. Camarada : franqueia tudo e dá ainda cama e comida) pois não fui por falta de duzentos réis.

Levantou-se inopinadamente e, abrindo os braços, implorou :

— Ó Chico, pelo amor de Deus, deixa-me tomar um gole de cerveja. Um só ! como lubrificante.

Neiva meneou com a cabeça, inflexivel. Mas o olhar enternecido com que o fitou o Rocha commoveu-o.

— Bem, vá lá uma gota.

E encheu-lhe, d'alto, espumejantemente, o copo. O estroina emborcou, lambeu, de sorvo, os beiços e continuou retemperado :

— Pois é . . . Demonstrei ao Quincas a necessi-

dade de darmos alguma coisa do bolo. Vocês sabem, é preciso. Sem isto não se faz nada. O homenzinho trepou nas tamancas e berrou : « Que não ! Que não dava vintem ! » Vocês não imaginam. Montei o porco. Ah ! não . . . Está enganado ! Ou faz-se o que eu digo ou retiro-me da sociedade — e elle que se arranje. Chegou-se mais e explicou : Vejam lá vocês. Eu propuz o seguinte : Tirar á minha parte o Christo, a Virgem, Santo Ignacio e tres apóstolos ; dar ao Quincas quatro apóstolos e toda a prata da sacristia, paramentos, etc., reservando para despezas, gratificações e beneficios nacionaes cinco apóstolos, com os respectivos pertences.

— Beneficios nacionaes . . . Que diabo é isso ?

— Eu explico. Sacolejou uma garrafa, virou outra e abriu desmesuradamente os olhos atitando com a lingua no céu da boca : Irra ! Beber assim . . . nem no Ceará depois da secca. Riu, continuando naturalmente : Logo que eu tire cá para fóra os tróços faço o seguinte : Dou S. Pedro, com as chaves e tudo, ao Ministerio da Fazenda para amortisação da divida publica. E ficamos livre do inglês. Ufa ! desabafou em resfolgo. Dou S. João, o do Apocalypse, ao Ministerio do Imperio para a Instrucção Publica. Matheus, ao Ministerio da Marinha para a reorganisação naval. André, metade para a Escola das Bellas Artes, outra metade para o Conservatorio. Thadeu . . .

— Chega, atalhou Neiva, esse é demais.

Rocha embatucou interdito :

— E o exercito ? Nós precisamos de um exercito á altura da marinha. Deu d'hombros e, com liberalidade : Não faz mal. Cêdo um dos meus.

— E Judas ? Perguntou Ruy Vaz. Que applicação pensas dar ao canalha ?

— Homem, é verdade . . . Podemos bebê-lo. Não, esbodega-se o bruto em orgias por ahi. Compra-se a rua Senador Dantas e enchemo-la de ponta a ponta de lupanares. Faz-se daquillo uma Babilonia. Porque não é digno que o ouro do traidor seja empregado em obras exemplares. Imaginem vocês uma igreja levantada com o dinheiro de Judas.

— Seria a redempção, ponderei.

— Homem, não digas brincando. Podia-se até resgatar o discolo.

— E que contracto tens tu com o Quincas ? perguntou o Neiva.

— Contracto ? Ah ! sim . . . Elle compromette-se a dar-me pensão e uns cobres, de vez em quando, para livros.

— E bebidas ?

— Bebidas ? Pois sim ! Isso elle considera « extraordinario » e põe na conta. Já lhe devo mais de trinta mil réis. Vocês estão enganados com esse typo. Eu é que sei.

A subitas, na sala contigua, cresceram vozes em alvoroço, trambolharam cadeiras, tiniram vidros. Sarilho : toda a gentalha tumultuava em balburdia e uma mulata, espalhando-se acapoeiradamente, ameaçava outra com o copo em que bebia e, d'impeito, arrancando-se de mãos que a continham, em gesto rapido, atirou a cerveja á cara da rival, encharcando-a.

Uma obscenidade estourou e as duas, arremangando-se, muito desbocadas, arremetteram fulas,

engalfinhando-se. E tudo apinhou-se para dispersar-se de novo, pois o do cavaquinho, em salto agil, agachado como para marrar, abriu campo interpondo-se entre as duas, ás braçadas, gingando; e separou-as á bruta, empurra d'aqui, empurra d'ali.

Outras mulheres despejaram-se em desaforos e o turumbamba iria ao extremo se o «cabra» do violão não entrasse decidido, aos berros autoritarios.

— Que é isso? Não quero diferenças. Vamos! Vamos! A gente 'stá aqui p'ra se divertir. Chega de chinfrim.

E empurrava ás cotovelladas, mettia o peito e o seu joelho valia por um ariete.

O do cavaquinho bufava esbaforido, com o chapéu atirado á nuca:

— Já se viu só?! A gente brincando e, de repente, um banzé desses. Esse diabo onde entra é isto. Bebe e fica que nem cascavel... e logo puxando ferro. Ora já se viu...!

E todos falavam em barbariso, uns acirrando, outros apaziguando. A desordeira cirandava, de mão espalmada ameaçando a outra:

— Deixa-te estar, bruaca! Você me paga! Só se Deus não é Deus!

— Quando quizer! respondeu a outra casquinando um riso escarpinho. Ora essa! Quem sabe se eu tenho medo, e reboia as ancas, revirando os olhos.

Os caixeiros levantavam as cadeiras. Neiva murmurou:

— Vamo-nos embora antes que se feche o tempo. Isto começa assim e, daqui a nada, está entrando em scena a navalha.

Quincas rebojava, ás tontas, no sarilho, de um a outro, serenando os animos.

— Vamos aproveitar a estiagem para safar-nos, aconselhou o Neiva.

Rocha manteve-se imperterrito :

— Não, eu fico garantido a zona e o capital. Hoje é sabbado, dia de estouros. Quincas é homem. Mas, que diabo ! o meu dever é ficar para o que der e vier.

— Bem . . . Então até amanha.

Foram-se, esgucirando-se sorrateiramente e o Neiva disse ao caixeiro que os servira :

— Seu funcionario, olhe que aquillo ali dentro é meu.

Ruy Vaz, arrependido de haver entrado naquelle antro, confessou que não supportava o Rocha :

— Não vou com esse sujeito. É typo que não me entra. Vocês insistem em impingi-lo . . . Aceite-o quem quizer, menos eu. O que elle anda a fazer não é decente. Será tudo quanto quizerem, menos bohemia. Viver assim á custa de um pobre homem, explorando-o com essa historia de apostolos, podem vocês achar engraçado, para mim não passa de um conto do vigario. Não é direito.

Neiva, que ouvia com ar de espanto, estacou perguntando:

— Falas sério ?

— Se falo sério ? Ora essa !

— Ah ! pensas que o Quincas é typo de se deixar embrulhar ? Quincas é um malandro escovado, escovadissimo ! Se ha um explorado é o Rocha, digo-t'o eu. Tu é porque não conheces o caso.

Á aproximação do grupo um casal, que cochichava no escuro, afundou nos bambús, arisco. E Neiva proseguiu :

— Pensas, talvez, que o Quincas vive desta bodega ? Quê nada ! Nem disto nem do frege do Largo do Rocio. Vive do barato da tal batota da Travessa da Barreira. E o Rocha é quem faz tudo ali — é pharol, guarda-livros, ficheiro e, em caso de complicação com a Policia, é elle que desfaz o embrulho. E que lhe dá o Quincas ? um prato á mesa e uns nickeis para o cigarro. Apostolos ! . . . Isso é uma historia na qual só elle, Rocha, acredita. Porque a verdade é que esse pobre « Alazão » é um D. Quixote, sempre no imaginario, a construir castellos nas nuvens. Vocês são injustos com elle porque o não conhecem.

O Rocha é dos que despem a roupa do corpo para agasalhar um velho ; é dos que furtam para matar a fome a uma criança ; é dos que affrontam a morte para salvar um desastrado. Quando a Oudin teve a febre amarella e ficou abandonada de todos, sem quem lhe dêsse uma sêde d'agua, o Rocha postou-se-lhe á cabeceira e só a deixou no cemiterio. Com que interesse ? A Oudin era uma miseria hedionda e repugnante e o Rocha mordía para comprar-lhe os remedios, a dieta, pagar o tilbury do medico. Fez-lhe o enterro e cobriu-lhe o caixão de rosas. Será tudo, menos um deshonesto. Mente, morde . . . Ora, meu amigo . . . não lhe atiremos pedras por isso.

O Quincas, sim . . . isso é um espertalhão de marca ! Bilontra de tres assobios ! Ali onde o vês, com aquelle ar sórna, tem predios, dinheiro em ban-

cos e empresta a juros e se lhe não pagam as letras não está com uma nem com duas, é logo penhora, cacos a contas e o escandalo publico. Dá-nos credito. E nós ? defendemo-lo nas falcatruás, prestigiamo-lo com a penna e com a palavra, encobrimos-lhe as infamias. Somos como esses dançarinos das casas de jogo que bailam na sala da frente disfarçando o que se faz nos fundos. É isto, meu caro. E o Rocha é o pianista que toca, entendes ? Apostolos . . . Quincas toma lá a sério essa historia ! O Rocha, esse sim ! garanto-te que está convencido da existencia do tal thesouro do Castello e se alguém lhe emprestasse sob penhor do Santo Ignacio, por exemplo, juro-te que elle faria a caução de boa fé. Maluco, cerebrino. Quixote . . . sei lá ! Deshonesto, não !

Quanto a ser vadio, que o é, não nego, a culpa não é delle. Não ha homens inuteis, ha-os desaproveitados. A nossa mão esquerda é um trambolho, que vive á custa da direita. Por que ? porque não a fazemos trabalhar. O canhoto educa-a, exercita-a tornando-a tão docil e destra como a direita. O Rocha é « um mão esquerda » que viveu sempre a expensas dos pais.

— E agora vive á custa de todo o mundo, disse Ruy Vaz. Seja o que fôr, não me serve para companheiro.

Vagarosamente entraram no perimetro da feira. A funcção do circo terminara. O povo escoava em turba densa. Os quitandeiros vozeiravam pregões, e o povareu, rindo ainda das graçolas dos palhaços, commentando destrezas de acrobacia, espalhava-se pelas viellas onde as barracas, em lumieira, attra-

hiam com o vozerio dos vendedores e o rumorinho confuso de musicatas e gasnitos fanhos de cornetins e gaitas.

Sentia-se, nos que se dispersavam, a fadiga assonorentada.

Ruy Vaz despediu-se. Neiva convidou Anselmo a dar uma volta pelo Rocio :

— Vamos á *Maison*, ao *Munchen*, deve haver gente. O outro escusou-se. Pois vou eu. Que diabo ! Vocês não aproveitam a noite. A noite é a vida em camisa, sem disfarces : vê-se o mundo como elle é. É a hora das sevandijas e dos vicios. O sol é besta ! Até amanhan.

X

Rapida como a claridade de uma manhan de verão a bôa nova espalhou-se desde a zona aurifera da Bolsa até as confeitarias da rua do Ouvidor, e toda a « bohemia » exultou desopprimida ao saber que Montezuma, num lance ousado em que arriscara a camisa do corpo, levantara obra de cem contos de réis na alta ou na baixa de qualquer coisa.

Á hora do mais intenso movimento, quando começava a circular o « madamismo » e os noctambulos surgiam avidos de aguas mineraes, reluzente « victoria », tirada por elegante e ardego trotador platino, estampa colorida a negro e de verniz espe lhento, despejou na rua Gonçalves Dias, esquina de Ouvidor, o afortunado patriarcha enfarpellado em andaina côr de castanha, com uma corrente de ouro capaz de levantar a ancora do *Riachuelo*.

Uma commissão recebeu-o ovante e a tarde foi estrondosa e facunda, espumejada a champanhe no

Caillau, na *Maison Rouge* e até no *Braço de ouro*, tudo por ordem e conta do generoso ancião.

Desde logo buscou-se pretexto para uma esbornia consideravel á altura do acontecimento.

Á falta de ephemeride, que se prestasse a ser patrioticamente commemorada, recorreram os interessados aos casos intimos, descobrindo alguém, entre as datas mais proximas, a do anniversario de *Georgette*, francesinha fragil como uma figurinha de *Saxe*, muito amorosa de cães que, em dias magros, abria a alcova e o sorriso ao erotismo inhenho de *Montezuma* e de outros leões decrepitos.

E ficou resolvido que se festejaria esse natal venusto com farnel opiparo em sitio poetico de arvoredo e aguas.

Paquetá teve um voto, justificado com a tradição litteraria da sua pedra; a maioria, porém, opinou pela *Tijuca* e foi eleita a montanha para séde do bródio por ser mais solemne e estar livre dos perigos do mar, sempre insidioso.

A partida seria de madrugada para que os poetas gosassem, pela primeira vez, em plena natureza, o espectáculo maravilhoso do nascer do sol. *Montezuma* acquiesceu sendo immediatamente despachado um carregador com um bilhete a *Georgette* communicando-lhe a resolução da assembléa. E, para accordarem em certas minucias houve, nessa noite, lauto jantar no *Globo*, sendo o projecto approvado em 3.^a discussão ás quatro da manhan em gabinete particular da *Maison Moderne*.

Quando o bonde especial parou diante da Empresa das Diligencias, na raiz da montanha, o grupo despejou-se tumultuosamente prorompendo em ovação ao descobrir a enorme lata do Paschoal, duas grades de garrafas, uma caixa de champanhe e uma catimplora encarapuçada, exigencia das mulheres, que, até nas selvas, faziam questão de sorvetes. Dois carregadores, com honras de uchões, montavam guarda á pitança e aos liquidos.

A maior traquitana da Empreza, puxada a seis machos, reluzindo com a orvalhada matinal, esperava, de cocheiro á boléa, ennastrada de ramos á maneira festiva dos carroções da Penha. Fantasia de Montezuma.

Amanhecia luminosamente em frescor balsamico, com um sóido continuo de insectos e agradavel gorgorejo daguas. Nevoas acotonavam as eminencias ou defluíam esgarçando-se nas arvores, subindo em frouxeis de musselina do fundo das grotas e toda a verdura rebrilhava roscida, alastrando no raso das chans em talhões e latadas de hortas ou alta, crespas no arvoredos frondosos, picado de flores amarellas. Um cheiro melloso de capinzaes adoçava o ar fino e frio cruzado de andorinhas.

E soberba na altura e na opulencia da sua vegetação versuda, com abertas de pedras alisadas a brilhos dagua, a montanha parecia inaccessivel, fechada na sua espessura, ainda que, por entre a massa vegetal aqui, ali, branqueassem residencias nobres e apparecessem ranchinhos de palha aureolados de fumo.

O céu abria-se num azul crystallino sobre o qual

nuvens ralas, recebendo o sol, refulgiam em broslados de ouro. A luz pulverisava os cimos, cahia em clarões esparsos matizando a verdura.

Os uchões trataram de accomodar a ingesta, e o grupo, que trasmalhara prazenteiramente, gosando a belleza natural dos arredores, com inveja dos simples que ali viviam desambiciosos, contentes com o que lhes dava a terra, ao appello do amphitrião, ajuntou-se para embarcar.

E a caravana foi enumerada — eram onze ao todo, fóra os uchões : tres do sexo da discordia, sete do outro e uma alleman anafada (110 kilos e seiscentas grammas) com barba e oculos, que foi classificada á parte, no genero neutro.

Georgette que, nesse dia, recuara para os dezoito annos, trajava um costume de linho completando-lhe a graça com um chapéu pastoril de abas largas, enfeitado de espiguilhas e papoulas.

Foi a primeira a embarcar içada a pulso por Fortunio e Ruy Vaz. Elvira, lançando-se afoitamente, com a agilidade de uma Diana, sem auxilio de homem, foi a segunda. Seguiu-se-lhe Carmen, a «samaritana», paraense morena, alta e flexivel como a jussara, dona das pernas mais lindas que, então, circulavam.

Por fim a alleman, com um ronco, atafulhando as saias entre as pernas, agadanhou os balaustres, guindando-se com tal impeto que teria ido parar ao tejadilho se Montezuma, que fazia as honras do vehiculo, não a houvesse agarrado a tempo puxando-a a si e atirando-a em moxinifada ao banco.

A diligencia cambou rangendo com o peso da walkyria, que tomou a metade dum banco plan-

tando os pés, em botarronas masculas, sobre a caixa do champagne.

Chegara a vez dos rapazes quando um mugido longo roçou no silencio manso e Bivar, attrahido pela voz bucolica, voltou-se descobrindo um casebre coberto de zinco e todo enramalhado como um caramanchel, diante do qual uma vacca vermelha, immovel, como de barro, olhava pensativamente o céu.

— Grande Virgilio, poeta da natureza eterna! exclamou o lyrico extasiado. Como isto reconcilia a gente com a vida! Como nos tonifica a alma! Onde o poema de rimas artificiosas que valha essa voz tão simples, em que ha força e meiguice? *Mugitusque boum!* murmurou lembrado de Hugo e recitou baixinho:

Ainsi vous parliez, voix, grandes voix solennelles;
Et Virgile écoutait comme j'écoute...

Esteve um momento extatico, de olhos altos e, no silencio que, então, se fez, as cigarras romperam o canto ciciado. Alguem propoz:

— E se tomassemos um vermuth?

— Não! Leite! Vamos tomar leite daquella vacca! bradou Georgette saltando e batendo as palmas e já se preparava para descer quando Montezuma interveiu alarmado:

— Estás louca, rapariga! Pois queres tomar leite em jejum?!

E, para evitar a desgraça, intimou energicamente o cocheiro:

— Tóca esta joça, homem.

O chicote estalou rispido e, com um solavanco, em que todos reboaram, a diligencia partiu desengonçada. Fortunio, desafiado pelas cigarras, esguelou escaçalhadamente :

Nessas viagens
 Sulcando os mares,
 Fundos pezares
 Sei que soffri.
 Mas . . .

— Cala-te, monstro ! bramiu Anselmo. Vamos contemplar a natureza e ouvir-lhe as vozes.

— E, religiosamente, accrescentou Ruy Vaz. As montanhas são os altares da cidade e esta é o altar-mór.

— Pois se estamos no altar-mór communguemos, propoz o Alazão.

— Não, senhor ! contraveiu Montezuma. Bebidas, só lá em cima.

A estrada, retorcida em meandros, era uma successão de surpresas nas quaes se apraziam os sentidos em alvoriço, como alegres crianças brincando á solta na vastidão de um recreio.

Era a vista que subia, mais rapida que a luz, vingando as crespas encostas, mergulhando nas profundezas frondosas dos valles e dos reconcavos, varejando abertas por entre tramas de folhas e de cipós e partindo em frecha para os longes dos horizontes recortados em redentes azues de serras e, logo abaixo, o mar liso e luminoso, trechos alvos da cidade, e ali em volta a brenha mádida, de um verde lustroso e matizado, ainda defumada a nuvens tenues e infulas de nevoa, que se enrolavam

nos ramos altos de arvores possantes, enfiestoadas de lianas e de parasitas. Por entre silvas brilhos d'agua encachoeirada em caneiros e, de um e outro lado, beirando precipicios e quebradas, alcantis a pique, pincaros escalavrados ou escaleiras de rochas que o sol betava de ouro.

Eram os ouvidos que se deliciavam com a variedade de sons : trillos, estrepitos crepitantes, rumorejos languidos de ramos, fervores d'agua em corredeiras. Era o cheiro resinoso dos velhos troncos, de mistura com o das hervas humidas que despertava no paladar um saibo estitico de fruto acido e ainda a caricia molle das folhas róridas e frias.

A diligencia subia vagarosa, rangendo. Anselmo rompeu o contemplativo silencio exclamando arrebatado :

— Que maravilha ! *Deus nobis haec otia fecit . . .* E dizer que só o estrangeiro conhece e gosa este paraíso.

— E por que ? ! interpellou Fortunio impertigado, porque os nacionaes, como tu, só pensam em terras velhas, em deuses caducos e em nymphas serodias. Bolores classicos.

— Bolores, não ! protestou Bivar.

E Anselmo, arrancando violentamente o chapéu da cabeça, pôz-se de pé, hostile, disposto a defender a mythologia e os heróes hellenicos. E teria havido ali, na traquitana, referta bravia se Ruy Vaz, que accendera o cachimbo, não se decidisse a intervir serenando os animos :

— Paz, amigos. Deixemos as coisas do passado diante deste presente real que temos aos pés — estas caixas de seccos e molhados, estas grades, esta ca.

timplora e o nosso appetite. A vida é o momento que passa; a felicidade é o passaro que está na mão.

— É, esbravejou Anselmo, todos vocês falam do passado, mas é nelle que se inspiram. A antiguidade é a eterna pedreira onde vamos buscar escassilhos para a nossa arte fragil. Blocos não ha mais — os genios acabaram com todos. Querem vocês comparar os dias reles de hoje, com os da idade de ouro. Eu digo e redigo com Musset :

Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux . . .

— *Monde trop vieux . . .* escarneceu Fortunio. Pois sim ! Mas eu sempre queria que me arranjasses no seculo de Pericles, com Phidias e seu rancho, uma lata como a que aqui vai e champanhe e sorvetes. Eram comesainas herculeas : bois inteiros, zigos de azeitonas, leite ás canadas, e mel de abelhas. No assumpto bebestiveis, peor um pouco — tudo carrascão e zurrapa.

— Carrascão e zurrapa . . . Então a vinha de Dionysos . . . ?

— Qual Dionysos !

— Homem, eu estou contigo, disse pensadamente Montezuma, ajuntando outro « pince-nez » ao que já lhe cavalgava a penca. Entre esse tal Dionysio e a viuva Cliquot prefiro a madama.

— *Et moi aussi*, concordou Georgette.

Anselmo revoltou-se :

— Alto lá, Montezuma ! Tu não entendes disto.

Ne sutor . . .

— Sim, confesso que nessas coisas sou mesmo

grego, mas em se tratando de frasqueira, tenham paciência . . .

— Grecia ! . . . A Grecia teve o seu tempo, insistiu Fortunio. Depois disso é falta de patriotismo. Diante de uma belleza como esta falar na Grecia.

Assomou-se :

— Pois eu quizera ter nascido aqui, aqui mesmo, nesta montanha, antes da chegada de Cabral, tupiniquim da silva, de enduape e cocar, arco e frecha, cacique de uma tribu, com muitas mulheres em uma ocara cheia de redes. Então é que vocês haviam de vêr um homem ! Grecia . . . !

— Eu, se houvesse sido consultado no ventre materno, teria pedido prorrogação de prazo para nascer ahi por volta do seculo 40, quando isto já deve estar confortavelmente arranjado para a vida perfeita, com os mundos todos em communição, com um serviço regular de balões . . .

— Bolha da vaidade humana ! sentenciou Parda.

E Bivar proseguiu :

— . . . com os mundos todos em communição, um serviço regular de balões, podendo-se viajar da terra á lua, ao sol ou a Jupiter como se vai hoje a Paris ou a Londres.

E bocejando entediado declarou que já começava a achar aquillo monotono :

— Nada como a cidade ! Paizagens, só pintadas e por artistas de genio. Não supportava um dia inteiro de ecloga, á sombra de arvores, ouvindo cigarras, enxotando mosquitos e sempre arriscado a ser mordido de cobra. Isso de viver *sub tegmine fagi* era muito bom em litteratura, na realidade preferia um bom hotel em Paris.

— Ahi vem Paris. Que diabo ! esbravejou Fortunio, deixem-se de estrangeirismo. Vivem vocês como certas comadres que não sahem da janella, sabem tudo que se passa na vizinhança e deixam a casa á matroca.

— Isso ! Fortunio, casca-lhes ! agulou Ruy Vaz.

— Quem tem razão é o Vieira, secundou o Rocha, que, para evitar gallicismos, abandonou a francesa com quem vivia, amancebando-se com uma portuguesa classica, de Tras os Montes. Aquillo é que é homem !

Montezuma entrara em crise languida babando a beijos a nuca de Georgette, que se retrahia ás cocegas, esgargalhando em frenesis hystericos. Ruy Vaz chegou-se á Elvira e Pardal, citando Baudelaire, repousou a cabeça loura nas pernas da alleman ficando-lhe á sombra do enorme seio.

« Comme un hameau paisible aux pieds d'une montagne. »

Os mais, com excepção de Bivar, que fumava pensando em Paris, á falta de companheiras, entretiveram-se em idyllio casto com a natureza.

No Alto da Bôa Vista a diligencia fez uma parada para o primeiro appetitivo. Os uchões abriram vermouths e serviram sandwichts e Montezuma propoz que o almoço fosse nas Furnas :

— Nada de Cascatinha nem de Vista Chinesa, onde sempre ha restos de farofia, migas de pão, ossos esburgados, cacos de vidros, garrafas vasiadas e outros vestigios de pique-niques reles. Nas Furnas !

Posta a votos a proposta passou atravez da in-

diferença de Bivar, esbarrando apenas na opinião da alleman, que preferia o *Excelsior*.

— Qual *Excelsior*, Yungfrau ! rebateu Fortunio. As Furnas ! Será uma manhan prehistorica. Montezuma fará de urso das cavernas para dar idéa da fauna primitiva.

Pardal entendia que todos deviam ficar nús, como nas eras candidas.

— Não ! Nada de escandalos, contrariou Montezuma. Póde apparecer a policia e eu tenho familia. Quando muito em mangas de camisa. E concluiu austero : Se não houvesse senhoras, ainda bem.

— Mas nós precisamos reagir contra esse preconceito idiota ! protestou Fortunio. O nú é bello e a Belleza é moral. Essas senhoras não se despem ?

— Não fazem ellas outra coisa . . . sussurrou o Alazão.

— Não visitam museus ? insistiu Fortunio.

— De quadros vivos, accrescentou Ruy Vaz.

E o poeta do « Lenço » perorou :

— Só a Hypocrisia faz opposição ao nú, cobrindo-o, porque é inimiga da Verdade. Deixemo-nos de luxos. Tudo nú em pello !

— Nús ou vestidos, vamo-nos embora, aconselhou Pardal. Empacamos nas conveniencias e o estomago já está moendo em secco.

Tocaram. Começava a aquecer com um sol rutilante, pondo scintillações nas folhas humidas. Toda a montanha reluzia dourada rechinando sonoramente a serranilha das cigarras.

A diligencia rodava vagarosa e pesada vencendo asperos acclives. De repente, porém, precipitou-se como despenhada rilhando na areia, esmagando ca-

Ihaus, a colubrear torcicollosamente pelos cotovellos da estrada, empinando-se em cocurutos de onde abicava, a subitas, de mergulho a abysmos, sacudindo-se aos trancos, entalando as rodas em verdadeiros algares e eram solavances em que os passageiros saltavam como se fossem de borracha.

As garrafas tiniam nas grades e a lata das victualhas andava aos boléos por baixo dos bancos. Montezuma intimou o cocheiro a conter os animaes :

— Olhe lá você, homem. Neste andar chegamos ás Furnas com tudo isto em droga.

— Vamos desgovernados como Phaetonte no plaustro de Apollo, comparou Anselmo.

— Qual plaustro, qual nada! Vamos mas é correndo para um desses abysmos, como Fausto. Estamos aqui, estamos esborrachados. Este cocheiro não tem mão de redéa : deixa as bestas soltas, commentou Bivar.

— Olá ! bestas parranas, tal montanha . . .

É melhor de descer que de subir . . .

declamou Fortunio paraphraseando o épico.

Num trambolhão maior, em que a traquitana gemeu, Georgette abraçou-se com Ruy Vaz, arru lhando, pallida e estarecida :

— *J'ai peur !*

Montezuma levantou-se de golpe, inflammado, e interpellou a franceza :

— Mas que é isto ? ! Então eu trago a senhora ? ...

A misera repetiu:

— *J'ai peur !*

— Qual *peur* ! O que você tem bem sei eu o que é, mas isto, minha amiga, nas minhas barbas, tenha paciência.

E, com um « pince-nez » em cada uma das mãos, bracejou indignado :

— Lá a viagem e o almoço vá ! mas o resto, não ! não pago ! Isso não pago mesmo. Fazerem-me de tolo . . . Era o que faltava !

Atinando com o motivo da revolta a anniversariante empalmou as bochechas molles do ancião acalmado-o com dois beijos muito chilreados :

— *Voilà pour l'amour.*

— É . . . *l'amour* . . . rosnoa amuado. Vocês são todas da mesma laia, mas commigo enganam-se.

— Ora, Montezuma . . . Que diabo ! Tu offendes-me, protestou o romancista susceptibilizado. Então eu seria capaz de trahir-te assim cara a cara ? Não parecees um homem de espirito, palavra.

— Não, meu amigo, nessas coisas não ha espirito, o que ha é corpo, entende você ? Corpo e do bom . . . !

— Sou teu amigo e respeito religiosamente a amizade, insistiu Ruy Vaz. Georgette abraçou-se commigo como se abraçaria com o cocheiro se estivesse á boléa. Instinto de defesa apenas. Olha o Pardal. Acreditas que elle seja capaz de tentar a ascensão da Yungfrau ? e não está ali todo derretido com ella ? Quem está em risco de afogar-se apega-se ao que encontra. Mas acabemos com isto. Nada de discordia. Passa para lá, Georgette.

E a francesa, cheia de mimalhices, foi sentar-se á ilharga de Montezuma que resmungava enciumado. Elvira substituiu-a junto do romancista.

— E eu ? exclamou Carmen, amollecida em dengue, requebrando os lindos olhos languídos.

O « Alazão » candidatou-se. A paraense, porém, preferiu Anselmo, perfumando-lhe voluptuosamente o pescoço com os roliços braços côr de ambar que recendiam a pipirioca.

Restabelecida a paz a viagem proseguiu alegremente conversada.

A estrada achanara-se, ora toda ao sol, ora á sombra de arvoredos, ladeando barrancas encarapinhadas de silvas e planuras de hervagens finas ou profundezas de mattagal. Por vezes aguações serenos reluziam coalhados de nymphéas em flôr.

Constante era o revoejo de aves e de borboletas. O cheiro acre dos mattos amornava-se e o sol na altura fúlgura vibrava em rutilo turbilhão de fogo.

Uma récova carvoeira, apparecendo ao longe, deu motivo a alarido. Os tropeiros correram aos muares e foi pelos alcandores um trepa trepa assustadiço de mulas e machos e a diligencia passou aos reboleios, levantando densa nuvem de poeira.

Um casebre em fundo de horta, o cão á cerca latindo, crianças em vozerio pedinchando vintens. Palhoças adiante ; mais longe, dentre copas cerradas, rolos de fumo subindo em espiras denunciavam habitações occultas na espessura.

O cocheiro acirrava-se batendo com o pé, atirando chicotadas longas ás bestas dianteiras. Pardal foi o annunciador, bradando :

— Ora graças !

Puzeram-se todos de pé saudando o sitio de lapido e aguas, onde deviam passar o dia em regabofe.

Apeados, enquanto os uchões retiravam o far-

nel, Montezuma reuniu o bando e, solemne, com um par de cangalhas no nariz adunco, alçou o braço no gesto classico do « Qous ego . . . ! », declarando :

— Bem. Cá estamos, com a graça de Deus. Agora, meus amigos, divirtam-se á vontade, mas não se esqueçam dos meus sessenta e tres annos. Respeito !

— *C'est ça : il faut du respect*, confirmou Georgette com affectada seriedade ; de repente, porém, desatou a rir e, atirando-se ao patriarcha, premiu-lhe o rosto a mãos ambas, chimpando-lhe um estalado beijo em cada uma das belfas ouriçadas pelas soças.

A alleman, achando a recommendação absurda e impraticavel, encolheu os hombros de cariatide. Elvira pôz-se a assobiar d'olhos em alvo, batendo com o indicador nos beiços abicados e Carmen, sempre dengosa, retorceu a bôca, requebrando os olhos :

— Não vê ! Esperem por isso ! Era o que faltava — deixar a gente os seus commodos para vir jogar o serio no meio do matto. Então não se póde brincar, seu Monte ?

— Brincar . . . ? Isso é conforme, respondeu o amphytrião. Ha brinquedos e brinquedos.

— Sim, como ha *fagots et fagots*, apoiou Fortunio e o ancião, mantendo a disciplina :

— Póde brincar, póde, mas dentro da moralidade.

— Não ha espaço, discordou Pardal — a moralidade é um pateo de prisão.

Um dos uchões tomou á cabeça a lata das victualhas e foi-se pelo labyrintho. Ia o outro levantando a catimplora quando Ruy Vaz o deteve ;

— Não, amigo. Procedamos com ordem. Isto já começou mal. Á frente deviam ter ido as garrafas de vermuth, bitter e outras abrideiras, depois a lata acompanhada da vinhaça de pasto, em seguida o champanhe e, á falta de aguas mineraes, a catim-plora para garantir a retirada.

— Nada de discussões. Em marcha ! commandou Pardal.

Montezuma deu o braço a Georgette, Ruy Vaz a Elvira, Anselmo a Carmen. Fortunio e Bivar seguiram escoteiros, discutindo fórmãs poeticas e, ajoujados, fechando a retaguarda, os dois gigantes — o Alazão e a Yungfrau, cujos passos estrondavam nos concavos da caverna como os golpes de Durandal na penha de Roncesvalles.

Camões ousou enxertar no seu poema, á guisa de bailado, aquelle canto venusto com o qual, pelo muito que prezava a gente lusa, lembrou-se de lhe dar

algun repouso, emfim, com que pudesse
refocilar a lassa humanidade.

Tanto perturba aos que o lêm esse maravilhoso philtro poetico que, por prudencia, os austeros examinadores de português o excluem da urna, evitando, assim, cautelosamente, o perigo que Ulysses soube conjurar quando navegou no mar insidioso das sereias.

O poeta, com a licença que lhe concedia Apollo, aventurou-se a descrever, ponto por ponto, o que eu não me atrevo a esmiuçar.

O que se passou nos desvãos das Furnas e pelos alfombrados circumvisinhos, que o digam os satyros curiosos que por lá sorrateiramente se esgueiravam pisando em pontas de cascos ; que o digam as nymphas que espreitavam pelas fendas das rochas ou escondidas nos folhedos, eu espalho reticencias pelos meandros da sombria cava.

Os dois uchões montavam guarda á lata, á frisqueira e á catimplora, cochichando á risota, quando Pardal os chamou, pondo-os de sentinella, cada qual a uma das entradas do fragedo, emquanto elle, Fortunio e Bivar, que a agua fresca e limpida attrahia, gosassem a delicia de um banho no tanque natural, um dos encantos do sitio. Os mais haviam desaparecido e o que faziam diga por mim, com a sua autoridade classica, Camões na estancia primorosa :

Oh ! que famintos beijos na floresta !
E que mimoso choro que soava !
Que afagos tão suaves ! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava !
O que mais passam na manhan, e na sésta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor é experimentá-lo que julgá-lo.
Mas julgue-o quem não pôde exprimentá-lo.

Do antro em que se haviam alapardado o Alazão e a Yungfrau subiam tonitruosos rónquidos, como se a terra fosse ali vulcanica e estivesse a dar aviso de imminente e furioso cataclysmo.

Casquinadas, gritinhos hilares, os mattos ondulando farfalhantes e, ora um, ora outro foram apparecendo. os commensaes..

Anselmo e Carmen surdiram vagarosos, caminhando em languido colloquio. Ruy Vaz e Elvira romperam de um balseo, o romancista a acariciar a companheira com uma palma de samambaia ; por fim Georgette com Montezuma pela mão, reproduzindo o grupo meigo de Antigone e Edipo em Colono.

O ancião rastejava curvado, sondando o terreno como se procurasse alguma coisa na macega hirsuta. Volta e meia detinha-se e, apesar de animado pela francesa, não se afoitava nas trilhas pedregosas, senão depois de sondar o terreno, todo em socalcos e recavas. Vinha em mangas de camisa, com o casaco á cabeça por causa do sol. Descobrimo-o, os banhistas romperam em assuada :

— Salve o indefesso propagandista da marapuama !

— Pois sim ! resmungou o velho, vão falando. Eu, pelo menos, compareço, isto é que é. A lenha secca é a que pega mais depressa e dá melhor fogo.

— Tens razão, Montezuma. A lenha verde custa a pegar e, quando queima, crepita em escandalo e é uma fumarada insupportavel : complicações, codigo, pretoria, um inferno !

Montezuma interrompeu a loquella de Fortunio, bradando assomado :

— E vocês nós, hein ? ! Nós !

— Antes nós do que mal acompanhados, repon-tou o bohemio.

— Nós, mas limpos ! accentuou Bivar. Indecente é isso de virem vocês cheios de matto como se houvessem andado por ahi a espojar-se : Georgette com herva nos cabellos, Montezuma quasi mudado em arvore, com folhas e gravetos nas barbas e na gre-

nha. Isso é que é indecente. Demais a mais, sejamos francos, se ha aqui quem mereça censura, és tu, Montezuma. Estás na idade de Nestor, devia sser um espelho de virtudes. Entretanto, pai de familia, patente superior da Armada, financista provector ouvido em assembléas de banqueiros, andas sempre, e escandalosamente, com uma mulher a reboque.

O velho aprumou-se.

— E que tem isso ? Pensas, talvez, que é por devassidão ? Estás enganado. Eu tomo amantes como outros vão ás aguas ou a Petropolis — para distrahir-me e retemperar-me. A amante é a minha villegiatura, entende você ? Mas não esqueço a familia, o lar, e, depois de algum tempo, torno aos penates. A vida nos hoteis acaba arrasando-nos o estomago. Nada cômo os feijões da casa.

Como Pardal sahisse do banho a correr, refugiando-se na mouta, onde deixara a roupa, os dois outros foram-lhe na piugada, chapejando nagua, aos saltos.

O almoço foi uma das demonstrações do genio sybaritico de Montezuma, alliando o transbordo pantagruelico da mesa de Gamacho ao requinte epicurista do triclinio de Lucullo.

Havia de tudo á ufa, desde as ostras até o perú com farofia, talhado em fatias, acamado em lascas de fiambre e entremeios diversos, todos exquisitos, de nomes exóticos, «dyspepsia para um exercito», como diagnosticou o Alazão, com as largas ventas dilatadas em farisco de gula e uma azeitona carambolando-lhe nos cachiches, como bola em baías de roleta.

Comeu-se á maneira ascética dos monges pastantes — na herba, com a sombra do arvoredo por toalha.

A « samaritana », sempre lyrica, principalmente quando ficava com dois dedos de grammatica, resolveu beber champanhe por uma folha, capricho que obrigou Anselmo a arriscadissimas acrobacias nas penhas lisas e humidas e pelas rampas alcantiladas para procurar em desvãos e reconcavos das cavas alguma coisa que se prestasse a cyatho.

Na palestra, ao som do estribilho perenne dagua, Bivar lamentou a ausencia do Neiva :

— É pena que não tenha vindo !

Elvira concordou accendendo uma cigarrilha :

— Para uma coisa assim não ha outro.

— Não sei, contrariou Anselmo. Neiva não é homem de convescotes. Em coisas de mesa é dos extremos : ou banquete cerimonioso, solemne, obrigado á casaca, com muita luz, flores, musica, discursos ou então brodio bem esbodegado em tasca, em mangas de camisa, com pratarrazes de feijão ou tigelas de vatapá, vinho verde em infusas ou paraty, laranja ás talhadas e o caixeiro a taroucar os tamancos, de mangas arregaçadas, berrando para a cozinha as encommendas da freguezia : — « Olha um caldo verde spiciale » ; ou « Salta um cosido bem carr'gado ». Comedorias no matto, champanhe no capim, *foie gras* sem guardanapo . . . Hum . . . ! Neiva não vai com isso. Conheço-o !

— A proposito. Que historia é essa de casamento ? indagou Fortunio. Isso é serio ?

— Se é serio ? ! Ora essa ! Tudo que ha de mais serio. Um dos padrinhos sou eu.

— Um dos padrinhos! ? Então quantos são elles?

— Muitos, mas um só verdadeiro. Tu comprehendes, tendo amigos como elle tem e querendo contentar a todos . . .

— E fazer jús a presentes, accrescentou Ruy Vaz.

— Isso ! E é habil, pois não é ? Querendo contentar a todos, continuou o ancião, organisou uma lista numerada. Na vespera do casamento fará um sorteio, assim uma especie de tombola e quem tiver o numero sorteado será o padrinho definitivo.

— O « sorte grande », commentou Pardal. E qual é o teu numero, Montezuma ?

— Homem, francamente . . . não sei. Fiquei com dois inteiros.

— Inteiros. E ha meios ?

— Pois então ? Ha meios e decimos. Se a sorte sahir em decimos os contemplados serão *garçons d'honneur*, podendo o Neiva fazer livremente a escolha do padrinho nos encalhes e, em tal caso, já está combinado, serei eu.

— Sempre o tribofe, escarneceu Bivar.

— Tribofe, não senhor. Amizade.

— Neiva casar . . . Duvido ! exclamou o Alazão esticando o beijo.

— Duvidas ? Duvidas, por que ? Ha de casar e com todos os sacramentos, affirmou Montezuma.

E o Alazão concordou :

— Acredito, todos os sacramentos, inclusivè a extrema-uncção, porque será um homem morto.

— Morto ? Morto, por que ? irrompeu o patriarcha assomado.

— Ora, porque . . . porque um homem só se casa

quando não dá para mais nada. O homem que se casa cahe em exercicios findos.

Ruy Vaz interveiu :

— E vocês acham que o Neiva tomará o casamento a serio ?

— Por que não ?

— Pois sim !

— Aposto !

— Vocês estão enganados. Neiva é um bom, affirmou Bivar.

— Ninguem diz o contrario.

— Todo o estardalhaço que elle faz é como o resôo dos cymbalos dos corybantes em Créta : estrondo de disfarce para esconder um deus : o coração.

— *Oui, un dieu, c'est ça : le dieu de la blague*, disse Georgette a rir, estendendo-se na herva, com a cabeça nas pernas de Montezuma.

— Neiva vai dar um excellente marido, um chefe de familia exemplar, dos taes que carregam embrulhos para casa e a cestinha de fraldas do filho, garantiu Montezuma. Depois . . . mulher moça, formosa, intelligente, meiga, que o admira e ama. Que mais ?

— É . . . tudo é possivel. *Credo quia absurdum*, cantarolou Fortunio.

— Qual absurdo, qual nada ! Faz muito bem.

— Emfim . . . *rira bien qui rira le dernier*, sentenciou Ruy Vaz.

— Não hão de ser vocês, garanto, resmungou Montezuma cobrindo com o guardanapo o lindo rosto de Georgette, que adormecera.

Ruy Vaz deitou-se para tirar uma somneca e o Alazão, com o pretexto piedoso de enterrar os ossos, porque era uma profanação deixá-los ali em aban-

dono, escafedeu-se com a carcassa do perú, uma garrafa de Bourgogne e um pão. Outros sahiram pelas redondezas mettendo-se nas recavas obscuras e humidas ou subindo aos alcandores frondosos.

A « samaritana », que insistira no champanhe, teve uma crise de nostalgia diante dos restos das victualhas e das garrafas vasiaas e, com dois rios de lagrimas na face, pôz-se a gemer saudades do seu assahy, com pena de lhe não haverem dado, naquelle almoço tão sem graça, ao menos um « pato no tucupy ».

A Yungfrau, que se alapardara em uma das cavernas, trovejava um lied e o estrondo rouco da sua voz fazia pensar nas possantes martelladas de Thor, nas nuvens.

Elvira, abalsando-se nas moutas, lamentava não haver levado uma espingarda. Volta e meia, como se andasse alguém á caça, ouvia-se um estouro — não era de arma, mas de garrafa de cerveja.

O dia passou lento e morno, enfadonho, cortado pelos bocejos de Bivar, saudoso da cidade, farto de natureza.

Fortunio declamava tonitruosamente versos sentimentaes lembrando-se de certa morena de Maceió, a tal do *Lenço*.

A tarde esmorecia languida, enervada, reclinando-se voluptuosamente sobre os cimos dourados e na serenidade somnolenta as cigarras chiavam em alvoriço. Nos hervações, ainda mornos, exhalando cheiro quente de rescaldo, era contínuo, como fremir fluido dagua, o guizeiro estridulo dos grillos.

Manchas escuras tisnavam o penhascal; o arvoredo empastava-se em tom ceruleo e as cavernas ennegrecidas pareciam lançar das bocarras barbeladas de silvas aquellas sombras transparentes que se estiravam na hervagem, subiam pelos troncos, insinuavam-se nos ramos.

Passaros revoavam estonteadamente, aos chillos, e nos alagados, em volta, occultos pela vegetação florida, crescia, aos poucos, em tons varios, soturnos, martellados, metallicos ou em gargarejos e estrepitos, o coaxo insistente dos batrachios.

A respiração suave da paizagem, tocada de aromas, trescalava como um halito de saude, e a agua da piscina rochosa, rolando cascadeante, floreada de espumas, punha um marulho dormente no silencio.

Ruy Vaz, que sesteara o seu bocado, sentindo a aproximação da noite, levantou-se lerdo, espreguiçando-se; logo, porém, alarmado com a cor do céu violaceo, bradou pelos companheiros.

— Que diabo! não berres tanto! Pareces Rolando em Roncesvalles, clangorando a soccorro. Estamos todos aqui.

Era Pardal que falava de cima de um penhasco onde estudava attitudes para o seu futuro monumento.

Nuvens de mosquitos turvavam o ar, ora estendendo-se alargadamente, ora formando columnas afuniladas e esfervilhando como turbilhões de poeira.

— São horas! disse Fortunio.

E Bivar, enfarado de natureza e enfurecido com os mosquitos, protestou nunca mais metter-se em outra.

— Coisa estúpida ! Posso lá com isto ! Cada qual para o que nasceu. Nunca tive jeito para explorador de sertões. Quero-me na rua do Ouvidor, que é o meu meio, vendo, sentindo gente. Árvores e bichos são para naturalistas.

Montezuma contestou sacudindo as calças crivadas de carrapicho :

— Não tens razão. O homem precisa, de quando em quando, pôr-se em contacto com a natureza que, afinal de contas, é a nossa mãe . . .

— Qual mãe ! contraveiu Bivar. Mãe com espinhos e carrapichos, com mosquitos e cobras. Vamos embora. Tenho natureza para todo o resto da minha vida.

Ruy Vaz, que partira em demanda do cocheiro, desaparecido desde o almoço, batia o matto, aos berros, quando lhe sahiram ao encontro os uchões, que já haviam accommodado na diligencia a lata vasia, a garrafeira e a catimplora depois de a terem despejado, porque os sorvetes, considerados « coisas ridiculas, indignas d'homens », haviam-se derretido, intactos. O romancista interrogou-os :

— Onde se metteu o cocheiro ?

Os homens pasmaram entreolhando-se alvarmente :

— O cocheiro . . . !

E um delles disse :

— Elle andou por ali em mangas de camisa a cantar, com duas garrafas debaixo do braço . . . agora onde se metteu, não sei.

— Procurem-no. É quasi noite e nós não temos de dormir aqui nestas furnas.

— Lá isso . . .

E os uchões decidiram-se a descobrir o sumido, tomando, cada qual, um rumo; e os antros atroaram brados appellativos até que um dos afuroadores annunciou das profundidades de uma lapa :

— Cá está elle !

O romancista guiou-se pela voz, mettendo-se por uma vereda engasgada entre penhas, a resvalar em chanfras, a tropeçar em arestas, curvando-se sob a abobada muito baixa, alumando-se a phosphoros que faziam reluzir as paredes humidas, até que descobriu o esquivo, em mangas de camisa, a roncar numa enxerga de folhas seccas, entre duas garrafas bojudas : uma de Bourgne, outra de champanhe.

Despertou-o a brados. O homem abriu os olhos, esbogalhou-os pasmado e, morrinhando hebetado, sentou-se e pôz-se a esfolacar, a unhadadas, as canellas.

Ruy Vaz, cruzando os braços e contemplando o borracho, meneou com a cabeça desconsoladamente :

— E a um pifonista como este confia uma empreza a gloria litteraria do paiz.

O cocheiro surriou uma risota affirmando com segurança :

— Não ha perigo, senhor doutor. Deixe o caso por minha conta. Ainda que eu morra, não haverá novidade. Podem estar descansados porque irão ter lá em baixo. Os animaes são de confiança e conhecem os caminhos. Conhecem-nos como eu conheço as palmas das minhas mãos.

E cuspihava. De repente, porém, voltando-se carrancudo, cruzou os braços violentamente e exasperou :

— Parece praga ! Sempre que venho a estas malditas Furnas é isto. Vou ao *Excelsior*, com ingleses que, não é por falar, os senhores sabem, atiçam-lhe ás direitas e obrigam a gente a acompanhá-los, subo á Vista Chinesa, a Paulo e Virginia, ando por toda essa mattaria em cada esbornia que só eu sei . . . e nada, nem como coisa ! Venho a estas pedras e é isto. Para mim é da agua . . .

— Ah ! é da agua . . . escarneceu Ruy Vaz.

— Sim, senhor. Pois do que ha de ser então ? Bebo tanto aqui como nos outros lugares, mas só aqui é que perco as estribeiras. Por que ? É a agua. Uma agua levada de seiscentos diabos. Olhe como espuma. Até parece champanhe, mal comparando. Raios a partam ! A mim é que não me entra mais, nem á mão de Deus Padre. Eu sempre disse e digo : Agua não é para gente. Para bichos, plantas, lavagens, muito bem ; para gente, nunca ! Metto-me com essa estúpida e é o que se vê. Mas não ha duvida. Assim como estou sou homem para ir daqui á China. A questão é os animaes aguentarem. Podem embarcar sem susto. Eu responsabilizo-me por tudo. Demais a mais, olhem lá em cima : temos luar.

Voltaram-se todos para o céu.

Effectivamente a lua redonda, enorme, como um sol gelado, surgia lenta e alva acima do espinhaço versudo da montanha. Fortunio recitou Musset. Bivar, commovido, inclinou a cabeça, enclavinhou as mãos e pôz-se a balbuciar baixinho, como se rezasse. Georgette exclamou : « *Qu'e'est beau !* » A samaritana louvou em murmuro : « Que bonito » ! E houve um momento de extase. Mas o « Alazão » rompeu do matto discutindo com a Yungfrau :

— Has de vêr ! E não será a primeira vez. Vi na Europa.

— Viu ? !

— Sim, senhora : Vi ! Vivia, então, nos arredores de Nice, em um velho castello, cujo dono, principe não sei de que, perdera toda a fortuna em Monte-Carlo. O pomar era um paraizo : frutos de todos os climas, até jaca. Pois bem, debaixo da jaqueira, por ser arvore minha patricia, costumava eu offerecer almoços aos meus amigos. Vinho barato, você comprehende, tanto era beber como desperdiçar e as raizes da jaqueira ficavam encharcadas. Veiu o outono, carregaram-se as arvores e a jaqueira, que imagina você que deu ? Jaca ? Está enganada : deu tangerinas.

— Tangerinas ? !

— Sim, senhora ; e cada uma deste tamanho ! E sabe você por que ? Porque a pobre arvore, com tanto vinho que lhe atiravam ás raizes, vivia bebeda, sem saber a quantas andava e era cada disparate que me punha louco. Dava tudo, menos jaca : pêras, maçans, tomates ; jaca, isso nunca ! Não se deve atirar vinho ás plantas, salvo se fôr á vinha, porque essa já nasceu com o vicio, tem-no de raiz, por isso é torta, e, para ficar em pé, é necessario que a estaquêem ou que a encostem a algum tronco de arvore. Você atirou tanto vinho branco naquellas avencas que são muito capazes de dar gilós e maxixes ou outra immundicie qualquer.

— Oh ! exclamou a Yungfrau estacando, hirta, d'olhos arregalados.

— É o que lhe digo. Bebedeira é o diabo !

Emfim . . . já agora o mal está feito. Será o que Deus quizer.

Mas o cocheiro, que os uchões haviam guindado á boléa a pulso, empunhou as redéas e o chicote e deu o signal de partida.

— Toque-se o hymno ! bradou Fortunio.

E o bando avançou para a diligencia.

A montanha adormecia em silencio magnetisada pelo luar.

XI

— O melhor annuncio sou eu! bradava o Neiva referindo-se á propaganda intensa que fazia do pamphleto com que contava agitar a alma imbelle do Brasil.

— Isto está a reclamar uma injeccão energica de genio. O que por ali ha são papeis mercenarios, paginas avulsas de diarios commerciaes. Nós precisamos de um orgão de autoridade e estylo, escripto com independencia e brilho que, no cataclysmo que nos ameaça, sirva de taboa de salvação á nacionalidade. Sou cearense. não quero saber de arcas com a bicharia que faz da nossa imprensa um vasto parque zoologico. Arranjo-me com uma jangada e um companheiro, o Pardal, que têm coragem e uma tintura de grammatica, o *quantum satis* para vinte milhões de analphabetos. Com taes recursos affron-tarei a procella, salvando apenas o que fôr digno,

que, em verdade, é bem pouco. Tresandamos ainda á colonia, sem agua. Estamos infiltrados de subserviencia : o espirito submettido á França, o corpo amollengado do lazer de seculos no regimen da escravidão. Precisamos sacudir-nos, vibrar, viver por nós e para nós, ser brasileiros, emfim, do Amazonas ao Prata, segundo o hymno.

Taes e outros brados vociferava o bohemio na rua do Ouvidor pelos cafés e confeitarias, á porta dos jornaes, no ponto dos bondes e, á noite, nos theatros, nos restaurantes e hoteis venustos.

Preoccupava-se grandemente com o titulo que daria ao pamphleto, coisa que soasse bem no pregão.

O primeiro que lhe occorreu foi *A jangada*. Submettido á discussão, Pardal impugnou-o achando-o muito regional.

— Muito regional, mas tem a vantagem de não ir ao fundo com duas razões. É uma boia. Emfim . . . não quero que penses que restrinjo o meu patriotismo.

Foram, então, lembrados outros : *Cosmos* excelente pela universalidade ; *O raio*, rispido e fulminante como convinha ao programma reaccionario dos redactores ; *A avalanche*, por vir do alto, do talento, arrasando, de passagem, vicios e preconceitos. Por fim, em jacto de inspiração feliz, surgiu : *O Meio*. Posto a votos foi approvedo por maioria absoluta que, no caso, era o accordo dos dois.

De posse do titulo, pôz-se o Neiva activamente em campo para arranjar capital, officina, redacção e intensificar o reclamo entre os engraxates (pessoal amigo) que se promptificaram, de bôa mente, a pendurar os cartazes nos cordeis em que expunham

a litteratura miúda : modinhas, contos de fadas, orações, testamentos de bichos e brochuras frascarias.

Mas o grande cuidado do Neiva era o annuncio, um annuncio inédito, superior a tudo quanto então houvesse de mais americano. Não comia, não dormia em escogitações até que, uma manhã, irrompendo na honestissima pensão em que Pardal vivia, á sombra austera de um tio, general reformado, entrou-lhe, de sopetão, pelo quarto, bradando, desde a porta :

— Achei ! *Ecco il problema !*

Pardal sentou-se na cama estremunhado e, encarrando o bohemio d'olhos somnolentos, indagou :

— Então . . . que é ?

— Uma maravilha ! Estamos feitos !

E explicou, com uma gesticulação desabalada :

— Imagina tu um fóco que, do Corcovado ou do Pão de Assucar, projecte no céu, á noite, uma via-lactea dentro da qual rebrilhe em letras gothicas o titulo : *O Meio*. E risonho, no deslumbramento da propria idéa, exclamou : Hein ? Que dizes ? Vai ser um alvoroço na cidade. O observatorio astronomico em sobresalto, com o Cruls de cocoras diante da luneta ; a imprensa a derramar artigos sobre artigos, querendo explicar o phenomeno por uma irradiação de Marte ; o povo, aterrado, correndo ás igrejas ; e preces publicas, procissões, promessas, dobres de sinos, um inferno ! O telegrapho a expedir para os quatro pontos cardeaes a nova maravilhosa, um escandalo maior que o do Bendengó e nós escondidos no matto a manejar a lanterna. Hein ? Que dizes ? Quando a coisa estourar será um Deus

nos acuda. Teremos assignantes até no Spitzberg, gente abaixo de zero.

Pardal, imperturbavel, accendeu um cigarro, baforou e, retorcendo pensativamente a barbicha a D'Artagnan, murmurou :

— Está muito bem. A idéa é esplendida, mas o diabo é a lanterna. Onde acharemos nós lanterna para tanto ? Só a lampada maravilhosa.

Neiva cahiu em si, como se acordasse, e olharam-se longamente :

— Homem, tens razão. A lanterna é que é. Tambem é só o que falta. Mas se a tivessemos, hein ? Seria um tiro e tanto !

— Ah ! isso seria. Mas além da lanterna ha outra difficuldade.

— Qual ?

— O dinheiro.

— Dinheiro ? Dinheiro arranja-se. Isso é comigo. Em primeiro lugar ha uma coisa superior ao dinheiro e que eu possuq.

— Que é ?

— Credito. Eu tenho credito para tudo, até para as coisas mais intimas. Aqui onde me vês, não digo que seja uma divida fluctuante, isso não, porque não sei nadar, mas ambulante, sou. E o melhor processo de manter o credito é augmentar as dividas. Quem dá credito é como quem joga e quanto mais perde mais se atira com esperanza de resarcir o prejuizo e, emquanto isso, o banqueiro vai dando á bola, entendes ? Pois é assim. Credito tenho eu, graças a Deus !

Encolheu-se meditativo, mordicando as unhas ; por fim exclamou :

— Mas se conseguissemos a lanterna . . . Isso é que seria ouro sobre azul ! Um annuncio no céu . . . *In hoc signo vinces*, como viu Constantino, hein ? Que belleza ! Emfim . . .

Foi de uma typographia da rua do Carmo que sahiu o primeiro numero d'*O Meio*, numero em que Anselmo collaborou com um topico, escripto á ultima hora a uma das mesas do Café Cascata.

A typographia era um antro, reproducção fiel do subterraneo em que Guttenberg fez experiencia com a primeira prensa, modelo do prélo que produziu o pamphleto.

O soalho escalavrado, poido, esfarellava-se ao piso ; arganazes transfugiam em chiadeira ; baratas esfervilhavam enxameadamente e, como exemplos de actividade, enormes aranhas marinhavam em espessas teias impermeaveis á luz.

A tiragem foi um verdadeiro parto e doloroso porque o prélo, movido a pulso por um reforçado negro mina, de busto nú, reluzente de suor, e todo encalombado em musculos, a cada volta da roda enferrujada rangia estarrincadamente, estrondando estertores de fecundidade.

A primeira folha sahiu mascarrada, um borrão. Foi necessario sacrificar á limpeza meia resma de papel para obter-se uma pagina legivel.

Quando appareceu o titulo, ainda sarapintado, os redactores empallideceram de commoção paternal. Neiva, Pardal e Anselmo, que fôra convidado para a cerimonia, abraçaram-se e a tiragem foi suspensa para que o redactor chefe commemorasse,

em breve allocução, a aurora da independencia intellectual do Brasil.

Seguiu-se-lhe com a palavra Pardal para propôr que *O Meio* se tornasse um órgão verdadeiramente nacional :

— Que este latibulo seja para o genio brasileiro o que foram as catacumbas de Roma para o Christianismo. Completemos a obra iniciada a 7 de Setembro de 1822 ás margens do Ypiranga . . .

— Quê ! Outro grito ? exclamou Neiva alarmado.

E Pardal, muito grave, acenando de cabeça :

— Sim, outro grito. Um, foi pela independencia politica, pela libertação da terra, seja o nosso pela independencia da alma, isto é — pela lingua. O Brasil precisa de uma lingua.

— Uma lingua ! ? estranhou Anselmo. E a nossa ?

— A nossa não é nossa. Precisamos de uma original, vernacula.

— Apoiado ! applaudiu Neiva. Uma lingua fresca, nossa, o tupy, por exemplo ; lingua de tanga, sem complicações grammaticaes, sem pronomes, para que não andemos sempre com a preocupação de collocar esses sujeitos, que nunca estão bem onde a gente os põe. Uma lingua forte, como a de Camões, Vieira, Bernardes, Frei Luiz de Souza, Castilho, Camillo e nossa, mas despronomizada.

Foi uma decepção o primeiro numero do pamphleto : um parto de montanha. Depois de tantos

pregões uma sarrabulhada daquellas. Francamente . . .

Neiva explicava bracejando indignado :

— Que querem ? Metti-me em uma catacumba. Isto, a dizer verdade, não é uma edição, é uma exhu-
mação. Mas não trocem. De onde sahiu o Christia-
nismo senão das catacumbas de Roma ? Enterrei-
me com trezentos e tantos mil réis, mas não morri,
tenho folego de fakir. Já achei uma typographia á
margem esquerda do Pactolo, quero dizer : na rua
da Alfandega, que é o leito do rio do ouro. Agora é
que vocês vão vêr *O Meio*.

A typographia não merecia os pontos de excla-
mação com que o bohemio a balaustrava, posto que
a dirigissem dois franceses, um dos quaes affirmava
ter sido intimo de Victor Hugo e de Renan, *Le bon
homme*.

O Meio sahiu e com Anselmo na redacção, por-
que o Neiva não escrevia : arrecadava, era o « pro-
curador de casos », sempre ao farisco de noticias, no
rastros dos boatos, colhendo informes — tanto fais-
cando ouro como revolvendo entulhos. Era o ho-
mem da « materia prima », Asmodeu em vida, cosco-
vilheiro, afuroador, tudo apanhando — desde a nota
escandalosa do paço ou da sacristia, do ministerio
ou da alcova, até a anedota das caixas de theatro.
Pardal e Anselmo recebiam as achegas e prepara-
vam a mixordia ao sabor do publico.

A tiragem, que o Neiva fazia constar ser a maior
da America do Sul, não chegava a dois mil exem-
plares, que eram distribuidos pelos engraxates, fi-
cando alguns com os redactores que os impingiam
aos conhecidos. Neiva impunha-os ao pessoal da

politica e da finança affirmando, com entono, « que aquillo era uma therapeutica moral, um deterativo que limpava a alma e refrescava a intelligencia ». Como o oleo de ricino descarrega o figado e mundifica a City individual, assim *O Meio* purificava o cerebro alijando-lhe dos refolhos complicados das circumvoluções todas as idéas lugubres. E exemplificava :

— Notem que, depois do apparecimento d'*O Meio* a vida tornou-se mais suave : não ha tantos mosquitos, diminuiu o numero dos suicidios e augmentou o dos casamentos.

Os tempos corriam fartos ; nadava-se em ouro. A rua da Alfandega, zona dos bancos, entre Quitanda e 1.º de Março, accumulava mais ouro do que todo o paiz do Eldorado por onde andou Candide. Era « a febre amarella » da fortuna, no dizer de Parda, que lamentava não ser a mesma contagiosa.

As algibeiras bojavam com o enfarte de peças de vinte mil réis. Havia homens que tiniam, como se fossem metallicos e caminhavam a resfolegos, curvados ao peso da ourama. Nas mesas dos cafés, nos balcões dos *bars*, nas lojas o tilintar era incessante.

Recusavam-se os recebimentos em ouro e toda a gente protestava contra o abuso daquellas peças que lembravam as de Esparta, postas em circulação por Lycurgo, lá mais reles, de ferro, para que o povo se não prendesse ao dinheiro, por incommodo.

Aquelle espectaculo de riqueza devia produzir effeito, não só nos redactores d'*O Meio* como nos que os visitavam na officina. E foi assim que o « Alazão », allucinado com a pororoca de ouro, que realisava prodigios, tornando, em horas, milliona-

rios typos que, na vespera, rondavam, famintos, as immediações do *Renaissance*, do *Bosier*, do *Chinês* e até a reles baiúca da rua Nova do Ouvidor, onde se almoçava ou jantava por quinhentos réis, resolveu entrar no turbilhão lançando a sua Companhia Apostolica para exploração dos thesouros do Castello.

Neiva achou a coisa viavel ; Pardal, porém, com a autoridade que lhe dava o canudo de bacharel, ponderou :

— Lançar-se a Companhia, isso é o menos ; arranja-se um corretor e está prompto. Mas os apóstolos ? . . . Quem os garante ?

— Ora . . . quem os garante . . . ! a Historia e a Lenda, que valem mais do que uns tantos bilontras de tres assobios, muito nossos conhecidos que, ha uns mezes atraz, não tinham nickel para o bonde e agora batem a cidade em victoria de luxo com parrelhas de puro-sangue. Pois vocês tomam a serio essas companhias lançadas, ás dezenas, no Ensilhamento, como milho em terreiro de gallinhas ?

Companhias de melhoramentos de tudo : constructoras, arrasadoras de montanhas, exploradoras de minas, educadoras, importadoras de drogas ; typographicas, photographicas, lithographicas, theatraes, lotericas, de fogo de artificio, de lacticinios, de colletes de senhoras, de chapéus, de phosphoros de segurança, de estradas de ferro, de navegação, de bondes, de caça e pesca, do diabo !

E, atirando um murro á mesa, Neiva levantou-se, altivo :

— O Rocha tem razão ! O que nos falta é audacia, espirito de iniciativa. Talento . . . talento . . . !

Bestas é o que somos ! Façamos como os outros : aproveitemos a onda. Não temos obrigação de dar os apóstolos e Jesus Christo, o que devemos fazer é emittir os titulos da Companhia. Ha ahi uma, e já incorporada e dando juroz altos, para exploração da força psychica. Que diabo é isso ?

Onde estão os peixes da Companhia de pesca ? Onde estão as locomotivas e os wagons das estradas de ferro, o trigo da Panificadora, os alumnos da Educadora, os colonos da Colonisadora, o ouro, o petroleo, os brilhantes e as esmeraldas da Aurificia, a sêda, a ramie e todas as endrominas que servem de isca aos que andam a pescar alarves nas aguas turvas dessa grande bambochata financeira ? Entremos de cara com o nosso jogo. É negocio seguro, garantido por quatro firmas, que são : Lucas, Matheus, Marcos e João, pessoal do Evangelho. Organise-se a Companhia, mas sem prejuizo d'O Meio.

Aprumou-se cogitabundo :

— Homem . . . a proposito . . . Porque não havemos de lançar uma grande Companhia Editora d'O Meio ? Isso é que seria negocio ! Deixemos Jesus Christo e os apóstolos nos subterraneos do Castello e tratemos de coisa mais pratica.

O « Alazão » abespinhou-se :

« Senão queriam entrar no negocio dissessem de uma vez, porque elle era homem para o realisar sósinho. Propuzera-lhes a coisa por espirito de camaradagem, não que precisasse de auxiliares. Treze figuras de ouro macisso, fóra paramentos e outras miudezas, eram lá para se comparar a uma pinoia que ninguem lia. »

Neiva rugiu fechando os punhos e carregando o

cenho e talvez o «Alazão» se arrependesse do que dissera se não houvesse, prudentemente, retirado a — pinoia. Humilhado, pediu ao Neiva cinco tostões e um cigarro e sahiu para lançar a Companhia.

Uma noite, ceava-se alegremente na *Maison Moderne* quando appareceu á porta do gabinete certo Soromenho, aventureiro de muita prôa e roupas espalhafatosas, recentemente chegado de Lisboa com grandes planos e muitas gravatas. Era homem de pulso e esgrimista famoso.

Fiado no biceps e nas *fintas* affrontava a todos lançando desafios por dá cá aquella palha.

Invadindo atrevidamente o gabinete, plantou-se á porta e, medindo d'alto a reunião, dirigiu-se a uma das mulheres presentes, com insolita grosseria, intimando-a a acompanhá-lo.

A attitude do ferrabraz provocou protestos. Sorriendo escarninho, Soromenho avançou de peito ancho e, atirando uma bengalada á mesa, repetiu a injuria estendendo-a a todos. Levantando-se de salto, Anselmo lançou mão de uma garrafa, ainda a meio de champanhe, e varejou-a á cara do atrevidão.

Fechou-se, tumultuosamente, o tempo. Chinfrim grosso: cadeiras aos trambolhões, louça e crystaes em cacos, um espelho rachado, protestos dos homens, chilikues das mulheres, intervenção do pessoal da casa e no corredor, para onde haviam sahido aos trancos, Anselmo e o espadachim, cada qual com o seu jogo. A partida foi ganha pelo primeiro. O caso, entretanto, não ficou resolvido no

encontro nocturno. Na manhan do dia seguinte, ao sahir para o banho, Anselmo encontrou á porta dois cavalheiros muito graves que lhe pediram um instante de attenção. Recebeu-os. Eram os padrinhos de Soromenho que, em nome do mesmo, vinham exigir-lhe uma satisfação publica ou um desforço pelas armas.

Anselmo accendeu um cigarro, soprou para o alto uma baforada petulante e, ajustando as abas do roupão, respondeu aos cavalheiros graves :

— Sciente. Depois de banho tratarei da agua suja de hontem.

Deu d'hombros e, de cigarro fumegando a bôca, foi-se achicheladamente por entre os canteiros murchos do jardim.

O encontro realisou-se no fundo da chacara do Salgado, em Paquetá. Além dos padrinhos, acompanhados de dois medicos para o que desse e viesse, compareceram Patrocínio, Bivar, Pardal, Fortunio e Montezuma. Não foram admittidas mulheres nem crianças.

Ao dirigirem-se, com solemnidade, para o campo de honra, no qual havia uma cacimba desmantelada e um « bull-dog » ferocissimo (a cacimba fôra assignalada por um cartaz de aviso e o molosso ladrava, rouco, a ferros no quarto da lenha) — os adversarios atravessaram a sala de jantar, já disposta para o banquete com que o dono da casa, gerente d'*A Cidade do Rio*, contava celebrar symmetricamente o acontecimento épico.

Chamado á fala por Patrocínio, que lhe pergun-

tou, apprehensivo, se tomara algumas lições de esgrima para tão rude prova, Anselmo declarou com entono, emquanto despia o casaco :

— Não ! Confio na sorte, como Cesar.

O jornalista pôz as mãos na cabeça :

— Mas tu estás perdido, homem de Deus !

Montezuma, porém, interveiu espalhando as mãos em gestos largos :

— Deixa, José. Talvez seja melhor assim. Isso de duello é um jogo de azar como a roleta, e na roleta eu nunca vi um pichote perder. Olha, annunciaram por ahí um methodo, coisa infallivel. Comprei-o, estudei-o, appliquei-o e, queres saber ? perdi até o geito de andar. Deixa.

Soromenho, de camisa de meia apenas, impando o busto athletico, roncava bravatas, ainda que as côres do rosto se lhe desbotassem em pallidez. Os padrinhos e demais assistentes postaram-se á distancia, por via de algum golpe em falso.

A tarde era de festa estival no céu azul e ouro e nas arvores canóras de chilreios e de silvos de cigarras. A bafagem morna trazia um arôma tepido de hervagens ensoladas. Por entre coqueiros avistava-se o mar ao fundo, ceruleo e liso, brilhando.

O mestre de campo, um « aficionado », que emprestara as espadas, ainda virgens, collocou os adversarios em posição, medindo as distancias com os proprios ferros tilintantes. Pesou um silencio de catacumba. Os dois homens encaravam-se, immoveis. Soou o signal. Cruzaram-se rapidos os ferros.

Anselmo investiu amouco, a estoque inflecto. Soromenho esperou-o calmo, esquivando-se e, a novo arranque, frustrou-lhe o impeto com uma

parada destra. Anselmo parecia de borracha, aos saltos, irradiando botes indisciplinados, com uma furia a mais e mais bravia; o outro, porém, fingia-o fatigando-o, fechado no jogo, sem jámais ser attingido como se o protegesse um encanto.

A subitas, atirando-se em galão tigrino, Anselmo apontou ao rosto do adversario. Agil e firme, Soromenho parou o golpe e, rápido, descalhindo sobre a perna direita, partiu a fundo. Um rouquejo de horror resouu na assistencia e logo a voz : *Touché!*

Anselmo recuara, de salto, não tanto a tempo, porém, que evitasse a ponta da arma, e o sangue carminou-lhe o peito da camisa. O grupo alvoroçou-se em tumulto. Montezuma alçou os braços, bradando que a honra estava lavada. Anselmo protestou desvairado, brandindo a espada, querendo proseguir, mas o « aficionado », citando o código dos duellos, lembrou as condições — « que o encontro terminaria ao primeiro sangue », e o primeiro sangue lá estava. Foi um allivio para todos, menos para Anselmo cujo ferimento ardia como um sinapismo. Ante as razões technicas allegadas pelo « aficionado » arremessou a espada ao chão, com desprezo, resmungando :

« Que aquillo não era para brasileiro. Brasileiro é logo na hora ! Não espera dias para desaggravar-se com espetos, padrinhos, actas e banquetes ». E, espumando colera, deixou-se pensar por um dos medicos. « Se quizessem continuar estava prompto ». Montezuma, porém, e os mais amigos, insistiram pela reconciliação e os adversarios estreitaram-se peito a peito.

Ao banquete houve brindes. Montezuma, so-

lemne, bebeu á Paz, protectora das nações e Pardal lembrou os grandes dias de heroismo, quando o Rei Arthur presidia á Tavola Redonda entre os seus cavalleiros, a fina flôr da bravura e da gentileza e, em nome do Neiva, que não comparecera por não poder vêr sangue, nem em môlho pardo, bebeu á intrepidez do redactor d'*O Meio*, primeiro pamphleto da America do Sul. Eram dez horas quando a lancha da expedição largou da ilha, já adormecida.

XII

— De onde venho ? Venho de uma exploração. Imaginem vocês que me atafulhei em todos os belchiores e algibebes da rua da Carioca e não consegui encontrar uma casaca. Estão todas alugadas para hoje. O Vieira é o que vocês vêm — um cevado a engordar escandalosamente. Até parece que o monstro enxundia-se de proposito para não emprestar a roupa a ninguém. E todas as lindas criaturas que conheço vão logo á Ilha Fiscal. Já pensei em fardar-me de official do exercito ou da Guarda Nacional. Tenho dois amigos — um, capitão de cavallaria ; outro, coronel da *briosa*. O diabo é que não sei fazer continencia. E dizer-se que, por uns metros de panno, perco uma occasião excellente de falar a uma senhora honestissima que está doida por mim.

Assim se lastimava o Neiva, num grupo, á porta do *Cailiau*. Não era, porém, o unico que se achava

em difficuldades de indumentaria — toda a «roda» queixava-se do mesmo mal.

Fortunio conseguira descobrir em uma casa de moveis usados da rua do Senhor dos Passos uma especie de libré verde garrafa com botões de metal tismados de mugre, coisa um tanto parecida com casaca, ao menos de longe. Experimentou-a. Era demais para o seu corpo. Propoz ao adélo ficar com metade da vestimenta com a condição de lh'a reformar sob medida e abater no preço os metros de panno que tirasse, convencendo-o de que só com as sobras das mangas elle poderia fazer um par de reposteiros para alguma Secretaria do Estado. Não chegaram a accordo. E eis porque os parnásides deixaram de comparecer ao grande baile offerecido pelo governo á officialidade do couraçado chileno *Almirante Cochrane*, então surto na bahia.

A cidade vibrava em aforçurado borborinho. O movimento na rua do Ouvidor começara cedo. Eram os alfaiates, as costureiras, os sapateiros, os armarinhos e perfumistas expedindo encommendas; eram os cabelleiros em azáfama; eram caixeiros e negros de ganho com embrulhos e pacótes. A chappellaria Watson regorgitava de politicos. Do *Paschoal* sahiam caixas sobre caixas, latas enormes, taboleiros espalhando aroma adocicado de pudins e de folheados e massas de pastelaria, num desfile pantagruelico de victualhas e bebidas. E não se falava senão no baile — nas casas, nos bondes, nas ruas, em volta dos kiosques, nos engraxates, desde os mais remotos suburbios até o caes onde se ajuntavam para embarque as comedorias, pilhas de balões venezianos, camadas de escudos allegoricos,

feixes de mastros sarapintados e, espadejando o mar espumarado, bufando, apitando, num atravancamento de abalrões, por entregritos dos tripolantes, que empunhavam croques, lanchas que chegavam ou partiam para carregar ou já abarrotadas. Além da festa, que alvoroçava a cidade, era sabbado, um lindo sabbado de sol, dia elegante, e os que não iam ao baile queriam, ao menos, sentir-lhe os aprestos, vêr a cidade, ouvir os commentarios, informar-se do que seria essa festa, como jámais houvera nem mesmo depois da guerra, á chegada das tropas do Paraguay.

Neiva não se conformava e zarelhando de uma a outra confeitaria, de um a outro café, pelos charuteiros ou, na rua, de calçada a calçada, abordava amigos e conhecidos implorando uma casaca, larga ou apertada, fosse lá como fosse, não fazia questão, comtanto que tivesse talhe de rigor. Embalde. Todas as casacas estavam compromettidas.

— Mas que diabo ! É uma migração em massa para a Ilha e eu ficarei unico, solitario nesta immensidade urbana, Robinson continental.

— Solitario, não ! contraveiu Anselmo, nenhum de nós conseguiu o forro protocollar. Manter-nos-emos na terra firme, todos, solidarios na falta de roupa. Já até combinamos tomar lugar na Praia do Peixe.

— Na Praia do Peixe . . . ! Para que ? Para ficarmos a vêr navios ? Isso nunca ! Ou vou á Ilha ou ponho-me á vontade em casa, de chambre e chinelas, recapitulando dividas. Cythera ! suspirou arrancadamente e, de mãos enclavinhas, erguidas para o céu, olhos em alvo, bradou : Cythera ! Cy-

thera . . . e depois o necroterio, meu Deus ! Qual ! Não ha Deus ! O que ha é uma vergonha. Foi bom que se realisasse este baile para que se fizesse o inventario das casacas da cidade. Um homem como eu, guia da opinião publica, impossibilitado de apresentar-se aos chilenos na hora solemne da confraternisação choreographica... por falta de uma casaca. Mas a minha vingança é que os araucanios vão ficar zonzos com o cheiro da naphtalina, da camphora, da benzina e de outras essencias conservadoras de roupas velhas.

O Grupo jantou no Hotel Chinês, a secco. Durante todo o repasto, ao qual o « Alazão » fez cara, posto que estivesse apenas com um assobiado almoço de kiosque e com algumas doses filadas de « Madeira » de varias letras, quasi todo o alphabeto das adegas do Funchal, commentou-se com aze-dume, ameaças de *meetings* e de artigos furibundos o menoscabo com que os poderes publicos tratavam os intellectuaes.

— E fala-se do senhor D. Pedro 2.º em casa de Victor Hugo, na quinta azeiteira de Herculano, no asceterio de Camillo, fazendo phrases de pacotilha. É esse o traductor de Zorrilla e o commentador de não sei que poeta persa. Uma zebra é que é ! rilhou o Neiva com asco.

Na qualidade de bibliothecario do Paço Fortunio tomou a palavra e protestou, muito grave :

— Não tens razão, Neiva. O imperador lê e annota á margem dos livros. É um Carlos Magno. Mais de uma vez o tenho surpreendido ás voltas com

dicionarios para traduzir gente grande: Homero, Vergilio, Shakespeare e outros. Que lê, garanto! Agora, se entende o que lê, quanto a isso não ponho a mão no fogo. Falo como bibliothecario, não como critico.

O « Alazão » interveiu :

— Eu sei que elle anda agora pelos pagodes da India, interpretando livros sagrados. Acaba no Hospicio, vocês hão de vêr, acaba como aquelle tal dos *Milagres de Santo Antonio* que se dizia papa.

Pardal acudiu em defesa do throno :

— Vocês devem concordar que se o Bragança commettesse a asneira de convidar a litteratura nacional nem todas as ilhas da bahia seriam bastantes para conter a multidão de analphabetos que se julgam genios. A Critica é o que sabemos — uma bica aberta de louvores. O resultado é o que se vê — vamos todos no embrulho. Imaginem vocês o Rodrigues a bordo do *Almirante Cochrane*, recitando aos chilenos um daquelles famosos sonetos.

— Que diabo ! Vocês tambem exaggeram. O Rodrigues não é tão asno assim. Ha outros de orelhas maiores e impam ahi no galarim.

— O Rodrigues ! irrompeu o Neiva medindo-se com Bivar. Achas que o Rodrigues . . . ? ! Pois um monstro que chamou a *Via Lactea solitaria* . . . !

— Perdão ! *Est modus in rebus*. Solitaria, no caso, é adjectivo.

— Nem adjectivo ! É um desaforo ! Solitaria não é coisa que se applique a um berço de estrellas. É confundir astros com pevides. Isso não é imagem, é uma grandissima porcaria. Esse idiota deve tomar feto macho para limpar a imaginação. Tu não de-

fendes o poeta, que faz versos de pés quebrados e com mais calos e joanetes do que os do Vieira ; o que defendes, e fazes bem, porque a gratidão é virtude, é o homem que paga jantares e rodadas de *Spaten*. É fulo, brandindo um garfo : Se esse biltre tiver a audacia de me apparecer com uma quadra, uma simples quadra... Os olhos accenderam-se-lhe faguhantemente, os beiços papejaram-lhe em fremitos de colera, tudo, porém, resolveu-se num rugido : Racho-o !

— Bem. Deixemo-nos de contendias. Vamos até o Pharoux dar uma vista d'olhos áquillo, propoz Pardal. Precisamos vêr a pachuchada para falarmos com conhecimento de causa.

Neiva esbravejou :

— Esperem o proximo numero d'O *Meio*. Vou reduzir esse tal baile a um maxixe internacional, sorongo da diplomacia.

Levantaram-se com escandalo e desceram as escadas tumultuariamente vociferando a *Marsellhesa*.

Vencer a multidão que entupia a rua do Ouvidor, só a ariete. Resolveram varar pela rua do Carmo e tomar 7 de Setembro até o Largo do Paço. Ao passarem sob o passadiço que ligava o Paço á Capella Imperial o «Alazão» esputou uma heresia a proposito da união da Igreja e do Estado. Neiva protestou :

— Perdão, meu caro, respeito á crença ! Eu sou catholico e não admitto pilherias com a Religião.

O céu, para os lados do mar, alvejava como aos primeiros albores da madrugada e, de quando em quando, irradiavam alfanges luminosos, como em

combates titanicos nas alturas. E a lua, timida, encolhia-se, enrolada em nuvens.

Ao chegarem ao caes deteve-os em extase o espectaculo maravilhoso da Ilha Fiscal toda incendiada, cercada dos couraçados *Almirante Cochrane*, chileno ; *Riachuelo*, *Aquidaban* e outros navios de guerra delineados a luminarias, desde a ponta dos mastros, até a linha de fluctuação, varrendo o espaço e o mar a projecções de holophotes ou focalizando os mesmos sobre a Ilha que, por sua vez, comapparelhos identicos, installados nas torres, alumiaava tudo em volta, ora em barragem, ora por elevação revelando os montes de Nietheroy dentro de uma neblina tenue.

Barcas Ferry, lanchas, falúas, botes iam e vinham orlados de lanternas venezianas e fieiras de luzes que se reflectiam nas aguas em piscas e tremulinas. Era um sulfurear de fogareus, um lagartear incessante de luminarias e, apezar da distancia, na serenidade tepida do ar, chegavam sons festivos de musicas e uma zoeira contínua como quebrança do mar.

Na ponte das barcas, armada em bosque illuminado a lanternas chinas e tigelinhas, uma banda de Policia, em grande gala, estrondava fandangos carnavalescos e lundús dengosos. E a turba, engrossada a mais e mais, murmurejava. Por vezes rompiam cantorias, estalavam gargalhadas, arrelhiavam-se disputas. Chegavam carros : landaus, coupés, victorias, traquitanas archaicas, almanjarras desconjuntadas, tilburys e despejavam *toilettes* de Côte, fardões de gala, casacas muito condecoradas. Ferviam os commentarios maldizentes, grandes nomes corriam de boca em boca.

Clangores de clarins annunciaram S. S. M. M. Houve um refluxo na multidão opprimida, protestos, gritos. Policiaes empurravam o povo abrindo passagem para a berlinda, precedida dos batedores que, propositadamente, faziam os ginetes caracollar.

Pardal não se conteve :

— Ahi tem vocês o grande brasileiro, o Pai da Patria, o neto de Marco Aurelio, o Salomão de papos de tucanos. É isto ! Olhem o que fazem os seus janzizaros : Em vez de pedirem licença, atiram os cavallos sobre o povo, pisando a torto e a direito. A berlinda do nosso Principe Magnanimo é, em tudo, igual ao carro do idolo de Djajernatha que esmagava os crentes. Aqui pisa os subditos.

— Ahi vem você com as taes idéas republicanas. Sempre a mania.

— Mania, não senhor : fé !

— Qual fé ! protestou Fortunio. Você fala assim porque não é bibliothecario.

— Bibliothecario, eu ! E você não córa de viver no Paço ás sopas de um bonzo ?

— Bonzo ! Achas que Pedro 2.º é bonzo ? Ora, pelo amor de Deus, tire o seu cavallo da chuva. E arrebatadamente : Tu nunca foste á Quinta. Pergunta ao Alazão, a Anselmo, a Bivar. Não sabes o que aquillo é. Ali vive-se. Comer bem é ali. Nem no *Globo*.

— O eterno Lazaro ! suspirou Neiva abanando com a cabeça lastimosamente.

— Que Lazaro ? perguntou Pardal voltando-se em rodopio.

— Esse que ahi está : o povo, explicou o bohemio abarcando a multidão com um gesto largo de ra-

soura. Ei-lo ahi, o mesmo Lazaro da parabolá, acoorado na escadaria do rico, á espera de migalhas do festim. Aqui, contenta-se com luminarias e sons vagos de musicas longinquas ; na Biblia, segundo o Christo, enganava a fome fungando o arôma das ignarias, servidas á mesa lauta. A vida é a mesma de sempre : a mesma peça com scenarios e interpretes novos.

Anselmo ponderou :

— Ora ! Lazaro foi largamente compensado : subiu ao céu, foi acolhido no seio de Abrahaão . . .

— Grande coisa, o seio de Abrahaão, um seio macho, sem leite. Se ainda fosse o de Sara . . . Lé-rias, conversa fiada. Commigo é ali ! pagamento á vista, á bôca do cofre. Negocios a prazo não me calham. Isso de Paraizo, bemaventurança, vida eterna . . . cantigas ! É como a Historia. Depois de morto o que eu quero é descanso.

Disse e deu volta em menção de partir.

— Onde vais, homem ?

— Vou-me embora. Não estou para fazer de comparsa nesta palhaçada.

O « Alazão » deteve-o e, dirigindo-se com solem- nidade ao grupo, propoz :

— Querem vocês vir a uma pandega na rua do Porto ? Garanto o « grude ». Faz annos hoje um compadre meu, machinista da Estrada. É um barra nos forrobodós ! Mesa por ahi fóra. É leitão, é perú, é sarrabulho, tudo aos pratarrazes. No capi- tulo bebidas, isso, meus amigos . . . nem nas bôdas de Caná. Quanto ao pessoal feminino : o que ha de melhor no genero mulatame, algumas um pouco torradas de mais, cafusada, mas bôas.

Fortunio adheriu logo. Neiva e os mais recusaram.

— Não ! De negrada estou farto.

Bivar observou :

— Homem, a proposito . . . Vocês já notaram que a cidade está cheia de negros ? Parece um val-longo.

— Pudéra ! É a escumalha do 13 de Maio, explicou Pardal. Quando se revolve um charco a bicharada vem á tona esfervilhando, tonta ; boia, espalha-se pelas margens, pelos campos, chega, ás vezes, a invadir as casas. Tudo isso estava por ahi nos cafe-saes, nas roças de canna e milho, em mocambos pe-los mattos : a abolição trouxe-os acima. Agora é aguentá-los.

— Não fales mal do negro, aconselhou Neiva. O assumpto é delicado, toca-nos muito de perto.

— Menos a mim ! protestou Pardal. Meu sangue veio de França. Vejam o rótulo. Demais, eu não estou atacando o negro — respeito-o, admiro-o e sou-lhe grato. Mas vamos sahir daqui.

O « Alazão » e Fortunio despediram-se. Os demais, rompendo difficilmente a multidão, cada vez mais densa, avançaram até o meio do Largo, onde fizeram alto para respirar. Voltando-se, então, para o lado do mar, admiraram a Ilha Fiscal, toda em fogo, relumbrando como uma corôa immensa, cujo reflexo nimbava de ouro o céu.

— Hein ! ? Deixem lá. Um pouco pulha, mas de effeito.

— Muito espalhafatoso, criticou Anselmo. Um grande fogo de artificio.

— Não. Tem paciência. Sejamos justos. Eu vou

atacar, mas que está bello, que tem gosto . . . isso . . . Parece uma grande vitrina, uma vitrina como a do Farani ou a do Rezende, mas colossal ! Vitrina como deviam ser as dos joalheiros de Brobidignak, a terra dos gigantes, onde se perdeu Gulliver.

— Brobidignak, dizes bem, confirmou Pardal, com ironia, Brobidignak é o Brasil e Gulliveres somos todos nós, povo de anões num paiz titanico.

— Qual titanico, nem meio titanico ! Ridiculo é que é ! Deu agora para valentias e anda a armar-se, a encommendar navios, canhões, fuzis, o diabo ! Fanfarronada ! Besteira !

— Como besteira ? Besteira, por que ? exclamou o Neiva com arrogancia. Achas que devemos ficar de mãos abanando, confiados na Divina Providencia, não ?

— As nações fortes são como os athletas antigos que entravam na arena nós. Os fracos, os intanguidos é que se forram de armaduras.

— Pois sim. Fia-te na Virgem . . . ! E os cavalleiros do Tasso ? E os pares carolinos ? E todos os heroes da antiguidade e do medievo que traziam mais ferro no corpo do que ha nas profundezas das montanhas de Minas ? E a Inglaterra, a França, a Allemanha, com toda a alfagemeria de Essen . . . ?

— Sim, mas são nações adultas, sabem o que fazem. Armar o Brasil é o mesmo que confiar um revolver a uma criança, para que se ponha a dar tiros por ahi, á tóa.

Na rua do Ouvidor, Neiva propôz uma orgia modesta no *Cascata*. Entraram e logo romperam a commentar acidamente o esbanjamento dos dinheiros publicos.

— E dizer-se que é para sardanapálias como essa que contribuimos com o nosso suor honrado.

O café enchia-se. Era uma verdadeira invasão. Gente estranha, typos de « fóra de portas », como dizia Fortunio, falando a brados, em chalra de feira, rindo esgargalhadamente. Labregos possantes, rubros, suarentos, de calças arremangadas ; magriços, de chapéu á banda, espernegando ás guinadas, cigarro ao canto da bôca : mulheres amachacadas, de peitorreira em trouxa ; outras muito escorridas, em cabelo, ar palerma de quem se vê, pela primeira vez, em uma casa de luxo.

Pardal, de pernas cruzadas, funava distrahido, com o olhar ao longe. De repente, em movimento vivaz, atirando o cigarro á rua, rosnou enojado :

— Sempre o mesmo, o mesmo povo, servil e besta. Isso ! A tinir de fome, a tremer de frio, roto, avergoado a tagante, affrontado na honra, opprimido por vexações férreas, se lhe dão um espectáculo, baba-se e esquece tudo. Os cesares romanos, que o conheciam bem, atiravam-lhe á estupidez carne flacida de christãos e musculos de gladiadores. Circenses ! Pão, nem miga. Vergonha, nem sombra : espectaculos. Levantou-se. Vamo-nos embora. Estou farto !

Neiva pagou a despeza. Ao receber o troco, em prata e nickeis, contou-o, recontou-o pesarosamente :

— Vejam vocês. Lá centenas de contos de réis por agua abaixo . . .

— Por agua abaixo, não ! queimados, emendou Anselmo.

— Ou isso. E aqui, para um filho de Deus cear

com uma rainha honoraria (porque a Nanette, antes de rolar nos jacás do nosso Victorino Roque, o toucinheiro, foi amante de Leopoldo da Belgica e de varios grãos duques moscovitas), cinco mil e duzentos !

E, sacolejando as moedas na palma da mão, resignou-se.

— Emfim . . . Que remedio !

— Vamos ! bradou Bivar espavorido. O homenzinho da harpa já lá está no posto, de mangas arreçadas, para escorchar Verdi e os nossos ouvidos.

Tiniram sons metallicos.

— Livra ! rosnou o Neiva.

E sahiram de cambulhada.

Acabavam as tropas de desfilar sob aclamações freneticas do povo e a rua do Ouvidor borbo-rinhava agitada, como a esteira que fica no mar á passagem de um vapor, quando o Neiva barafustou pelo *Paschoal*, que se achava repleto, com o chapéu em uma das mãos, a bengala na outra, interrogando hebetadamente a conhecidos e desconhecidos :

— Mas que é isso ? Que historia é essa de Republica ?

— É o que é, meu caro, affirmou um rapazola cheio d'empáfia. Está feita ! Havia de vir e veiu.

— Veiu de onde ? Da sua cachola, talvez.

O outro plantou-se-lhe á frente, medindo-o d'alto, em attitude hostile :

— E você ? De onde vem você ? da lua ?

— Qual lua ! Venho da rua do Lavradio, da casa da mulher amada. Acordei ha pouco . . . se é que estou acordado. Mas fale sério : Que é isso ?

Um gorducho, que chuchava por uma pipia a sua cajuada, sollevou a cabeçorra e, com a papeira a badalhocar, roncou soturno :

— Cumbersas, homem. Não estás a vêr ? Cumbersas . . .

E descahiu de novo, embicou á palha, pondo-se a chuchurrear a sorvos largos.

— Qual ! desdenhou atordoadamente o Neiva, incredulo. Republica . . . ! Pois haviam de proclamar a Republica, mudar a fôrma de governo á revelia da imprensa e logo numa sexta-feira, e sem o meu conhecimento ? ! Então a reportagem não vale mais nada neste paiz ? Não ! Não é possível. Aqui ha coisa !

Fóra, continuava o babareu do povo : vivas ! clamores ; cantava-se a *Marselhesa*. Um homeminho arengava de uma sacada, entre bandeiras. Estropeada de cavallaria pôz em alvoroço a turba, que abriu campo, invadindo d'escantilhão, tumultuosamente, as lojas.

Neiva voltara-se para uma das portas, indignado, quando o « Alazão » appareceu esbaforido, esponjando a testa com o lenço. Ao vê-lo, foi logo dizendo enfatuado :

— Tudo feito, seu compadre. Vencemos !

O bohemio não se conteve e, encarado nelle, exclamou :

— Venceram o que, animal ? Que diabo venceram vocês ?

— A tyrannia. Está proclamada a Republica. Proclamamo-la agora mesmo, diante do Arsenal de Marinha.

Neiva agachou-se e, de cocoras, olhando o « Ala-

zão» de baixo para cima, como se lhe tomasse a altura, perguntou escarninho, escandindo as palavras :

— Proclamaste a Republica . . . ? Tu ? ! Ó Rocha, tu não tens vergonha ? Ergueu-se com a bôca retorcida em momo desprezível, resmungando com asco : Cachaça !

A scena foi atalhada pela irrupção de um grupo entusiasta, precedido por Montezuma, que deblaterava, rouco. Descobrimdo o bohemio o ancião avançou de braços abertos, bradando :

— Alviçaras !

Neiva refugou, indignado :

— Deixa-te de besteira. Alviçaras, por que ?

— Por que ! ? Ora essa ! Pelo que fizemos, pela Liberdade ! pela victoria da Democracia.

— Espera-lhe pela volta. É só o que te digo.

— Que volta ? Todas as forças estão connosco — o exercito, a marinha. Pela guarda nacional respondo eu.

— Pois sim . . . ! E a Vendéa ? os « chouans » ... ?

— Que é isso ?

— Os suburbios e o pessoal da lyra — gente da Gambôa, de Santo Christo, da Cabeça de Porco, desses viveiros de valentes, que se batem a sério.

Montezuma esfriou, pallido, boquiaberto e, relanceando em volta, atravez de quatro lentes, um olhar desconfiado, baixou a cabeça e foi-se lentamente, murcho, em direitura ao balcão. Vendo-o assim acabrunhado, Neiva impôz-se.

— Ouve. Deixemos o turumbamba e tratemos de coisas sérias. Inclinou-se-lhe ao hombro

perguntando em segredo : Estás *armado* ? Sustentas uma dose ?

— Uma, vá lá, concedeu o ancião resignadamente.

Neiva impou e, chegando-se ao balcão, bradou com importancia :

— Um grog !

Dias depois encontraram-se no Correio e Neiva convidou Anselmo para o *Carceller*. Estava sombrio, casmurro.

— Que tens ?

— Que hei de ter ? vergonha. É o que um homem de brio póde ter neste paiz. Vergonha . . . e accrescentou com um esgar, comprimindo o ventre : e umas picadas no figado.

Caminharam vagarosamente, em silencio. De-frontavam com a Cruz dos Militares quando o Neiva estacou de golpe e, d'olhos em chispas, mandibulas aperradas, encarou o amigo com um surdo rugido que era sempre precursor das erupções.

— Suspenso, hein ? Ahi tens a liberdade ! Canta a *Marselhesa* agora. Canta ! Um pamphleto que era o espelho da nossa cultura. Em França, garanto-te ! seria subvencionado. Aqui . . . suspenso por ordem do tal Provisorio, com seu Quintino, seu Ruy . . . E por que ? pelas idéas que propugnava ? Não ! Suspenderam-no porque tinha grammatica. Grammatica, sabe você ? vociferou colerico.

— Não, Chico. Nós excedemo-nos. Tem paciencia ! O ultimo numero é uma bomba !

Neiva arripou-se felinamente, abriu o casaco,

desentranhou do bolso uma papelada, da qual destacou um fasciculo d'*O Meio*. Folheou-o nervoso, ás dedadas rapidas, com o «pince-nez» faiscando ao sol.

— Está aqui ! esbravejou. Está aqui o horror que deu comnosco no Index. Está aqui !

E leu alto, em tom de arenga, como se estivesse a falar ás massas :

« O Governo Provisorio quer fazer a dictadura positivista do Centro da rua Nova. A bandeira — *Marca Cometa* — foi preferida para symbolo da Republica dos Estados Unidos do Brasil. A estrella, imaginada a principio, preferivel sem duvida, apagou-se. Arrancaram do auri-verde pavilhão o café e o fumo. Dizem que o café foi retirado porque a ultima medicação de D. Pedro II era a cafeina. Mas o fumo ? Não consta que o Sr. D. Pedro II fumasse, nem mesmo cigarros de stramonio. Por que esta guerra ao fumo ? Verdade é que os positivistas tambem não fumam. A taboleta *Ordem e Progresso* está incompleta ; falta o *Amor*. Que fizeram de Cupido ? Verdade é que o amor dos positivistas é uma mistura de nitro e extase . . . »

Anselmo interrompeu-o :

— Então ? Achas pouco ?

— Se acho pouco . . . ? Coisas peiores têm sido publicadas por ahi, mas sem grammatica. O que nos comprometteu foram as regras do Sotero, dô Coruja e de outros nocturnos. E dizer-se que o Ruy está mettido nessa galera, com o remo das finanças . . . O Ruy !!!

— E essa historia que andaste espalhando na rua do Ouvidor sobre as armas da Republica ?

— Historia, não. A pura verdade ! Já viste os

reposteiros das secretarias d'Estado ? Vai vêr o tal emblema : — uma estrella apunhalada.

Transeuntes voltavam-se sorrindo. Engraxates e baleiros paravam e ficavam a ouvi-los embasbacados. Um typo moreno, magriço, d'olhos mongolicos, barbicha rala, achegou-se com intimidade e, estendendo a mão sordida, saudou-os com o titulo em voga : « Cidadãos ! »

De um salto Neiva enfrentou o cotêto, empolgou-o pelas lapellas do casaco surrado, sacudiu-o a empuxões e, chegando-lhe o rosto á cara macilenta, arestosa d'ossos, bramiu intimativo :

— Repita ! Repita se é capaz ! O gasguito encolheu-se estarrecido. Repita ! insistiu avalentado diante da covardia humilde do cutiliqué. Cidadão é elle, está ouvindo ? Previno-o de que ando armado e se você ou outro qualquer cigano da sua laia, meirinho de officio, quebrador de potes nupciaes, correo de contra-fé, tiver a petulancia de injuriar-me com esse nome, rufo-lhe em cima todo o tambor do meu Smith e Wesson.

O jagodes mussitava balbuciente, de olhos esboçalhados.

— Sabe onde é o necroterio ? Pois é para lá que o mando a toque de caixa, a você ou a outro qualquer que me insulte com esse vocabulo. Sabe que quer dizer vocabulo ? O mofino olhou-o airado. Ignora. É natural. Berrou-lhe ao ouvido : Candidate-se ! Eu sou um homem serio, em vesperas de ser pai de familia. Não admitto deboches commigo.

— Eu sei. O senhor é seu Neiva, sussurrou humildemente o basbaque.

Neiva transfigurou-se. Descahiram-lhe flaccida-

mente os braços e, boquiaberto, d'olhos fitos no homem, foi-se-lhe a expressão do rosto demudando, de ferrenha para enternecida, com arrependimento do que fizera. Batendo, então, de leve no hombro do enguicho, disse brandamente :

— Bem, vá. Vá, mas acautele-se. Não empregue mais esse titulo que lhe pode sahir caro. Vá . . . Olhe, se quer tomar alguma coisa não faça cerimonia.

O homem agradeceu escafedendo-se dobradiço.

Neiva encarou Anselmo e cruzando violentamente os braços, exclamou :

— Vês a que estou reduzido ? Não posso, sequer, reagir. Toda a gente me conhece. Sou mais conhecido neste paiz do que um nickel de tostão. Vamo-nos embora. Coitado do homem ! Se aquelle enxovedo me tivesse *mordido* levava-me todo o dinheiro que tenho no bolso.

No *Carceller*, mais escuro do que um subterraneo, occuparam uma das mesas do fundo. Anselmo pediu cajuada ; Neiva cognac. E a palestra versou sobre os acontecimentos politicos.

— Quanto ridiculo ! Queres que te diga ? Eu não me naturaliso chim porque não sei a lingua dos taes rabichos. É uma vergonha o que se está fazendo por ahi. A constituição, por exemplo . . . uma colcha de retalhos. A Republica nasceu fóra de tempo. Não contavam com ella tão cedo, o resultado é o que se está vendo. Faz-me lembrar o que se deu na Fortaleza com uma pobre senhora que, por uma rusga que teve com o marido, pôz no mundo uma filha temporan : seis mezes e tanto, sem unhas. Não tendo enxoval prompto recorreu ás visinhas ; uma, deu a touca, que enguliu a recém-nascida ; outra,

cueiros ; fraldas foram feitas de trapos. A camisa era de boneca. O mesmo se está dando com a Republica — tudo nella é emprestado, e não lhe chega ou sobra. Eu só a quero vêr no dia do baptisado. Quem será o padrinho ? Tio Sam, com certeza, e madrinha, a Inglaterra.

Sorveu um gole de cognac e, depondo vagarosamente o calice, ficou um momento a olhar a mesa, sacudindo a cabeça.

— O que mais me revolta em tudo isso é a indifferença do povo. Que se dirá de nós em Paris ?

— Ora . . . Paris . . . E o 14 de Julho ?

— O 14 de Julho . . . ? ! No 14 de Julho houve sangue ás ribeiras, guilhotina, o diabo ! E aqui ? ! O embarque do imperador para o exilio é um episodio que nos degrada. Nem uma voz de protesto ! Nem uma victima para sacrificar-se pelo misero velho, um cadaver que ficasse estendido á margem da Historia, amortalhado na bandeira do Imperio. Um povo que assim se porta com a tradição procederá com a mesma impassibilidade se, por sua desgraça, tropas estrangeiras desembarcarem em qualquer ponto do seu territorio. Quem não tem apego ao passado não póde pensar com amor no futuro. Mas tudo foi elles fazerem a coisa de madrugada. Eu, antes das onze, sem o meu banho e o café, não sou gente. Tivessem demorado um pouco a moshorca e outro gallo lhes teria cantado. Que dirá o Futuro ? Já não ha heroismo, nem fé, o que ha é isto, e esfregou os dedos. Um homem da tempera do Tiradentes ou de Frei Caneca, que tivesse apparecido no caes e falado ás tropas . . . não sei . Demos, porém, que o crivassem de balas, que o varassem a

bayonetas, prestaria, ainda assim, um servição ao nosso character, tornando-se na Historia o fiador da nossa honra. Infelizmente não appareceu um só, um que dissesse com Victor Hugo :

Et s'il n'en reste qu'un je serai celui là !

Onde está esse — um ? Accende a lanterna de Diogenes e procura-o.

— Onde está ? seguiu no *Alagôas* com a Familia Imperial e era, entretanto, republicano e dos mais ardentes na propaganda, o que não o impediu de ser um brasileiro digno, o tal *celui-là* : André Rebouças.

Neiva pôz-se de pé como impellido por móla, estendeu rijamente a mão a Anselmo e ficaram um momento encarados, d'olhos humidos, sorrindo.

— Tens razão ! affirmou o bohemio commovido, e a voz tremia-lhe. *Le voilà*. Basta a millesima parte de uma gota d'agua para fazer um anjo, disse Diderot ou não sei quem referindo-se ao baptismo. Basta um gesto de nobreza para resgatar a honra de um povo. Tens razão . O André . . . quem diria !

Inclinou-se á mesa, pensativo. Por fim, depois de um silencio, disse de cabeça baixa, rodando vagarosamente o calice :

— Não comprehendo, palavra. Sou pela monogamia. Sempre fui. A Patria é uma senhora honesta. Enviuvou ? pois que arranje outro marido, proclame outro principe, ainda que seja estrangeiro. Sempre será preferivel á vida de mancebia, hoje com um, amanha com outro. Não é sério.

— Como não é serio ? Isso não, tem paciencia.

A Republica é a democracia e democracia quer dizer : governo do povo.

Neiva levantou vivamente, arrogantemente a cabeça, encarou o amigo com um sorriso ironico e pondo-se de pé, de mão no bolso, chamou o caixeiro :

— Cidadão, vê isto aqui. Governo do povo . . . ?
Pois sim . . . Havemos de vê-lo . . .

E desatou a rir com estardalhaço.

XIII

Bivar partira para Paris, como correspondente d'A *Cidade do Rio* e Anselmo, que residia com elle na sala da frente de uma casa assobradada na rua Riachuelo, pensou em regressar á natureza para praticar a regra de Rousseau, refugiando-se em um cantinho quieto, com arvores de sombra, som d'agua e vista sobre montes, como gosara no chalé do Andarahy. Mas como os plantões o retinham até as tantas á atulhada mesa da redacção do *Diario*, onde se empilhavam telegrammas e notas policiaes da ultima hora, que tudo elle redigia, interpretando, traduzindo, escoimando, força lhe foi optar por um casarão de commodos na rua do Lavradio.

Era um velho predio macisso, de aspecto senhorial, com um portão de carro immenso, de ombreiras de granito e solidos batentes de peroba com almofadas.

No sombrio saguão, lageado á maneira de clausura e aprofundado em tunnel, abrindo sobre um terreno que fôra, em tempo velho, jardim pomareiro de arvores rachiticas, uma escada em dois lances, de largos degraus esgaçados, com balaustrada de bojudas columnas, levava ao andar superior, cuja frente, primitivamente tomada por dois amplos salões de tectos ricos, de estuque, com paineis floridos, fôra esquartejada em divisões de tabique, que eram sédes de sociedades politicas, litterarias e beneficentes, cujos escudos e emblemas empastelavam as sacadas, hispidas de mastros.

O andar terreo, ao qual se chegava atravessando o negror e a frialdade do tunnel, era o secco, esmarcado jardim, que ainda conservava vestigios de canteiros, beirados de fundos de botijas, tufados de matto hirsuto e sujo.

As moradias, em renque, de porta e janella e, no interior, saleta e quarto, pareciam achaparrar-se ao peso do sobrado de janellas largas, sempre colgadas de roupas, que trapejavam estabanadamente ao vento.

O terreno esbarrava em alto paredão tismado a pixe, que era o fundo da caixa do Theatro Lucinda. Pelos postigos nelle abertos viam-se, á noite, ao clarão do gaz, cabecinhas graciosas de actrizes, perucas topetudas, cabelleiras de cadogan ou calvas burlescas de actores, que se caracterisavam para a scena. Alguns debruçavam-se ao postigo escarrando estrondosamente ou punham-se de troça, esganiçando falsetes com que enfesavam o encarregado da limpeza e fiscalisação do andar terreo, o « Calango », velhote lambusão e mazorro, sempre arreliado.

Retrahido, de olhos em terra, feita a limpeza dos commodos, desapparecia no socavão em que se alapava ou, se lhe dava na veneta, cuidava do jardim, revolvendo canteiros, arrancando, com odio, as hervas damninhas, pondo estacas a plantas, com incessante resmungar amaldiçoando o matto que invadia tudo.

Ás vezes, em meio do serviço, rompia em rebentina atirando longe a vassoura e o balde com que andava á limpeza ou a cavadeira, se estava a trabalhar na terra e, arregaçando as mangas, incandescido, punha-se a esbravejar improperios contra os inquilinos, contra os gatos que lhe escavacavam os canteiros, contra as nuvens, se enfarruscavam o céu ou contra o sol em dias caniculares.

— Tem lá geito ! Um homem aqui a estalar que nem magusto . . . Raios o partam !

E se lhe sabiam ás palavras, para que se contivesse na linguagem, assanhava-se, ameaçando com o que tinha á mão ou largava-se desabridamente de porta fóra, aos repellões :

— Sucia de bilontras !

Voltava-se truculento, e, a sacudir o chapeirão de palha, macetando a terra ás tarouçadas, raivava apoplectico :

— Bilontras ! Digo e redigo ! Ora essa !

Ia-se remoendo a colera que lhe fuzilava nos olhos pequeninos, d'um azul de aço, e gandaiava o dia todo por botequins, tavernas e kiosques em beberetes e descomposturas a meio mundo, investindo com a molecada que o vaiava, atirando-lhe immundicies, até cabir em algum portal, acarrado, quando a policia o não levava

a braços, em trambolho, a coser a mona no xadrez mais proximo.

Mas como o sabiam inoffensivo e até lhe achavam graça aos palavrões e gestos obscenos, mal acordava, amarrotado e moído, punham-no a andar e lá tornava elle á via sacra, passando em tal vida dias e dias, aos regamboleios e trancos pelas immediações, arengando disparates e sordida pornographia, macilento, escalavrado e com as roupas em petição de miseria.

Passada a crise regressava envergonhado e humilde, retomava a vassoura e o balde e enfiava semanas abstemias, com repugnancia ao copo, sorumbatico, cabiscalhido, sermoneando pelos cantos as suas maluqueiras, até que, uma manhan, improvisamente, de novo se lhe inflammava o cio beberronico, irrompia a lenga-lenga e lá sahia elle pelas ruas, ao léu da zangurriana. Enxuto d'alcool era exemplar.

De escrupulosa fidelidade o que achava nos aposentos, fosse o que fosse, um reles botão, punha cautelosamente de parte, em lugar seguro e, logo que o dono apparecia, dizia-lhe como encontrara, e onde, aconselhando-lhe mais cuidado.

« Que não deixasse as coisas á tóa. Assim como fôra elle, podia ter sido outro, que ali havia gente de toda a casta, e estavam sempre a entrar uns e outros ». Mas a sua birra era com os actores do Lucinda. Se descobria algum a olhar pelos postigos, impertigava-se atrevido, bradando :

— Eh ! lá, amigo . . . Que tem vosmecê a bisbilhotar na casa alheia ? Recolha a fuça. Isto aqui

não é pateo de comedia, está entendendo ? Vamos ! Vamos ! Feche a gaiola e musque-se !

O actor levava-o de achincalhe, chirriava-lhe fanhosamente a alcunha, alludindo ás muafas. O velhote tripudiava frenetico, a espumar possesso e, catando, em volta, pedras e torrões, punha-se a apedrejar o postigo, e, se lhe não continham a furia, ia ás ultimas, em surriada: E atirava grossas cusparadas tregeitando esgares de nojo ; as mais das vezes, porém, ia dar com a colera em algum botequim ou kiosque.

Dormia pouco. Tarde da noite, no silencio, ouvia-se-lhe a voz rouca, tristonha, em cantarolas campesinas, e, de madrugada, antes do sol, já andava por entre as plantas, dando aos diabos a tiri-rica ou attendendo aos chamados alegres d'um ou d'outro commodo : « Ó Calango ! » « Seu Chico ! » « Ó velhote ! » E elle, prompto. Mas se estava de calundú, chamá-lo era perder tempo — embezer-rava encolhendo os hombros, murmurando, azêdo :

— Pois sim ! Quem sabe se sou moleque ! Ora tire o cavallinho da chuva, não seja tolo !

E deixava-se estar.

Os inquilinos não insistiam. Então, amansando e como arrependido, ia de um a outro, casmurro, fazendo, em silencio, o que lhe pediam.

« Com bons modos levam-me ao inferno, á força é que não. Isso não ! »

De resto, um coração de ouro : berrando ás crianças, mas tomando as pequeninas ao collo, chegando-as muito ao rosto para que lhe arrepellassem as barbas ; meigo com os animaes, fazendo festas aos cães, que se punham a ladrar, aos saltos

diante delle ; ciciando aos gatos que se lhe enroscavam nas pernas e quando os pombos baixavam dos telhados, a mariscar na terra secca, atirava-lhes migas de pão ou milho, que sempre trazia nos bolsos.

Só faria idéa da capacidade daquella casa, dividida em alveolos, á guisa de colmêa, quem, ás primeiras horas da manhan, se postasse ao portão para vêr a sahida dos moradores que trabalhavam fóra e a entrada dos que nella mantinham escriptorios e gabinetes de consultas ou salas d'aulas, sem contar os habitantes que ali tinham officina e os que appareciam á noite para os ensaios de musica em uma sociedade de titulo florido ou para sessões de beneficencia e litteratura em gremios patrocina-dos por nomes de reis ou poetas.

Era um mundo de gente de varios matizes : cavalheiros graves, de sobrecasaca e cartola, que se desviavam á passagem de carregadores de tableiros de roupa engommada ; estudantes e operarios ; e caras afuroadoras de meirinhos e feltros românticos de artistas ; fardas e blusas. Saias, poucas.

No andar superior, arejado por janellas largas, algumas com empannadas ou vasos de flores em alegretes, além do ideal e do espirito de ordem e assistencia, representados por sociedades musicas, litterarias, centros politicos ou associações beneficentes, que occupavam a frente, com bandeiras e escudos ás sacadas, havia sciencia e arte para animar e dirigir todos os commettimentos.

Moravam ali propectos professores de humani-

dades e de linguas vivas e mortas, ensinadas por methodos garantidos e muito annunciados nas folhas ; um explicador de physica, chimica, e historia natural, cujo gabinete, que lembrava a cella hermetica de Fausto, exhalava picantemente um cheiro estitico, « pitada fluida » como dizia o Neiva ; engenheiros, dentistas, medicos, advogados ; um mestre de obras obeso, sempre a arquejar com um sarrido d'asthma ; dois padres acamaradados no mesmo cubiculo ; um belga, typo mephistophelico, magro, pernalta, de pêra fulva, que tinha o quarto atravancado de amostras de ferragens ; jornalistas, moços do commercio, estudantes, funcionarios publicos ; um tenente de policia, impertigado e pedante ; um regente de orchestra e, nos fundos, uma parteira espanhola, mulheraça pimpona, sempre ás turras com os estudantes, cujo aposento, atapetado e alfaiado a primor, recendia a sandalo.

Numerosa clientela procurava-a, não tanto por motivos obstetricos, como para consultá-la sobre mysterios, porque deitava as cartas, quando se não deitava a si mesma, visto que era somnambula, vendia talismans e drogas e era esperta em intervenções de urgencia, que executava rapida e discretamente, para o que tinha uma alcova sempre arranjada, com entrada secreta, como nos romances.

Nas moradias do jardim o inquilino de mais importancia era um tal Mr. Joubert, professor de piano e canto, velho espigado, de rosto glabro, sacerdotal, que usava oculos de ouro e trazia os longos cabellos brancos espalhados na golla da sobrecasaca, a Liszt. Caminhava marcialmente, esgrimindo com a bengala de unicornio, geito que

lhe ficara do tempo heroico em que servira no exercito napoleonico.

Outros : um esculptor, voz de barytono, que modelava ao ar livre figurinhas de gesso, trauteando canções napolitanas. A familia de um dourador : o homem alto, espadaúdo, erecto, typo de athleta, boina de velludo, cachimbo sempre á bôca defumando-lhe a barba ruiva e crespa ; a mulher, forte, ancha de quadris, pisando rijo e entonada e, entre os dois, em contraste gracioso, fina, flexivel, de rosto marmoreo, olhos enormes, muito azues e languídos, a filha, loura como as molduras que o pai folheava e brunia. Um pintor de letras, sempre ás voltas com taboletas e placas ; um sapateiro com a mulher, virago de carnes transbordantes, buço espesso e olhos duros, de harpía ; duas pacatas senhoras portuguezas, mãe e filha, que pintavam em sêda e bordavam a branco e ouro ; um official reformado, com o pescoço aboborado por aneurisma da aorta, tristonho e lerdo, a arrastar amollecidos passos pelo jardim, cavaqueando de commodo em commodo com « a sua bomba ao pescoço, de estopim acceso » como dizia resignadamente e, um typo mysterioso — alto, ruivo, sempre mettido comsigo, que passava os dias trancado, comendo de fóra e, á noite, com grande ostentação de roupas, sahia exhalando perfume, ás vezes com um rapazola muito encalamistrado, que o procurava.

Calango, o velho servente, que arranjava os aposentos, defendia-o com ardor dos vicios que lhe attribuiam os hospedes :

— Seja lá o que fôr, o que posso garantir é que é homem fino, de muita educação e asseiado que

faz gosto. Roupas, tem-nas que nem um principe, e sapatos, chapéus, bengalas. Gravatas, isso então . . . ! Eu, que lhe faço os quartos, é que sei. Lá dentro aquillo até parece uma barbearia, tantos são os vidros de cheiro e pomadas e sabonetes, escovas e ferros com cabo de prata. É um nunca acabar de coisas que a gente nem sabe para que servem. E depois : franco como um *lord* ! Mãos largas ! Não é dos taes de vintens e cigarros. Quando dá é dinheiro. Troco, não o recebe. Um fidalgo !

Á direita de Anselmo, paredes meias, moravam as duas tranquillias senhoras, que viviam recolhidamente lavrando mantos de santas ou bordando lençarias finas ; á esquerda, contigua, a familia do doutor.

Parando pouco em casa, porque recolhia do jornal e das ceiatas sempre de madrugada, dormindo, a somno solto, até tarde, e sabindo, logo depois do banho, para o almoço, Anselmo não se apercebia da vida da colméa. Foi só com a doença que o prendeu durante um mez ao leito e ainda dias em convalescença languida, que pôde sentir e observar o grande viveiro, conhecer pormenores daquellas existencias, umas escandalosas, outras discretas e timidas, que Calango, que se fizera seu amigo, enquanto varria e arranjava o commodo, lhe foi revelando sem reserva, com acrimonia ou pena, accentuando-lhes as eivas ou realçando-lhes as virtudes.

— Olhe, senhor doutor, se isto fosse meu a muita gente que aqui está já eu teria posto os cacareus na rua. Ora se não ! Só o senhor vendo a imundicia que por ahi vai. Elle ha cada um que . . .

Deus me livre ! Peiores que porcos, digo-lh' o eu. Estão aqui vai para dois annos e, quer que lhe diga ? ainda não viram o banheiro por dentro, nem lhe chegam á porta, para não ouvir o som d'agua. É tal a fedentina no chiqueiro em que moram que eu até tenho medo de ali apanhar a « amarella ». Já falei ao senhorio, mas foi o mesmo que nada. Como o sapateiro está sempre em dia elle pouco se lhe dá. Eu que me arranje. E tudo é assim. Esse tal dos calungas é o que o senhor vê : com senhoras e moças solteiras aqui enche-me o jardim de bonecos descompostos. Uma pouca vergonha ! E é a cantar, a berrar todo o santo dia, que até enfesa. E depois . . . o relaxamento. Eu a matar-me varrendo, arranjando o jardim e essa corja a sujá-lo de porcarias. É tudo para cima dos canteiros. Peiores que cabras !

Ha boa gente, isso ha. Essas pobres senhoras, por exemplo, que trabalham como umas mouras ; esse das molduras . . . Tem ciumes da mulher, chega-lhe ás vezes, mas isso . . . O que não me parece decente é terem elles a filha moça no mesmo quarto em que dormem. Isso é de bichos. Emfim . . . são lá costumes.

O official, coitado ! bom homem, boa criatura. Anda por ahi com a sua gargalheira de morte. O do 8, um fidalgo ! Mas o resto, com o tal francês da cabelleira, um malcriadão ! sempre a roncar ao piano com uns vagabundos que vêm para aqui esguelar-se . . . Eu é porque preciso, estou velho, senão já tinha mandado isto á fava. Se não fosse o que me dão por ahi nem sei que seria de mim, porque o ordenado mal chega para a comida e durmo ali debaixo da escada, que nem cão. Emfim . . .

a vida é isto. Para uns, tudo; para outros, nada.

Já pensei em trocar com o espanhol, passando-me lá para cima. Mas, que quer? não posso viver abafado: nasci na serra, quero-me com o ar e o sol e cá em baixo ha sempre um pouco de terra para distrahir-me: cavo, mexo aqui, mexo ali, planto, enxerto e, assim, vou indo, até que chegue a minha hora.

Foi elle, Calango, o enfermeiro de Anselmo, e, como andou a espalhar « que o rapaz estava de fazer dó », eram visitas a toda a hora: a velha portuguesa e a filha; o dourador, muito chalhão; o esculptor; o sorumbatico do aneurisma, volta e meia a apalpar « a bomba ». Quanto a elle, sempre a arranjar a saleta, a alisar os lençóes da cama, attento ás horas do remedio, redobrava a solicitude. Levava a dieta d'um hotel e o enfermo, para tê-lo sempre comsigo, distrahindo-o, provocava-lhe a bacharellice e, assim, conheceu-lhe, por miudo, o romance da vida cheia de revezes: desastres commerciaes, a morte da companheira, a febre amarella que quasi o levava, e, rolando, rolando ali estava com sessenta e dois annos, rheumatico e sem vintem.

— Vi crescer esta cidade, como se vê crescer uma criança. Quando aqui cheguei o Campo de Sant'Anna era matto, com o Provisorio e mais nada. Á noite era que nem o pinhal d'Azambuja. Olhe, meu senhor, muita gente que hoje ahi está no galarim começou a fortuna no lixo, que era ali aos montões. A muitos, hoje commendadores e barões, vi eu rapazolas, de tamancos, sendo barbeados por pretos minas no Arco do Telles. E falava das coisas

do passado — da Maxambomba, das gondolas, do cabriolé; de lugares que conhecera em agreste ou alagados em mangue, ruas que vira surgir em terrenos de chacaras, tudo mudado, melhorado, crescendo. Não era a cidade do seu tempo, isso não era! Nem a cidade, nem a gente. Onde a religião? Quem hoje faz caso da Igreja? Passam-se as festas — Anno Bom, Reis, a Semana Santa, S. João, Natal e nem como coisa. Está tudo acabado. Os tempos são outros.

Anselmo indagou: «Se não voltára á terra?»

— Não, senhor. Nunca mais! Andei com ideias de lá ir... Mas velho, pobre, sem noticia da minha gente... Deu d'hombros: P'ra que? Tive mêdo de só encontrar sepulturas. Assim como assim, já agora...

— E não tem saudades?

— Ah! isso de saudade... Que se ha de fazer? É mal do coração. Por mais que o tempo passe sempre a saudade fica. É como o limo d'agua nas pedras dos rios. Pois não é? Olhe, senhor doutor, plante vosmecê uma semente de outras terras, faça-lhe bôa cama, regue-a, cuide-a bem que umas vezes péga, outra vezes morre. Se péga e dá fruto nunca elle tem o gosto que tinha no pomar proprio, é sempre desenxabido. O sabor, esse só mesmo na terra de nascimento. Alguns acclimam-se, a uva, por exemplo, mas, ainda assim, nunca é como a de lá. Com a gente é a mesma coisa. O senhor vê um inglês, um francês, um espanhol, um allemão... chegam, plantam-se aqui, aprendem a falar, mas logo que abrem a bôca a gente sente-lhes o sabor estranho: as palavras estão certas, mas não são as

mesmas : têm outro som, outro sabor. Nós mesmos, portugueses . . . a lingua é a mesma, fomos nós que a trouxemos, que a plantamos aqui. Ella ahi está, mas o gosto é outro, mais doce, dizem. A verdade é que um portuguez falando é sempre um portuguez. Por que ? Porque conserva o gosto de lá. Eu, que para aqui vim com quatorze annos e já cá estou ha quarenta e oito, ainda não perdi o sotáque e se viver cem annos hei de o guardar na lingua. É isto o patriotismo, o cunho de cada povo, como o sabor o é do fruto. Isto é que ninguem tira, nem o tempo, só a morte.

Pudesse eu ! Não digo que não goste da terra, que não tem culpa das minhas desgraças, mas a verdade é que a gente não esquece o lugar em que nasceu. Afinal que é que me prende a Portugal ? sepulturas. Pois, ainda assim, senhor doutor, as arvores da minha aldeia, os caminhos, as cabanas e curriças, os trigaes, as aguas, tudo aquillo de lá vive cá dentro, como o falar que aprendi da bôca de minha mãe e da gente do meu povo. É assim, senhor doutor. Que se ha de fazer ? Tambem são as unicas economias que tenho, disse com um sorriso melancolico.

— Tristezas ?

— É como diz.

Uma tarde, enquanto reunia a louça em que levára do hotel a dissaborida dieta, o velhote resmo-neou casmurro :

— Isso não lhe póde fazer bem, senhor doutor. O doente quer-se em descanso, quietinho. Nem eu

sei como póde uma pessoa estar o dia inteiro a falar, a falar.

Alludia ás visitas dos rapazes que se revezavam á cabeceira do enfermo, em calorosas contendendas litterarias ou lendo, declamando versos e ennoando o quarto com a fumaça dos cigarros.

— Isso distrahe-me.

— Ora, distrahe . . . Assim nem o senhor socega. E a prova de que não lhe faz bem é essa febre, que o não deixa. Eu bem ouvi o doutor recommendar-lhe que ficasse em repouso. Mas qual ! É gente aqui desde que amanhece até as tantas. Até um canalha ahi do theatro chamou-me duma das janellinhas do fundo para pedir-me noticias suas. E que lhe fizesse uma visita em seu nome.

— Quem é elle ?

— Sei lá ! É um dos taes. Eu, com essa caqueirada, não quero conversas, nem de longe ! Pois é.

Deu uma volta e tornou :

— Aquelle da cara manchada (era o « Alazão »), já aqui esteve hoje. Não o deixei entrar, despachei-o á porta porque, francamente — explicou com esgar de nojo — não me pareceu lá muito bom da cabeça. Cheirava a bebida que nem um kiosque.

Agachou-se, plantando as mãos nos joelhos e, encarquilhando o rosto, d'olhos fitos, perguntou :

— Ora diga-me : Aquillo tambem escreve nas folhas, com aquella cara ? ! Olhe que sempre ha cada um . . . Hontem, á tardinha, esteve cá outro, um espalhabrasas, de « pince-nez ». Fez ahi assim tal matinada que até parecia maluco. Dá-se com o francês, trata-o por tu. Estiveram a trocar lingua e

a rir. O senhor dormia. Foi-se, dizendo que voltava hoje.

— E não deu o nome ?

— O nome ? Sim, disse-o, eu é que o não guardei. Mas se faz questão posso perguntar ao francês.

— Não. Não é preciso.

— Elle é um typo moreno, acaboclado, explicou ; cara redonda, voz rouca, cheio de tregeitos.

— Ah ! espera : Neiva !

— Isso ! É isso mesmo. Disse que voltava. E se voltar ?

— Ah ! esse é como um irmão.

— Homem, para o senhor são todos elles irmãos. Até parece uma Ordem, mal comparando. Arranjou os pratos, deu uma vista d'olhos em volta e, como era já escuro, aconselhou : Acho melhor accender isto. E antes de qualquer resposta deu luz ao gaz. — Bom. Está tudo em ordem. Não precisa mais nada ? Tem ali á cabeceira phosphoros, cigarros . . . Fique-se com Deus e veja se dorme. Á hora do remedio cá estarei.

Falaram á porta :

— Deve ser aqui. Ó de casa !

— Começam elles, amou o velhote.

— Póde-se entrar ?

Reconhecendo a voz de Fortunio, Anselmo bradou do leito :

— Entra !

Calango esgueirou-se resmungando e o poeta appareceu de chapéu á cabeça entre os umbraes da porta do quarto, seguido de Parda.

— Que é isso, cabra velho ? É a primeira vez que te vejo de mólho . . . a secco. E avançando so-

lemne, de mão estendida : Onde foste arranjar uma febre assim alta, homem de Deus ! De 40°, nem alcohol ! Isso é cervejada, apósto.

— Antes fosse !

Sentaram-se. Fortunio tomou um livro ao acaso. Pardal pôz-se a examinar curiosamente o aposento.

— Como diabo descobriste isto ? Parece uma feira, ha de tudo.

A voz do esculptor vibrava harmoniosa :

La vita è un'armonia ;
Sorrìde il mondo a me :
Ed io, fanciulla mia,
Vogo ma penso a te !

Pardal, de livro aberto, declamou emphatico :

« Se a colera que espuma, a dôr que mora
N'alma . . .

— Como eu a invejo ! suspirou Fortunio.

— A quem ?

— Á dôr.

— Invejas a dôr . . . ? ! Por que ?

— Ora . . . por que . . . porque tem onde morar.

Logo, porém, mudando o tom, perguntou : Quem é uma lourinha aqui ao lado ?

— É filha de um dourador. Bella, hein ?

— Um caso ! E tu ? Não entras com o jogo ?

— Não ! É séria.

— Ora ! séria . . . A seriedade é uma capa que encobre muita coisa. Não ha nada mais sério do que uma porta fechada — abre-a de repente e verás. Um homem de luto pensa tanto no defunto como

nós. Ha muita seriedade que não passa de manto de hypocrisia, tudo está em apanhar-lhe a gente a ponta a geito e puxá-lo.

— Pois sim. É depois ?

— Ora depois . . . Depois . . . casa-se. É dos livros.

Remexeu na estante e, descobrindo um album, pôz-se a folhéa-lo, exclamando de repente :

— Olha o lenço

— Que lenço ?

— O meu ! Cá está elle :

Pando, enfunado, concavo de beijos . . .

Fechou o volume e, accendendo um cigarro, disse :

— Vocês não imaginam a quantidade de « Lenços » que tenho por ahi em albums. Tambem não escrevo outra coisa.

— Mania horrivel ! aparteou Pardal.

E Fortunio queixou-se :

— Eu já evito a rua do Ouvidor por causa dos albums, dos cartões-postaes e das polyanthéas. É um inferno !

— Por que não fazes como eu que me recuso a todos ? disse Pardal. Afinal de contas isso não passa de uma exploração. Somos como arvores a que se vão arrancando as folhas, uma a uma. Este pede um pensamento, aquelle uma phrase, outro um verso. Eu, não ! Não escrevo ! Se fazem questão da nossa assignatura é porque ella vale alguma coisa. Pois se vale, paguem-na ! É uma letra como outra qualquer. Fortunio olhou-o de soslaio, com bregei-

rice. Vivemos a desfolhar-nos ; não damos apreço ao nosso trabalho. Que me importa a mim a collecção de fulano ou de beltrana ? ! Por que não pedem ao sapateiro que lhe ponha, de graça, uma tomba no calçado ? Ah ! não . . . Pois commigo estão enganados. Não escrevo !

— Tens razão, concordou Fortunio, pondo-se de pé, solemne. E, enrolando um cigarro, affirmou em tom dogmatico : É com o pouco que se começa : o jequitibá nasce de uma semente menor do que uma lentilha. Vintem ganhado, vintem poupado e é poupando, aproveitando migalhas, que se consegue accumular milhões e nós, meus amigos, nós não fazemos outra coisa senão desperdiçar. Perdularios, mãos rotas, nunca ajuntaremos peculio. Sem um principio, um ponto de apoio, base, enfim, é escusado tentar construir. Não ha edificio sem alicerces. Vocês já viram fazer manteiga ? perguntou de improviso.

Riram-se do disparate, mas o poeta insistiu, sisudo :

— De que se riem vocês ? Não riam, o caso é serio. Já viram fazer manteiga ? Como não respondessem, elle affirmou, com orgulho : Pois eu já vi, lá em casa, em Maceió. Manteiga excellente, melhor que a de Petropolis. E explicou : Põe-se um bocado de manteiga Demagny num prato fundo, derrama-se-lhe leite em cima e vai-se mexendo devagarinho, mexendo — e imitava o movimento circulatorio. O leite começa a engrossar, incorporando-se ao nucleo e, ás duas por tres, está prompta a historia. Despeja-se o soro e tem-se no prato o que basta para barrar o pão da familia. Que é isto ?

— Economia politica.

— Que economia politica, que nada ! É a turbina, o movimento circulatorio, ao qual se deve a criação dos mundos. É o giro da intelligencia no eixo do capital, produzindo a irradiação, que é a fortuna. Sem o bocado de manteiga no fundo do prato, meus amigos, podem vocês ter todo o leite de Minas que não arranjam nada. E concluiu : Nós temos o leite, que é o talento.

— Salvo seja ! contraveiu Pardal.

— Sim, senhor : o talento, mas a manteiga que arranjam, em vez de a economisarmos para condensar o leite, comemo-la, por ahi, em gabinetes particulares, com o pão que o diabo amassou. O resultado é o que se vê : a miseria negra. Alçando a perna, lançou um olhar desdenhoso ao pé, suspirando desconsoladamente : Nem sapatos ! E revoltamo-nos contra a Providencia ingrata, contra o Destino adverso, contra o meio hostil quando vemos um dos taes *letras gordas* a estourar em milhões. De quem a culpa ? nossa. Que fez o pastrano que desembarcou no Pharoux de tamancos, com uma canastra ás costas ? aproveitou avaramente o bocadinho de manteiga, quasi sempre furtado ao patrão e, com o leite das vaccas, que somos nós . . .

— Menos essa ! protestaram.

— Vaccas, pois não. Com o nosso talento, que é o leite, fez o resto, virando, depois, o prato e despejando o sôro no ralo. É isto.

— Talento ! exclamou Pardal em tom ironico. Talento . . . só na Grecia.

— Ahi vem você com a Grecia. Só na Grecia, por que ?

— Porque, segundo diz o Larousse, o talento na Grecia valia 56 mil francos, ou sejam vinte e oito contos da nossa moeda, ao cambio actual. Com um talento, um só, tinha um homem a sua independencia garantida. E tu com os que tens, e são muitos . . .

— Achas que tenho muitos talentos ?

— A prova é que vives. O *Lenço* já te deu alguma coisa, apesar das innumeradas transcripções em jornalectos provincianos ? Nada. E, todavia moras . . .

— Morar, não ! isso não. Depois que a Republica me demittiu de bibliothecario da Quinta ando por ahi como Gringoire ou Villon.

— Mas comes, vestes-te, fumas, bebes, etc., etc.

— Etc., etc., principalmete. Mas tudo a credito, para ser pago no dia da restauração da monarchia. Levantou-se em impeto de revolta : o governo republicano, ou lá o que é, devia constituir-nos uma pensão, considerando-nos homens de utilidade publica. Porque a verdade, queiram ou não queiram, é que somos monumentos vivos. O Estado não conserva o monumento constitucional a Pedro I, a estatua do patriarcha . . . ?

— E tu já te consideras estatua ?

— Estatua propriamente, ainda não, por emquanto fôrma apenas. E affirmou convicto : Garanto-te que se eu tivesse uma pensão, obra ahi de uns oitocentos mil réis mensaes . . .

— Que farias ?

— No minimo, um poema épico.

— Homem, então é caso de applaudirmos a indifferença nacional.

Bateram palmas fóra. Pardal foi á saleta exclamando logo, prazenteiramente :

— Oh ! entra.

Era o Neiva.

Barafustou, d'esfusiote, pelo quarto com um maço de jornaes debaixo do braço e, plantando-se diante da cama, com o chapéu descañido á nuca, firmado á bengala, indagou encarando Anselmo, risosinho :

— Então ? Morre-se ? Circulava, á ultima hora, lá em baixo, a noticia da tua morte. Vim a correr para o necrologio. Desmentiu-se logo : Historia ! E a sério : Então que é isso ? Estive hontem aqui : dormias como a Justiça.

Estendeu a mão a Fortunio e, sentando-se na cama, á falta de cadeiras, pôz os jornaes sobre a mesinha de cabeceira.

Fortunio abriu-os e logo, ao desdobrar o primeiro, soltou uma gargalhada :

— Que diabo é isto, Neiva ? Sabes allemão ?

— Eu ? Não. Não sei allemão, mas sei em que paiz vivo. Isso recommenda, é uma apparencia como outra qualquer. Ando com jornaes allemães para inglês vêr. Tenho tambem ahi uma revista de engenharia em russo e outras drogas. Coisas complicadas. É preciso, meu amigo. Carrego essa babel, por que ahi ha quatro ou cinco linguas, para confundir as gentes. Voltou-se para Anselmo : Mas então febre, hein ? Disse-me o Duarte que estavas com uma temperatura equatorial. Tomou-lhe o pulso, espalmou a mão á frente. Estás quente, mas tambem nesta estufa . . . Quinino, meu velho.

Pardal interrogou-o :

— Deixaste o hotel, Neiva ? Fui lá, ha dias ; disseram-me que te havias mudado sem dizer para onde.

— Sim, mudei-me. Aquillo não era um quarto, era o Livro Setimo de Herodoto, com toda a invasão persa. Eu estava pagando um formidavel tributo de sangue. Não deixei endereço com receio de que os taes animalejos fossem por elle ter commigo.

— E onde estás agora ?

— Eu . . . ? encarou o amigo, como se lhe estranhasse a pergunta ; tirou lentamente o « pince-nez », pôz-se a limpá-lo e resmungou em voz soturna, de cabeça baixa : — Por ahi.

Houve um silencio entreolhado e constrangido. Quebrou-o Fortunio, pondo-se de pé :

— Seu Pardal, vamos ao tal jantar. São horas.

— Onde isso ? perguntou Anselmo.

— No Lobo. Queres vir, Neiva ?

— Não. Almocei ás tres. Hoje . . . só jantarei amanha o meu bife da madrugada, no *Coblentz* ou na *Maison*.

Os dois despediram-se friamente, resabiados. Que haveria ?

Começava o movimento na caixa do Lucinda ; berros, estardalhaços, cantarolas, gargalhadas, zoadas tumultuosas. Os moradores, conversavam alto no jardim. Ouvia-se um som longinquo de piano e martelladas repetidas.

No commodo contiguo, occupado pelas senhoras que faziam serão até tarde, cantavam baixinho em tom lento e melancolico.

Neiva accendeu um cigarro e, depois de um momento de silencio, atirou uma palmada á côxa dizendo, como em desabafo :

— Pois é verdade . . . Levantou-se, foi até a porta. Tornou cabisbaixo postando-se junto da

estante, immovel, a pensar. De repente, voltando-se rapido nos calcanhares, declarou arremettidamente : Sabes ? Vou casar-me.

— Hein ? Troça . . .

— Palavra ! affirmou. Vou casar-me.

— Que historia . . . !

— Tens razão : é uma historia, um romance. Sei lá ! *Alca jacta est !* Aconteça o que acontecer. Já agora . . .

— E com quem ?

— Não conheces.

Anselmo lançou um nome.

— Qual ! Não tentes adivinhar. É impossivel. Digo-te apenas que é a unica mulher que verdadeiramente amei e amo ; a unica que me poderá fazer feliz, se é que ha felicidade nesta vida. Ninguem sabe. És o primeiro a quem confio o meu segredo. Vê lá !

— E então ?

— Então, que ? Se é bella ? naturalmente.

— Mas como foi isso ?

— A eterna e ineluctavel Fatalidade, meu caro. Sei lá como foi ? Não tens notado mudanças nos meus habitos ? Estou outro ! Todos os dias, ao saltar da cama, miro-me ao espelho a vêr se ainda sou o mesmo, e pasmo. Já montei casa. (Que complicação !). Comprei moveis, linhos, panellas, colheres, um rôr de pequeninas coisas domesticas de que eu não tinha noticia. Ferros de *tuyauter*, por exemplo. Conheces ? pois ha. Estou agora ás voltas com os papeis. É um trabalho sério.

— Então é para breve ?

— Muito breve, questão de dias.

— E não tens medo, Neiva ?

— Medo de que ? rugiu feroz.

— De tudo. Isso de casamento é uma aventura arriscada : vai-se para o desconhecido.

— Ora, meu amigo. . . Colombo também partiu para o desconhecido e descobriu a America. Por que ? porque a Fatalidade o attrahia. É o meu caso. Sentou-se derreado. Não posso mais. Estou envelhecendo, cansado e vasio. Este mar de sereias enfara-me. Calypso aborrece-me. Estou farto de odysséa. Preciso repousar em Ithaca, com a minha Penelope. É verdade que me falta Telemaco, mas vou criar um casazinho, ao qual já estimo como filhos.

— Um casal ! ?

— Sim, do primeiro marido.

— Ah ! É viuva . . . ?

— Pois então ? Querias que fosse donzella ? Não, meu amigo, não tenho geito para professor primario. Viuva com uma fé de officio exemplar. Demais, vem para mim de olhos abertos. Antes de pedi-la eu disse-lhe tudo : despi-me diante della. Falo no sentido figurado, está visto. Disse-lhe que, como homem de imaginação, sou um semi-louco ; que não pauto a minha vida pela norma commum ; que sou sujeito a phases, como a lua : ora de alegria, ora de tristeza ; que tenho crises, delirios ; que preciso de carinho, como uma criança ; que sou meiguice e furor ; que tenho direito e avesso. E pintei-lhe, com as mais carregadas côres, o meu ciume tremendo. Disso é que eu tenho medo ! Vai ser um horror ! Já os meus cuidados estão alerta como uma matilha feroz, ladrando a todos e a tudo. Isso sim ! Tenho

ciume de tudo que é della, desde o corpo, que vejo, até o pensamento, que procuro adivinhar; dos passos com que ella caminha; do som da sua voz; do aroma que a envolve.

Estacou subito e o olhar com que fitou o amigo faiscava.

— Estás vibrando, hein, satyro! Fungou e rugiu: Pois enganas-te. Ficarei de guarda á minha honra como uma féra! Peior que Othelo, estás ouvindo, egypan? Peior que Othelo! E apunhalou o ar. Logo, porém, crescendo em orgulho triumphante, exclamou: E ella ama-me! Admira-me! É uma intellectual. Viverei a seus pés tecendo phrases, improvisando discursos. Farei um tapete de imagens para que ella pise. Andará sobre eloquencia como a sublime Calliope. Tê-la-ei captiva, presa á minha palavra.

Pôz-se a viravoltar a passos rapidos, como aturdido. Parou, por fim, meditativo:

— É preciso! Basta de solidão. Não supporto mais o isolamento na turba, o degredo em orgias. Preciso purificar-me e viver. Passei toda a mocidade a dissipar-me na rua, em theatros e lupanares, tavernas, botequins e confeitarias, trambolhando em vicios. Sinto necessidade de assento, de repouso em um lar.

Sentou-se e, cruzando a perna, com o joelho entre as mãos enclavinhas, o olhar erguido, pronunciou como em soliloquio:

— O homem deve condensar todas as energias em egoismo. Ter muitos amigos é esbanjar força d'alma. E que tenho eu feito? Sou amigo de todo o mundo e não tenho um amigo.

— E eu ?

— Tu . . . ? Lançou-lhe um olhar de revés, encolhendo os hombros. E proseguiu : Ando por ahi aos trambolhões como uma vaga no oceano. Não ! Pôz-se de pé resolute : É preciso ! Não notaste que me retrahi, ha pouco, com esses rapazes ?

— Sim. Elles sahiram escabriados. Que ha ?

— Nada. São bons companheiros, não ha duvida, mas não tomam a vida a sério, tudo é pandega, troça. Eu, em minha casa . . . Has de vêr. Quero-a como um santuario. Nada de bohemias, de poesias. Familia é coisa sagrada, como entendiam os gregos, que eram bilontras e, por isto, mantinham a mulher longe das vistas profanas, trancada a sete chaves no gyneceu. Conheço o mundo ! Commigo é ali no duro ! e espocou um estouro com a lingua no céu da bôca.

Chegando-se á estante pôz-se a examinar os livros, folheando alguns. De repente, envolvendo a pequena bibliotheca num gesto largo, perguntou espantado :

— Já leste toda esta bateria ?

— Não é muito.

— Como não é muito ? ! Sim, se a compararmos com a de Alexandria . . . ou com a nossa, com todas as traças.

— E tu não lês ?

— Livros ? coisas assim ? não. Leio folhetins, criticas, commentarios, mofinas e apedidos. Que diabo ! Ninguem come um boi inteiro. Para a nutrição basta um bife. Pois então . . . ! Para que hei de eu perder tempo percorrendo vagarosamente quatrocentas paginas densas se posso abranger tudo

na visão panorâmica de um resumo ? Tenho horror a andar a pé e para ter-se impressão de uma cidade não é preciso conhecer todas as ruas e praças, becos e travessas, casa a casa : olha-se d'alto o conjunto. Pois não é ? Os espiritos mais brilhantes do nosso tempo . . . do nosso . . . ? de todos os tempos ! não pertencem a essa família de traças, chamada erudita ; esses que por ahí andam empanturrados de autores, sempre com livros debaixo do braço, sem uma idéa propria no cerebro. Que fazem elles ? Que produzem ? nada. A gente chega-se a um de taes mascates e pede um dictame de philosopho, uma scena de Molière ou de Shakespeare, um soneto de Camões, uma regra grammatical e elles grulham a sabença armazenada, como o taverneiro pesa um kilo de carne secca ou toucinho ou enche uma garrafa de paraty. O Sallustio, por exemplo . . . Que é aquillo ? um alfarrabio besuntão. Sempre que o encontro tresandando á carneira e a papel velho, com polilha na gola do casaco, tenho vontade de o levar a um sebo da rua São José e passá-lo a cobres. Anda agora encadernado em um costume côr de castanha que tem pernas de mais e hombros de menos. É um avarento : lê, lê como o que ajunta moedas escondendo-as no fundo da terra. Prefiro o que esbanja. O José, por exemplo, o grande prodigo ! Aquillo é que é ! Lê uma pagina, medita-a em silencio, e, d'ahi a momentos, rebenta em maravilhas, desabrocha em bellezas : é a irradiação genial, a multiplicação como a do milagre de Christo que, com cinco pães e dois peixes alimentou, á saciedade, a multidão que o cercava. Isso sim ! Ler por ler, só para ter fama de sabedor . . . Abicou os beiços em

momo de desprezo, meneando com a cabeça negativamente. O Chora-vinagre . . . dizem que tem mais de mil contos e arrasta-se por ali maltrapilho, comendo em fréges e, quando adoece, vai direitinho para a Santa Casa. Eu, de leituras, contento-me com os miudos da imprensa. Falli no curso medico, com o qual pretendia arranjar carta branca para dar certidões de obito. Já agora fico ao Deus dará, cavando a vida como me fôr possível.

Sonóra rajada estrondosamente vozeirada e clangorada atroou a quietude. Neiva voltou-se vivamente, espantado :

— Que diabo é isso ? Será o Juizo Final ? !

— É no Lucinda.

— Ah ! sim . . . Homem, tens o theatro em casa. Bom . . . Quando pretendes sahir ? Isso agora é questão de mais um dia ou dois. Precisas de alguma coisa ? Cigarros . . . ?

— Não.

— Pois é isto. E sobre o meu casamento . . . Nem palavra ! Vai estourar como uma bomba. No dia em que eu apparecer de pai de familia, com a madama pelo braço . . . imagina o escandalo !

Fechou a carranca e, corcoveando, ameaçou :

— Mas se alguém atrever-se a debochar-me . . . metto a bengala. Hão de tomar-me a sério, a mim e á minha esposa, custe o que custar.

Calango appareceu timidamente á porta :

— Com licença, disse, são horas do remedio.

Neiva mirou-o dos pés á cabeça :

— É o teu enfermeiro ?

— Sim. É excellente ! É quem me tem valido.

O velhote, sempre de cabeça baixa, foi a um can-

to e, tomando o vidro do remedio e a colher, apresentou a dóse, aconselhando :

— Agora é vêr se descança. Rastejando, em seguida, o olhar em volta despediu-se. Até amanhan. Deus lhe dê uma boa noite. A chave deve estar ahi á cabeceira.

Verificou :

— Cá está. Voltarei mais tarde para fechar a porta. Até amanhan.

Foi-se.

Neiva acompanhou-o com um olhar enternecido :

— Typo curioso.

— Uma perola !

Calaram-se de olhos perdidos ouvindo o côro que irrompera no Lucinda. Palmas estrondaram e, logo a seguir, como quebrança de mar em socava, reboou, soturno, um gargallar vulgacho. Na calma que succedeu foi-se levantando uma miadeira em guinchos lancinantes e vozes, quasi humanas, em reclamos guaiados, annunciaram amores de telhado.

Voltando-se de flanco, firmado ao cotovello, Anselmo perguntou em voz mansa :

— E de negocios, Neiva . . . como vamos ?

— Mal, muito mal, respondeu o bohemio, que se puzera a andar no quarto. Isso, porém, pouco me incommoda. O que me enerva, irrita, é a hostilidade que noto em certos typos, odio, ou melhor : inveja.

— Inveja ?

— Sim, inveja. E, cruzando violentamente os braços, revoltado : Mas inveja de que, não me dirás ? Que tenho eu que possa inspirar inveja ? Pois meu caro, não me devoram porque não pôdem. Li, não sei onde, que certo inglês acompanhava a toda a

parte o funambulo Blondin, o tal que atravessou o Niágara, para ter a sensação de um dia o vêr cair do arame e esborrachar-se em baixo. Pois a inveja faz o mesmo commigo. Sinto-a sempre presente, onde quer que me ache. Se falo, lá a avisto, de olhos esbogalhados, a magnetisar-me; no que escrevo esgaravata frenetica á cata de solecismos; segue-me nos hoteis, nas confeitarias para notar o que cômico e bebo; indaga da marca dos meus cigarros e onde os compro; informa-se dos meus credores; acompanha-me nas ruas; sinto-a no meu quarto e nos lugares mais intimos e se penetro em alcovas vedadas adivinhou-a por ali, de tocaia em algum vão. Intercepta-me a correspondencia e multiplica-se em infamias, desde a calumnia até a carta anonyma. Enfesa-me, enoja-me... Porque eu comparo a inveja á tuberculose.

— Que idéa!

— É como te digo — tuberculose d'alma. Sentou-se cabisbaixo, accendeu um cigarro e, depois duma baforada, disse em tom presago: Sei que não vou muito longe. Isto cá por dentro começa a dar de si. A mola ringe enferrujada; mais dia, menos dia estála. Só peço ao Senhor que me não deixe ficar desarmado entre os philisteus, que me espreitam. Quero morrer de pé, como Antar. A decadencia é horrivel. Os que se esgotam são desprezados, assestados de ridiculo, achincalhados pela irrisão ingrata dos impotentes.

As chufas da soldadesca no Calvario são um symbolo admiravel. O intellectual deve cair como o sol, quando tramonta: ainda illuminando. E eu sinto que me estou extinguindo, que o meu cerebro

está se reduzindo a cinzas. Canção. É natural. Abusei das minhas forças, gastei todo o meu phosphoro em accender cigarros, « omelettes » e terrinas de « punch ».

— Deixa-te disso. És e has de ser sempre o mesmo Neiva.

— Qual! meu amigo. Já me não temem. Os asnos começam a escoucear-me. Mau signal! Imagina que, ha dias, o Sallustio applaudiu calorosamente uma phrase minha, a proposito não sei de que.

— E então ?

— Então, que ? O applauso do Sallustio offende, porque um idiota daquelles só póde elegiar sandices. Vocês supportam-me ainda, o povo... esse... abotoou os beijos, desaminado : já não me liga.

— Tolice... Quem póde o maior póde o menor.

— Enganas-te. Eu improviso uma conferencia e não me atrevo a fazer um brinde á sobremesa, genero em que é sublime o alvarissimo Rodrigues. Dito um folhetim e sou incapaz de redigir uma local, como o Lemos, ou de descrever uma *toilette* no estylo « fanfreluchado » que deu fama ao « Souvenir ». Emfim... Agora, com o casamento, vou vêr se consigo pôr a vida nos eixos, prevenir-me para os dias magros. Cigarra, como tenho sido até hoje, estou tratando de metamorphosear-me em formiga, e saúva, que é a que mais carrega.

— Homem, a proposito : Que ha de verdade nos boatos que por ahi correm sobre Fortunio ? É certo que tambem está noivo ?

— Dizem.

— E o caso da bibliotheca da Quinta, em que ficou ?

— No mesmo : elle, na rua e a bibliotheca, por ser imperial, parece que vai a leilão. Comprehendes : — uma Republica, como a nossa, não póde conservar, sem desdouro, uma collecção de cimmelios com o « ex-libris » de Pedro 2.º. Além disto (creio que é da Constituição) o regimen do barrete não comporta livros.

— Pobre Fortunio !

— Pauperrimo ! E justamente agora que elle se dispunha a fazer estudos sérios. Estava com idéa de tomar uma professor de russo para traduzir Gogol, Pouchkine e Dostoiewsky.

— Sempre original !

— Sempre ! Tão original que se lhe perguntares, por exemplo, porque abre a janella do quarto de manhan elle dirá, com certeza, que é para a escuridão sahir. Um typo ! Levantou-se. Bem. Vou deixar-te. Estou na hora de Ruth, hora de respigar nos theatros. E mesmo precisas descansar.

— E o « Alazão » ? Como vai elle ?

— Atrapalhado, atrapalhadissimo com uma das mentiras de que vive. Porque, tu sabes, a mentira é um passo em falso—desequilibra. Escorregando na primeira é depois um trabalho para um homem restabelecer o aprumo. Pois o « Alazão » desequilibrou-se. Ninguém o vê. Só apparece á noite, em serenatas, lá pela cidade Nova.

Tomou o chapéu e a bengala e, trefego :

— Bem. Até amanhan. E trata-te. Trata-te que me estás fazendo muita falta lá fóra. Abraçaram-se. Ao sahir disse da porta, com enlevo : É pena que estejas ahi de môlho. Estás perdendo uma noite maravilhosa !

XIV

Causou profunda impressão a ausencia do Neiva no « symposium » espartano com que os amigos, cotizados por talher, celebraram no G. Lobo o regresso de Anselmo, que passara dois regalados mezes em S. Paulo em convalescença da enfermidade que o arrasara, trazendo da terra rôxa, a troco da rheuma que lá deixara, dois kilos e pico de carne, alegria a transbordar em riso e uma novella macabra no fundo da mala.

O procedimento do bohemio, commentado com acrimonia, teve apenas uma voz por elle e essa foi a de Montezuma, que souo rouquenha no sodalicio :

— Nada de recriminações. O que ha, meus caros, é que o nosso Neiva é agora um homem casado, com responsabilidades graves. É carta fóra do baralho.

— Isso de ser casado não é razão, repontou Ruy Vaz : casado tambem é você e está aqui, comendo e

bebendo, á tripa fôrra, por signal que muito além da quota com que entrou, o que é um abuso de confiança.

— Perdão — e Montezuma reforçou a vista enganchando na penca o «pince-nez» de sobressalente — os extraordinarios, se os houver da minha parte, eu pago. Mas vamos ao assumpto. Eu sou casado, não ha duvida ; sou casado como é funcionario publico um chefe de secção aposentado — com todas as vantagens do cargo, mas sem obrigação de assignar o ponto, entende você ? Elle, não. Com elle o caso muda de figura — é novato, amanuense no matrimonio, tem de comparecer. É isto !

Fortunio, que começava a enternecer-se com os effluvios do cartaxo, corroborou, muito piegas :

— Tens razão, Montezuma. É isso mesmo. Neiva é agora um homem grave, quasi pontual nos pagamentos e até austero no traje : só veste fraque. Ás seis em ponto está em casa para presidir á mesa e distribuir o rancho com a colher patriarchal. Vocês não imaginam como elle tomou o casamento a sério. Está outro ! Visitei-o no lar. É um Abrahaão. E enfrornado em tudo que diz com o governo e a economia da casa, desde o caderno das compras e o rol da roupa até a bisca de nove, o chá com torradas, as chinelas de trança e outras miudezas domesticas. Tem até uma folhinha e livros numa estante de ferro, o monstro.

— E vocês acham que esse methodo durará muito ? perguntou Ruy Vaz escabichando os dentes.

— Homem, já lá vão tres luas, como diria um dos nossos avós tapuyos ; e elle ainda não se desviou um millimetro do caminho do dever.

— Esperemos pela volta, resmungou Pardal. A lua de mel, como tudo que é doce, acaba por enjoar. Em que quarto está elle ?

— No pleno.

— A caminho do minguante : mudança de phase. Montezuma revoltou-se.

— E vocês que não admittem a regeneração. Que diabo ! S. Paulo que era S. Paulo, e não um lagalhê qualquer, regenerou-se, quanto mais o Neiva. Tudo tem seu tempo. Neiva pagou largo tributo á mocidade.

— Hum ! caramunhou Ruy Vaz, isso de pagar ... duvido.

O Rocha, que devorara em silencio, depois de emborcar um copasio de cartaxo para rebater o bolo, esfregou a bocarra com o guardanapo e falou cavernosamente :

— Estão vocês enganados. Prouvera a Deus que falassem verdade, porque assim eu ficaria só em campo para trabalhar á vontade. Mas qual ! Tudo lenda ! Neiva é o mesmo, quem o quizer encontrar não terá mais do que correr, á noite, os theatros, a *Maison* e o *München* e ha de achá-lo com o arrastão.

— E que mal ha n'isso ? É a lei da vida. São, por acaso, os leões, os tigres e os lobos criaturas mal procedidas ? Já constou que algum leão se embebedasse, que algum tigre virasse em frége uma batóta ou que um lobo andasse por ahi em esbórnica ? Não senhor. Entretanto todos esses animaes sahem, á noite, á caça, para prover com o necessario sustento, o covil da familia. É a vida. E deixemo-nos de má lingua. Não é correcto estarmos aqui a cortar na pelle de um companheiro ausente. Levantou-se de

mão no bolso : E vamos pagar esta droga que já é tarde. Tocam cinco mil réis a cada um. Eu entro com mais dois, á minha parte.

— Põe mais tres, Montezuma, implorou o «Alazão», porque eu estou como nasci. Vim sabe Deus com que sacrificio, apenas para dar a Anselmo uma prova forte da minha solidariedade. Ha mais de uma semana que não sei o que é uma nota, a não serem as dos meus credores e uma contra-fé do meu senhorio.

Montezuma escavacou as algibeiras e a conta foi paga, sem gorgeta para o garção, habituado, aliás, a taes generosidades :

— Que diabo ! ponderou Fortunio, se não lhe damos gorgeta em especie dámo-la em lições de grammatica e em noções de esthetica.

A companhia dissolveu-se, seguindo, cada qual, o seu rumo.

Saudoso da vida nocturna, e, com esperanza de encontrar o Neiva, Anselmo percorreu todos os theatros, desde a opereta do Heller até o dramalhão pantafaçado em que se desgrenhava e esguelava o Galvão, Messias do Theatro Nacional ; desde a tragedia shakespereana, no S. Pedro, até a copla relamboria, esganiçada com esgares e reboleios os mais desquadrilhados pelo elenco prostibuloso do Eldorado.

Nesse café-concerto de má fama, relegado no Becco do Imperio, reviu o populacho venusto, a farandulagem da pandega, toda a grey parasitaria da bôa vida : os tubarões nocturnos que punham cerco a argentarios balordos, iscando-os com o escól da pornéa ; os apaniguados do meretricio que

viviam á tripa fôrra, sempre no rigor da moda e de algibeira cheia ; todo o escorralho vulgivo : rufiões anchos de empáfia, eruscadores solertes, abordando com segredinhos cynicos a uns e outros ; gauderios que abancavam a mesas nas quaes farejavam paios em rodas de mulhero, entrando logo em conversa e na garrafeira ; sucios de gandaia em conchavos canalhas de baldrocas ; inculcadores de mulheres, passeando-as de braço, ostentosamente, como em amostra ; pharóes de jogo que, em farisco, percorriam os pontos onde sentiam chelpa, tarrafeando pascacios para o panno verde nas batotas da Lapa e do Rocio.

Anselmo desviava-se de taes *estradeiros*, evitando-os como a immundicies. Aos que lhe falavam com ares de intimidade respondia d'alto, recusando-se-lhes aos convites para beberetes.

O jardim tinha mais o aspecto de feira que de platéa, todo elle atravancado de mesinhas de ferro, em volta das quaes um povileu suspeito, typos de cartola branca ou capadocios de chapéu molle, a tres pancadas, conhecidos da policia, em regabofe de alcouce, chalrava com o femeaço entre cachinadas estridentes e estouros de champanhe, alheios ao que se passava no pequeno palco onde se reve-sava, em numeros espalhafatosos de canto e dança, uma cabotinagem reles, refugio das baiúcas de Montmartre e dos bordeis de Marselha.

Enojado daquella suburra e sem mais esperanza de encontrar o Neiva, Anselmo resolveu retirar-se e já se encaminhava para a sahida quando o chamaram de um canto, em tom fagueiro. Voltou-se e viu uma mulher de preto, isolada a uma

mesa da varanda, diante de um copo no qual mergulhava uma pipia.

Dirigiu-se ao appello, d'olhos apertadamente fitos no vulto que se bambaleava faceiramente, a sorrir. Reconheceu-o em relampago e a surpresa que o tolhera mudou-se-lhe em espanto. Estendendo-lhe vagarosamente a mão esgalga, a mulher estranhoulhe os modos retrahidos :

— Que é isto ? Estarei tão mudada assim para que você não me reconheça ?

— Henriqueta !

— Seu ingrato ! Até parece que você tirou a sorte grande. Senta-te. Tomas alguma coisa ? um cognac ?

— Não. Por hoje basta.

Encarou-a bem nos olhos profundos. Era um typo fino de mulher, de alvura marmorea, que os olhos grandes, negros, de langor doentio e os cabellos em bandós corvinos ainda mais realçavam. Teria trinta annos, se tanto, ainda que o pescoço já se lhe enrugasse em perigalhos. As maneiras não eram as do commum das mundanas ; o ar, ainda quando sorria, era melancolico ; a voz cheia, pausada e de uma doçura acariciante.

— Quando chegaste ? perguntou mirando-o enamoradamente.

— Hontem.

— Seu ingrato ! Sorriu-lhe enlevada. Estás bem . . .

Pôz-se a afagar-lhe de leve uma das mãos.

— E você, Henriqueta ?

— Eu ? Não estás vendo ? afofou a fazenda do corpinho, folgando-o sobre o descarnado collo. Olha

só . . . Este corpinho estava justo e agora . . . Estou sumindo, meu velho ; fazendo biscoitos. E os dentes alvos appareceram nas gengivas lividas, descobertos por um sorriso que a escaveirava. Tossiu devagarinho, aos arranques, procurando conter-se como envergonhada. Esponjou a bôca com o lençinho, e, em tom meigo : Muito magra, não achas ?

— Nem tanto assim. Olharam-se em silencio : Mas afinal . . . que é isso ?

— Ora . . . que é ? Que ha de ser ? Não estás vendo ? Thisica.

— Qual thisica !

— Qual thisica ? ! Pois sim ! Eu não me illudo. Se visses o sangue que deito pela bôca . . . Baixou os olhos e pôz-se a abrir e fechar estaladamente o leque. É melhor, murmurou. E, em desafogo : Estou cansada ! Esta vida cansa, meu velho . . . !

Ella de cabeça baixa, elle mirando-a, estiveram um momento calados. O alarido crescia no jardim. Um bailarino desconjuntava-se no palco.

— Para mim foi naquella baile dos « Fenianos », lembraste ? Eu estava muito suada e fazia frio quando sahimos. Ninguem me tira isto da cabeça. Foi naquella madrugada. Faziamos tanta maluquice ! Tambem naquelle tempo eu . . . Emfim . . . Tudo passa ! É a vida.

— Por que não sahes um pouco ? Dois ou tres mezes de roça, como eu fiz, põem-te bôa.

— Roça . . . Meneou com a cabeça desoladamente e, d'olhos em alvo, concluiu : A minha roça eu bem sei qual é. Para lá é que eu vou . . . e não demora muito. Isto não tem mais concerto. Pensas que me importa a vida ? a vida que eu levo . . . Pois

sim ! Esticou o labio com indiferença. Arrancou um suspiro ; de repente, porém, accendendo-se-lhe os olhos, inclinou-se a Anselmo, como se o quizesse beijar e disse-lhe em voz surda, frenetica, coada em sensualidade que o aflar das narinas accusava : Nunca mais !

E a cabeça ficou-lhe em oscillação dolorosa, como um pendulo. Vendo passar um garção, chamou-o :

— Garcia ! Outro absyntho.

— Absyntho ! ?

— Então ?

— Mas isso é veneno, Henriqueta.

— Melhor. Encararam-se, e ella, tocando-lhe, de leve, no rosto com o leque, sussurrou voluptuosamente : Estou gostando de te vêr, palavra . . . e sorria remordicando-se excitada. Logo, porém, com escrupuloso arrependimento, corrigiu-se : Deus me livre ! Eu seria incapaz de tamanha maldade. Se com outros me custa, quanto mais contigo. Ainda te quero bem, sabes ? muito bem ! Deus me livre !

Curvou-se, tomou a pipia e pôz-se a chuchurrar o resto de absyntho que ficara no fundo do copo.

E Anselmo, observando-lhe a magreza, a pallidez cerosa, pensava commovido, lembrando-se de antigos tempos : Pobre Henriqueta !

Cedo — a cidade, ainda em limpeza, tresandava a azedume — resolvido a procurar uma « pensão » decente, Anselmo deixou o commodo entregando a chave ao « Calango », que resmungava rezinguento, varrendo a estreita calçada marginal do pateo. Do

portão, onde se deteve a enrolar um cigarro, relanceou aborrecido olhar á rua humida, salteada de pôças, que brilhavam como cacos de vidro, com restos de lixo, escorias e cascaria, barrando entulhadamente o enxurro nas sargetas.

Que diferença das serenas e limpidas manhãs piracicabanas !

Ao acordar no leito amplo, posto ao meio do vasto salão em que o haviam aposentado na casa da « Chacara », vivenda, a um tempo, solariega e rustica, entre o jardim, que a defrontava, todo em canteiros e caramancheis, e o immenso pomar ao fundo, confinante com a lavoura rica; sorvido, a saboreados goles, o primeiro café, ainda se encolhia, voluptuosamente, no fôfo acolchoado, gosando o repouso da noite bem dormida. Tudo, então, o enlevava. Distrahia-se a olhar os átomos em revolteios nos raios do sol que entravam pelas rextas das persianas, a ouvir o canto dos passarinhos e o atroante escachoar marulhoso do Salto, ao longe. E que bom e sadio era o cheiro selvoso que a matta espalhava na respiração da manhã.

Lépido, saltava da cama, abria uma das janelas e deliciava-se com a vista do panorama rustico — extenso tapete de verdura variegadamente esmaltado, fendido ao meio pelo rio, com o seu paredão de penhascos de onde se despenhavam, a golfos, os cachões espumosos. A cidade, reticulada em ruas estreitas, com o casario aninhado em arvoredos, ainda parecia dormir e, subindo da terra em fluor, como um cortinado tenue que se fôsse retirando, a neblina esfumava, num ponto em flocos, noutros em nexas, esfarrapando-se até de todo esgarçar-se.

O sino cantava no ar fino, avoejado alegremente de pombos e andorinhas e o céu, de um azul de esmalte, reluzia como patinado a ouro. O brando balaço dos ramos era como o lento e languido espreguiçar de quem acorda.

E que tranquillidade confiante na vida ! Tudo parecia feito pela natureza como nos dias paradisiacos, quando o homem, ainda immaculado, não cumpria a sentença do trabalho. Era a flôr a anunciar o fruto ; era a agua a correr activa : aqui, placida ; além, frenetica, refervendo acachoadamente em pedrouços e anfractos ; era o gado solto, pastando nas campinas que pareciam de velludo e o sol, na altura, cuidando de tudo : lavrando, pastoreando com a impassibilidade de um deus.

Grupos, que a distancia amesquinhava, moviam-se nas ruas ; *trolys* appareciam levantando nas estradas nuvens de poeira e longe, na encosta de uma collina, como um enxame de insectos em carniçagem, fervilhava, com scintillações de enxadas, uma turma de trabalhadores.

E ali ? Ali era a cidade tumultuosa, atabalhoada, com os seus predios opprimidos apertadamente muro a muro, a eito, numa avareza de espaço ; vehiculos cruzando-se com rumor trangularhante ; gente afreimada em pressa como de fuga ; vozes em pregões confusos, estridores, gritos, falarío, avanço de uns, inercia calaceira de outros que, em grupos madraços, á porta de vendas ou de botequins, chalravam estremunhando bocejadamente, fatigados da noite de tavolagem ou alcouce.

Por que não havia elle de viver em uma paz como a de que trouxera o bem da saude, bem que, em

pouco, se dissiparia nos plantões do jornal e nos tresnoites da bohemia, como se desbarata ao jogo um patrimonio ?

Naquelle remanso, sim, poderia realisar, serena e caprichosamente, a obra monumental cujo plano gisara — toda a historia da Patria condensada em uma serie de romances, desde a hora em que a chusma das caravellas de Cabral a despertou do encantamento até o dia, sobre todos glorioso, em que ella dignificara a bandeira, substituindo-lhe no panno a mancha da escravidão pelo symbolo da Republica.

Mas a Cidade attrahia-o com o seu feitiço. Achara-a mal amanhada, desleixada e, o que mais era, ingrata com os que mais a amavam, dando-se toda a argentarios e politicos, como as meretrizes preferem os que as exploram e maltratam. Mas um minuto de gloria valia tanto como um beijo concedido pela mulher amada, e esse minuto era o que elle requestava, ainda que, depois, tivesse a sorte de Meiamun, que trocou a vida por um instante de amor nos braços de Cleopatra.

Foi-se na levada de tão dôce sonho. No largo do Rocio abriu-se-lhe, de todo, a alma diante do céu maravilhosamente azul.

Durante a manhan e ainda depois do almoço, ruas abaixo e acima, correndo todos os pontos frequentados pelo grupo, procurou o Neiva. Os amigos, como se houvessem combinado a resposta, diziam-lhe a uma :

« Ah ! meu caro, agora é difficil encontrá-lo :

é de casa para a repartição, da repartição para casa. Quando apparece é sempre ás pressas : engole um « Madeira », diz uma pilheria, apanha os embrulhos e pira-se. O mais certo é procurá-lo em casa ».

Aventurou-se. Se o encontrasse, melhor : senão, ficava feita a visita. Tomou o primeiro bonde á esquina de Gonçalves Dias. Neiva morava, então, na rua Buarque de Macedo. Lá foi ter pelo numero.

Bateu. Correrias, cochichos, risotas precederam o apparecimento de uma mulatinha refoufinhada que, afastando um panno apposto ao alto da porta envidraçada do corredor, espiou como faria uma freira á grade conventual. Ouvindo-lhe o nome desapareceu a rir, deixando-o fóra, sem uma palavra. Logo, porém, a voz do Neiva retumbou autoritaria :

— Abre essa porta, rapariga ! E pressuroso : Entra, homem. Espera-me um instante no escriptorio. Vou já.

A casa, em altos e baixos, com escadinhas pelos vãos escuros : tres degraus aqui, dois, ali ; um patim adiante, além um escadório em sacca-rolha, em certos pontos afundava em subterraneo, como no escriptorio, onde entrou Anselmo.

Era uma saleta baixa, de soalho frouxo, como de borracha, com dois respiradouros gradeados sobre a rua atravez dos quaes viam-se passar os transeuntes.

Mobiliario pobre : uma secretaria americana, sofá e cadeiras austriacas em grupo sobre um tapete gasto, uma estante de ferro com alguns livros e quinquilharias e nas paredes, de papel florido, can-

toneiras e peanhas com figurinhas de gesso, uma folhinha de desfolhar fixada em chromo e pilhas de jornaes a um canto. No sofá um mantelete de lan. Neiva falava do interior :

— Quiz hontem ir jantar contigo, não foi possível : atrapalhações domesticas. Que tal S. Paulo ? Sei que trazes banha e côres. A voz aproximava-se. Os tres degraus rangeram e o bohemio precipitou-se de braços abertos abarcando effusivamente Anselmo. Então ? Refeito ? Mirou-o : Estás outro ! Seiva do pinheiraes, hein ? Isso é que é ! Senta-te.

— E tu ?

— Eu ? Como vês : casado, prisioneiro domiciliario, com uma familia ás costas . . . e o dia 30 sempre de olho.

— Não me participaste o casamento.

— Para que ? Não dou noticias tristes. Casei-me á capucha : pretoria, igreja e casa. Nada de festas. E aqui estou. Accendeu um cigarro. Pois é verdade... Que complicação, meu velho ! Nunca pensei que o casamento fôsse coisa tão séria. Nos outros parece facil, experimentado é que é. É como a patinação. Fui, certa vez, ao Rink e, vendo aquella gente a deslisar, a coisa pareceu-me facil. Calcei os patins e, pôr-me de pé e estender-me redondamente, foi tudo um ápice. Assim o casamento. De longe, uma delicia. Casa-te, calça os patins e has de vêr o que é tombo.

— Estás arrependido ?

— Arrependido propriamente, não : o que estou é atrapalhado e com medo.

— Medo ? Medo de que ?

— De tudo, principalmente de mim.

— De ti ? Ora essa . . . ! Por que ?

— Porque . . . Porque me conheço. Chegou-se mais a Anselmo e segredou-lhe receiosamente : Conheces-me como eu te conheço, sabes que fui sempre nomada, mais volúvel do que a *donna mobile* do *Rigoletto*. Sinto que não poderei escravizar-me ao tal compromisso. Por mais que faça, não posso, não está em mim, e remexia-se afflicto, retorcendo os pulsos como em esforço de quebrar algemas. De repente, em tom dramático, advertiu : A própria natureza é versátil. Isso de ficar eternamente em uma roça plantando sempre a mesma mandioca, revolvendo, adubando, semeando o mesmo terreno é uma espiga. Por isso é que o matuto é besta. Depois, meu velho, certos escrupulos . . . Sabes que estudei medicina, conheço esta machina e sei das causas da sua ferrugem. Casando-me contrahi com a demographia a obrigação de concorrer para o seu progresso, realisando obedientemente o preceito do *crescite et multiplicamini*. Fui sempre infenso ás mathematicas e receio que a minha multiplicação saia errada, como a do Favilla, cujos filhos são todos uns mostrengos.

— Desconfias de ti ?

— Se desconfio ? ! Que pergunta ! Tenho certeza. Com a vida que levei que diabo posso eu esperar ?

— Porque não fazes exame de sangue ?

— Já fiz.

— E então ?

— Reprovado.

— Mas isso cura-se. Trata-se. Estás em tempo.

— Tratar-me . . . Posso lá cuidar disso ? E

ainda que eu tome todo o mercurio das drogarias em vendo Venus, principalmente francesa, não respondo por mim. De que serve mudar a roupa para tornar a molhar-me? Sou assim, o meu feitiço é este: borboleta na vida. Não posso contrafazer-me. Meu amigo, como se nasce com um pigmento, nasce-se com um destino. Não ha meio de fazer de um preto branco, nem de um desgraçado um feliz. Já agora será o que Deus quizer, Deus e as mulheres. A proposito de mulheres — tu não conheces ainda a Sylvia, — minha senhora?

— Não.

— Precisas conhecê-la. É uma mulher superior: genero feminino de primeira qualidade. É uma deusa, excellente dona de casa, alegre, economica com o seu *quantum satis* de litteratura e arte. Não t'a apresento agora porque ella está a preparar-se para o jantar. Ah! sim, porque eu não sou dos que entendem que a mulher só se deve compôr para sahir, isto é, para os outros. Não senhor. Primeiro eu, que sou o marido. Isso de *gatas borralheiras* em casa e princesas em sociedade, não vai commigo. E Sylvia comprehende-me perfeitamente e defende-se contra o tédio, que é o caruncho dos lares, apresentando-me, todos os dias, uma novidade: um enfeite gracioso ou uma caricia mais dengosa. Ante-hontem sahiu-se com uma scena de ciume. Deixa lá! o ciume tem o seu cabimento — é a pimenta no amor.

— Conforme. Para os que gostam de pimenta, disse Anselmo, já de pé, despedindo-se.

Neiva estranhou-lhe a pressa, elle, porém, justificou-a. Tinha ainda de ir adiante vêr um commodo em certa Pensão inglesa.

— Deixas a aringa ?

— Ah ! sim.

Abraçaram-se e Neiva acompanhou-o até a escadinha do corredor.

— Então, adeus. E olha . . . Precisas conhecer minha mulher. Vem jantar comosco um dia destes. Tres pratos e prosa.

— Está dito. Adeus.

Tornando da porta aonde acompanhara Anselmo, Neiva desceu vagarosa, pensativamente os tres degraus do escriptorio encaminhando-se, passo a passo, para a secretária, á qual se encostou cabisbaixo, mordicando as unhas.

Aquella visita conturbara-lhe o espirito, commovera-o despertando-lhe no coração lembranças da vida antiga. Soffria como um galé que, ao despedir-se de alguém que o tivesse ido confortar no carcere, ficasse a pensar saudosamente na liberdade perdida.

Quão differente do que deixara era, então, o seu destino ! Curtira miserias e amarguras, em compensação dispunha, a seu grado, de todo o tempo, sem contar os dias, indifferente ás horas, como pescador que, á beira de um rio, não dá, sequer, pelo correr d'agua.

Tudo o que ali tinha em volta e o mais que na casa havia eram pesos que o sobrecarregavam. Á commoção que o abalou romperam-lhe, em alvo-roço, da memoria os dias bohemios, como uma revoada de aves abala arisca ao mais leve bulicio perto do seu pousadouro. « Que idéa aquella de

prender-se, elle que nascera peregrino, contentando-se, como o nomada, com o que lhe deparasse a fortuna — abundancia ou apenas oasis e até mesmo o deserto com a miragem no céu por todo consolo.»

Uma voz pôz-se a falar macia e pausada no interior da casa, voz na qual se sentia o riso, como em madrugada de estio; se adivinha o sol no tremulo ruído do bolir das folhas. Outras vozes infantis respondiam-lhe risonhas. Era a familia, a sua familia — ella e os filhos.

Aquellas crianças, ás quaes já se affeiçoara, por vezes, entretanto, tornavam-se-lhe incommodas pelas suspeitas que lhe infundiam. Eram os seus enteados, remanescentes do que o precedera na posse da mulher, lembranças do primeiro amor, vidas restantes de outra vida, novédios de um tronco morto. Vendo-as, tendo-as sempre junto a si e até por traços do semblante ella havia de lembrar-se do outro e, sempre que a surprendia beijando-as, tinha ciumes dos beijos pela saudade amorosa que nelles imaginava.

Que obrigação, afinal, lhe corria de sustentar aquellas bôcas, vestir aquelles corpos, instruir, edificar aquellas almas, interessar-se, emfim, por aquelles hospedes ?

Accendeu aborrecidamente um cigarro e, fumando, pôz-se a passear no escriptorio, sorumbático, resmungando frenético, a escarapellar-se grifanho : « Qual ! Não sei mesmo onde tinha a cabeça quando calcei esta bôta . . . ! » Parou junto de um dos respiradouros e, inclinando-se, com a fronte encostada ao braço opposto á parede, ali se ficou a olhar distrahidamente a rua somnolenta, com o seu

movimento pacato, ramerameiro, lerdo, os sons monotonos, enfadonhos : escalas ao piano, latidos de cães, assobios de moleques, pregões de doceiros. Longe, melancolico, um realejo morrinhava a *Traviata*.

Transeuntes, um a um, ou vizinhos conversando aos pares, passavam em andar vagaroso. Na casa fronteira, impertigada á janella, uma mocinha, calcada a pó de arroz, sacudia, de quando em quando, em cumprimentos cerimoniaes, a cabeça toda encaracolada.

E sempre os typos como que reproduzidos em espelho, com o mesmo ar fatigado, a mesma resignação servil e o mesmo embrulhinho pendente de um nastro, ao dedo.

Eram os « pais de familias », os animaes de carga, jungidos ao carroção do lar, arrastando-o pela estrada aspera da vida aos trancos em carcavões, alijando : ora um filho em emprego, ora uma filha no casamento, até cahirem esfalfados.

Eram os burgueses que elle tanto troçara, tanto zurzira a pillherias quando os via afreimados, esbaforidos, engulindo uma dose ao balcão do *Paschoal* ou do *caillau*, envesgando olhares ás cocotes regambleiras enquanto o caixeiro lhes aviava a encomenda de gulodices baratas.

E elle ali estava inscripto no mesmo rol, pagando pela lingua e, com o que se manifestava — melancolias, antojos — dentro em breve teria de fazer como os via, a elles e, mais ainda : sahir com a cesta de fraldas, a mamadeira e a chupeta, entre a mulher e a ama, com os enteados á frente, de mãos dadas, chalrando. Elle . . . !

E era aquillo a tão preconizada vida de familia, a abhorrida mesmice, existencia invariavel, regulada a chronometro, como triaga que se toma a tempo justo, em doses certas, caramunhando.

A tarde esmorecia languida effervescendo em sussurro de cigarras. Elle deixara a cidade justamente no melhor momento, á hora alegre, rumorosa do vermuth, do enxameio mundano, dos commentarios politicos, das palestras e conchavos bohemios.

A rua do Ouvidor esfervilhava densa — as familias retiravam-se affluindo aos bondes nas esquinas de Gonçalves Dias, Uruguayana ou no Largo de S. Francisco, como se fugissem á invasão da gente de Cythera que começava a apparecer com espavento. Politicos, bolsistas formavam grupos á porta do *Watson*; estudantes militares pimponeavam garbosos, á rabisca de namoro, e o povo operario, atroando atamancadamente a calçada, contrastava no maltrapido e nos modos estabnanados com os elegantes dos bairros aristocraticos e com o mundanismo venusto que se exhibia á gandaia. As confeitarias apinhadas resoavam confuso vozeiro de mercado. Hora alegre !

E elle ali prisioneiro, a ouvir, a todo o instante, appellos a criadas, discussões, alaridos de crianças, sempre, continuos, os mesmos rumores de sala e copa. A voz da mulher, porém, chamou-o do alto do patamar da escadinha interna :

— Você aqui sósinho, no escuro ? Que é isto ?

Voltou-se. Lá estava ella, Sylvia, alta e branca, erecta como uma deusa no altar ; ella, a sua « *Victoria de Samothracia* », como lhe chamava, alludindo ao que nella fizera o amor arrancando-lhe

dos flancos aquelles filhos, carne da sua carne, como desastre ou mãos barbaras haviam mutilado a pedra maravilhosa que encarnava a figura olympica da Victoria hellenica.

Por proposta de Sylvia o jantar, para o qual Anselmo fôra convidado, realisou-se num sabbado, dia de recepção. Assim poderiam entrar com a palestra pela noite, tendo o domingo todo para repouso.

De exigente esméro não se fiou a senhora nas criadas, não só para os arranjos da casa como para a fiscalisação meticolosa da cozinha, determinando o serviço, a disposição da mesa com os crystaes e christofles muito brunidos, vinhos e licores no buffeté, frutas e dôces na escaleira. As crianças jantariam mais cedo, na copa. Vieram encommendas do *Paschoa'*.

Já no escriptorio se achavam Montezuma que, nesse dia, lançara uma companhia de tecidos de fibra de quingombô (muito superior á ramie) ! Pardal, um vigario e um deputado, ambos cearenses e

um esqueleto feminino, forrado de pergaminho, de oculos e mitaines, que tresandava a simonte e arfava apiançadamente a um canto, onde se acolhera com a sua asthma, quando um tilbury parou á porta.

Antes que a campainha soasse, Neiva levantou-se ao encontro da visita. Devia ser Anselmo. Effectivamente era elle, com uma braçada de rosas, enfarpellado em fatiota de cheviote azul, ainda com cheiro da alfaiataria.

Sylvia recebeu-o como velho amigo e o sorriso enlevado com que elle a contemplou foi o maior elogio que lhe poderia fazer á belleza e á graça esculptural do corpo, ao qual o vestido a imperio, discretamente decotado, de mangas curtas, deixando-lhe os torneados braços nús, com pulseiras nos punhos, imprimia o ar de uma canephora, como as que figuram na frisa do Parthenão.

— Abracem-se ! intimou em alvoroço o Neiva. Quero que se estimem como irmãos. E trefego : Ahi a tens, meu amigo, a deusa que fez o milagre de converter-me, mudando o meu destino, como a Republica mudou a nossa fórma de governo.

Pardal elogiou a ordem, o alinhio do escriptorio e, descobrindo na secretária um dictionario de synonymos, pasmou :

— Pois até dictionarios !

— Como não ? E varios, inclusivè um allemão, para visitas de cerimonia. E uma grammatica, que deve andar por ahi ; geographias ; um Baedeker da Palestina, o almanach de Gotha, a folhinha de Ayer, taboas de logarythmos e outras maravilhas. E ali atraz da porta, num gancho, attestando a minha honestidade, todos os recibos do mez passado. Or-

dem, pois não. Ordem e progresso, como na bandeira.

— Esse homem só não faz o que não quer. Quando vocês achavam impossível que elle casasse, que dizia eu ? Casa-se e vai dar excellente marido.

Sylvia confirmou com um sorriso os louvores de Montezuma.

— Se até recebe, tem o seu dia. Que mais ?

— O que ! ? exclamou Anselmo.

— Pois não. Recebo. E é como vês : todas as classes. A Igreja e o Estado ; as letras — as nossas e as de cambio, na pessoa de Montezuma ; a sciencia, representada ali em D. Basilia que é um tratado de pathologia. Faltam apenas as classes armadas : o capitão Gomide, da artilharia, um barra ao violão, e o Breves, official de fazenda, prestigizador d'arromba, maior que o Hermann. Talvez ainda appareçam. Ah ! meus caros, entrei na sociedade . . . preciso defender-me. Isto de recepções, bailes, etc. não é mais do que carne ás feras. Já se vê que não me refiro a vocês, amigos, falo do que chamam « o grande mundo », dos que nos espiam, coscovilham a vida, tocaiam-nos para os botes da maledicencia, os monstros.

O vigario, que enclavinhara as mãos, pousadas no ventre, rolando beatamente os pollegares, pondo os olhos em alvo, acenou affirmativamente de cabeça. O deputado, porém, oppôz-se obtemperando :

— Não tens razão, Neiva. O homem é um animal sociavel, precisa de relações.

— Relações . . . Relações são comidas, guloseimas que se debicam, mas que não sustentam e, ás vezes, por maus temperos, arrasam-nos o esto-

mago. A familia, com uns poucos amigos sinceros, eis o prato de resistencia e sadio. Eu não tróco o meu feijão domestico pelo mais requintado *menú* mundano.

A criada appareceu á porta, de avental e toucado. Sylvia levantou-se e Neiva bradou em som de marcha :

— Vamos jantar.

O deputado offereceu o braço a Sylvia ; o vigario fez o mesmo a D. Basilia, sempre offegante.

— O viatico, sussurrou Neiva entre Anselmo e Pardal, alludindo ao padre que levava vagarosamente a velha, cujo sarrido asthmatico guinchava como um eixo de carro de bois.

Diante da mesa, profusamente florida e faiscante de crystaes, Neiva, pandeando o ventre, declarou com importancia comica :

— Meus amigos, infelizmente, por falta de espaço, não lhes dou, segundo o ritual sympoptico de Roma, musicos e samambaias.

Surpreso do termo estrambolico que empregara desatou á gargalhada e todos riram vendo-o desmandibulado e aos pinchos até que, voltando-se para Anselmo, ainda com estrebuchos de riso, perguntou :

— Homem, como é mesmo ?

— Ambubaias, emendou solemne o interrogado.

— Isso ! Ambubaias.

Affectando, então, gravidade, explicou :

— Eram umas senhoras honestissimas que, nos banquetes, dançavam mais ou menos núas, conforme a paga. Em compensação, proseguiu, não ponho óbices á palestra, reservando-me, todavia, o direito de

censura logo que o vinho comece a subir no thermometro.

Sentaram-se. Sylvia presidia, tendo á direita o vigario e á esquerda o deputado. D. Basilia resfolegava sarrosamente entre Montezuma e Pardal. Anselmo ficou junto ao Neiva para os commentarios.

A sopa foi saboreada regaladamente, em silencio.

Ao apparecimento do peixe D. Basilia desapre-silhou a lingua recordando, com suspiros saudosos, « o seu tempo », quando uma pescada de linha, isso mesmo comprada á porta, custava dez testões ; uma tampa de camarões de lage, pataca e meia ; uma gallinha, mil e quinhentos. Frutas, verduras, isso então . . . ! E concluiu em cacarejo gosmento, afastando falripas que lhe esvoaçavam diante dos olhos piscos :

— Com vinte mil réis, na Praia do Peixe ou no Largo da Sé, a gente enchia o cesto de um preto do ganho.

Montezuma corroborou :

— E ainda pagava o carreto, com o *mata-bicho* por cima. E agitando-se, como atarantulado : E as casas, D. Basilia ? E a roupa ? E o calçado ? A roncante senhora revirou languidamente os olhos e o ancião moralizou : Mas o que me dóe não é isso. O que me dóe é o desregramento dos costumes. No nosso tempo a Sagrada Familia poderia morar em qualquer rua desta cidade. Virtude era aqui, dito pelos estrangeiros. Não vê que uma moça solteira ficava sósinha á janella depois do toque do Aragão ! Pois sim !

Neiva revidou sarcastico :

— Ora, não ficava á janella . . . Não ficava á janella, mas debruçava-se ao muro do quintal, aos beijos com o visinho. Hoje faz-se sem hypocrisia, á frente, o que dantes se fazia á sorrelfa, nos fundos.

Montezuma bufou a farofia e, no assomo em que se levantou, sacudindo o guardanapo, como um naufrago que trapejasse com um pedaço de vela, acenando a soccorro, o « pince-nez » desmontou-se-lhe da penca cahindo sobre o pratarraz de arroz.

— É falso ! bramiu. Nesse tempo — que o diga aqui a senhora, que devia, então, ser donzella . . .

D. Basilia afusilou-lhe um olhar de colera e affirmou com dignidade pundonorosa :

— E ainda o sou, com a graça de Deus, senhor Montezuma.

— Tanto melhor ! É uma prova. E proseguiu na arenga. Tudo era honestidade, pureza. Raptos ! ? Quem falava em rapto nesse tempo ? Era coisa que não se conhecia.

— Hein ? ! Como ? Não se conhecia o rapto ? E as Sabinas ? exclamou Neiva triumphante.

Montezuma embatucou intrigado :

— As Sabinas ? Que Sabinas ? A gargalhada que explodiu desarvorou-o : Já ahi vem você com a pilheria. É isto . . . Quando não têm argumentos, troçam. Pois eu estou falando sério. Está nos livros. Leia. Sentou-se meio desconcertado, a limpar com o guardanapo as lentes do « pince-nez ». Dirigindo-se, então, ao vigario, que mastigava balofamente, esfarinhando-se, exclamou : Aquillo é que era religião, padre-mestre. Aquillo sim ! Não havia pai de familia que não se confessasse e commungasse, pelo menos uma vez por mez. Missa, isso era todos os dias.

— Durante a quaresma fazia gosto vêr o respeito, murmurou com enlevo beato D. Basilia. Só se via gente de preto. Nas casas cobriam-se os santos, paravam-se os relógios e o jejum era rigoroso. Barulho, nem de crianças. Não vê que um mascate era capaz de bater vara ! Até as vaccas de leite andavam sem campainha. Era só o dobrar dos sinos, mais nada.

— E as procissões ? lembrou Montezuma : os officios da Semana Santa, os sermões, a visitação das igrejas . . .

E D. Basilia, acudindo á memoria do contemporaneo :

— Quando o Nosso Pai sahia á rua, lembra-se ? era um povareu que parecia festa, todos cantando o Bemdito. As casas abriam-se com luzes ás janellas, gente ajoelhada ás portas e nas calçadas. Aquillo, sim ! Aquillo era religião. Hoje ! Hoje é a maçonaria que manda e por isso ha tanta desgraça por este mu do.

O vigario acenou de cabeça superciliando desolado.

— Pelo que dizem o Rio devia ser, então, mais lugubre do que um convento de trappistas, arrevesou Pardal com um esgar de enjôo.

— Lugubre ! ? Não havia cidade mais alegre. Um céu aberto ! E eu posso falar, pavoneou Montezuma, porque corri toda a Europa e grande parte do Oriente. Conheço o mundo a palmo. Bailes, partidas, concertos no Club Mozart, na Philarmonica, jogos de salão.

— A bisca, o vispora, o gamão, o burro. Delicias !

— Sim, senhor. Delicias, que pensa você ? e honestas. Neiva sorriu e o velho continuou. E as serenatas, em noites de luar ? Que noites ! E as festas ? a do Divino, com as barracas no Campo e em Sant'Anna ; e as cavallhadas ; os carroceis, os circos de cavallinhos, a marmota. E os presepes, desde Natal até Reis com os ranchos de pastorinhas, a burriinha . . . E as fogueiras ardendo em todos os arrabaldes, desde Santo Antonio até S. Pedro.

— E os theatros, seu Montezuma ? O Provisorio, com a Candiani ; o S. Pedro, com João Caetano ; o S. Luiz, com o Valle ; o S. Januario, o Gymnasio . . .

— O Alcazar, com a Aimée, a Suzanna . . . Vamos, Montezuma, intimou Neiva, tenha coragem de confessar. Ha aqui um sacerdote. Aproveite-o.

O velho emproou :

— E por que não ? O Alcazar, sim senhor. Theatro alegre, para rapazes, mas muito mais decente do que esses que ha agora por ahi.

— E os fogos de artificio, lembrou D. Basilia para evitar o escabroso assumpto. E logo, improvisamente, como quem pula um lameiro : E os casamentos ? Um casamento, hoje em dia, até faz pena, de triste que é.

Neiva contraveiu :

— O casamento sempre foi triste como um carcere até o dia em que Nacquet atirou ás victimas a chave do divorcio.

— Credo ! Abrenuntio ! P'ra longe ! esconjurou D. Basilia persignando-se.

O vigario pigarreou preparando-se para protestar, mas Pardal cortou-lhe a palavra appellando para o deputado, que era o symbolo da Lei,

— Quem ? Esse ! Pois sim Espera-lhe pela musica, troçou Neiva. Dependente de um eleitorado catholico, do qual se acha aqui presente um dos chefes de maior prestigio, o nosso amigo vigario. Não vê . . . E sentenciou : Meus amigos, canario na muda não canta. Deputado em vesperas de eleição não pia.

O parlamentar arrolhou-se com uma lasca de fiambre. Neiva tornou, então, a D. Basilia, que arfava :

— Olhe, minha senhora, eu respeito muito as tradições, que são as rugas e os cabellos brancos da Historia, mas no que se refere ao casamento á antiga . . . temos conversado. E aqueceu-se : Aquillo era o suprasummo do ridiculo. Eu ainda o alcancei. Uma immoralidade !

— Não fale assim, criatura.

E D. Basilia, escandalisada, levou as mãos aos ouvidos.

— Uma immoralidade ! repito. Como aquillo só em Babylonia. Todos os olhos cravaram-se no bohemio que, de pé, gesticulando desabaladamente, ia caricaturando a scena que descrevia : Imaginem uma casa baixa, com todas as janellas abertas, gente apinhada ao sereno, a olhar, a commentar á risota maliciosa. No sofá, a um lado da sala, debaixo do espelho oval, com a moldura envolvida em aza *de mosca*, os noivos : ella, de véu, o ramo de flores de laranjeiras ao collo, ar de victima prestes a ser immolada ; elle, um estafermo, mal enjorcado em traje cerimonioso, as mãos arreganhadas nas luvas, remordendo-se á pungencia dos callos arrochados nas botinas novas. No fundo, escancarado, o quarto,

com o leito nupcial exposto, quasi sempre com uma pilheria de algum engraçado, para fazer effeito no momento psychologico : pós de mico, alfinetes, um embrulho de baratas, um sacco de papel com camondongos ou outra immundicie do mesmo jaez. E, abrindo largamente os braços, exclamou : Eis o que era o casamento outr'ora ! Bólas !

Um fremito de escandalo relampagueou em volta. Sylvia aprumou-se de sobrolho franzido fazendo sentir ao esposo a inconveniencia da expressão. Felizmente um estouro explodiu. Era o champanhe.

A copeira appareceu atarantada, procurando conter os jorros espumosos que transbordavam, a golfos, da garrafa. Neiva arrebatou-lh'a das mãos e pôz-se a servir em volta. E o vigario, para encerrar o banquete, porque o thermometro começava a subir aos pulos, levantou-se de taça em punho para beber sacerdotalmente á Familia «elo sublime da cadeia da sociedade». Neiva offereceu cigarros, sentindo não ter um de estramonio para D. Basilia e, interpretando um superciliar de Sylvia, propôz tomarem o café e o cognac no escriptorio, á vontade.

Olhos em físgas, amodorrados, cambando em sapatorras acalcanhadas, com o avental moxinifado, a touca a tres pancadas, a copeira serviu o café num automatismo mollengo de somnambula.

Logo ao primeiro gole Neiva, caramunhando um esgar de nausea, repôz repulsivamente a chicara na bandeja, resmungando « que não era gallinha para tomar milho torrado em calda ». E feroz, desabrido :

— É um desaforo falsificar café no Brasil. Mas que fazer ? Não temos governo. Em um paiz policiado e brioso todos esses taverneiros já estariam a ferros. Aqui é o que se vê : tudo falsificado.

— A começar pelo dinheiro, adiantou Montezuma. Vocês não imaginam o que abi vai de notas falsas na praça.

— Falsas ? ! Muito mais honestas do que as de cunho official. Voltaram-se todos para o bohemio que, arregaçando as mangas do casaco, como prestidigitadar em passes, explicou : A nota falsa é falsa, como uma crioula, ainda que muito polvilhada, não deixa de ser negra. E a outra ? a legitima, garantida pelo governo, que é ? um papel reles, ou digamos : bilhete branco. E, tirando do bolso uma cedula, abriu-a e leu pausada, accentuadamente : « No Thesouro Nacional se pagará ao portador desta, a quantia de cinco mil réis. » Vai um homem ao Thesouro fiado em tal promessa e que recebe ? moeda ? ouro ? Pois sim ! Recebe um *paco*, ou, quero dizer, outro pedaço de papel. Nós só temos dinheiro falso, — o que nos impingem os malandrões e o com que nos embroma o Thesouro : *arcades ambo*.

E atafulhou a nota na algibeira

D. Basiliá, que chuchurreava, a saboreados goles, o seu café, atalhou a dissertação chrematistica affirmando, com autoridade de neta de fazendeiros :

— O senhor não tem razão de falar mal do café. Isso é implicancia. Para mim elle está excellente.

— Pois eu felicito-a, minha senhora, pelo paladar condescendente que Deus lhe deu. Eu não tenho fazendeiros na familia, mas gôsto . . . quanto a isso . . . peço licença.

A palestra generalisou-se. O vigário, Sylvia e D. Basília cochichavam, muito á sorrelfa, como em confessorio, os mais era em vozeria, por vêzes esgargalhadamente.

Neiva andava de um grupo a outro em versatili-
dade trefega « um olho no Padre, outro na missa »,
por causa das duvidas.

Encheu, de novo, o calice de cognac e, no grupo
dos homens, contou picarescamente a anedocta do
dia. A gargalhada explodiu escandalosa e o vigário,
meio escabriado, commentou com sorriso amarello :

— Sempre alegre.

— Alegre ? Quem ? Eu ? Ah ! senhor vigário,
vossa reverendissima diz isto porque não me vê por
dentro. Eu sou a propria Melancolia. Um carnaval,
meu caro. Um verdadeiro carnaval. Tire-me a fan-
tasia e a mascara e verá o que é tristeza.

— Ó Neiva você assim . . . reprehendeu
Sylvia, resentida.

E Pardal :

— Triste . . . Quem ? Tu ? Pois sim !

Riram. Neiva pôz-se a girar no meio da sala,
atarantadamente, com um sorriso a abrir-se-lhe no
rosto.

— Homem, têm vocês razão, deixem lá ! Sou
mesmo alegre, alegrissimo, aquillo que, em vulga-
cho, se chama um « cara nagua ». Alegria de palhaço,
meus amigos, mas, enfim, alegria. E a prova disso
têm-na vocês na minha esterilidade. Que produzo eu ?

O protesto soou em côro :

— Que produzes ? !

— Sim ! Que produzo eu ? A alegria, como as
plantas do jardim, dá apenas flores ; lenho e frutos

só as grandes arvores, as arvores austeras, os sisudos troncos, os vegetaes gigantescos da matta virgem. Que dou eu com a minha alegria ? flores de rhetorica, e pifias, nada mais. Algum de vocês ouviu já-mais uma gargalhada do Ruy ? Duvido ! Ruy é olympico !

— Mas os deuses do Olympo riam estrondosamente. Está em Homero, disse Pardal.

— Cochilo de poeta. Os deuses sorriem apenas.

— Olympico, dizes bem, confirmou o deputado. E entretanto, ha dias, um não sei que, declarou pela imprensa que déra uma lição de direito a Ruy Barbosa.

— Uma lição de direito ao Ruy ? ! Extraordinario ! Dar uma lição de direito ao Ruy é presumpção comparavel á de um louco que pretendesse engrossar o oceano Pacifico despejando-lhe em cima um copo d'agua. Mas quem foi esse imbecil ? Como diabo me escapou esse artigo ? Oh ! mas eu hei de achá-lo. Vou dar uma busca. Um lorpa de tal porte não póde ficar no olvido, tem de vir á tona, como as alforrecas. A petulancia é o estalão pelo qual se medem os imbecis. Uma lição de direito a Ruy Barbosa . . . Tem graça !

A palestra foi amortecendo, esfriando como fogueira em vasquejo. Por mais que o Neiva tentasse reanimá-la só encontrava fadiga, cinzas. As scintillas do seu espirito coriscavam ephemeras como esses fuzis que vermiculam nos papeis queimados.

Já se dissimulavam bocejos, abriam-se profundos hiatos de silencio.

O deputado consultou o relógio pondo-se logo de pé, com espanto :

— Sabem que horas são ? Meia noite.

Houve um movimento de alvoroçada surpresa.

— Tenho missa ás sete, disse o vigario.

E Montezuma :

— E eu um negocio importantissimo ás oito, nada menos que uma estrada de ferro. Nesta casa é isto — perde-se a noção do tempo.

D. Basilia reclamou os seus agasalhos, pedindo a Montezuma o favor de acompanhá-la até a casa, a um pulo d'ali : rua Ferreira Vianna.

— Pois não, minha senhora. Ao fim do mundo que fosse ! E, voltando-se para os companheiros, segredou maliciosamente : Preciso garantir as flores de laranjeira da minha contemporanea.

Mas quando Anselmo pediu o chapéu, Neiva oppôz-se :

— Não ! Tu, não ! É cedo. Temos muito que conversar. Ha ainda um restinho de cognac e duas horas até o primeiro cantar do gallo. Não penses que mudei de habitos. Senta-te.

E foi nessa madrugada que Anselmo conheceu o romance daquellas duas almas, que se haviam aproximado ; uma attrahida pela belleza, outra pelo talento, encontrando-se no amor.

XVI

Despertado atroadoramente por pancadas e sacalões á porta do aposento que, então, occupava no 2.º andar da *Pensão Inglesa*, á rua Marquez de Abrantes, Anselmo precipitou-se da cama sarapan-tado, correndo, descalço, em alvoroço, á porta.

— Quem é ? bradou colerico.

— Abre ! Sou eu : Ahasverus, o precito !

Aberta a porta Neiva embarafustou de supetão, esbofado.

— Que é isto, homem ? De onde vens ? Que houve ? indagou Anselmo alarmado.

— Que houve . . . ! Traição do instincto. Atirou o chapéu sobre uma cadeira, saccou o paletó e o collete e, arregaçando as mangas da camisa, explodiu caminhando a largas pernadas : Isto havia de dar-se mais dia, menos dia. Homem, por que não abres isto ? ! Abafa-se aqui dentro.

E, sem esperar resposta, escancarou uma das

janellas. O sol entrou de jacto e, com a luz, uma lufada fresca que enfunou as cortinas, tufou em bojo o reposteiro que velava o quarto. Papeis voaram da mesa do centro, como, a um tiro, se levanta, em abalada, um bando de pombas. Neiva relanceou um olhar á saleta, foi até a porta do quarto, bisbilhotando maravilhado :

— Sim senhor ! Installação de nababo ! Soalho encerado, tapetes, cortinas, moveis de estylo. Sim, senhor . . . ! Parabens ! Ou isto ou a caverna da rua do Lavradio. Grandes mudanças, não ha duvida.

— Mas afinal . . . Que houve contigo ?

— Que houve . . . ? Olha para mim, estou esbar-rondado. Imagina que se acha na terra o Leivas.

— Quem é ?

— Um fazendeiro de Minas, homem de cevados e vaccas que lhe rendem toucinho e leite, e além da pecuaria, uma mina de diamantes. Veiu empregar uma parte de taes rendas em saias de francesas. Quando esse cavalheiro desaba das alterosas montanhas toma-me a seu serviço como guia. Sou eu que lhe indico o hotel, que o levo ao alfaiate, ao sapateiro, aos theatros ; que o informo sobre o mercado feminino. Não me larga. Chegou hontem, zarro ! e hontem mesmo arranchou-se com a Marie Laffite, contractando-a por um mez. Ceamos no *Louvre* — eramos nós dois e quatro mulheres. Não te digo nada . . . ! Quando dei accordo de mim estava na gruta de Venus, como Tannhauser. E sabes quem ella era ? a Eugenia. Estou arranjado para o resto da vida. Agora imagina lá em casa, a familia : Sylvia, as crianças, as criadas. Isto havia de acontecer mais cedo ou mais tarde.

— E agora . . . ?

— Agora . . . só tu me podes salvar.

— Eu ! ? Como . . . ?

— Adoecendo gravemente, febre, uma syncope cardiaca, ou então um duello. Escolhe. Não, o melhor mesmo é a syncope.

— Mas . . .

— Não ha *mas*. Ou tu me salvas com a syncope ou eu suicido-me. Vim prevenir-te para não saihes. Direi que passei a noite á tua cabeceira e que só agora me apartei de ti, deixando-te fóra de perigo.

— Mas justamente hoje eu tenho um mundo de coisas na cidade.

— Na cidade, hein ? . . . E Neiva encarou-o com um sorriso malicioso. O teu mundo fica a dois passos d'aqui, no Cattete. Pensas que não sei ? E todo este fausto está confirmando as vozes que por ahí correm. Fausto e . . . Margarida. Conheço-a de vista. E estendeu-lhe alviçareiramente a mão : Toque ! Parabens. Tens gosto. Anselmo sorriu desvanecido. Mas vamos ao que, no momento, importa. Tiveste uma syncope, eu trouxe-te para a casa e passei a noite contigo. Atirou-se ao sofá acabrunhado : Qual ! Eu entrei no casamento como o Brasil entrou na Republica, — sem o necessario preparo. Os meus velhos habitos não se adaptam ás normas matrimoniaes, como os sebastianistas não aceitam os novos principios e andam por ahí ás turras conspirando, ensaiando revoluções. Assim eu, atrapalhome, faço asneiras, saudoso do passado, dos bons tempos da liberdade. Levantou-se de golpe, enfurecido : Depois . . . não imaginas como a minha vida é complicada, como sou victima da tal gatinha da al-

covitice, genero — amigas intimas. Quando chego á casa e encontro uma das taes fico pelos cabellos. É certa a tempestade. Tu para lá vais. Previne-te. São as intrigas, os dizque dizques, os mexidos. Ha typas, filhas de Tartuffo, embiocadas em virtude, cujo prazer maior consiste em enredos. Essa sucia faz como os lixeiros que apanham as immundicies das ruas. Aquella D. Basilia, por exemplo, aquillo é sorna, não perde um boquejo, uma calumnia, infamias; e mente por quantas juntas tem. É uma praga! Lembra-me o escaravelho rolando diante de si o bolo de esterco. Quando ella vai á minha casa, ainda que a não encontre, logo lhe descubro o rastro no mau humor de Sylvia. Emfim . . . são os percalços do casamento. Minha mulher não tem mãe, como sabes, entretanto eu tenho uma sogra tremenda, tremendissima . . .!

— Tu! ?

— Eu, sim. É a senhora Sociedade, que toma conta de mim, fiscalisa-me severamente os actos, não me deixa pôr pé em ramo verde. É a segunda vez que me acontece pernoitar fóra de casa. A primeira . . . nem me lembra porque foi. O que sei é que acordei dia alto, no *Ravot*; mas só debaixo do chuveiro, quando a agua fria me bateu na cabeça, foi que me lembrei que era casado, pai de familia, o diabo! Espichou-se esfalfadamente em uma poltrona e, d'olhos em alvo, suspirou: É uma trapalhada. Demais a mais em vesperas de ser pai . . .

— Tu!

— Pois então? Quem havia de ser? Eu . . .! E isso preoccupa-me, tira-me o somno, o bom humor, o appetite . . . tudo! Eu não me desmando por

estroinice, não ! faço essas coisas por atordoamento ou distração, com o espirito longe, no futuro, a pensar no augmento da familia, nas grandes responsabilidades que me vão cabir em cima. Filhos . . . Eu sou de uma gente fecunda como a tal Chanaan. Aliás, na minha terra, periodicamente flagellada, a fecundidade é prodigiosa. A secca esturrica o sólo, nem orvalho o refresca — tudo mirra, basta, entretanto, uma chuvasinha miuda para que o cemiterio de areia, embranquecido a ossadas, se transforme, da noite para o dia, em um paraíso de verdura florida. Como a terra é o homem. Não ha miseria que o acabrunhe e canta á viola, ao luar, o seu infortunio. Um casal com vinte filhos é coisa commum no Ceará. Mas só á idéa de que tal me aconteça arripiam-se-me as carnes, põem-se-me os cabellos em pé. Vinte filhos . . . imagina ! Dar-se-á commigo o que se dá com esses possuidores de latifundios que, por falta de braços para o amanho das terras vastas, deixam-nas em agreste, pullulando em feras. Assim o pai de muitos filhos. Como nutrí-los, vesti-los, educá-los, estabelecê-los na vida ? Ficam sem trato, em abandono, como as taes sesmarias, que ainda hoje são selvas.

De repente, pondo-se de pé, perguntou curioso :

— Uma coisa : o Oviedo está morando aqui ?

— Está, affirmou Anselmo, de má sombra.

— Dás-te com elle ?

— Eu ? ! Deus me livre !

— Deus te livre, por que ?

— Não me dou com ladrões.

— Não te dás com ladrões ! ? Em que contas tens tu a Lycurgo ?

— Sei lá !

— Ah ! não sabes ? Bem que sabes. Pois Lycurgo, meu caro, não só permittia como até aconselhava á mocidade espartana o furto como exercicio de intelligencia e destreza. E aquelle que se deixava apanhar com a bôca na botija era castigado severamente. Já vês que o Oviedo aprendeu em bôa escola. Não te dás com ladrões . . . Tal ogerisa seria admissivel num puritano, quando os havia. Hoje . . . Recusar cumprimento a um ricaço por se lhe conhecer a má origem da fortuna é besteira. A propria Natureza nos ensina que, sem lôdo ou estrume, não ha grandeza nem belleza. E hoje, meu caro, o adubo mais cotado, sem falar no guano, é o sangue. Todo o inicio é sordido. O mundo sahiu do chaos, uma misturada. Nós mesmos, terra, lôdo do Paraiso, nascemos embrulhados em carnagem. Roma fez-se com salteadores e proliferou com o rapto das sabinas, uma patifaria heroica. As terras mais ferteis são as que se atolam em lameiros, as das margens do Nilo, por exemplo. Não sejamos mais exigentes do que a Natureza e lembremo-nos da moeda de Vespasiano que, incontestavelmente, é a que a mais circula. As nossas notas . . . temos escrupulo em pegá-las ? agadanhamo-las e sabemos lá de onde vieram. Olha, eu te digo, não preciso lavar as mãos, como fez Pilatos, porque nunca as sujei, entretanto não nego o meu cumprimento ao Oviedo ou a outro da mesma laia. O que não falta é sabão e, para maior limpeza, ha o sublimado. O dinheiro tudo purifica, como o fogo. Orgulho vão, o nosso. Elles vencem, e nós ? Começam de baixo e arrastando-se, arrastando-se chegam ás mais altas culminancias. Não ha bicho

mais repugnante do que a lagartixa e sobe paredes acima, por que ? porque vai de rasto.

— A aguia remonta ás nuvens, pelo espaço livre, ao sol.

— O tico-tico tambem, mas são aves, povo do ar. Eu falo dos seres terrenos, como nós e a lagartixa. O que nos prejudica é a empafia. A proposito : Tens cognac ?

— Aqui, não. Mas posso mandar vir.

— Homem, não ! Sylvia tem faro : dará pelo cheiro. Coçou a cabeça a unhas. Mas que embrulho, seu Anselmo ! Enfin . . . já agora . . . E é assim que se desmantélla um lar. Descabiu o busto abarcando um dos joelhos com as mãos enclavinhadas, e, após um silencio, durante o qual passou, de novo, em exame a saleta, disse, seguindo uma idéa : Pois é . . . Nós gosamos a vida, não ha duvida, gosamo-la preguiçosamente deitados no campo verde da esperança, olhando o céu, fiados na Providencia. O resultado é o que sabes. Codornizes e manná, os hebreus comeram-nos todos. A despensa dos milagres está vasia e o paiz de Cucanha desapareceu da geographia, como a Atlantida. A vida hoje é uma cavação contínua. Que são os homens de negocios senão cavadores ? Vivem, como os mineiros em galerias subterraneas, os seus escriptorios, cavando. Que vêm elles da vida ? apenas o ouro ; o mais não lhes interessa. Pardal, o nosso philosopho, que anda agora com o figado em pancas, comparou-os a lagos, estagnos de aguas e nós . . . a regatinhos.

— Regatinhos, mas muito mais uteis do que os taes lagos, porque circulamos.

— Circulamos . . . Pois sim ! Não está má a cir-

culação. E suspirou : Quem me derá a mim ser lago, um lago como o de Genebra, por exemplo. Corrigiu-se, porém, de prompto e assustado : Não ! Isso, não ! Se eu fôsse um lago como o de Genebra já teria desaparecido bebido pelo « Alazão ». Riram. Bem, estamos aqui a pilheriar e o tempo a correr. Que horas serão ?

— Oito.

— Oito horas e eu já de pé, e na rua. Vestiu o collete, o casaco, tomou o chapéu, deu uma vista d'olhos ao espelho e, descobrindo no lavatorio a bateria de perfumes e loções, sorriu com malícia : Quem te viu e quem te vê . . . Decididamente, para civilisar, não ha como a mulher. Estamos, então, combinados : Tiveste uma syncope, eu trouxe-te á casa e passei a noite á tua cabeceira. E, recuando, ferrenho, intimou : E não sabes, nem chegas á janella ! O Acaso é um grande canalha. Clausura absoluta. E adeus. Deixo-te com os teus livros. Olha, escreve uma pagina de amor. Tens assumpto. Já á porta : E quanto ao Oviedo . . . só te digo que elle está dando as cartas. A Sociedade abre-lhe as portas. Não queiras ser palmatoria do mundo. Fala ao homem. Olha a lagartixa ! Adeus ! O que hoje vais fazer por mim eu farei por ti, mais tarde, se fôr preciso. *Hodie mihi, cras tibi*. Adeus.

Anselmo accendeu um cigarro, estirou-se no divan cruzando as pernas e, de olhos no tecto, a baforar, distrahido, sorria recordando as palavras do companheiro. Pouco a pouco, porém, foi-se-lhe cerrando o rosto, como se retrahe ao tacto a sensitiva.

« Tu para lá vais . . . » dissera-lhe o Neiva em

tom presago. Sim, ia. Ia attrahido como fôra o outro. E teria elle forças para arrancar-se, raiz a raiz, daquelle vida de independencia, caminhando escoteiro, como até então, livre para o que quizesse, senhor de si, dono das horas todas ? E ella ? Seria, no intimo, a que se lhe afigurava tão pura, de ingenuidade infantil, abrindo os lindos olhos negros maravilhadamente a tudo, como se o spectaculo tão commum da vida fôsse uma série de surpresas ?

Criada, com o maior recato, em fazenda, entre dois velhos simples, o seu mundo era tão pequenino que todo lhe cabia dentro dos olhos. Além dos outeiros que subia e descia, a correr e rindo, com a criançada ; além dos campos e varzeas em que galopava no *Faceiro*, cabelo ao vento, ladeada de dois canzarrões, que a não deixavam ; além dos correços e das lagôas, onde pescava vigiada pela ama, sempre a preveni-la contra jacarés e cobras ; além da matta, que era o seu passeio predilecto, pouco mais conhecia.

Das suas breves visitas á cidade guardava impressão identica ás que lhe deixavam as historias de fadas que as mucamas contavam nos serões. Pura como a Miranda do poeta.

Mas a mulher esconde-se tanto em si mesma, envolve-se em dissimulação como a serpenté se enrola para formar melhor o bote . . . Não ha esse que se possa gabar de haver decifrado o enygma do coração feminino. Achava-se diante daquelle amor como Edipo em presença da Esphyngue.

Seria aquella a companheira que imaginara, a eleita do seu coração entre tantas ; a que o amasse, a que o comprehendesse, a que se lhe dedicasse até

o sacrificio, renunciando ao mundo por elle como uma professa o renuncia por Deus ?

Juras, promessas . . . palavras, poeira dos labios. Quantas tivera elle, de tantas bôças beijadas e todás se haviam resolvido em enganos. E passaram-lhe pela memoria os seus namoros ephemeros. Onde andariam ? Que rumo teriam tomado ?

Lembrava-se do enthusiasmo do amigo nas vespersas do casamento, fugindo a tudo para correr ao idyllio, sempre com um presente, um mimo carinhoso. Entretanto já o via, senão arrependido do que fizera, saudoso do que deixara.

Afinal a gente habitua-se a tudo e habitos não se deixam como se atira fóra uma ponta de cigarro. Quantos artistas conhecia elle victimas do casamento ! A arte é uma religião e o artista deve manter-se célibe como o sacerdote para poder dedicar-se exclusivamente ao culto. Para a mulher, porém, a arte equivale a uma amante, e das que mais absorvem, amante que vive em commum com a esposa, como as odaliscas com a favorita.

E se ella o quizesse tomar todo a si, com egoismo de ciume, vigiando-lhe o pensamento, fiscalisando-lhe o trabalho, interpondo-se-lhe á inspiração, combatendo a adversaria com todos os recursos — desde a ternura até as lagrimas ; desde o amúo até ameaças de represalias ?

Não ! Ella, não ! Era intelligente, docil, meiga e de uma candura crystallina. Em vez de se lhe tornar um entrave havia de o auxiliar. Cerrando, então, os olhos, com o cigarro apagado entre os dedos, compoz o quadro intimo da sua felicidade futura : a casa pequenina, sempre florida e ella animando-a

com a sua figura gentil, alegrando-a com o seu riso franco, enchendo-a de harmonias com o piano em que era eximia ou a seu lado, á noite, ao clarão da mesma luz, lendo enquanto elle escrevesse as paginas das quaes ella teria sempre as primicias.

Mas o passado ? as sombras que se levantam da memoria como espectros das covas ? instinctos que resurgissem, tal em terras de cultura recente revigam, por mal extirpadas, raizes maninhas ? A vida antiga attrahia-o com os seus encantos entorpecentes, elle bem os sentia em ronda.

Quem mais desejara o casamento do que o Neiva e não andava a suspirar pelo que perdera ? De repente, como a um rasgar de scenario, no qual se lhe manifestasse o futuro, sombreou-se-lhe o rosto, afoguemam-se-lhe os olhos e, levantando-se de impeto, arrancadamente, pôz-se, um momento junto á mesa batendo na pasta com uma espatula de marfim, a remoer, iracundo, um pensamento máculo. Repelliu-o, porém, a figura suave da noiva que lhe appareceu, como em evocação, risonha, ainda que triste, envolvendo-o em um olhar de doçura em que havia queixa dolorida pela idéa impura que occorrera, a elle, como se fôsse possivel manchar um raio de sol. Sorrindo, vestiu o roupão, reaccendeu o cigarro e, vagarosamente, feliz, desceu para o banho.

Os amigos de Anselmo, com excepção de Bivar, então em Paris, resolveram offerecer-lhe a ceia de despedida da vida de solteiro. Esse ágape, que se realisou na *Maison Moderne*, não foi o que propôz Patrocínio, com emendas carissimas de Pardal e

Fortunio, nem tão pouco o aventado no substitutivo de Montezuma, logo á primeira vista recusado por anti-patricio, tantos eram nelle os gallicismos, demais a mais indigestos.

No primitivo projecto cada prato devia vir aca-salado com uma garrafa de vinho virgem, o que foi julgado impraticavel em virtude das falsificações. Á sobremesa o presidente do brodio epithalamico faria o brinde de honra, (cinco minutos, no maximo, a chronometro) que seria ouvido de pé pelos que ainda se pudessem manter em tal attitude e ao som da *Marcha nupcial* de Mendelssohn, todas as mulheres seriam retiradas do convivio para significar que, desde aquelle instante, o banqueteadado não poderia ter trato com Venus nem com as sacerdotisas da mesma, fazendo voto de castidade perpetua, voto, esse, que apenas poderia ser quebrado em caso de força maior justificado. Então, com solemnidade, seria servido, em copos especiaes de vinho do Rheno, o symbolico *Liebfrauennilch* com o qual o presidente ungiria Anselmo para expurgá-lo de todas as máculas da vida de solteiro. E o quinteto executaria a *Marcha Funebre* de Chopin, commemorando a morte da Mocidade.

Então, com uma corôa de rosas, inçada de espinhos, representando as responsabilidades futuras, o noivo seria conduzido á porta, abraçado e beijado por todos os convivas que o metteriam em um *tilbury* e, em outros, formando cortejo, o acompanhariam á casa, deixando-o deitado, para que não succedesse cahir elle em peccado no caminho, dos mais perigosos da cidade, principalmente a deshoras.

Não tendo sido possivel realisar o programma

sumptuoso, a ceia foi como todas as ceias com brindes e discussões mais ou menos acaloradas. Quantas recordações por ali passaram !

A paginas tantas o Alazão, que arrasara pratos e seccara quantas garrafas lhe ficaram á mão, desatou em copiosa e soluçada prantina, encharcando de lagrimas o guardanapo. Neiva revoltou-se :

— Que diabo, homem ! O casamento não é calamidade tamanha para que estejas ahi com os olhos em torneiras. Acaba com isso ! Perdemos um companheiro, mas a sociedade ganha um homem.

— Que será um chefe de familia modelo ! prophetizou Montezuma e logo, sacando outro « pince-nez » do bolso, para emparelhar com o que já lhe cavalgava a penca, pediu a palavra. Negaram-lha. Nem elle conseguiria fazer-se ouvir atravez dos guaiados do « Alazão », que continuava encachoeirado em lagrimas.

— Vocês não querem que eu chore. Como não hei de chorar se, ainda ante-hontem, ceci aqui com o Fidelis e a Euphrasia, e hoje, pouco antes de vir para cá, tive noticia da morte desse pobre amigo ?

— Fidelis . . . ! Que Fidelis ? perguntou Patrocínio.

— Fidelis Pamplona, um tenente de bombeiros. Vocês não o conheceram. Uma gloria do Corpo ! O que me consola é a certeza, que tenho, de que elle está no céu.

— Muito religioso ?

— Não, antes pelo contrario : atheu como Voltaire. Mas vocês comprehendem, um homem como o Fidelis, o mais bravo dos nossos bombeiros, não pode ser recebido onde ha fogo, porque logo o ex-

tingue. Ora, sendo o Inferno o que vocês sabem o sendo o Purgatorio um Inferno de segunda classe, mas tambem com fogo, um homem como o Fidelis em qualquer desses lugares será um perigo. Assim, elle só póde estar no céu. É logico.

— Pois se elle está no céu não o chores e deixanos em paz.

— É . . . em paz . . . e nem uma cerveja. Mandem, ao menos, vir uma cerveja e umas sandwiches para acabarmos decentemente esta noite.

— A noite está encerrada. São quasi duas da madrugada. Vai chorar na cama, que é disso que precisas.

— Cama . . . cama . . . é com que lhe dão, como se um homem viesse ao mundo para dormir.

— Começou a dispersão e quem dou o exemplo fui eu. Partiu-se o collar e as contas rolam por ahi. Com quem ficará a cruz ? Deus que o diga.

— Estás lugubre, homem !

— Pudera ! Hei de rir, não ? Rir, quando vejo tudo desaparecer ou transformar-se — e a transformação não deixa de ser um desaparecimento — a começar pela Nação, que se mudou em Republica. Os amigos vão indo ; uns, para o casamento ; outros, para a Europa ; ainda outros para o cemiterio, os mais felizes, talvez, porque se aposentam. Os que sobem perdem-se em nuvens túmidas de orgulho e, lá de cima, não vêem os que ficam em baixo. Que é do Anselmo ? Casou, entrou no regimen da familia, vida a relógio, methodica, sem extraordinarios, com o caderno das compras á cabeceira. Mais dia, menos

dia temo-lo ahi pai, prégando moral. Que é do Bivar ? Em Paris. Que é do Ruy Vaz ? Em algum soto, vendendo cerebro ás migalhas. E Fortunio ? esse mesmo anda por ahi melancolico, dizem que rastreando amores serios, com probabilidades matrimoniaes. É o fim, meu caro, o fim.

— É a vida.

— Dize antes : a morte.

A conversa era entre Patrocínio e Neiva, a uma das mesas do *Paschuel*, á tarde.

— Afinal, que bebes ? perguntou o primeiro.

Neiva encarou-o superciliado e, depois de um momento, disse em tom displicente :

— Uma cajuada, sem gelo.

— Hein ? ! Cajuada ! Tu ? !

— Sim — uma cajuada, eu. Desci ao refresco e ao canúdo. É a decadencia. Prescripção medica. Mau signal ! Quando se começa a alijar a carga é que o navio está em risco de sossobro. São os meus companheiros, os vicios, que se vão por agua abaixo. De um só não me despego — o cigarro. Não posso. Hei de morrer fumando, como uma fogueira que se extingue. Estou condemnado, convence-te. O coração dá rebates disparando em tachycardias tremendas. É a *course à l'abime*. Tambem que fico eu fazendo neste mundo que já não é o meu ? O meu tempo passou ; eu empocei na margem. E depois . . . esticou o beigo com desalento. Já não infundo respeito, não passo de um espantalho de horta. Estou que nem Sansão depois da tesourada de Dalila, a virar a mó na atafona philistina, isto é : a inventar pilherias para gaudio dos imbecis. Antes a morte ! exclamou arrancadamente e levantou-se de promp-

to, resfolegando a hausto. Até logo ! Está uma tarde linda, bem carioca, e a rua splende em mulheres formosas. Vou distrahir-me no turbilhão.

— E a cajuada, homem ?

— Não. Ha muita gente aqui. Tenho vergonha.
Adeus !

XVII

— Bolas! exclamou Ruy Vaz estacando com uma patáda frenética, enquanto os companheiros — Anselmo, Pardal e Bivar, que se haviam precipitado para a estação com esperança de alcançarem a barca, relaxavam o impeto, desanimados, ao ouvirem o estrondo das correntes de amarra.

— É a terceira vez que me acontece esta pilheria, resmungou Bivar acomodando nervosamente o « pince-nez ».

E Ruy Vaz, indignado :

— Pois eu, desde que fui nomeado, não tenho feito outra coisa senão perder barcas. Até parece jogo, essa pinoia.

— E não é outra coisa, afirmou Pardal, jogo e dos peiores no qual, além do tempo, que é dinheiro, ainda se perde a paciência.

— São dez ou vinte minutos que furtamos ao serviço publico, commentou Anselmo.

— Pois é justamente por isso que me irrita. Lá o perder a barca é o menos ; perder o prestigio é que é. Essa falta involuntaria de pontualidade ser-nos-á contada como calaçaria, porque os taes « homens de bem » não nos perdôam a nomeação. Litteratos no funcionalismo . . . Que escandalo ! Fossemos nós analphabetos e ninguem daria importancia ao caso, que é commum : mas escrevemos artigos e peças, publicamos livros. Haverá pouca vergonha maior ?

Entraram para o salão de espera, alfurja que Pardal comparava á rampa da Praia do Peixe, sempre lubrica de salsugem, rocalhada de ostras, com cascaria de frutas, restos de legumes podres, immundicies de toda a sorte que a agua lerda lambia sobre as pedras viscidas.

A barca já ia longe, morosa, rastreando espuma, outra, porém, avançava e os quatro, resignados, puzeram-se a palestrar, olhando vagamente os cartazes affixados nas paredes sujas e esburacadas.

Ruy Vaz perguntou se haviam lido a critica de um Taine de tamancos ao seu romance *O Homem* ?

— Lá vem, em estylo escarrapachado, a tal mania servil dos « modelos », « que se deve escrever como fulano ou beltrano ». A mim o tal jagodes impõe Zola. E esbravejou : Eu sou o que sou, que diabo ! Cada qual como nasceu e para o que nasceu. A arte é a natureza espiritual, e, assim como ha generos e especies vegetaes, cada qual com o seu typo, assim tambem ha feições, temperamentos. Ninguem exigirá de uma laranjeira rosas ou melancias.

— Talvez que enxertada . . . pilheriou Pardal.

E o romancista proseguiu irritado :

— Aceite-se o poeta como elle é, não queira o critico fazê-lo á sua vontade.

— Criticos! . . . surriou Anselmo desdenhosamente. Criticos, entre nós, são párvenas que se querem impôr á força de escandalos, como certos mandros da Cidade Nova que se celebrizam pelas gravatas, pelos porretes ou pela ginga acapoeirada. Alguns dos taes Taines, como lhes chamas, mal lêm por cima. Sabes o que me lembra quando os vejo arremettendo aos nomes feitos, como um tal que andou por ahi a babujar a gloria de Gonçalves Dias ? cães que, onde chegam, levantam a perna e alliviam-se, escolhendo, de preferencia, as perpendiculares : arvores, muros, columnas, postes, etc. A mim é pelos vocabulos que me aggridem.

— Quanto a isso . . . tem paciencia, ponderou Pardal batendo-lhe no hombro, risonho : Essa tua mania de tatú . . .

— Mania de tatú ! Mania de tatú por que ?

— Porque não fazes outra coisa se não desenterrar defuntos. Esses archaismos que exumas, que são senão cadaveres ? O vocabulo é o traje da idéa e, como tal, deve ser do seu tempo, sujeito á moda. Imagina um guerreiro medieval apparecendo, na rua do Ouvidor, ás quatro horas da tarde, com todas aquellas ferragens das armaduras antigas. Seria corrido á vaia, agarrado pela policia, trancafiado no xadrez ou mettido no Hospicio. Andas sempre ás voltas com obsoletos carreados dos dictionarios.

— Sigo o consellho de Gautier. E achas que faço mal ? A lingua revolve-se como se revolve a terra. Falaste em trajos . . . Pois os dictionarios são como alfaiatarias, onde se encontram trajos para as idéas.

Ha escriptores que andam por ali esfarrapados que nem mendigos, outros que se vestem em belchiores ou usam fatos de emprestimo. Eu faço, sob medida, as roupas para o meu pensamento.

— Sim, mas muito pachólas, troçou Ruy Vaz ; e a pacholice é a caricatura da elegancia.

— A simplicidade é tudo. A natureza é simples, sentenciou Bivar. O excesso de ornatos prejudica a belleza. Os adjectivos são enfeites, devem ser applicados sem abuso. O mais é bysantinismo. Assim tambem a propriedade das imagens. Comparar, por exemplo, o sol a uma ulcera, como li, ha dias, é de um mau gosto repugnante.

— Eu, por mim, adiantou Pardal, prefiro uma critica penetrante, ainda que acerba, ao melaço do engenho do elogio mutuo. Muito assucar enjôa e estraga o estomago. É necessario que, de quando em quando, o artista seja espicado. O acicate estimula. O diamante só brilha depois de torturado pelo lapidario.

Entravam passageiros e, á medida que passavam, Ruy Vaz, sempre aborrecido, ia-lhes applicando a «lente da observação» em busca do «documento humano». E commentava com displicencia :

— Qual ! O brasileiro está, por emquanto, em amalgama, não se definiu ainda. Dou um dôce a quem descobrir em tudo isto uma alma original, que interesse. Olhem só ! Parecem galés entrando em presidio : lerdos, timidos, desconfiados. Um paiz de sol povoado de sombras. Sabem vocês que é isto ? ressaca da escravidão. Não ha alegria nesta gente — corpos languidos, caras inexpressivas.

— Que diabo, Ruy, estás sempre de mau humor. Deixa lá o povo com a sua tristeza.

— Irrita-me. O povo deve ser como o oceano : agitado, ondulante, alegre e não essa pasmaceira lugubre de lagôa morta. O resôo cavo da sereia da outra barca, que atracava, atalhou o azedume do romancista e os quatro avançaram rompendo a turba, Ruy á frente a resmungar, ferrenho : Vamos para a tolda. Ha mais ar, respira-se e dá-se um pouco de esparecimento aos olhos. Em baixo é um fortun que tresanda, tudo gente honesta, com o muito conhecido e insupportavel cheiro do trabalho, que é o do suor.

Subiram.

O mar refulgia em scintillações micantes, como escamas de ouro, estendendo-se, ao longe, plaino, liso, espelhento. O horizonte, em volta, era todo elle uma muralha de montanhas azuladas, formando circulo, aberto na barra entre pylonos de rochas, como immensa algema partida. Aqui, ali um navio ancorado — altos cargueiros negros, vasos de guerra com o toldo estendido, roupas trapejando em cordas e pelos cabos e uma maruja liliputiana, indo e vindo, em faina ; veleiros de mastros nús, em repouso. Uma falúa abarrotada de tijolos singrava vagarosa, ao raso dagua, arrastada por um rebocador ; botes, pirogas de pesca, com um homem derreado á pôpa remando á pá, á maneira indigena e, salteadamente, manchas de pequeninas velas balouçantes.

A cidade recuava com os seus morros, o seu casario, as torres das suas igrejas. No mastro do Castello pannejavam bandeiras. Faiscações tremulas de vidros offuscavam. De quando em quando, em

vôo pesado, uma gaivota passava no ar bordejando á mira de peixe, subito inflectia como em mergulho, picava a agua e, de novo, em surto, a bater azas, retomava o rumo á barra. Calados, os quatro contemplavam o immenso e deslumbrante panorama. Anselmo exclamou baixinho, extasiado :

— Terra titanica !

— Pois sim ! contraveiu Ruy, com desdem. De que vale toda essa grandeza se lhe falta o essencial, que é o homem ?

— Isto é reclamo ao teu romance ? perguntou Pardal.

E Anselmo :

— O homem . . . o homem. O homem é o destruidor da belleza. O apparecimento do homem na natureza assignala o começo da putrefacção. O verme só se manifesta no fruto quando elle apodrece. Isto devia ser um logradouro divino, privativo dos deuses e dos heróes, como o Olympo. Em vez disso é o que se vê.

— E nós ?

— Nós . . . nós . . . !

A terra parecia aproximar-se vagarosamente, como se avançasse ao encontro da barca. O tympano retiniu, a sereia vozeou, soturna, as aguas chofraram tumultuosas.

Bivar levantou-se e, accendendo um cigarro, exclamou :

— Ora graças ! Agora, meus amigos, nada de litteraturas ; lembremo-nos de que somos funcionarios publicos de categoria : secretario do governo, official maior, archivista e official de fazenda. Vamos.

Ruy contevê-o :

— Um instante, senhor official maior. A barca ia aos esbarros, roçando pela calha do ancoradouro. Deixemos sahir a carga humana. Temos tempo.

As correntes atroaram e o povo affluio á prôa, em massa, com um borborinho de enxurrada. Desceram vagarosamente e Ruy, ao pisar o fluctuante, de braço com Bivar, ainda a pensar na critica que tanto o molestara, interrogou-o :

— Que achas ? Respondo ao tal imbecil ou deixo a coisa como está ?

— Ao critico ? Qual nada ! Isso quer elle ! Silencio, meu amigo. Se lhe respondes estás perdido. Cão a que se atira um osso nunca mais nos deixa. Cala-te. Nem pio !

Anselmo despachava o expediente quando o continuo correu o reposteiro annunciando o Neiva. O bohemio entrou de rompante, esbaforido, com um maço de jornaes debaixo do braço. Foi direito ao sofá onde deixou os jornaes, o chapéu e a bengala, dirigindo-se, então, ao amigo :

— Estás espantado de vêr-me aqui ? Trabalho, seu compadre. Arrastou uma cadeira para junto da secretária, sentou-se e, depois de resfolegar, passando o lenço desde a nuca até a fronte, disse : Preciso de ti. Quero que me acompanhes ao Portella. É possivel ? Acaba o que tens a fazer. Nada de prejudicar o serviço publico.

— Mas de que se trata ?

— De uma revolução.

— Hein ! ?

— Sim, uma revolução pacifica, dirigida pelo

Progresso. Chegou-se mais ao amigo : Eu te digo. Sabes que não sou homem de negociatas. Se o fosse estaria podre de rico, mas bestifiquei-me em escrupulos de honra e devo os cabellos da cabeça. Traz-me aqui um casal : o Patriotismo e a Esthetica. Fui procurado por um sujeito, representante de um tal Barão Hirsch ou Kirsch, não sei bem, banqueiro judeu e « leader » israelita. Esse Shylock quer collocar no Estado do Rio dez mil familias judias e propõe-se, não só a adquirir terras de lavoura para installação das mesmas, como a reformar totalmente esta cidade, que é uma aldeia grande, cinctando-a de um cães ao qual possam atracar os maiores transatlanticos, corrigindo-lhe o traçado, dotando-a de edificios magestosos, parques, illuminação electrica, o diabo ! fazendo, emfim, nesta Praia Grande reles o que Haussmann fez em Paris. O judeu, tu sabes, é o açambarcador do ouro, toda a riqueza do mundo está nas mãos de Abrahaão. Basta vêr os *prégos* — tudo de judeus.

Ora, dez familias judias, a quatro individuos, no minimo, por familia, representam quarenta mil almas, que nos entram, de pancada, barra dentro. Não é bem a massa que, no exodo, segundo o recenseamento mosaico, acampou no deserto, mas para começar é alguma coisa. Imagina tu isto tornando-se a Terra da Promissão, Chanaan ou, como elles dizem, com ansia de uma patria : a Nova Jerusalem . . . ! Em vinte annos de judiação deixamos longe os Estados Unidos.

Que dizes ? Não quero um vintem ! declarou de mão ao peito, impando em recacho de orgulho. Basta-me a gloria de vêr essas terras sáfaras abar-

rotando o mundo de um tudo, isto embellezado e povoado de gente biblica : Saras, Agares, Lias, Racheis, Judiths, Jacobs, Esaús, Samueis, todo o rancho do Velho Testamento, e ouro ás toneladas a 12 %.

O Estado do Rio arvorado em Banco Universal, hein ? Não foi á tôa que o povo, sempre sabio e vidente, appellidou o Portella de S. Jacob. Mais do que Jacob ! Elle vai ser o Moysés do segundo Exodo, o salvador da raça de que sahiu Nossa Senhora. Então ? Queres acompanhar-me ao patriarcha do Ingá ?

— Posso ir.

— Posso ir . . . que diabo ! Falas sem enthusiasmo. O caso é para gyrandolas, homem de Deus, para salvas de artilharia, luminarias, coretos e discursos. E falas assim com ar de pouco caso. Se não queres, fica o dito por não dito e o Kirsch que vá bater á porta da Argentina. É por estas e outras que não passamos da cêpa torta.

— Estás a falar á tôa. Já te disse que vou. Deixa-me acabar isto primeiro.

— Pois é . . . quarenta mil hebréas como a de Castro Alves. E recitou emphatico :

Pomba d'esperança sobre um mar d'escolhos !
Lirio do valle oriental, brilhante !
Estrella vesper do pastor errante !

Não sei o resto. Mas só isso, quanto vale ?

— Os versos ?

— Não, homem : as judias.

A entrevista com o Governador foi de molde a

deixar no animo do Neiva, mais do que esperança, certeza de que o Estado, em breve, abriria largamente as portas, não só ás dez mil familias do contracto, como a todo o povo de Israel, que entraria por elle ao som de tubas com a Arca e a Thora ; e que Nietheroy supplantaria a Capital Federal com o seu extenso cáes erigido de guindastes e acostado de transatlanticos, com os seus estaleiros, as suas fabricas, os seus palacios, monumentos, parques e o prodigioso movimento da sua alfandega attestada de mercadorias.

A convite do Governador jantaram á mesa palaciana e Neiva, ao despedir-se, exaltou-lhe o genio administrativo, comparando-o a Carlos Magno, garantindo que ainda o havia de felicitar na Presidencia da Republica. E elogiou-lhe a ternura do coração, porque, tanto na vida simples como nos actos mais solemnes, elle não esquecia a perpetua com que se condecorava, em memoria do seu primeiro, inesquecivel amor. Deixaram o Ingá quando a lua subia pallidamente no céu :

— Seu Anselmo, ou muito me engano ou esse astro, que, lá de cima, nos contempla com a sua luz de opala, em breve illuminará a Nova Jerusalem. Isto vai ser uma maravilha ! Parou fincando a bengala á maneira de eixo e, girando nos tacões, volveu um lento olhar em volta. O halito da noite trescalava a jasmins. Pudesse eu arranjar uns contos de réis e empregava-os todos em terras, comprando tudo que me apparecesse : mattos, areaes, pantanos, charnecas, morros, tudo ! porque isto vai valorisar-se do dia para a noite á razão de mil por um. Nasci cedo de mais. Emfim . . . ! suspirou,

já agora não ha remedio. Voltar atraz é impossivel.

Sapos gargarejavam, tiniam, grulhavam soturnos e nas sombras quietas das chacaras cães latiam vigilantes ou prolongavam uivos lamentosos.

— Esta gente parece que se deita com o sol. Está tudo dormindo. Que vida ! E querem que este paiz progrida. Voltou-se de repente : E o bonde ? Queres vêr que perdemos o ultimo ? ! Que espiga ! Pelo sim, pelo não vamos por ahi devagarinho. Os passos resoavam no silencio tórpido. Um dos melhoramentos que pretendo pedir ao Barão, logo que lhe sejam dadas as concessões, com a tal garantia de juros, que é a garra judaica, ou melhor — o facalhão de Shylock, será uma ponte entre as duas cidades, ponte ou tunnel submarino, o que elle quizer, comtanto que acabe com essa ignominia das barcas. Tenho horror a essa almanjarra fluctuante.

Bimbalhos annunciaram o bonde. Vinha quasi vasio — tres passageiros apenas cabeceando. E tudo nelle parecia entorpecido em hypnose — a luz dos tismados lampiões de kerozene, o cocheiro, que trazia as rédeas frouxas, o conductor, sentado amollengadamente na plataforma e os muares que trotavam modorrentos, de orelhas bambas. Os balaustres rangiam, trambecando desconjuntados.

— Não mandes parar, disse o Neiva atalhando o gesto de Anselmo. Mandar parar o que não anda é absurdo. Agarraram-se, de salto, á traquitana. Que terra ! Que diabo ! Anselmo, tu precisas agitar esta localidade. Nem um apito de ronda, ao menos. Não haverá aqui ladrões, assassinos, raptos ? Não se comprehende progresso sem taes elementos. Salvo se

a Policia dorme sobre os casos. E haverá Policia ? Deve haver, quando para mais não seja, ao menos para pendengas eleitoracs. Anselmo fumava, distrahido. Estás tambem com somno ? Desperta ! Estamos quasi na estação. Com mais uma hora ou duas chegamos, se Deus quizer e os burros não se afundarem por ahi em algum caldeirão ou barróca. Os medicos deviam recommendar esta terra aos que soffrem de insomnia. Respira-se morphina, não te parece ? O Barão judeu será o principe que despertará esta bella adormecida.

Ao chegarem á estação foi tempo apenas de correrem, porque a barca estava a largar. Neiva subiu logo para a tólda e, de pé, apoiado á bengala, contemplando a cidade predestinada, ali se ficou em enlevo, dentro do sonho.

A principio foi uma nevoa que se estendia ao longo do littoral, como a neblina das manhans de inverno na raiz das serras. Pouco a pouco, foram-se desenhando fórmãs de edificios, espigando torres, perfilando-se minaretes, ovulando-se zimbórios e tudo em brilhos. E a visionada cidade ampliava-se sobre a velharia colonial, como uma cheia que se derramasse anegando ruinas. E logo povoaram-se as ruas largas e arborizadas em admenas, encheram-se de multidões os parques, abriram-se em esplendor os enormes palacios.

O estranho, porém, era que todo o povo, que por ali se movimentava, como em festa, parecia sahir directamente da Biblia em caravanas, cantando hymnos. E elle reconhecia os veneraveis patriarchas, os prophetas, os guerreiros como Josué e Gedeão, reis como David e Salomão, mulheres lindas,

levando aos hombros urnas graciosas e, por entre os homens, anjos de azas largas, como os que appareceram a Abrahão, em Ur.

E o mar, por sua vez, abria-se de meio a meio, em valle, dando passagem enxuta ao exodo, com Moysés á frente, um Moysés de longas barbas e de perpetua ao peito, que era o Dr. Portella.

— Que estás olhando ahi ? perguntou-lhe Anselmo.

— Eu ? exclamou, como se despertasse : O futuro. Estou vendo através do Tempo a obra magnifica do banqueiro judeu. Maluquice. Emfim . . . ha de ser o que Deus quizer.

A barca deslisava com um surdo pisoar de pilão. Sentaram-se. A tremulina do luar, longamente estendida, dava impressão de immenso peixe adormecido á flôr das aguas.

— Linda noite !

Luzes pontilhavam a escuridão. Longe, a orla da cidade, em voltas e reintrancias, semelhava uma fieira de perolas e pelos montes o recamo de luzes confundia-se com as estrellas do céu neblinado a ouro como reflexo de incendio.

Os passageiros mantinham-se em silencio, immoveis nos bancos, como em recolhimento mystico, ante a belleza serena do céu e do mar. Um jovem casal apenas, de braço dado, ia e vinha cochichando ; elle, muito curvado, ella de cabeça baixa, sorrindo, lançando-lhe, por vezes, de travéz, um rapido olhar dengoso.

— Pois é verdade, seu Anselmo. Creio que a coisa está feita. O velho enthusiasinou-se com o plano.

— Parece que sim.

— Ah ! Anselmo . . . Anselmo ! Se eu me não tivesse casado ! . . .

— Estás arrependido ?

Elle hesitou na resposta, por fim :

— Não. Arrependido, não estou. Seria ingrato se tal dissesse. Não podia encontrar mulher mais á minha feição do que Sylvia. É um anjo ! Mas tenho remorsos, por mim e por ella. Por mim, porque sacrifiquei o que me restava da mocidade ; por ella, por não lhe poder dar o que ella merece em conforto e bem estar. Se ella protestasse, ainda bem, provocaria a reacção, mas nada ! resigna-se, sorri, dá-se por feliz. Não imaginas como isso me dóe. A vida é ingrata para nós, muito ingrata.

Não sou invejoso, mas não imaginas como me revoltam as injustiças do destino. Tanto patife ahi no galarim e nós . . . O mundo é dos audazes. No campo em que batalhamos e vencemos só vejo cada- veres e mutilados, os despojos, esses levaram-nos os espertalhões que, na hora da lucta, sempre se mantiveram nas encolhas.

É tudo, meu velho, tudo ! Até essas pobres raparigas que nos acompanharam nas horas alegres, que nos deram a flôr da juventude e da belleza, não calculas a pena que me fazem quando agora as encontro. A Carola, por exemplo, coitada ! a Henriqueta e outras que rolaram dos hoteis de luxo ás pensões, das pensões aos sobradinhos, dos sobradinhos ás rotulas e algumas já andam por ahi em andrajos, batendo a calçada á noite, procurando freguezes na escumalha das tascas e das batotas, como os cães famintos rebuscam ossos nas sargetas. E

foram amantes de ministros, de senadores, de deputados, de banqueiros, sei lá ! Entretanto, aquelle engraxate, que tinha cadeira no largo de S. Francisco, esquina de Ouvidor, um ruivo, muito falatrão, lembras-te ? Pois está proprietario, meu amigo. Engraxou-me, muita vez, os sapatos e agora mal me estende dois dedos quando me encontra.

Não sabe lêr, eis o segredo ! É o que te digo. Trata de ti em tempo. Não te fies em promessas. Arranja-te. Se enriqueceres terás a consideração de todos, se continuares pobre não te livrarás da calúnia, só por haveres servido na administração publica. Os cargos publicos, entre nós, são como certas ruas escusas que desmoralizam a quem nellas passa. Eu, para falar com franqueza, chego, ás vezes, a arrepender-me da minha honestidade lorpa. O escrupulo, em casos taes, é uma fórmula de covardia. Anselmo ouvia-o de cigarro á bôca, olhando o mar. Tens visto o Rocha ?

— Não.

— Faz pena. Está a desfazer-se em miseria. Nem mente mais, o coitado ! Estancou-se-lhe a veia. Ha dias surpreendi-o em furto.

— O « Alazão » ! ?

— Sim, impingindo como propria aquella anecdotada do cachorro que falava por haver comido um papagaio. É mais um para a valla. E teve os seus dias grandes em Paris. Emfim . . . Mas olha ! Olha agora Nictheroy. Pôz-se de pé apontando com a bengala e insistiu no sonho : Se o Portella não me roer a corda, dentro em pouco, meu amigo, essas luzes mingradas que vês abrir-se-ão em fulgores, como as pequeninas sementes rebentam em arvores

frondosas e Nictheroy impôr-se-á ao mundo como uma nova Babylonia. A sereia estrugiu, cava. Creio que estamos chegando. Vamos descer.

Em baixo, logo aos primeiros passos, Neiva, que bisbilhotava tudo, estacou a pé quedo, surpreso, endireitou o « pince-nez », firmando o olhar em um vulto que parecia ensaccado, a um canto. Adiantou-se vagaroso, meio curvado e, subito, avançou de chapéu á mão :

— *Bonjour, madame!*

O vulto moveu-se rebolidamente e Neiva, respeitoso, pôz-se a falar num francês rilhado, respondendo aos resmungos do seu estranho interlocutor.

A um abalrôo da barca os passageiros oscillaram aos encontrões e começou o escoamento. O vulto levantou-se. Era um corpanzil de homunculo, enjorcado em ancho casacão, com uma cartolinha conica, de abas direitas. Ainda falaram um momento. Por fim o achaparrado cotêto despediu-se e Neiva tornou a Anselmo.

— Conheces ?

— Madame Durocher, não ?

— Sim. A mais activa servidora da morte que conheço.

— Como servidora da morte ?

— Pois então ? Que faz ella ? desentranha vidas—prepara o que a Morte ha de levar. É uma das parcas, a que tira o fio para a tesoura de Atropos. Parteira emerita ! Um terço da população da cidade passou pelas mãos dessa ceifeira de umbigos. E que pericia ! Tem olhos que vêm através dos corpos. Grande mulher, ou grande homem, quanto a isso não se sabe ao certo. Seja lá o que fôr, o que te posso

garantir é que naquelle androgynismo lateja um coração de ouro. Estamos em terra firme, com a graça de Deus ! Agora sou gente. Aguas . . . só no banheiro. Isso de oceano, vagas . . . nem nas repartições publicas. Vamos.

Sahiram com a multidão. No Largo, ainda insistiu :

— Tu podes auxiliar-me nessa historia. Eu não me fio muito em politicos. Promettem, promettem, e, na hora, fogem com o corpo. Conversa com o velho. Convence-o.

— Vou fazer o possivel.

— Mas francamente . . . Não achas uma coisa estupenda ? Olha lá ! Nictheroy mal apparece. Quando o Barão entrar com o seu povo e o seu ouro . . . han ! E agora ? Para onde vais ?

— Para onde hei de ir a esta hora ? Para casa.

— Isso. Muito bem. Chefe de familia a sério. Assim, meu amigo. Ulysses na vida. Foge das syrtes e faze-te mouco ás sereias. Eu, se me tivesse casado na tua idade, seria hoje uma força e sou o que sou : bagaço. Os abusos da mocidade repontam na velhice, como essas ervas damninhas que irrompem nas terras cançadas. Eu estou dessorando em rheumatismo e outras calamidades as bebidas e todos os beijos peçonhentos do mulherio do bom tempo. Bom tempo, hein ! Bem . . . Adeus. Vou tomar um tilbury.

— Eu outro.

— Olha lá o velho.

— Não esqueço.

XVIII

O golpe de Estado attingiu profundamente as letras decependo da administração publica os seus representantes. Abatido o tronco, que era Deodoro, cahiram com elle varios ramos, um dos quaes foi o Governador Portella, ramo em que se prendiam varas, consideradas parasitas, que eram Anselmo, Ruy Vaz, Bivar e Pardal.

Rejubilaram os que viam, de olhos vesgos, a burocracia inçada de litteratos. E, com dicacidade infamante, começou a inveja, até então contida, a espiolhar no breve estagio dos « poetas », (como lhes chamavam em tom sarcastico), nas espheras superiores do funcionalismo.

Em busca de provas das dilapidações, que assoalhavam, entraram a fazer pesquisas mesquinhas : raspagens de gavetas, conferencia de contas ; não escapou ao exame o mais insignificante pape-

lucho refugado á cesta, em cata de provas ou, ao menos, de indícios de concussão. E boquejava-se sobre negociatas gordas, arranjos de uns e de outros, conchavos com fornecedores, afirmando-se cochichadamente que os quatro haviam sahido « pô-dres de ricos, proprietarios, socios de empresas, accionistas de companhias e com melgueira grossa em bancos ».

Aforçuravam-se renhidamente em devassas, numa coscuvilhagem esmiuçadora. E foi com verdadeiro desapontamento que os acirrados furões retrocederam da rebusca sem miga para alimento da calúnia, que dos conventiculos botequineiros chegou até á pasquinagem.

Apezar de nada haveram achado, ainda assim murmuravam retrincando-se, com despeito odiento : « Souberam-nas fazer, os malandros, não ha duvida ; mas esporem-lhes pela volta ! »

A volta foi o retorno de todos aos seus antigos postos — Ruy Vaz, á mesa de pinho povoada de bonifrates, que figuravam as personagens dos seus romances ; Bivar e Parda! aos jornaes.

Anselmo resolveu arejar-se na fazenda do sogro, na Barra do Pirahy, gosando umas férias curtas *sub tegmine fagi*, a lêr, a escrever ou a queimar cartuchos na matta, vaiado pelo passaredo que lhe respondia aos tiros com os mais regorgeiados chalreios.

Sem aptidão para a lavoura, ainda que houvesse lido Hesiodo e Catão, e tendo de cuidar da vida, regressou saudosamente da georgica e, por sua vez, foi pedir ao jornal e ao livro o necessario á manutenção de seu pequenino lar de ventura. Construia-o como

os passaros entretecem os ninhos ; achega a achega. E cada vez que adquiria alguma coisa de gosto : um movel ou objecto artistico, era uma alegria festiva na casa illuminada pelo mais lindo dos sorrisos.

Entretanto os dias não eram de bonança. A situação politica, cada vez mais tensa, era « um terreno minado », como dizia Pardal, cuja gravata como que se tornava cada vez mais rubra. Vivia-se em ambiente sombrio, abafadiço, nuvejado de boatos. Um toque de corneta, a passagem de uma guarda, salvas no mar á entrada de algum vaso estrangeiro, sobresaltavam os transeuntes, punham a cidade em alvoroço de panico.

Um dos mais impressionados era Montezuma. Intimo de todas as altas patentes do Exercito e da Armada e dos politicos de maior prestigio, andava pelas redacções tétrico, sussurrando o que ouvia de uns e de outros. E bramia com um « pince-nez » em cada mão, além do que lhe montava a penca nasal :

— O melhor é decidirem de uma vez essa historia. Lancetem e espremam esse tumor. Assim é que não podemos continuar : a vida parada, a Bolsa de cordões encolhidos, o cambio de rasto, os bancos fechados em copas.

— Em ouros, Montezuma, aparteuo alguém para enfesá-lo.

E elle, abanando com as mãos, como se atirasse milho a terreiro :

— É isto ! Sua-se o dia inteiro e não se arranja uma de X. Assim nem no tempo da guerra do Paraguay. Vida apertada ! Demais a mais entra-se em um café, em uma confeitaria para tomar alguma coisa e é logo um typo que nos abórda, com ares

mysteriosos, a perguntar-nos ao ouvido : « Quando sahe a procissão ? Quem dirige a manobra ? » Com a cidade como está, cheia de secretas, até mulheres, isso compromette, é um perigo. Arrisca-se um homem a ser mettido no xadrez a pão e agua ou posto a ferros por ahi, em alguma fortaleza.

E o ancião lamentava principalmente as suas noitadas alegres :

— Nem se póde mais estar á vontade. Toma-se um gabinete particular e, no melhor da historia, entreabre-se a porta e o olho de Javert reluz na fresta. Eu ainda estouro, pølavra ! Não admitto !

E atirava punhadas furibundas.

Os sebastianistas andavam activos — reuniam-se em conciliabulos no *Watson*, solemnes, impando importancia, contando certo com a volta da pepineira. E assim decorriam os dias, carregados de boatos, como nuvens annunciadoras de tempestade.

Com grande surpresa dos caixeiros uma manhan Montezuma appareceu no *Paschoal* envergando velha farda de capitão de mar e guerra .

— Não, meus amigos . . . Seguro morreu de velho ! Trate cada um de si que os tempos não estão para graças. Se eu hei de passar por um vexame á paisana, visto-me á moda. Para alguma coisa me hão de servir os galões. Dá-me um cognac.

O caixeiro que o serviu avantajou a dose em consideração á patente.

Lançada a rede do « sitio » varios do grupo foram colhidos. Pardal escapou pelas malhas homisiando-se em Vassouras, onde o seu todo dartagna-

neco causou verdadeiro escandalo. Patrocínio e Bivar não se livraram do enlço. O primeiro, posto em chusma, seguiu degradado para Cucuhy; o segundo encalhou na fortaleza da Lage, onde curtiu mezes amargos, lendo poetas e contemplando o mar, como Victor Hugo em Guernesey. Os mais, de barbas de molho, com a viola mettida no sacco, retrahiram-se prudentemente, passando ao largo das confeitarias, pontos considerados infectos por preferidos dos conspiradores.

Montezuma não despiu a farda e, com a immuni-
dade dos seus galões, arengava, *urbi et orbi*, á bóca solta. Uma tarde, chamando Neiva á fala, com o fim de garanti-lo contra os sicarios, propôz-lhe, em segredo, arranjar-lhe uma patente de capitão da Guarda Nacional.

O bohemio recuou d'um salto e, levando a mão á cava do collete, rugiu de cenho crespo e olhos em fogo :

— Montezuma, não fosses tu quem és, não te conhecesse eu do tempo de paisano e esta seria a tua ultima hora. Punha-te as tripas ao sol, aqui na calçada, entendes ? Aqui ! Pois tu tens coragem de propôr-me tamanha ignominia, a mim ? ! Eu, capitão da Guarda Nacional ! Eu, um civil civilisadissimo, de farda ás costas . . . Eu ! Montezuma ! Ficas prohibido de falar-me durante tres dias !

— Mas . . .

— Durante tres dias ! insistiu imperioso.

— Mas ouve, homem de Deus ! a patente será um escudo, um salvo conducto, um talisman. Que preferes tu : a farda de capitão ou uma fortaleza ?

— Todas as fortalezas ! Todas ! Das fortalezas

tenho certeza de que sahirei amanha, depois ou d'aqui a cem annos ; do ridiculo, fardado de capitão, nem a mão de Deus Padre me livrará. O ridiculo é como o inferno, entendes ? Como o inferno ! E adeus ! Estamos mal por tres dias ou, em miudos, por 72 horas. Aproveita-as para cortar-me na pelle á vontade. Capitão ! . . . Não me faltava mais nada ! Sim senhor !

E foi-se, deixando o patriarcha aturdido, a gesticular aos arremessos como um *pai paulino*.

Passava de meia noite quando violentas pancadas e chamados á porta da rua despertaram Anselmo em sobresalto. Foi um reboiço. Que seria ! ? Alguma denuncia. Ordem de prisão. A velha Bá, que se levantara assustada, appellando para todos os santos e almas do purgatorio e procurando o rosario e um côto de vela do Santo Sepulcro, não teve tempo de valer-se de taes salvaterios porque, com o redobrar das pancadas, Anselmo instigou-a a attender á porta. O susto, porém, mudou-se em espanto quando a velha ama annunciou, em voz desafogada e alegre :

— Não é nada, não, nhonhô — é seu Neiva mais dona Sylvia.

Neiva e Sylvia . . . áquella hora ! Que haveria ? Anselmo, apressando-se, segredou á esposa, que se levantara e arranjava-se ligeiramente ao espelho :

— Queres vêr que o Neiva fez alguma e vem refugiar-se aqui ? !

Encararam-se um momento estarrecidos.

— E agora ? !

— Agora . . .

Quando os dois appareceram o bohemio perlongava a sala a passos trefegos, escarapellando-se nervosamente.

— Que é isto ? Vocês por aqui a esta hora !

— É verdade ! A esta hora . . .

E foi Sylvia que explicou a extemporaneidade da visita :

— Desculpem-nos. Eu sei que isto não são horas de incommodar amigos, mas esse homem quando embirra, embirra mesmo. Appareceu-me hoje em casa em tal estado que eu pensei que lhe houvesse acontecido alguma coisa. Parecia um louco. Não jantou, emburrado, e obrigou-me a vestir-me e a acompanhá-lo por ahi. Imaginem que estamos andando a bonde desde as oito e meia. Fomos á Tijuca, ao Pedregulho, ao Jardim. Agora, no Largo do Machado, deu-lhe na cabeça vir até aqui.

— Mas afinal, que houve ? perguntou Anselmo.

Neiva estacou amarrado, de cabeça baixa, olhando de vuez por sobre os aros do « pince-nez » e, depois de um silencio tragico, em que se lhe ouvia o offêgo da colera, arremetteu empolgando Anselmo pelos hombros e, sacudindo-o, rugiu-lhe á face :

— Montezuma é um bandido, sabes ?

Anselmo estremeceu surpreso.

— Como ! Montezuma ? !

— Sim, Montezuma, o ancião. É um bandido ! Já o viste com o *habeas-corporis* ?

— *Habeas-corporis* . . . !

— Sim, a farda de capitão de mar e guerra . . .

— Sim, vi ; de passagem. Não lhe falei por uma questão de principios. Sou anti-militarista.

Neiva girou nos tacões e, dirigindo-se á mulher :

— Estás ouvindo ? Não lhe falou. Pois, meu amigo, esse homem, que nós recebemos como irmão, irmão muito mais velhissimo, trahiou-nos miseravelmente passando-se, de farda, para as fileiras inimigas e, a pretexto de garantir-me contra possiveis violencias, sabes o que me propoz, ás quatro horas da tarde, á porta da *Gazeta* ? uma patente de capitão da Guarda Nacional.

— Mas . . .

— Não ha mas, o que ha é uma injuria dessas que só lavadas com sangue. E se eu não fiz ali mesmo a barrella foi para não manchar com um sarrabulho o limiar da imprensa. Mas pú-lo de quarentena durante tres dias, em expurgo, e venho exigir a tua solidariedade. Eu, Neiva, capitão da Guarda Nacional ! Só a sangue !

Firmou-se a prumo, o olhar fito e a physionomia foi-se-lhe demudando desanuviadamente.

As transfigurações naquelle homem não causavam surpresa : a cascalhada mais estrondosa não raro terminava em catadura ferrenha, como o aspeito iracundo ou sombrio abria-se, a subitas, esgaralhadamente. E foi com uma de taes mudanças que se desfez o furor sanguinario contra Montezuma. O riso rompeu da aspera severidade como de encoscorado casulo surde, em metamorphose, a borboleta iriada. Ria, encarando ora um, ora outro :

— Ora imaginem vocês, eu fardado de capitão da Guarda Nacional, de espada em punho e coisas, commandando uma companhia, com o Rocha á frente, de corneteiro, bufando num funil. Tenho sido

tudo nesta vida — desde sacristão até padrinho em duello. Só me faltava isso — uma farda ! Está regulando, não ha duvida.

E a conversa derivou para o assumpto do momento — o estado de sitio.

E falou-se dos amigos que soffriam ; um nos marneis de Cucuhy ; outro em meio do escarceu, á barra, na humidade da Lage. E quantos desapparecidos, cujas familias andavam em pranto pelos jornaes implorando noticias.

Os gallos começavam a amiudar. Ruido moroso de carroças, taroucar de tamancos, assobios, falas e cantarolas annunciavam o despertar paulatino da cidade. Sylvia levantou-se :

— Vamos, Neiva. Esta gente precisa descansar. Que horas pensas que são ? Os gallos já estão cantando.

— Ora, os gallos . . . Gallos não fazem outra coisa, á noite, senão cantar. Foram elles que inventaram as serenatas. Bom . . . Queres ir, vamos. Eu, felizmente, nunca usei relógio. O relógio é o espelho do Tempo e que nos mostra o espelho ? rugas. Fati-guei-os, não ha duvida, mas saio d'aqui alliviado. Se não fossem vocês não sei que seria de mim . . . e de Montezuma.

Á porta, ao despedir-se, perfilou-se, a pés juntos, e, levando a mão á frente, em continencia, exclamou :

— Que tal, hein ?

Melancolicamente, atravez do silencio, veio vindo de longe um toque de corneta.

A situação aggravava-se relampagueada a boatos aterradores explodindo aqui, ali em sarilhos e conflictos á mão armada. Á noite, principalmente nas immediações do Rocio, volta e meia eram alarmas : — correrias tumultuosas, apitos, estropeada de cavallaria ; ás vezes tiros.

Uma gentilha de má sombra, pandeando importancia, arrogava-se a victoria da democracia, rosnando ameaças com invectivas injuriosas aos vultos decahidos do antigo regimen.

Typos tavolageiros, rafaméa tabernaria de chapéu á banda, cigarro ao canto da bôca, porrete em punho, rondavam os cafés, mettiam-se pelas confeitarias, olhando d'alto, petulantemente, com estridulas risadas fanfarronas.

As delações succediam-se. Ás vezes um de taes bargantes chegava-se sorrateiramente a um grupo, tocava no hombro de alguém, chamando-o á fala. O estarrecimento do appellado denunciava a insidia. E lá iam os dois. Era mais um para o carcere.

Os bohemios retrahiam-se. Os encontros eram rapidos, como os das formigas que, mal se entestam, logo proseguem. Bivar sahira da fortaleza encarangado de rheumatismo, e feroz. Fortunio, muito esmorecido, falava em recolher-se a Maceió, onde os sururús podiam provocar desarranjos gastricos, mas não levavam a enxovias, como os de cá.

O seu maior terror era certo Soromenho, espada-chim proxeneta, refugado da Ribeira das Naus que, com alarde de republicanismo e muita empafia de valentia, conseguira o posto de tenente da Guarda Nacional e que, por certas rivalidades de alcova, trazia o poeta de olho. Á tarde era infallivel o cor-

panzil do mata-mouros trambolhando na rua do Ouvidor, com entono, de luvas, espada á cinta, fumogando por um charuto, a relancear olhares minacissimos a todos os do grupo que o haviam repellido por saberem-no apaniguado de duas mulheres.

Patrocínio regressara dos charqueirões do Norte com o fígado empedernido e a penna hervada em odio. Montezuma alijara de vez a farda, disposto a correr todos os riscos como simples cidadão da Patria e, do limiar d'*O Combate*, de onde Pardal, Bivar, Placido de Abreu e outros, que se rebufavam em pseudonymos, assestavam em prosa e verso os oppressores do povo, affrontava, de frente erguida, os janizaros da tyrannia.

A carestia augmentava com os boatos e, para maior flagello, a febre amarella irrompera violenta.

Neiva era visto de relance sempre afreimado e sorumbatico. Uma tarde, a Anselmo que lhe estranhou o sumiço, disse :

— Se não me vês não é porque eu me deixo ficar em casa, de perna alçada. Não ! Saio, ando por ahi catando recursos, como os lobos, no inverno, quando a neve os esfaima. O que não faço é passar na rua do Ouvidor, desfiladeiro da traição, inçado de esbirros profissionaes e amadores. Porque hoje o maior orgulho de certa canalha é levar denuncias á Policia. Alguns ha que trazem lista e mostram-nas soberbos do numero de victimas. Demais . . . para que ? Todos os nossos amigos andam escabriados e isso que por ahi se vê, os taes « novos », é uma escumalha reles. Mas é natural. Depois das gerações fecundas, gerações nullas. Que fica das grandes fogueiras ? cinza. É necessario substituir a lenha, não por ma-

ravalhas e gravetos, mas por troncos robustos, como os que arderam, para que, de novo, flammejem labaredas altas que illuminem e aqueçam. O que ahí está é um borrarho que se levanta com o vento revolucionario e obumbra, suffoca e cega. Deus me livre de tal companhia !

Anselmo estranhou-lhe a voz :

— Estás rouco.

— Rouco ? ! O que estou é desafinado. É a mola, meu velho, e bateu, com desalento, no peito, á altura do coração. É a mola que está desarranjada. Ris, hein ? É isto. Eu sou tão desgraçado que ninguem me toma a serio, nem quando soffro. É o resultado da minha vida de palhaço. Por mais que me queixe acham sempre que estou pilheriando. O mesmo aconteceu ao Vasques quando calçou cothurnos para representar a sua tragedia de balcão — *A honra de um taverneiro*. No ponto culminante da peça, quando elle contava com a commoção soluçada, a platéa desbraguilhou-se a rir. É assim, meu velho. Isto está por um fio. Um dia d'esses, quando vocês menos pensarem, esbarram com o meu cadaver ahí numa sargeta e terei o enterro que mereço — numa carroça de lixo.

— Ora, Neiva . . . Que idéa !

— Eu é que sei como estou.

Foram interrompidos pelo « Alazão ». O misero desfazia-se. Magro, curvado, com as manchas da cara mais escuras, arrastava morosamente os pés inchados, abrindo a bôca, a quando e quando, a haustos. Os olhos torpidos, radiados de sangue, eram duas físgas e da bôca desdentada, de labio bello, escorria-lhe uma baba, que elle limpava de

raspão, com a manga do casaco. A voz surda sahia-lhe em resmungo aspero, pigarreado, e era repugnante o fortum que se lhe desprendia do corpo, de mistura com o nidor do halito alcoolico.

— Ó ! criatura . . . Onde tens andado ? exclamou o Neiva remirando-o.

E o coitado, dando de hombros :

— Por ahi, á procura da valla commum. Ha mais de um anno que a busco e ainda não dei com ella. Estou farto, compadre. Estou até aqui desta pinoia de vida, e repuxou sacolejadamente os perigalhos molles do pescoço. Tudo cança ! É possivel que no outro lado haja coisa melhor. Isso por cá está visto, revisto e exgotado. Aqui bebi, bebi da cabeça aos pés, e mostrou as chancas tumidas, é possivel que lá encontre o que comer.

— Se não fores comido, ou antes : bebido, porque levas uma adega no corpo.

— Uma adega sortida, concordou com um sorriso triste.

Neiva commoveu-se :

— Estás com fome ?

— Homem, se queres que te fale verdade, não sei. Sinto um vasio por dentro, mas não sei se é de fome ou de sêde. O meu estomago é um pobre que se contenta com o que lhe dão : tanto aceita um bife como um chópe.

— Não, Rocha. Não bebas, come. Ainda podes salvar-te.

— Salvar-me ? Salvar-me de que ? da morte ? Não, rapaz, o que eu quero é salvar-me da vida. Aqui onde me vês tenho apenas uma metade de vida, a outra metade descontei numa tenta-

tiva de suicidio. Falhou, mas não por minha culpa.

— Pois olha, meu velho, não passes isso adiante, porque o suicida que escapa é um homem morto para a sociedade : perde os direitos civis e politicos.

— Isso não, atalhou o Rocha ; os civis, pode ser ; os politicos, não, porque os defuntos votam. Eu sei que sou um homem morto, não digo cadaver, porque ninguem me deve : finado.

— Tira o n.

— Que n ?

— O n de finado e diz simplesmente : fiado.

— Ou isso. O que me dóe e até me envergonha é isso de não me ligarem. Não imaginas os horrores que digo deste governo, desta republica, de tudo. Pois, meu amigo — ouvem-me, riem-se e não me prendem. Nem no xadrez me querem. É uma desgraça. Tambem não admira — se os nossos compa-
nheiros desprezam-me, quanto mais os outros.

— Consola-te commigo, disse o Neiva. Tambem eu tive côrte e hoje sou o que vês — uma verdadeira machina pneumatica : faço o vacuo onde chego. É o tramonto, compadre. Encarou-o demoradamente, e, subito, avançando : Sabes que quer dizer tramonto ? Rocha balançou a cabeça em negativa e elle, pondo-se em pontas de pés, apoiando-se aos hombros derreados do infeliz, berrou-lhe ao ouvido :
Quéda do sol !

— É isso mesmo, concordou tristemente o « Alazão ». Quéda do sol ! E levantou o olhar ao céu, como á procura do astro moribundo. Bem . . . Pelos modos, e com toda essa trapalhada que levas ahí, com certeza estás prompto.

— Promptissimo ! exclamou o bohemio. Em todo o caso espera. Remexeu nos bolsos, tirou uma nota, bolelhou-a, e, sorrateiramente : Toma. Mas é para um bife, entendes ?

— Sim, um bife. Obrigado. E essa gente por ahí, as raparigas ?

— Sei lá de raparigas. Falas a dois homens casados. Olha aqui, Rocha : É verdade que foste tu que trataste da Henriqueta ?

— Sim, fui eu. Servi de enfermeiro á Henriqueta e á Mathilde; uma, de tuberculose; outra, de variola. Não imaginas a Henriqueta como estava linda no caixão. Foi-se sem uma gota de sangue nas veias. Em compensação a outra . . . um horror ! O enterro de Henriqueta parecia uma viagem á Cythera, todo esse mulherio com flôres. Pobre Henriqueta ! Bôa rapariga. Bem. Adeus a vocês.

Foi-se de cabeça baixa, arrastando os passos atortemeladamente. De instante a instante parava, amparando-se ás paredes, de busto a prumo, para respirar. Pobre « Alazão » ! Durante algum tempo os dois acompanharam-no com um olhar commovido.

— Bem. Agora eu. Vou tocando para a casa, antes que anoiteça. As coisas andam pretas, pretissimas ! E os preços, hein ? Não se pôde viver, não ha dinheiro que chegue. Um litro de agua de Colonia Russa trinta mil réis. E os cremes, os sabonetes, as loções . . . !

— Pois, tu neste tempo, cuidas dessas coisas ?

— Se cuido ? ! Naturalmente. Minha mulher pôde não ter pão para a bôca, mas cambraia, rendas e perfumes não lhe faltam nunca. Bem. Adeus. Tens visto Montezuma ? Disseram-me que se retirou ao

deserto, lá pelas alturas de Friburgo, com uma italiana.

Uma mulheraça chamou-o da calçada fronteira. Elle cumprimentou-a sisudamente com uma barretada.

— Quem é ? perguntou Anselmo.

— Homem, se queres que te diga, não sei, não me lembro. Historia antiga, do tempo das invasões. Uma das muitas que me envenenaram. Talvez seja della o rheumatismo que me martyrisa o pé esquerdo. Adeus. Essas mulheres, esses botequins, esses theatros estão cheios de farrapos da nossa mocidade. Aparece uma noite dessas com a tua senhora. E então : feliz ?

— Felicissimo !

— Ainda bem.

Dias depois, ás primeiras horas da manhan, Neiva, ainda deitado, lia os jornaes, quando um rebôo soturno trovejou ao longe. Deixando a folha aprumou-se attento, á escuta. O estrondo repetiu-se cavo, rolando longamente. Subito, retalhando o silencio, correu nos ares um estardalhão rispido de raio. Neiva saeuiu nervosamente a esposa que dormia :

— Sylvia ! Sylvia !

— Que é ? indagou a senhora, sentando-se estremunhada.

— Rebentou o tumor !

— Que tumor ?

— Que tumor ? ! Pois não estás ouvindo ?

Ribombos abalaram a casa.

— Que é isto ?

— Que é ? Já te digo. Saltou da cama, foi ao cabide e, cuscuvilhando nos bolsos das calças e do collete, voltou sacolejando uns nickeis na palma da mão. É isto, minha senhora : oitocentos e sessenta réis para fazer frente á revolução, que está na rua. Estamos arranjados. Aqui é fazer como Gavroche — tratar da vida através das balas.

Foi ao patamar e bradou para baixo :

— Café ! Depressa.

Os enteados subiam atropeladamente aos berros e a cozinheira, enrolando a trunfa, annunciou da escada : « Que não havia assucar e os navios estavam atirando na cidade ».

— Pois que atirem. Que tem a senhora com isso ? Vá á venda, traga o assucar e não se importe com o mais. E, mirando desanimadamente os nickeis, murmurou :

— Sim, senhor ! É o que me traz a politica. E foi para isto que me fiz eleitor. Pois sim !

XIX.

As primeiras noticias da revolta sobresaltaram a cidade em terror panico. Ao longo do littoral e nos morros apinhavam-se grupos commentando estarecidamente a attitude ameagadora da esquadra, que se movimentava ás surdas, vagarosa, rompendo do fundo da bahia, como feras que sahissessem agachadamente das jaulas para a chacina.

O « Aquidaban » avançava á frente, golfando rolos de fumo negro como se desfraldasse immensa flammula de morte. O céu nublava-se com a fumaçada bruna dos navios, que deslisavam em ordem de batalha na esteira do couraçado. E começou o tumulto.

Era um abrir e fechar de janellas, perguntas de uma a outra ; correrias nas ruas. De algumas casas sahiam trouxas, embrulhos que se iam amontoando na calçada em atabalhão de despejo e com um fala-

rio assustado das mulheres e choro de crianças. E os boatos fervilhavam tragicos como relampagos em tormenta. Continuo rodar de carruagens, carroças e caminhões atroava as ruas levando a população debandada em exodo espavorido.

Os comboios, tomados de assalto, partiam abarrotados para o interior. A Central regorgitava, atropetada da mais heteroclitica bagagem. Corriam trens extraordinarios para Petropolis, Friburgo e Therezopolis.

Os pobres, abandonando as casas, saham desorientados demandando os arrabaldes, as montanhas, os mais remotos suburbios e acampavam como em aduare : debaixo de arvores, agasalhavam-se sob telheiros e ruinarias, refugiavam-se em bibocas e covancas ou estanciavam ao tempo, em verdadeiros bivaques ao longo das estradas, com a criançada solta, em folgança, velhos toscanejando desanimados e até enfermos deitados á sombra de tendas improvisadas com lençóes e ramagens. E bicharia : aves em gaiolas, cães amarrados a troncos de arvores e, em volta, ás pilhas, trouxas, cestas, caixas, maletas.

Cozinhava-se em latas sobre trempes de pedras e a cidade deserta, em silencio lugubre, parecia aguardar a morte como victima em poste de supplicio.

Pouco a pouco, porém, foi-se a gente habituando até que, de todo affeita á situação, tornou aos lares confiante em Deus, resignada ao que dêsse e viesse. E á tarde, á hora do bombardeio, as praias enchiam-se de curiosos para assistir ao espectáculo tremendo. E eram gritos, como em arena olympica, acompanhando a trajetoria estrepitosa dos projec-

teis. Se algum acertava em Villegaignon, entre os coqueiros já desplumados, levantando nuvens de fumo e pó, fazia-se largo silencio de expectativa ansiosa, logo, porém, quebrado por alaridos enthu-siasticos ao destacar-se da bruma erecto, incolume, o mastro em que trapejava ovante, como em desa-fio, a flammula vermelha da revolta.

Mas o que não conseguia o canhoneio nos ata-ques dos navios aos fortes, nas investidas audacio-sas do « Aquidaban », parando sob uma abobada de fogo á entrada da barra, a responder com os canhões das torres ; com o rebão uivante dos schrapnells, que estouravam nas ruas desmantelando predios, victimando transeuntes, faziam os boatos aterra-dores que rompiam de todos os lados : noticias de supplicios infligidos a prisioneiros — uns, asphyxia-dos a cal nos ergastulos, outros postos a ferros em masmorras infiltradas de mar. Fuzilamentos . . . isso era ás centenas por dia. Dizia-se que uma chata, mandada pelo governo em empreza nocturna contra Villegaignon, fôra posta a pique, não se sal-vando um só dos que a guarneciam. Eram cochichos amedrontadores, atoardas sinistras e já se falava na intervenção de potencias estrangeiras, com a Ingle-terra á frente « para garantir o seu cobre ». A taes vozes, porém, os patriotas assomavam-se em brios, deblaterando ameaças :

— Intervenção ! ? Caiam nessa ! Se apparecer ahi uma esquadra, inglesa ou outra qualquer, não escapa um calhambéque, porque o Custodio dará as mãos ao Floriano, deixará de haver legalistas e revoltosos para só haver brasileiros e os taes verão o bom e bonito !

— Será como no tempo dos capoeiras, quando nagôs e guayamús se encontravam em desafios. Era navalha por cima do tempo, rios de sangue, tripas ao sol, mas se a policia apparecia as duas maltas confraternisavam e adeus ! « morcegada ». Em brigas de familia ninguem se metta, que sahe perdendo na certa.

Montezuma, porém, que conhecia « os casos », ao ouvir taes abafas, torcia o nariz, atirando abandonadamente os braços em gestos de desanimo :

— Vocês estão enganados com os ingleses, mas eu, que sei de quantos paus fazem elles a canôa em que se mettem, só lhes digo que mal me conste que a tal esquadra levantou ferro de Portsmouth ou do inferno, trato de ganhar mundo. Já comi fogo no Paraguay ! Patriotismo que cheire a chamusco não é commigo. Patriotismo é em minha casa, com a mulher e os filhos. Nada de farofias ! Balas, nem de ovo.

Um bilhete de Fortunio a Anselmo, então n' « O Paiz », dizia da perfidia de Soromenho, que o recrutara, de madrugada, á porta do *Muchen*, depois de uma ceia. E o poeta implorava a protecção dos amigos para poupar-se á vergonha de atravessar a rua do Ouvidor de farda ás costas, com botarronas reiuas, cantil, mochila e espingarda ao hombro.

Puzeram-se todos em campo e, com muitos empenhos, conseguiram para o galucho a patente de alferes e um abono para o fardamento. Estava « officialisada » a litteratura, que fôra posta a raso pelo rufião.

De Luiz Moraes soube-se que se recolhera a um dos navios. Pardal desapparecera da noite para o

dia e Bivar subira a serra, homisiando-se em Minas a lombo e queijo, e escrevia balladas coloridas e friorentas surdinas, lamentando-se aos amigos em cartas mais lugubres do que as de Ovidio d'entre os scythas.

Foi, porém, uma decepção quando, uma semana depois, souberam por Montezuma que Fortunio, mal obtivera licença para sahir do quartel, afim de tratar do equipamento, em vez de ir ao alfaiate e ao sirgheiro, fretará um bote na Praia do Peixe, rumando para o « Aquidaban ». Neiva esbravejou :

— Não está direito ! Pois então depois de havermos virado céus e terras, empenhando a nossa palavra, responsabilizando-nos por elle, esse homem trahe-nos passando-se com armas e bagagens para o outro lado ? . . . Não ! Não está direito.

Montezuma e Anselmo concordaram. De repente, porém, encarando-se, os tres romperam á gargalhada, achando que o poeta pregara uma bôa peça, principalmente ao pantafaçado Soromenho, que devia estar fulo de odio.

O peor, porém, foi a noticia do fuzilamento de Patrocínio. Houve quem visse e contasse.

— Vocês não podem imaginar o que foi ! Metteram-no em um pelotão commandado por um tenente e obrigaram-no a seguir a pé, descalço, para Sepe-tiba. Lá chegando deram-lhe uma enxada para cavar a propria cova. Prompta, que foi, mandaram-no subir ao comoro de terra, injuriaram-no, maltrataram-no fazendo com elle o que os judeus fizeram com Jesus no Calvario. Quizeram vendá-lo. Elle oppôz-se, altivo : « Não ! Deixem-me morrer contemplando o céu da minha Patria ! » Nesse mo-

mento faltou-me a coragem e desatei em pranto. Foi, então, a descarga: Brrr! E o corpo revirou na cova.

— Mas você viu? Como? perguntou alguém.

— Eu soube da coisa por um amigo e, com uma pequena matalotagem, parti, de vespera, para o lugar. Trepei em uma arvore e esperei. O pelotão chegou de madrugada com o martyr . . . e vi tudo!

— Mas você tem certeza de que era mesmo o José?

— Se tenho certeza . . . Ora essa! Então eu não conheço o Patrocínio? Se vocês duvidam é facil verificarem. Vão a Sepetiba e exhumem o corpo. E concluiu: E mata-se assim um dos heróes da Patria, um dos maiores typos da Humanidade.

Neiva, commovido, com os olhos rasos d'agua, limitou-se a dizer, soturno:

— É o fim do mundo, meus amigos.

Neiva queixava-se do vacuo que fizera a revolta, dispersando o grupo solidario. « Tenho a impressão de haver explodido entre nós uma granada ». O Patrocínio enterrado em Sepetiba. Pardal refugiado em Vassouras. Luiz Moraes e Fortunio, depois de grandes riscos, haviam conseguido passar á Argentina e, em Buenos Aires, arrastavam vida miseravel, comendo (quando comiam) o pão negro do exilio.

Bivar, que se abrigara em Minas, escreveu sobre elles a Anselmo:

« Tambem eu recebi carta do Luiz. Além dessa veiu-me ás mãos outra, de Fortunio. Do primeiro já conheces actualmente o endereço. O do segundo é

— Calle 25 de Mayo 266. Ambas dolorosissimas, essas duas cartas, que tenho relido chorando — coisa que os meus olhos já haviam, ha muito, desprendido. Que amargura! Respondi hoje e hoje mesmo escrevi ao Manuel Ribeiro Junior, d'ahi, empenhando-me com elle para vêr se arranjo algum dinheiro que salve os nossos irmãos da miseria, já que do horror do exilio não ha agora quem os possa salvar. Installei-me hoje na minha casa. Os rapazes aqui deram-lhe o nome de Retiro Espiritual. É mesmo um Retiro : apartado da vida e dos homens, com a convivencia unica dos sapos que coaxam de minuto a minuto. Esta solidão vai bem com a minha melancolia. Que vida! As cartas do Luiz e de Fortunio preoccupam-me a todo o instante. Adeus, meu querido irmão. Nem te posso escrever. Como o nosso grupo tem sido desgraçado! Abraço-te. Abraça tambem ao todo teu

BIVAR.

Juiz de Fóra, 7 de Maio de 1894 ».

A lucta entre a Luz e a Treva ensanguenta o céu e o dia irrompe da aurora, rubra como as hemorragias. Assim dealbou a nova madrugada e, dentro della, a Paz, sahida da sangueira em que se afogaram tantos heroes, como se somem as estrellas ao clarão da alvorada. E a alegria tornou á terra.

As primeiras noticias da pacificação Bivar resolveu abalar de Juiz de Fóra « dêsse no que dêsse ». Ao desembarcar, porém, na Central, em vez dos bra-

ços dos amigos, encontrou guantes de esbirros, que o filaram, lançando-o, de cambulhada com outros, na sordicie de um xadrez da Policia, entre ebrios maltrapidos e enlameados, que tresandavam como suinos, e um espanhol barbaçudo que, noite e dia, atroava o recinto penitenciario, ora cantando, em voz rascante, peteneras e seguidilhas, ora vociferando contra espiritos obsessores que o agatafuhnavam.

Foi desse esterquilinio que o poeta devolveu a Anselmo, que l'ho emprestara para confortá-lo com o optimismo de Pangloss, um volume do *Candide*, de Voltaire, no qual lançara, por desabafo, o soneto :

EM CUSTODIA

Quatro prisões, quatro interrogatorios . . .
Ha tres annos que as solas dos sapatos
Gasto, a correr de Herodes a Pilatos,
Como Christo, por todos os pretorios !

Pulgas, baratas, persevejos, ratos . . .
Caras sinistras de espiões notorios . . .
Fedor de escarradeiras e mictorios . . .
Catinga de secretas e mulatos . . .

Para tantas prisões é curta a vida !
—Ó Dutra! ó Mello! ó Valladão! ó diabo!
Vinde salvar-me! Vinde em meu soccorro!

Livrai-me desta fama immerecida,
Fama de Ravachol, que arrasto ao rabo,
Como uma lata ao rabo de um cachorro!

A clausura durou apenas uma semana, tempo, aliás, bastante para que o poeta perdesse todo o toucinho que trouxera de Minas lardeando-lhe as carnes e a confiança no prestígio das musas e na justiça dos homens.

Mal se viu livre, restituído ao seu « sweet home » da rua Dois de Dezembro, escrupulosamente escarolado pela solícita Senhora Dona Maria, matrona que levava o aceio e o alinho a exaggeros de mania, Bivar não pensou em outra coisa senão em uma viagem de mundificação e repouso.

Amigos lembraram-lhe varias estações d'aguas : Caxambú, Lambary, Caldas . . .

— Qual, nada ! Preciso mas é de um vasto banho, um banho no oceano, ensaboado a vagas, para tirar-me do corpo as crustas de sujeira e da alma a impressão desses dias melancolicos. Para tamanha calamidade só um sanatorio de civilisação : Paris ! Estou farto de montanhas, de varzeas, de borboletas e pyrilampos, de cheiro de capinzaes, de fortum de suarda e de cantilenas á viola. Quero ar puro, asphalto, luzes, espirito e arte. Paris !

E partiu.

Pardal reappareceu de ar abhorrido, com carrapichos na alma de tanto varejar os mattos vassourenses.

Fortunio e Moraes regressaram — um, de Buenos Aires, contando aventuras mais emmaranhadas do que as de Ulysses, ao tornar de Troya ; outro, do Paraná onde o levára a querença, nostalgia que o pôz nas garras de certo general, medium vidente que, todas as noites, depois de invocar espiritos, de mãos em grifas agadanhadas em uma mesa typtolo-

gica, determinava a um tenente os reus que deviam ser passados pelas armas.

E o poeta, no theatro em que o metteram, tendo por prisão, com sentinella á vista, um camarote de primeira ordem, ouvia, todas as noites, rumores soturnos de passos militares, tinir de armas, vozes de commando, ás vezes lamentações plangentes e, de novo, passos cujo rumor ia, aos poucos, morrendo nos corredores escuros, até que, no estarrecido silencio, uma descarga atroava ao longe. E elle, insomne, revendo os dias felizes, repetia mentalmente os versos de Dante : « Nessun maggior dolore . . . » esperando que lhe chegasse a vez de sahir no pelotão sinistro.

A Providencia, porém, appareceu-lhe fardada de alferes, official, esse, que o apresentou ao general como um medium extraordinario, capaz de receber, num só transe, todos os espiritos que esvoaçavam no Além, á espera da ordem superior para reencarnarem-se. O general chamou-o a si, assentando-o á mesa nigromantica. E foi assim que os mortos lhe salvaram a vida.

De todos os reaparecimentos, porém, o que mais surprehendeu foi o de Patrocínio. Ainda que, diariamente, fossem vistos « resuscitados », a volta do ardente abolicionista abalou a grande arteria.

Ao vê-lo o povo agitou-se aos recuansos, alguns retrocederam espavoridos, outros barafustaram d'escantilhão pelos negocios : senhoras estatelavam-se persignando-se e os que não tiveram tempo de fugir apertaram-se nas calçadas e o heroe passou entre alas de terror, sorrindo á direita e á

esquerda, acenando adeuses a conhecidos que correspondiam lividos, tremendo.

Entrando no *Paschoal* logo se formou ás portas densa multidão, que entupiu a rua, curiosa de vêr um defunto conversar, rir desbraguilhadamente, abraçando a este, estendendo a mão áquelle, a desfazer, com pilherias, a balela do seu fuzilamento « porque não sahira da sua casa na Cancellia, na qual, para o caso possivel de uma busca, arranjara um esconderijo onde só Deus o descobriria ».

Montezuma fez de S. Thomé apalpando-o, beliscando-o ; quando, porém, se convenceu de que era mesmo o homem, integro, em carne e osso e mais gordo, mandou abrir champanhe e houve brindes.

O que espalhara a noticia do fuzilamento, porque o vira dentre os galhos da arvore, troçado á risota, esbravejou tençoeiro, mantendo obstinadamente o que dissera :

« Que sim ! O fuzilado fôra elle, Patrocínio. Vira com aquelles ! e repuxou as palpebras escorchando esbogalhadamente os olhos. Fossem a Sepetiba, cavassem que lhe haviam de achar o corpo, crivado de balas. »

— Pois ainda insistes, homem ? Queres negar a evidencia ?

— Insisto, porque vi. Não sou um mentiroso nem uma besta. Vi, já disse.

Patrocínio irritou-se com a teimosia :

— Ó homem de Deus ! Então você quer saber mais da minha vida do que eu ?

— Eu não falo da sua vida, falo da sua morte.

— Morte . . . bradou Neiva. Morte de quem, se elle está aqui !

— Os mortos voltam. Lá está em Allan Kardec. Leiam ! Vocês não lêem e querem discentir. É a tal coisa. De repente, porém, pondo-se de entono, cabeça a prumo, circumvagando olhares, cruzou os braços e, para tirar-se da rascada, que ameaçava rolo, porque Montezuma, enfezado, rondava o queijo suíço, no qual havia um facalhão, exclamou em um tom ingenuo : Só se foi sonho . . .

— Qual sonho ! Carraspana é que foi !

— E das bôas ! rouquejou o « Alazão » rompendo o grupo de braços abertos e, dirigindo-se ao jornalista, muito delambido, lambusou-lhe a fronte com um beijo. Ah ! meu velho . . . não imaginas o que soffri com a noticia da tua morte. Não puz luto porque, tu sabes . . . essas hypocrisias custam o diabo, mas emfim . . . Correu um olhar em volta e, descobrindo uma taça á mesa, encheu-a e levantando-a com solemnidade, disse em tom oratorio: Senhores...

Neiva atalhou a facundia :

— Não, Rocha. Tudo, menos discurso. Respeitemos o que acaba de chegar do outro mundo. Emborracha-te, mas em silencio.

— Emborrachar-me no dia da resurreição . . . Nunca !

E virou a taça.

E á porta, num grupo, o que tudo vira, insistia :

— Juro que vi com estes que a terra ha de comer.

— Bebedeira ! concluiu o Neiva.

— Menos essa, emendou o « Alazão ». *In vino veritas*, diz o adagio e esse « cabra » está mentindo como um villão. E adiantando-se para o homem

impôz-lhe a mão ao hombro, dizendo : Olhe, meu amigo, mentir não é tão facil como parece. Falo-lhe de cadeira. Para mentir é preciso ter genio, entende você ? Genio ! Isto ! e espalmou com orgulho a mão na testa.

A noticia da morte de Pardal, em Caxambú, abalou profundamente o grupo. Neiva, a quem Fortunio, para o consolar, repetiu o que, certa vez, lhe ouvira : « O morto é um livro lido. Que importa o tomo se lhe guardamos a substancia na memoria ? » replicou resentido :

— Perdão, isso disse eu de algumas brochuras ordinarias. Disse, não nego, mas certamente em uma de minhas crises de espiritismo. A minha bibliotheca é pequena ; sou homem de pouca leitura, mas cuido muito dos meus livros de cabeceira e esse . . . esse, que está sendo roído pelas traças subterraneas, era um verdadeiro evangelho de bondade. Deixemos, porém, de phrases. E, sombriamente : A morte ronda-nos, meu amigo. A mim anda ella tirando a vida aos bocados, como o abutre atassalhava o titan na montanha. Vocês estão fortes, em pleno vigor de saude ; eu sinto o coração a desfazer-se.

Enganam-se os que pensam que vivem só de si e por si — nós sustentamo-nos uns aos outros como os tijolos nas construcções. Se um se desloca o muro resente-se, dá de si e, pela aberta, entra-lhe a ruina. Eu tenho perdido tantos affectos . . . tantos ! que começo a esboroar-me. Não tardo muito a cahir. A minha hora está prestes a soar. Olho o mundo com fastio. É o *tedium vitæ*. O que dantes me alegrava, hoje aborrece-me. Do meu riso de outr'ora restam-me apenas as rugas e como ri muito estou, como vês, precocemente engelhado. Sinto-me doente e, com perdas como essa . . .

Baixou a cabeça e pôz-se a raspar com a ponta da bengala o limiar de marmore do Café Paris, onde se achavam. De repente, aprumando-se, perguntou :

— Mas afinal, de que morreu elle ?

— Não sei. Para mim o que o matou foi o quixotismo, a tal mania de defender fracos e oprimidos e desfazer aggravos. Lembras-te do rolo em que elle se metteu na *Maison Moderne*, defendendo uma mulher, que mal conhecia, contra um sujeito, que a injuriara ?

Pois foi essa pendenga que o levou. Visitei-o dias depois e ainda o encontrei com a cabeça envolta em pachos e pallido como se todo o sangue se lhe houvesse esvahido. Foi aquillo. Elle já não andava bem ; sempre a tossir e com febre. A boxada do capadocio foi o tiro de misericordia. Dizem que morreu como um passarinho, com a cabeça ao collo de uma senhora.

— Devia acabar assim, em morte meiga, o pobre Pardal. Eu é que não sei como acabarei ! suspirou

Neiva. Sinto-me tão desamparado. Todos os meus esteios estão cahindo. Cheguei ao termo da jornada e miserrimo, sem um ideal.

— Ideal! resmungou Fortunio com desprezo. Que é isso ?

— É tudo, meu caro. Tudo ! O ideal é que nos sustenta, como os cordeis mantêm e movimentam os titeres. Que posso eu esperar da vida ? Que tem ella para dar-me ? Nada. Fui um dissipador, espalhei a esmo todos os meus haveres, lançando em pedregulho e charcos o que vocês chamavam — o meu talento. Não me guiei pela parábola do evangelho e o resultado é isto. Quem atira as coisas superficialmente, como eu fiz, chega ao fim do dia e não encontra miga do que semeou. Tudo precisa ser enterrado para medrar : a semente, para dar flôr e fruto, requer cova ; o homem só consegue a gloria depois de morto. Na superficie elles estão sujeitos a tudo — a semente, a ser pisada, a ser comida dos passaros, a apodrecer á chuva ou a ficar esturricada ao sol.

— Isso é de Vieira.

— Não sei se é de Vieira, sei que é verdade. O homem está exposto á inveja e a todas as maldades dos impotentes.

— Estás lugubre.

— É o crepusculo, meu amigo ; influencia da melancolia da hora.

— Mas afinal, que sentes ?

— Eu ? Sinto tudo. Sou um indice pathologico. Mas o que me incommoda não é a endocardite ou outra « ite » qualquer, das muitas da technologia medica : o que me incommoda são os cuidados que

me enchem o coração — são os amores, que eram doçura, e que começam a azedar-se em saudade, ou em uma especie de inveja dos felizes. A noite, junto do somno lindo e sereno de minha mulher, queres que te diga ? cerrou o sobrolho e rugiu : Compreendendo Othelo ! Othello ! estás ouvindo ? e crispou as mãos.

Ouvir no silencio é horrivel ! Aterra tanto como vêr no escuro. Assombrações, meu velho. Pois é o que se dá commigo. Eu ouço, ouço no silencio da casa adormecida, vozes em surdina que sahem de mim. E o que dizem . . . ! o que me fazem pensar taes vozes, o que me fazem soffrer ! . . . Aquella casa sem o meu amparo, sem a minha defesa, aberta á miseria, com as crianças descalças, pedindo pão, e minha mulher . . . minha mulher . . . ! É horrivel ! E eu vejo tudo isso do lado de lá da morte, vejo a vida, vejo-a sem poder alcançá-la. É um pesadelo acordado, uma antecipação do inferno. Horrivel !

Pouco valho, bem sei, já não tenho prestigio. Para falar até o folego me falta. Arranco as palavras atravez da dyspnéa como quem tira agua de uma cisterna dando á bomba. A imaginação vasqueja, como lampada sem oleo. Estou esgotado, vasio. Trambólho na vida como as bóias no mar. Dentro, nada : ôco. E quanto mais me enfraqueço, mais me assoberbam as difficuldades. É assim mesmo. As arvores quando começam a cahir vão indo, vão indo, pendem até que, perdendo a perpendicular com o peso da fronde, inclinam-se e, estalando fibras e raizes, tombam. Ah ! a saude ! a saude ! E eu que a tive como ninguem !

Fortunio, a quem a lamuria do amigo começava a enervar, dispersava olhares aborrecidamente, como á procura de distrações.

Áquella hora o Largo da Carioca tumultuava. O movimento era intenso e maior se tornava com o atravancamento de vehiculos : caminhões, carroças, seges particulares, tilburys, estacados em filas diante dos bondes que faziam a volta cheios e tão seguidos uns a outros que formavam verdadeiros comboios. Cigarras chiavam nas arvores, pondo uma alegria de guizos no ruído soturno e perenne do transitio. A noite descia docemente do céu pallido e somnolento, onde surdiam piscas de estrellas.

Diante do chafariz, adossado á barranca, farandulava um mulherio sordido, arremangado, enchendo latas de kerozene e a móle immensa do hospital da Ordem, com as janellas abertas, onde appareciam vultos, parecia mais escura, como se já a envolvesse a noite.

Fortunio, muito aprumado, acenava a co-nhecidos. Neiva pediu-lhe um cigarro. «Estava em jejum de fumo desde o almoço». Depois de o accender disse, com um olhar contemplativo ao alto :

— Não imaginas as saudades que me desperta no coração esta hora. Eu evito-a com medo, escondo-me sempre para a não sentir, nem aos fantasmas que ella evoca. Hora triste! A Natureza enche-se de adeuses. Falava baixinho, como em soliloquio. Nunca vi o outono, o outono authentico que é o europeu, com o melancolico cahir das folhas. Pois é a impressão que tenho no crepusculo — a do cahir das folhas.

Um dobre lento passou mansamente no ar. Neiva descobriu-se e persignou-se.

— Pois eu gosto desta hora, contrariou Fortunio. É como a languidez de uma mulher que se nos entrega, cerrando os olhos voluptuosamente. A Natureza é impassível, meu caro Neiva : nem triste, nem alegre. É como certas criaturas de gelo, que cedem friamente, de olhos parados, graves, em inercia de estatuas. Nós é que lhe damos aspecto, ou digamos — alma, emprestando-lhe a nossa sensibilidade. Adeus ! Desceu á calçada, estendendo a mão ao amigo. Estás triste : eu, alegre. Estamos incompatíveis como as duas panellas da fabula. Separemo-nos.

— Para onde vais ?

— Por ahi, dar pasto de belleza aos olhos, vendo mulheres.

— Pois eu . . . hesitou pensativo. Por fim, decidido : Homem, queres saber ? Vou ao Manuel Ribeiro.

— Jogar ? ! Tu ?

— Qual jogar ! É vicio que não conheço. Vou atordoar-me e jantar á mesa da tavolagem, mais opi-para do que a dos frades.

Fortunio bradou a um pilrete que, de longe, atirando os braços, acenava de cabeça interrogativamente :

— Nada !

O typo encolheu-se mal humorado e foi-se rebo-lindo as abas do fraque.

— Quem é ? perguntou Neiva.

— Um clarinetista com pretensões a Beethoven. Quer escrever uma symphonia sobre um libreto meu.

— Uma symphonia ! ? Com aquelle fraque . . . !
Ora ! que fique no maxixe. E olha : Não sejas
besta ! Nada de libretos. Libretos são coretos para
musicos. Não desças de poeta a carpinteiro. Vai !
E Venus que te proteja !

Foi o «Alazão» que espalhou a noticia da enfermidade do Neiva. Visitara-o na casa da rua Buarque de Macedo encontrando-o em angustia, com o coração á bôca. Caso liquidado. Anselmo sorriu incredulo.

— Sorris ? Estou falando serio. Se queres vencer-te vai lá. E é bom mesmo que vás, porque elle queixou-se do abandono em que o deixamos. Perdido ! meu velho. Um esqueleto, com a pelle em rugas, afundado em uma cadeira de lona, de bôca aberta respirando a custo. Mas o que mais me impressionou foi a voz. A torrente não é mais do que uma aguasinha de sargeta.

— Mas ninguem sabia. Tambem vivemos agora tão apartados . . .

— Lá isso . . . É a tal historia da familia. Não ha nada que separe tanto os homens como a familia. A gente amarra-se . . . e acabou-se !

Anselmo pensou um momento, por fim, encarando severamente o « Alazão », ameaçou-o com o indicador :

— Olha lá, Rocha !

— Ó homem, tambem . . . que diabo ! eu não sou assim tão desnaturado. Minto, não nego ; mas minto para viver e não para matar.

— Pois vou agora mesmo vê-lo, decidiu Anselmo. E foi.

Desde a entrada sentia-se na casa a influencia tristonha, acabrunhadora do desastre. Um silencio lugubre pesava. Por vezes rastejo de passos, susurro de cochichos. Apesar do arranjo em que caprichava Sylvia havia em tudo um que de abandono. Uma mollicie de fadiga pairava narcoticamente no ar. Sylvia recebeu-o desolada, desculpando-se do desalinho « nem tempo tinha para cuidar de si ». Conduziu-o á sala de jantar, onde as crianças, como se estivessem de castigo, brincavam ás surdas, a um canto. O tic-tac do relógio soava alto no silencio. Sentaram-se junto á mesa e Sylvia, sem dizer palavra, meneou com a cabeça desanimadamente.

— Mas desde quando ?

— Ora ! Elle está assim ha mais de dois annos.

— Como ! ?

— É o que lhe digo. Ha mais de dois annos. Lá fóra elle escondia, nem sequer ia aos medicos com medo de ouvir a verdade, mas aqui, principalmente á noite . . . Eu é que sei ! A não serem as crianças ninguem dorme nesta casa. Além do soffrimento não imagina como elle está impertinente. Tudo o irrita,

não ha comida que lhe saiba, não quer uma criança perto, enfesa-se com o piano da vizinha, com os pregões da rua, fala em suicidio. Commigo então . . . nem sei ! Só a minha paciencia. Não tenho direito de o deixar um instante. Quer-me sempre junto d'elle, a abaná-lo ; toma-me as mãos com ternura e fica a olhar-me, a olhar-me e chora, quando não dá para dizer tolices, imaginando coisas. Ciume . . . Sempre o maldito ciume ! Pobre de mim !

E levou o lenço aos olhos que as olheiras tornavam maiores e mais lindos na tristeza daquelle luto. Uma negrinha veio dizer que podiam entrar.

— Vamos, convidou Sylvia. Mas olhe, não o deixe falar. Quando elle fala fica numa canceira de morte. Não o deixe falar.

Foram em passos subtis, como sobre alfombra.

Neiva achava-se na saleta, que era o seu escriptorio, ou cella, como lhe chamava, tal como o descrevera o « Alazão » : afundado em uma preguiceira de lona, de pyjama, com uma manta sobre os joelhos, a cabeça atirada para traz, em angustia. Á entrada de Anselmo forcejou para aprumar-se, estendendo longamente os braços em gesto de imploração e logo lhe rebentaram lagrimas dos olhos fundos, languidamente amortecidos á falta do *pince-nez*.

— Oh ! . . . e, numa voz aspera, rangente, que lhe arranhava a garganta secca, sorrindo com melancolia, rouquejou :

— Ecce homo ! Anselmo inclinou-se para abraçá-lo e estreitaram-se peito a peito. É o fim, meu amigo, e deu de mãos com desalento. Todos vocês fugiram de mim julgando-me tuberculoso. Não ! Isto não péga. Não tem veneno : mata como a su-

cury : estrangulando. Quando eu me queixava todos vocês achavam graça. Eis aqui a pilheria. O que me mata é isto ! e bateu no peito. Ha dois annos que soffro. Antes da morte de Pardal já eu me considerava homem ao mar. Aqui estou ! E vês ? aphonico. Tenho apenas as portas de receber : os olhos e os ouvidos ; a de dar está trancada, e com os gonzos enferrujados. Eu, que fui um prodigo, estou hoje reduzido ao que vês : em condição de ser eleito deputado.

— Isso passa, animou-o Anselmo.

— Ah ! passa . . . Pois sim ! Passa como passam os rios que vão ter ao mar. Queria que viesses aqui á noite. Á noite, hein, Sylvia ? Quando começa a escurecer tenho impressão de estar sendo enterrado ; a treva pesa-me, asphyxia-me. Ah ! meu amigo, é preciso soffrer como eu soffro para dar o devido valor a essa coisa invisivel, como Deus, que se chama — o ar. Está tudo acabado. De repente, soerguendo-se, tirou do fundo da cadeira um jornal amarfanhado, passou-o a Sylvia, dizendo nervosamente : Mostra-lhe. Mostra-lhe a noticia. E a Anselmo : Vê tu a quanto desceu o teu amigo.

E Sylvia leu em voz pausada :

— « Acha-se, ha dias, guardando o leito . . . »

Neiva atalhou-a em impeto frenetico :

— Guardando o leito ! Miseravel ! Eu feito criado-mudo, sentinella . . . de cama. Biltre ! Continúa.

— « Acha-se, ha dias, guardando o leito o conhecido jornalista Paulo Neiva. O seu estado, felizmente, não inspira cuidados. Desejamos prompto restabelecimento ao conhecido homem de letras e tribuno popular ».

Neiva acompanhava a leitura de olhos arregalados, com as mãos agarradas aos braçoes da cadeira, arfando angustiosamente.

— Vês ? Antes o coice do asno no leão velho da fabula. Isso chega a ser infamante. Pois então depois de toda uma vida dissipada em imagens, desfeita em periodos eloquentes ; depois do esbanjamento de um cerebro, como o meu, no mais bello dos fogos de artificio, a imprensa da minha terra entrega-me á imbecilidade de um reporter que me reduz a essa coisa reles « o conhecido jornalista, o conhecido homem de letras e tribuno popular » e, ainda por cima, guarda de cama ? Como se morre depressa neste paiz dos crepusculos instantaneos ! E que coveiro me arranjarão ! Cresceu em entono : Coveiro para mim só o do Hamleto e, como vês, entregam-me a um zebroide. Está direito. Olha, se queres fumar, fuma. Nada de cerimonia. Eu gósto dos vicios — são os encantos da vida. Sorriu escaveiramente e, enclavinando as mãos ao peito, perguntou : E tu ? Como vais ? E em casa ? Mais um filho morto . . . ? Eu soube. Não te mandei pezames porque não sei se a vida vale o que nos faz soffrer. O melhor mesmo é recuar do berço, não te parece ? A Humanidade está cada vez peor. Estamos retrocedendo á barbarie. Canúdos ! . . . exclamou em rugido. Soergueu-se d'olhos esbrasilados e repetiu : Canúdos ! Que epopéa vil ! E falam dos antigos tyrannos ! Leste o que fizeram com aquella pobro gente ? Nero serviu-se da tunica molesta e em Canúdos, velhos, mulheres e crianças foram queimados a kerozene. Que vale o incendio de Roma ao lado dessa fogueira humana . . . ! ? Que hei de dizer Lá

em Cima quando fôr interrogado pelo Todo Poderoso ? Aqui onde me vês, sinto, ás vezes, um turbilhão de vultos em torno de mim e ouço-lhes as vozes bradando vingança. São as almas das victimas da Fé. E fala-se dos cesares que lançaram christãos ás feras. Estamos bem aviados com a nossa civilisação, não ha duvida !

Subito, esquecendo a tragedia dos sertões, perguntou de olhos fitos em Anselmo :

— Uma coisa : É então verdade que vão substituir os burros dos bondes pela electricidade ?

— Dizem . . .

— Isso vai ser o diabo ! . . .

— Por que ?

— Por que ? Ora essa ! Porque vai ficar muita gente desempregada, a começar pelo reporter que escreveu a noticia da minha doença.

Descalhiu fatigado e, cerrando os olhos, quedou em offêgo passando, repassando a mão afflictamente pela fronte.

— Estás falando demais, recriminou-o Sylvia carinhosamente.

— Saudade, filha : saudade da palavra. Deixa, e pôz-se a acenar com a mão como se, em sonho, acariciasse a esposa.

Sylvia e Anselmo entreolharam-se commiserados. Neiva baixara a cabeça, abatido. Tropél de corrida no interior da casa e risos infantis despertaram-no da lassidão. Sylvia levantou-se devagarinho, pé ante pé, e ia sahindo quando elle a deteve com brandura :

— Deixa-os. Estão brincando. E a Anselmo : Isso é que me commove. A idéa da morte não me

impressiona ; o que me tortura é o pensamento voltado para a vida que fica : elles, os pobresinhos, e ella !

Marejaram-se-lhe os olhos dagua e, de novo, a cabeça descahiu-lhe ao peito.

Ansia subita sobresaltou-o. Solevou-se, arrancando á frente, estendendo rigidamente os braços, de olhos esbogalhados, a bôca retorcida em hiato agonico. Sylvia postou-se-lhe ao lado, a abaná-lo. Elle, porém, sempre a acenar ás tontas, rouquejava apontando aqui, ali, a esmo.

Comprehendendo-lhe o gesto ella acudiu, de prompto, com um vidro, dando-lh'o a aspirar e elle, curvando-se ansioso, pôz-se a fungar a sorvos soffregos e o ambiente impregnou-se de ether. Anselmo e Sylvia contemplavam commovidos aquelle desesperado apêgo á vida até que, alliviado, o enfermo recahi na cadeira, recostando-se abandonadamente.

— Vês ? é isto. E com melancolico sorriso : Vivo como os deuses : no ether. Fluidifico-me. Como seria bom morrer assim ! É como se a gente se fosse, aos poucos, dissolvendo, como a fumaça no ar. Já experimentaste ? É uma bebedeira olympica, como devia ser a da ambrosia. Agora sim ! Tenho lastro para palestrar um pouco.

— Mas não fales, implorou Sylvia, com meiguice. Canças-te e depois . . .

— Tambem tu ? Que o coração me trave a palavra, vá, mas tu ! Não ! Deixa-me aproveitar estas treguas. Expandiu-se-lhe a physionomia illuminada pelos olhos, que se accenderam, vividos. Sentou-se direito e, puxando Anselmo pela manga do casaco, disse-lhe, tocando na garganta : Trahido ! Vês ?

Sacudiu a cabeça desanimado. Ah! se eu tivesse voz!... Se eu pudesse falar!... Juro-te que a Morte não me levaria assim com duas razões. Eu havia de lhe dizer taes coisas num tom, naquelle tom de outrora e com aquellas imagens, lembras-te? que ella se commoveria. Mas desarmado, como estou, com a corda na garganta, que fazer? Com essa credora não ha accommodação possível: é ali!

Deu d'hombros, resignado e aquietou-se, olhos em alvo.

Por fim, perguntou:

— E os outros? Montezuma apparece-me de vez em quando com frutas e aventuras de amor: o « Alazão » tambem, coitado! sempre com mentiras que me divertem, apesar de repetidas. É um desgraçado, feliz no seu mundo de sonho. Tu, só hoje...

Anselmo ia desculpar-se, elle, porém atalhou-o:

— Comprehando. Tens razão. A vida absorve: o pão está difficil, difficilimo! e duro de roer. Sabes como passo as noites? ruminando os tempos idos, num merycismo que me consola. Revejo, tudo como em diorama. Os dias tornam-me, desde os da infancia, no meu Ceará alvadio. Não imaginas como a memoria se me aviva nessas horas tristes — são verdadeiros espectaculos interiores com os scenarios, as personagens... tudo! Sorriu cerrando os olhos e, de olhos cerrados, commentou: É curioso! Dantes não havia mal que me chegasse, apesar de todos os meus abusos. Casei-me, entrei no regimen burguez e mais: deram-me um emprego na Saúde Publica, na Saúde, estás ouvindo? pois foi tiro e queda. Está provado que é um erro deixar a gente os velhos habitos. Quem fumou e bebeu até os trinta annos — e eu estou com

trinta e nove feitos — deve fumar e beber até o fim da vida ou, então, ir deixando os vícios pouco a pouco e não de golpe, como eu fiz. Nada de violencias. *Natura non facit saltus*. Emfim . . . Já agora . . .

O que te affirmo, meu caro Anselmo, é que levo ainda muita coisa commigo e os vermes que me comem o cerebro transformar-se-ão em vagalumes.

Anselmo lembrou-lhe um especialista notavel. Elle esticou o beigo e acenou com o dedo em recusa :

— Nada de celebridades. Collocam-se muito lá em cima, não vêm o que se passa em baixo. A uma aguia de vôo altaneiro, prefiro um bacuráu que fique á minha cabeceira.

Vendo-o tranquillo Sylvia levantou-se para attender á casa, insistindo, porém, em recommendar-lhe — que não falasse tanto. Elle sorriu-lhe.

No olhar enternecido com que a seguiu projectava-se o grande amor que lhe enchia o coração. Linda ! murmurou enlevado. Pouco a pouco, porém, foi-se transfigurando : cerrou-se-lhe sombriamente o semblante crispando-se electrizado á colera ; os olhos chispavam áscuas, os labios tremiam-lhe em fremitos. Agitava-se cerrando os punhos. Por fim exclamou d'arranque :

— É horrivel ! Fica ainda tão moça e linda ! Se soubesses o que se passa em mim quando penso na morte . . . Este mundo ! Este mundo . . . ! Ha crimes que não se comprehendem, crimes que são tidos como verdadeiras monstruosidades, entretanto . . . Não imaginas como soffro quando a vejo assim. Á noite inclino-me sobre ella para vê-la dormir. O somno . . . ! Se a gente pudesse entrar por elle, hein ? Sinto-lhe o halito brando, o aroma do corpo e penso,

penso . . . ! Seilá ! É ridiculo, mas, que diabo ! é humano.

A dyspnéa assaltou-o. Entrou a debater-se afflicto ; repelliu a ponta-pés a manta e reclamou o ether.

Anselmo chegou-lhe o vidro e elle pôz-se a aspirar avidamente, a golfos, com o pescoço turgido, cordoveiado, o peito inchando inflado, em folle. Foi serenando aos poucos, como se adormecesse e, sem abrir os olhos, entrecortando as phrases, queixou-se.

— Como me vêm neste estado abusam de mim, todos, principalmente os credores. Até o Rodrigues, aquelle poeta das iscas, um que decorou *A noite na taverna* e que bebe até cahir, por disciplina poetica, porque é byronico. Sei que elle tem um soneto dedicado a mim, disse-me Fortunio. Pois esse mú veiu visitar-me. Recebi-o de pé atraz e disse-lhe, oh ! disse-lhe cara a cara, ameaçando-o : « Olhe, meu amigo, eu sei que você anda com um soneto engatilhado para disparar-me em cima. Enquanto me restaram forças contive-o, e ainda o contenho, mas se, depois da minha morte, prevalecendo-se do meu estado de defunto, você fôr ao cemiterio e recitar essa joça, fique sabendo que saio da cova e parto-lhe a cara ! É um desaforo ».

Enterneceu-se e, tomando as mãos de Anselmo, implorou humildemente :

— Não consintas, meu velho. Livra-me o corpo de tamanha profanação.

Anselmo quiz retirar-se.

Elle pediu :

— Não ! Fica mais um bocado. Estou-me sentindo tão bem contigo . . . ! E, quem sabe se esta

não é a derradeira vez que nos vemos neste mundo !

— Que idéa !

— Que idéa ! Pois sim ! Eu é que sei como andam as coisas cá por dentro. Baixando, então, os olhos murmurou surdamente : Estou com muito medo da noite de hoje. Muito medo ! Uma cigarra abriu o canto ciciado. Deve estar um dia lindo, não ?

— Lindissimo !

— Essa cigarra a cantar assim . . . Mas a noite... ! Meneou com a cabeça. Á noite é que são ellas !

Levou a mão ao peito, apalpando-se, e encariou o amigo a fito.

— Que é ? Estás sentindo alguma coisa ?

Elle fez um gesto affirmativo e, baixando a voz, já de si escassa e rouca, pediu com mysterio :

— Não lhe digas nada. Não quero que ella saiba, mas isto está por pouco . . . Eu estou como uma casa que se vai esvasiando, entendes ? Não é phrase, é a verdade. Começam a fazer a mudança.

— Que mudança ?

Elle bateu no peito e proseguiu em tom pressago :

— Volta e meia sinto sahir um móvel. A imaginação já se foi e quantas outras coisas, quantas ! Mas ha um, meu velho, um móvel antigo, pesado — é o amor, cheio de saudades da vida, desde as que conservo da infancia até as de hoje e a maior de todas, ella ! Ah ! meu velho, esse que vai sendo arrastado, com o peso enorme que contem, vinca-me o coração. É horrivel ! E frenetico : Não posso admittir que aquelle corpo . . . Não ! Não !

Pôz-se a sacudir as mãos diante dos olhos como se afugentasse espectros. E, atirando-se para a

frente, de borco, desatou em soluços. Sylvia, que entrava, vendo-o naquella posição, precipitou-se, soerguendo-o nos braços carinhosamente :

— Que é ? Que tens ?

Elle mirou-a' com os olhos inundados e, levantando a cabeça, ia com os labios á boca que ella lhe offerencia, mas recuou, e, agarrando-lhe as mãos alvas, beijou-as sofregamente sobre as lagrimas que lhe jorravam dos olhos.

— Mas por que isto ? perguntou ella, sem atinar com a razão daquella crise.

E elle, com um rancor que lhe emperrava ás mandibulas, respondeu em voz travada, rilhante, encarado nos olhos que o envolviam em ternura :

— A noite ! Estou com medo da noite de hoje . . . ! E humildemente, implorando : Eu queria confessar-me, Sylvia. Não fiques triste. Quem sabe ! ? Pode ser que os sacramentos façam o milagre de eu não te deixar.

E rapido, em impeto abrupto, arrancou-a a si e pôz-se á beijá-la em desvairo, com um rugido como de féra ao cêvo.

XXII

Anselmo ainda se achava á mesa quando o copeiro lhe entregou um bilhete trazido por um menino. Leu-o d'um lance, soffrego e, levantando-se de golpe, passou-o á esposa.

Era de Sylvia, escripto a lapis. Dizia :

« Neiva em agonia. Venha depressa. »

Os dois encararam-se com espanto. Elle foi ao cabide, tomou o chapéu e, sem dizer palavra, sahiu. Ao portão deteve-ndo, em frente, as arvoresses, olha do parque Friburgo, que reluziam como de prata e o muro, muito alvo, parecendo caleado de fresco.

Noite maravilhosa ! A rua branqueava á semelhança dum areal. Accendeu nervosamente um cigarro e desceu em direcção ao Flamengo. O mar rebrilhava ao luar, espreguiçando-se voluptuosamente em ondas brandas que se esfolhavam entre as pedras da praia.

Anselmo estugava os passos, quasi a correr, des-

viando-se dos grupos que passeiavam gosando o frescor da noite calma e limpida.

« Neiva em agonia . . . Seria possível ? ! » Via-o como se o tivesse ali presente, via-o, sentia-o, não a morrer, mas como sempre o acompanhara em momentos triumphaes, nos grandes surtos de eloquencia quando, em theatros, da sacada de jornaes ou na praça publica, em *meetings*, elle falava a multidões, realisando prodigios de enthusiasmo, arrancando applausos da turba que o acclamava em delirio.

¶ E toda a sua mocidade irrequieta, tão estreitamente ligada á do grande bohemio, passou-lhe ante os olhos em corrida para o abysmo, arrastada no vôo sinistro daquella morte.

¶ Eram os dias, eram as noites ; eram as horas vibrantes e fragorosas da campanha abolicionista, com todo o grupo em investida heroica contra os mil óbices que se lhe oppunham ; eram as horas inspiradas dos grandes improvisos litterarios na *Maison* e no *Muncken* ; eram as horas alegres de estroinice, com as choréas bacchicas de mulheres esgargalhando descompostamente na insania ebricitada dos bailes carnavalescos, tudo, tudo ! que se fôra com o tempo e que, então, refluiu da memoria, revoluteando em torvelim de lembrança, á borda do tumulo, como nas cheias as aguas torrencias remoinham aos gorgolões em volta dos ralos.

Gente passava : mocinhas em bandos gárrulos, rapazes em falario, casaes cochichando idyllios. Uma voz na praia cantava melancolicamente.

E elle, no turbilhão, a caminhar, cada vez mais pressuroso, como attrahido por aquella morte, para a agonia em que imaginava o amigo : estertorando,

estrangulado pela dyspnéa, sem voz, elle ! o genio da palavra, o dominador potente do verbo fulgurante. Não podia admittir o absurdo do desaparecimento daquelle homem luminoso, que irradiava esplendor, como os astros. E levantou o olhar ao céu : a lua, immensa e alva, era bem a flor da noite em pleno desabrocho, flor eterna, que se desfolha e renova como a Vida. E elle . . . ? !

Ao entrar na rua Buarque de Macedo o peito opprimiu-se-lhe como á pressão de um collete de aço. Tudo se lhe afigurou lutuoso, em quietação taciturna de vigilia mortuaria. A propria luz do luar, coada por entre a fronde espessa das arvores, parecia-lhe a cal funeraria que se lança ás covas. E os seus passos quebravam o silencio a rijas marteladas. De longe em longe um vulto.

A casa tinha as janellas da frente cerradas. Hesitou ao portão como no limiar de um ádyto mysterioso. Por fim abriu-o de manso, entrou devagarinho no pequeno pateo onde esmarriam plantas folheando o gradil. Subiu a escadinha em ponta de pés. No interior azoava soturno sussurro. A porta estava apenas encostada, levou-a dentro, de leve.

Na sala, escassamente alumiada, senhoras de negro cochichavam sentadas em grupo. Por vezes as vozes elevavam-se como em rajada, logo, porém, recahiam na monotonia do murmurio. Adiantou-se cerimonioso. Uma das senhoras encarou-o, segredou ás outras e todas voltaram-se para vê-lo.

A porta do quarto abriu-se e uma velha appareceu engelhada num casacão escuro, de oculos, com o lenço á boca abafando a tosse que a sacudia,

e elle reconheceu Dona Basilia « a furia domestica », como lhe chamava o Neiva.

Ao vê-lo avançou curvada, fungando choro, a balançar desoladamente a cabeça refoufinhada em falripas.

— Está nas ultimas ! suspirou. Mas que agonia, coitado ! Tal vida, tal morte.

Chegando-se-lhe muito, a tresandar a simonte « cheiro de formiga » como dizia o Neiva, segredou :

— Está ahi. Agora é que eu quero ver ! Talento... talento . . . p'ra que ? De que serve ? E os taes amigos, que é delles ? Ah ! não . . . Agora não ha comedorias nem cervejadas. É assim. Está ahi ! E encolheu os hombros com estalado muchôcho de desprezo. E fica uma familia assim . . . E por que ? Que lucrou elle com tanto discurso ? É p'ra ver. Nem sei mesmo como vai ser para o enterro. Faz pena ! Emfim . . .

Zarelhava enfesante em reviravoltas de mosca varejeira esputando maldades aqui, ali. Ia ás senhoras, tornava a Anselmo :

— Olhe, se quizer entrar, entre. Sylvia está lá dentro com o doutor. Entre. Póde ser que elle ainda o conheça. Mas qual ! careteou, já está com os olhos embaçados.

A um accesso de tosse levou o lenço á boca, aparou os oculos que lhe escorregavam pelo nariz adunco e, respirando a folego regougante, disse em voz gosmosa :

— Está acabando. Eu só quero ver depois. Era um gastar, um gastar . . . ! o senhor mesmo não póde fazer idéa.

E agitando a mão secca diante dos oculos, que faiscavam, foi-se para o grupo das senhoras commentar a vida imprevidente, perdularia do que ali se extinguia.

Anselmo ainda a ouviu dizer em tom de censura :

— É assim . . . Se não fosse eu, imaginem as senhoras, nem se lembravam dos sacramentos. Eu é que fui á igreja chamar seu vigario. Nem para rezar a oração dos agonisantes, filhas de Deus ! É para o que eu sirvo. Não presto para nada, mas nas occasiões é commigo que todos se arranjam. Isso é que é. Agora vou ver as crianças. Com licença. Ao passar por Anselmo ainda insistiu : Entre.

E foi-se curvada, com a asthma a roncar-lhe em fervura na caixa de ossos.

No leito, recostado a uma pilha de travesseiros, com Sylvia ao lado, a abaná-lo e, em frente, de costas á janella aberta, o Dr. Samico, immovel, braços cruzados. Neiva agonisava. Á entrada sorrateira de Anselmo os dois voltaram-se para a porta e, com os olhos, disseram tudo.

Era, em verdade, o fim, já sem a assistencia d'alma. Vê-lo, tanto seria ver um barco desarvorado, á matróca nas ondas, abandonado da tripolação. Arquejava a offêgos crebros, respiração de passaro ensolado, com a cabeça a oscillar dum lado a outro ; mas os sentidos todos já o haviam deixado — olhos vitreos, surdo ás vozes, insensivel : se as mãos se lhe agitavam em arrepanhos vagos era no automatismo carphólogo^o do instincto com que o

corpo como que procura ainda agarrar-se desesperadamente á vida.

Anselmo ficou-se a contemplá-lo com um olhar fito, percuciente como se buscasse, atravez do paroxismo, um resto de esperança. E occorreu-lhe á memoria a agonia longa do Assis, na casa da rua Senhor dos Passos — elle, um esqueleto, ossos á flor da pelle; Neiva opado, tressuando um visco que lhe dava á face um brilho gorduroso. Os olhos languidos adormentados, abriam-se-lhe, de repente, enormes, como em espanto, rolando desvariadamente entre as palpebras edemaciadas. E a respiração sahia-lhe, em surdos, abafados ais! precipites. Commovido, Anselmo afastou-se pé, ante pé achegando-se ao medico, que se mantinha na mesma posição, impassivel.

— Mas como foi isso, doutor? Ainda hoje estive aqui de dia. Elle conversou, fez pilherias.

O medico encolheu os hombros e, depois de um momento, segredou:

— Quer saber? O que me espanta é que elle tenha resistido tanto. Um coração que é isto! e, unindo as mãos em grifas, figurou o volume do órgão hypertrophiado. Tambem com a vida que levou não havia outra coisa a esperar. Emfim... E lamentou: Um homem como esse, que podia ter sido tudo, tudo! vai-se sem deixar uma pagina. É pena!

— O espirito mais brilhante do meu tempo, doutor.

— Brilhante... sim, mas brilho ephemero. Elle proprio dizia, disse-m'o muita vez: «Sou um vagalume, meu amigo. Fogo-fatuo na vida nocturna.»

Um rónquido resoou em arroteo prolongado. Syl-

via pôz-se de pé, de salto, inclinou-se ao moribundo, que estertorava, amparando-lhe a cabeça. Chegou-se-lhe rosto a rosto, chamando-o enternecidamente. Neiva escancellava a boca contorcida em rictus, revirava os olhos, torturado. O medico adiantou-se, tomou-lhe o pulso, subindo com o tacto pelo antebraço a buscar a vida que lhe fugia sob os dedos. Sylvia correu a um canto e voltou com uma vela, que Anselmo accendeu, ajudando-a a pô-la entre as mãos inertes do moribundo. E a misera ali ficou a olhar estatelada, remordendo o lenço, com as lagrimas a quatro e quatro escorrendo-lhe dos olhos macerados pelas vigílias.

A porta entreabriu-se e a cabeça esgrouvinhada de D. Basilia appareceu coscovilhando bisbilhoticamente o quarto. Entrou d'arranque, aos brados lastimosos e, prostrando-se de joelhos, pôz-se a rezar alto, aforçuradamente, pronunciando a prece a troche-môche como alguém que, já com o comboio em marcha, atira á plataforma do wagon a valisa de um passageiro.

E foi logo a invasão, o corvejamento sinistro em volta do cadaver : fungos de chôro, murmurios de pena, pesames, toda uma encenação de carpideiras, em contraste com a dôr muda de Sylvia, figura immovel e pallida a que o soffrimento dava uma belleza mystica de imagem.

D. Basilia alvoroçava a casa a dar ordens, muito zarelha, prompta para tudo, « menos, (já se vê), para vestir o morto, porque, enfim, sempre era um homem ». Visinhos encarregaram-se do entraje funebre, e, transportado á sala, o corpo ficou sobre a mesa, entre velas. D. Basilia enclavinhou-lhe as

mãos, ligando-as com um atilho, cerrou-lhe as palpebras, passou-lhe um lenço em volta do queixo e, num vaivem de abelha, cochicho aqui, cochicho ali, dirigia afreimadamente o velorio, muito preocupada com a tigela d'agua benta que puzera aos pés do morto, com um galho de alecrim para as aspersões.

Á uma hora da manhã começaram a chegar os visitantes. De um carro que parou, com estardalhaço, á porta, desceram Montezuma. Fortunio, o « Alazão » e um machacaz obeso e glabro, que chorami-gava. Entraram de roldão :

Montezuma a bracejar estonteado, desfraldando o lenço, a explicar que tivera a noticia na *Maison*. E informava-se : « Como fôra ? a que horas ? » D. Basilía, sempre solícita, adiantou-se novidadeira :

— Ás onze e um quarto.

E o obeso, com uma voz retravada em pigarros, rompeu em clamores :

— Não nos dávamos. Tolices . . . mas ninguem o admirava mais do que eu. Falar como esse homem . . . qual ! E está ahí ! E desabou os braços despejadamente.

Montezuma conteve-o. Era o actor do discurso em casa de Lola. Os suspiros que lhe subiam da caverna do peito eram como vendavaes e tresandavam á taverna. Fortunio admoestou-o :

— Se continuas a baforar esse halito fica tudo bebido aqui dentro. Que diabo ! Ninguem sente mais do que a viuva, entretanto está ali digna, sem espalhafatos. Contem-te !

— Mas era um genio ! e desabou sobre o hombro do poeta.

— Sim, de acordo, mas arrólha essa boca, que os teus lamentos já me estão subindo á cabeça.

D. Basilia mirava o actor com odio, os oculos fuzilavam-lhe. Inclinou-se a uma das senhoras e susurrou de dentes cerrados :

— Veja a senhora ! Se aquillo é gente para entrar numa casa de familia, demais a mais com um morto exposto.

Atarantado, parando de instante a instante para contemplar o finado, a trocar *pincez-nez*, gesticulando airadamente, Montezuna indagava : « Se já tinham o attestado de obito ? Se elle fôra ungido ? Se já haviam providenciado sobre o enterro ? » E lembrou :

— É necessario que alguém vá aos jornaes.

— Vou eu ! propoz-se Fortunio e, baixinho, a Anselmo : Vou para dar a noticia e para desinfectar o ambiente, levando commigo esse alcool dramatico.

E foi-se, arrastando o actor, que chorava esmoncando-se tonitruosamente.

Como se viessem em cortejo, carros succediam-se á porta, e, volta e meia, um tilbury. E a sala encheu-se, transbordando para o jardim : gente da imprensa, pessoal dos theatros, rapazes das noitadas alegres. Actrizes traziam braçadas de flores. Dona Basilia trombuda, enfesada com a presença « daquella sucia » achava até um peccado pôr aquelles ramos junto do corpo.

« Sabe-se lá de onde vem isso ! Fosse commigo e toda essa immundicie ia para a lata do lixo ». E, ás rabanadas, retirou-se da sala encafuando-se no interior da casa indignada com aquella pouca vergo-

nha. «Onde se viu falta de respeito assim?! Nem sei como não vieram de calções e com os peitos de fóra».

Montezuma, a pedido de Sylvia, tratou de acalmá-la :

— A senhora é injusta, D. Basília. Toda essa gente, que ahí está, deixou a alegria para vir fazer quarto ao Neiva. É um adeus de corações. Eu é que sei quanto isso vale ! Esses não fingem. Bohemio, a senhora sabe, elle viveu sempre nessa roda, e era querido porque, com toda a sua estroinice, coitado ! era um coração de ouro. Olhe, se todos a quem elle fez bem e os que o admiravam, viessem amanha ao seu enterro, a cidade, lá em baixo, ficava vasia. A senhora, que é tão religiosa, deve saber que Jesus perdoou á peccadora. Vamos.

A velha annuiu, deixando-se levar. Na sala, porém, ao dar com uma rapariga loura que, com o cotovello apoiado á mesa, amparando a frente á mão, rezava compungidamente, reaccendeu-se-lhe a ira, e mais se inflammou quando soube que a tal era corista do Sant'Anna.

— Desaforo ! Uma coisa assim até faz a gente perder a fé. A Ave Maria numa boca immunda como aquella . . . !

E, espocando um muchôcho, foi espevitar as velas que bruxoleavam.

Durante a noite toda foi um continuo entrar e sabir de visitantes, typos de todas as classes, desde ministros até pequenos vendedores de jornaes. Montezuma andava em verdadeiro sarilho, attendendo a uns e outros, sempre, porém, que se aproximava do morto, tinha accessos de frenesi, coçando nervosa-

mente a cabeça. Anselmo, que o observava, interrogou-o :

— Que é ?

— Não posso ! Aquelle lenço irrita-me ! Não comprehendo o Neiva de bôca amarrada.

Foi-se resolutamente ao cadaver, desatou o lenço que lhe apertava o queixo e ficou-se a mirar a face tumida do companheiro. Os labios tremiam-lhe palpitantes, encheram-se-lhe os olhos d'agua e, explodindo em soluços, arrastou-se da sala cabisbaixo, humilde, em passos tropegos como um vencido.

Os primeiros rumores da madrugada começavam a despertar a rua. A luz das velas amarellejava. Havia gente a cochilar pelas cadeiras ; outros conversavam, discutiam em voz baixa assumptos politicos, coisas de theatro. Alguns sahiam para fumar.

Junto do cadaver Sylvia apenas.

Anselmo aproximou-se della despedindo-se : « Voltaria mais tarde ». Montezuma acompanhou-o, offerecendo-se para o que fosse preciso. Já á porta lembraram-se do « Alazão », perguntaram por elle. Foi D. Basilía que informou :

— Tomou ali umas notas, dizendo que ia escrever um artigo e foi-se logo embora.

Montezuma e Anselmo entreolharam-se. A copeira, sempre arremangada e somnolenta, servia café. E a palestra murmurinhava em volta do morto como bezôo de moscas em carniça. D. Basilía cirandava aos cochichos aqui, ali, atigando, de espaço a espaço, as velas cuja chamma, muito

amarella, esmorecia em adormecimento. Os homens, agrupados no jardim, fumando, lembravam episodios, ditos do finado, e riam. A sala morna, abafada, trezandava a azelume; crianças dormiam pelos cantos e um cão ia e vinha, desconfiado, a farejar uns e outros. Uma luz baça invadia a sala e começavam na rua os rumores da madrugada.

A pretexto de certas providencias urgentes Montezuma despediu-se de Sylvia, que se manteve, a noite toda, ao lado do cadaver. Anselmo acompanhou-o. Sahiram sorrateiramente, em pontas de pés e fóra, ao frescor da manhan, respiraram desafogados, seguindo vagarosamente, rumo ao Flamengo. Montezuma caminhava de cabeça baixa, sorumbatic, gesticulando como se discutisse com um interlocutor invisivel. Estacou de golpe, esbarrado em um pensamento e, meneando a cabeça, lamentou em voz surda :

— Estou ficando velho . . . velho !

— Só agora é que dás por isso, Montezuma ?

— Sim, agora . . . Ah ! meu amigo, não são os annos que me acabrunham, não os sinto. O que me envelhece são essas coisas. E atirou o braço, com desalento, em direcção á casa que deixara. Os que se vão arrastam-nos. Somos como a arêa da ampulheta. A ampulheta ahi fica e volta-se para vida nova . . .

— Com a mesma arêa, Montezuma, emquanto que nós cahimos para nunca mais.

O ancião encarou-o com um olhar de espanto. De repente, porém, impondo-lhe a mão ao hombro, exclamou soturnamente, em tom presago:

— Quem sabe lá ! Achas, então, que tudo isto acaba com a morte ?

— Se é o fim, meu velho.

— Não ! Não é possível. A morte não é mais do que um somno, um somno maior, mais profundo que o das noites, mas somno, entendes ? espaço entre vidas.

Chegaram ao Flamengo. O mar liso, sereno, tinha rebrilhos de aço. As montanhas da outra banda polvilhavam-se de ouro.

Banhistas corriam alegremente á praia. Montezuma parou extatico, olhando o céu que se accendia. O sol surgiu, foi-se elevando immenso e fulgido.

— Vês ?

— O que ?

Elle hesitou. Por fim, com um gesto decidido, resolveu :

— Está acabado. Vamo-nos embora !

ENCICLOPEDIA PELA IMAGEM

O GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA EM 1928

A mais interessante e instrutiva das publicações
feitas em lingua portuguesa

Na **Enciclopédia pela Imagem**, a imagem metódicamente agrupada numa secção ordenada e lógica, ensina-nos mais e melhor do que a
:: :: :: mais extensa explicação :: :: ::
A **Enciclopédia pela Imagem** abrange todos os ramos dos conhecimentos humanos: *História, Geografia, Sciências, Arte, Literatura*,
:: :: :: :: :: :: etc. :: :: :: :: :: ::
A cada assunto ela consagra um volume maravilhosamente ilustrado com 150 gravuras acompanhadas de um texto claro, fácil, atraente e apenas de 64 páginas. A colecção destes volumes formará a Enciclopédia mais rica e mais interessante até hoje publicada.

PRIMEIROS VOLUMES A PUBLICAR:

ARTES: — As cathedrais Portuguesas. — Os Palácios e solares Portugueses. — Rio de Janeiro. — A Aviação, etc., etc

VOLUMES PUBLICADOS:

As raças humanas. — Joana d'Arc. — A Revolução Francesa. — História da Arte. — A Mitologia. — Napoleão. — Os animais. — Os motores. — A T. S. F. (telegrafia sem fios). — O mar. — A Electricidade. — Lisboa. — Paris. — Castelos Portugueses — História do Trajo. — Coimbra. — O céu. — As aves.

Preço de cada volume 4\$00 — 1 por mez